



André Pereira Lima

**Jo 20,28: ὁ κύριός μου καὶ ὁ θεός μου
A profissão de fé de Tomé à luz do Sl 35,23**

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Teologia Bíblica da PUC-Rio como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em Teologia Bíblica.

Orientador: Prof. Dr. Waldecir Gonzaga

Rio de Janeiro
Abril de 2024



André Pereira Lima

**Jo 20,28: ὁ κύριός μου καὶ ὁ θεός μου
A profissão de fé de Tomé à luz do SI 35,23**

Dissertação apresentada como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Teologia Bíblica da PUC-Rio. Aprovado pela Comissão Examinadora abaixo.

Prof. Dr. Waldecir Gonzaga

Orientador

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Dr. Fábio da Silveira Siqueira

Departamento de Teologia – PUC-Rio

Prof. Dr. Samuel Brandão de Oliveira

Faculdade Católica de Fortaleza

Rio de Janeiro, 12 abril de 2024

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem autorização da universidade, do autor e do orientador.

André Pereira Lima

Graduou-se em Filosofia pela Universidade Federal da Bahia, em 2011, e em Teologia pela Faculdade Católica de Fortaleza, em 2012. Foi ordenado sacerdote em 2008 e pertence ao clero da Arquidiocese de Brasília. É membro do corpo docente da Faculdade de Teologia FATEO/Seminário Maior de Brasília, e atua nas áreas de Teologia Bíblica e Administração Paroquial.

Ficha Catalográfica

Lima, André Pereira.

Jo 20,28: ὁ κύριός μου καὶ ὁ θεός μου: A profissão de fé de Tomé à luz do Sl 35,23. / André Pereira Lima: orientador: Waldecir Gonzaga – 2024.

228 f.: 30 cm

Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia. 2024.

Inclui bibliografia.

1. Teologia – Teses. 2. João. 3. Tomé 4. Senhor 5. Deus 6. Profissão 7. Fé. 8. Teologia Bíblica. I Gonzaga, Waldecir II Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Teologia III Título

Aos meus pais, Enoque e Cantunila, pelo apoio e pelas orações.

Agradecimentos

Ao meu orientador, Professor Dr. Pe. Waldecir Gonzaga, pelo incentivo e pela parceria para a realização desta pesquisa.

À Arquidiocese de Brasília, na pessoa do Cardeal Dom Paulo César Costa, por oferecer-me oportunidade, apoio, estímulo e suporte.

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) e à PUC-Rio, pelos auxílios concedidos, sem os quais este trabalho não poderia ter sido realizado.

Aos meus pais, pela educação, pela atenção e pelo carinho de todas as horas.

Aos meus colegas da PUC-Rio.

Aos professores que participaram da Comissão Examinadora.

Aos professores e funcionários do Departamento de Teologia, pelos ensinamentos e pela ajuda.

Aos amigos e familiares que, de uma forma ou de outra, me estimularam ou me ajudaram.

RESUMO

Lima, André Pereira; **Jo 20,28: ὁ κύριός μου καὶ ὁ θεός μου: A profissão de fé de Tomé à luz do Sl 35,23**. Rio de Janeiro, 2024. 221p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Entre os vários *corpora* do Novo Testamento, dá-se especial destaque ao *corpus* joanino, por ser o único com vários gêneros literários: Evangelho, cartas e Apocalipse. O Evangelho, mesmo com suas diferenças de estilo, simbologia, cronologia, geografia, vocabulário e teologia, oferece o bloco temático da ressurreição (Jo 20), contendo relatos das aparições do ressuscitado. Nesta pesquisa, ressalta-se a aparição de Jesus ressuscitado, em Jo 20,24-29, e evidencia-se a profissão de fé de Tomé (v.28), analisando-a em sua base veterotestamentária (Sl 35(34),23), mediante um levantamento histórico dos exegetas, utilizando-se, também, do processo da Análise da Crítica Textual, nos âmbitos literários, semânticos e morfológicos, como também dos elementos retóricos e do emprego do método da Análise Retórica Bíblica Semítica, finalizando com um comentário exegetico-teológico da referida perícopie.

Palavras-chave

Evangelho de João; Profissão de Fé; Tomé; Senhor; Deus.

ABSTRACT

Lima, André Pereira; **Jo 20:28: ὁ κύριός μου καὶ ὁ θεός μου: Thomas's Profession of Faith in the Light of Ps 35:23.** Rio de Janeiro, 2024. 221p. Dissertação de Mestrado - Departamento de Teologia. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Among the various *corpora* of the New Testament, special emphasis is given to the Johannine *corpus*, as it is the only one with several literary genres: gospel, letters and apocalypse. The Gospel, even with its differences in style, symbolism, chronology, geography, vocabulary and theology, offers the thematic block of the resurrection (Jn 20), containing reports of the appearances of the Risen one. In this research, the appearance of the resurrected Jesus in John 20:24-29 stands out, highlighting Thomas's profession of faith (v.28), analyzing it in its Old Testament basis (Ps 35(34):23), through a historical survey with scholars, also using the process of textual critical analysis, in the literary, semantic and morphological spheres, as well as rhetorical elements and the use of the Semitic Biblical Rhetorical Analysis method, ending with an exegetical-theological commentary on the mentioned pericope.

Keywords

Gospel of John. Profession of faith. Thomas. Lord. God.

Sumário

1. Introdução	12
2. <i>Status Quaestionis</i>	17
2.1. Tomás de Aquino	17
2.2. João Calvino	19
2.3. Francisco de La Calle	20
2.4. Marie-Émilie Boismard e Arnaud Lamouille	22
2.5. Rudolf Schnackenburg	25
2.6. Ernst Haenchen	26
2.7. Donald Arthur Carson	27
2.8. William L. Bonney	29
2.9. Xavier Léon-Dufour	31
2.10. George Raymond Beasley Murray	32
2.11. Marc Faessler	34
2.12. Yves Simoens	35
2.13. Rinaldo Fabris	37
2.14. Santi Grasso	39
2.15. Alberto Casalegno	41
2.16. Ugo Vanni	43
2.17. Frederick Fyvie Bruce	45
2.18. Johannes Beutler	46
2.19. Alberto Casalegno	48

2.20. Chris Knights	50
2.21. William Hendriksen	51
2.22. Rudolf Bultmann	53
2.23. Russel Norman Champlin	55
2.24. Hernan Cardona Ramírez	56
2.25. Edward W. Klink III	58
2.26. Johan Konings	60
2.27. Jean Zumstein	62
2.28. Claudio Vianney Malzoni	64
2.29. Jan Van Der Watt	65
2.30. Dirk Gysbert Van Der Merke	67
2.31. Neil B. MacDonald	69
2.32. Raymond Edward Brown	70
2.33. Jean Pierre Lémonon	72
2.34. Juan Mateos e Juan Barreto	74
2.35. Luigi Orlando	76
2.36. Alessandra Casneda	77
3. Tradução, segmentação e notas da perícopes de Jo 20,24-29	81
3.1. Notas de crítica textual da perícopes de Jo 20,24-29	83
3.2. Notas filológicas e morfológicas/sintáticas da perícopes de Jo 20,24-29	86
3.3. Análise linguístico-sintática da perícopes de Jo 20,24-29	88
3.4. Análise literária-narrativa da perícopes de Jo 20,24-29	109
3.5. Análise semiótica da perícopes de Jo 20,24-29	119

3.6. Análise pragmática da perícopes de Jo 20,24-29	122
3.7. Estrutura de Jo 20,24-29 à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica	124
4. O Bloco temático da ressurreição de Jesus (Jo 20)	131
4.1. A perícopes de Jo 20,24-29	143
4.2. Comentário exegético-teológico da perícopes de Jo 20,24-29	147
4.2.1. Os vv.24-25	147
4.2.2. Os vv.26-27	162
4.2.3. Os vv.28-29	173
4.3 Uso do SI 35(34),23 em Jo 20,24-29	197
5. Conclusão	211
6. Referências Bibliográficas	217

Lista de Tabelas

Tabela 1 – Texto da NA ²⁸ , tradução do autor	81
Tabela 2 – Macroestrutura do Evangelho de João	111
Tabela 3 – Estrutura narrativa da perícope de Jo 20,24-29	115
Tabela 4 – Estrutura da micronarrativa de Jo 20,24-29	117
Tabela 5 – Estrutura de Jo 20,24-29 à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica	126
Tabela 6 – Paralelismo entre os termos em Jo 20	128
Tabela 7 – As aparições do ressuscitado nos Evangelhos	135
Tabela 8 – Relações entre os v.25 e v.27	169
Tabela 9 – Texto da BHS, da LXX e tradução do autor	205

1.

Introdução

Como se sabe, o Novo Testamento (NT), em seu conjunto, é formado pelo *corpus* Sinótico (três Evangelhos), Atos dos Apóstolos, *corpus* paulino (treze cartas), *corpus* católico (sete cartas), carta aos Hebreus e por Apocalipse (um dos cinco livros do *corpus* joanino (um Evangelho, três cartas e um Apocalipse), em um total de 27 livros canônicos. Dentre esses *corpora*, João destaca-se por ser o único autor a possuir um Evangelho em um formato de narrativa realista, cartas em prosas expositiva e exortativa e um Apocalipse em visões e audições¹. Na ordem do cânon do NT, desde os tempos patrísticos, o Evangelho de João é colocado logo após os Sinóticos², destacando-se a existência de algumas distinções, como no cânon de Cheltenham/Mommsen, que o coloca em terceiro lugar (Mt, Mc, Jo e Lc), ou no cânon Claromontano, que o desloca para o segundo lugar (Mt, Jo, Mc e Lc) ou como para João Crisóstomo, que o indica na primeira posição da lista dos Evangelhos. Ademais, constata-se uma “enorme diferença de estilo, simbologia, cronologia, geografia, vocabulário e de teologia”³, em relação aos outros três Evangelhos.

Dentre os relatos da ressurreição contidos nos Evangelhos, ressalta-se a narração do evangelista João, em que parece provocar a criação de uma disposição no leitor-ouvinte para percorrer um caminho de fé que, crendo firmemente, pode experimentar o discipulado do Senhor em uma prática da bem-aventurança (*μακάριος*) de “crer sem ver” (Jo 20,29). Isso porque, como é apresentado no

¹ GONZAGA, W., A acolhida e o lugar do *Corpus* Joanino no Cânon do Novo Testamento, p. 681-682.

² Cânon Muratoriano, Orígenes, Eusébio, Cirilo, Irineu, Clemente de Alexandria, Tertuliano, Cipriano, Dídimo (o Cego), Concílio de Laodiceia, Atanásio, Gregório de Nazianzo, Anfilóquio, cânon Apostólico, Concílio de Antioquia, Concílio Romano, Decreto Gelasiano, Epifânio, Jerônimo, Agostinho, III Concílio de Cartago, Rufino, Inocente I, Filastro, Códice Vaticano, Códice Sináítico, Códice Alexandrino, *Synopsis Scripturae Sacrae*, Patriarca Nicéforo, Junílio, Cassiodoro, Isidoro, Leôncio, Sessenta Livros, João Damasceno, Hugo de São Vitor, João de Salisbury, Anônimo *in notis*, *Liber Sacramentorum*, *Ebed Jeus*, Célio Sedúlio – *Anonymus*, Versões Peshita/Syriaca, Vulgata, Armena, Copta, Etiópica e Gregoriana, segundo GONZAGA, W., Compêndio do Cânon Bíblico, p. 406.

³ GONZAGA, W., A acolhida e o lugar do *Corpus* Joanino no Cânon do Novo Testamento, p. 681-684.

Evangelho, não seria mais possível obter um contato físico com o ressuscitado nem mais ver qualquer aparição de Jesus⁴. Em um olhar comparativo entre os Evangelhos, é possível perceber que são evidentes as suas diferenças e os seus detalhes sobre a narrativa da ressurreição. Há uma possibilidade real do material-fonte do autor ser um outro distinto dos Sinóticos, apesar de uma parte desse conteúdo ser histórico e conter algumas semelhanças: “o que os cristãos joaninos consideravam ser uma tradição que tinha vindo de Jesus, parece ter sido aceito por muitos outros cristãos como uma variante aceitável da tradição que eles tinham de Jesus”⁵. Além do mais, enquanto os Sinóticos expõem Jesus que vai ao encontro dos mais necessitados e excluídos, pelo anúncio do Reino de Deus, João evidencia a revelação da glória do Filho de Deus⁶ que ocorre, de forma plena, na cruz por meio da expressão “τετέλεστα/*está consumado*” (Jo 19,30).

As narrativas pascais escritas, em sua grande maioria, referem-se à descoberta, pelos discípulos, do sepulcro vazio e, também, da verificação de algumas aparições do ressuscitado. A partir dessas averiguações, ocorre a possibilidade de ter acontecido reelaborações de fatos históricos e até de temas teológicos conhecidos da tradição sinótica, a qual demonstra um interesse apologético e teológico pela ressurreição. Isso exprime que a ressurreição de Jesus está no centro da vida comunitária, tendo sido o fator originante dessa, ao dispor de um interesse histórico da fé⁷ para sua constituição e manutenção.

O Evangelho de João “oferece um relato pontual das aparições do ressuscitado a distintos fiéis durante um período”⁸ de tempo relativo à primeira geração de fiéis (apostólica), tendo, assim, repercussões futuras. A última parte do Evangelho (Jo 20) trata da tradição pascal, contudo na visão e na interpretação joaninas. Isso é decorrente de uma tendência, na Igreja primitiva, da formação do “κήρυγμα/*kerigma*”, em que este unifica a paixão à ressurreição do Senhor, visto de forma surpreendente e destacada no Quarto Evangelho. Por sua vez, João possui uma marca específica em sua narrativa, graças à sua concepção pessoal sobre a ressurreição. Segundo Schnackenburg, “as histórias do capítulo 20 contêm

⁴ RAMOS, F. F., Evangelho segundo São João, p. 326.

⁵ BROWN, R. E., A Comunidade do discípulo amado, p. 95.

⁶ ZUMSTEIN, J., O Evangelho segundo João, p. 439.

⁷ ZEVINI, J., Evangelho segundo João, p. 208-209.

⁸ PÉREZ MILLOS, S., Juan, p. 1741.

enunciados importantes para os futuros crentes e posto no fim do seu evangelho colocou o propósito a todos (20,31)”⁹.

Soma-se a isso, o fato de que a Igreja, desde os seus primórdios, inicia um processo de elaboração de fórmulas para expressar a grande verdade da ressurreição, por meio de confissões de fé e de hinos, em razão da ressurreição de Jesus consistir na parte essencial da pregação do Evangelho e da própria formação da comunidade. Por sua vez, Jo 20,1-31 constitui-se em um texto privilegiado para a fé cristã, visto que traz a narrativa da ressurreição e uma das duas conclusões do próprio Evangelho. Em seu núcleo, encontram-se alguns pontos importantes para a compreensão da profissão de fé de Tomé: a delegação aos discípulos feita por Jesus, as aparições do Senhor ressuscitado à Maria Madalena e aos apóstolos sem e com Tomé. Contudo, ao contrário do que se pensa, “os evangelistas canônicos não descrevem a ressurreição, mas indicam a vitória sobre a cruz como caminho para encontrar o ressuscitado, sendo a ressurreição de Jesus o centro da nossa fé”¹⁰.

Em Jo 20, igualmente, aponta-se uma narrativa que tem seu início no túmulo com Maria Madalena (Jo 20,1), havendo um primeiro testemunhar sobre o fato da ressurreição aos apóstolos. Outrossim, as aparições aos Doze, sem e com Tomé, que serão apresentadas, encerram-se com a realidade da não possibilidade de ver mais o Senhor, mas de se manter fiel e crente a Ele porque Ele está vivo, destacam a proclamação da bem-aventurança (Jo 20,29: μακάριος)¹¹. E, por sua vez, segundo Orlando, as aparições do ressuscitado “não são acontecimentos sucessivos àquele da cruz, mas são interpretações salvíficas do evento da cruz”¹². A fé, como é apresentada, torna-se objeto dos relatos da ressurreição e isso também é percebido no Evangelho de João. Ao realizar uma abordagem sincrônica de Jo 20, é plausível interpretar “o capítulo como caminho da fé para os leitores, onde, na narrativa, o tema é a fé pascal”¹³. Corrobora esse processo, o fato de que, na composição narrativa, as memórias dos eventos individuais são colocadas no relato de forma conexa às ações de Jesus que “refletem contos primitivos de tradição pré-joanina”¹⁴.

⁹ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 492.

¹⁰ ORLANDO, L., *Giovanni*, p. 287.

¹¹ BÖSEN, W., *Ressuscitado segundo as Escrituras*, p. 123.

¹² ORLANDO, L., *Giovanni*, p. 288.

¹³ ZUMSTEIN, J., *Narratologische Lecktüre der Johanneische Ostergeschichte apud BEUTLER, J.*, *Evangelho segundo João*, p. 450.

¹⁴ BEASLEY-MURRAY, G. R., *John*, p. 367.

Em virtude dessa singularidade que será destacável ao longo da presente pesquisa, esta pretende focalizar, dentro da temática da ressurreição de Jesus, dentre os episódios da manifestação aos discípulos encontrados em Jo 20, na escolha da perícopes de Jo 20,24-29, que contém elementos próprios, ao salientar, entre outras confissões de fé presentes no Quarto Evangelho, a definição cristológica mais significativa contida na confissão de fé de Tomé “meu Senhor e meu Deus” (Jo 20,28) e sua possível base veterotestamentária, a partir do Sl 35(34),23.

Ao pretender alcançar tal objetivo, o Capítulo 2 deste estudo, intitulado *Status Quaestionis*, realiza uma verificação teológica, percorrendo alguns séculos, ao iniciar com Santo Tomás (séc. XIII), passando, em seguida, pelo reformador João Calvino (séc. XVI), progredindo nas análises até a pesquisadora A. Casneda (séc. XXI). Essa verificação ocorre com uma seleção de trinta e seis exegetas, com vistas a atingir deles uma compreensão bíblica, averiguando a maneira como interpretam e analisam a perícopes de Jo 20,24-29, objeto formal desta pesquisa. Cabe informar, igualmente, que, durante o foco da investigação, é dada uma ênfase na profissão de fé de Tomé, realizando, também, sondagens sobre a possibilidade de existir uma relação factível no Antigo Testamento (AT), por meio do Sl 35(34),23.

No Capítulo 3, denominado “Tradução, segmentação e notas” de Jo 20,24-29”, a investigação conta com diversas apreciações, além da realização da tradução do texto. As abordagens serão: Análise da Crítica Textual, acompanhada de Notas Filológicas e Morfológicas/Sintáticas; Análise Linguístico-Sintática, na qual serão destacados determinados vocábulos, importantes, os quais serão trabalhados no decorrer de todo o Evangelho e que ganham realce na perícopes, passando por uma verificação desde o emprego no hebraico (texto massorético), no espectro gramatical do grego clássico e da *koiné*, bem como na Septuaginta e no NT, especialmente no Quarto Evangelho, como os termos “ver”, “crer”, “conhecer”, “Senhor” e “Deus”; Análise Literária-Narrativa, que identifica elementos da micronarrativa (a perícopes) constantes na macronarrativa (Evangelho); Análise Semântica, ao verificar os elementos semióticos, suas relações e implicações; Análise Pragmática, ao investigar a intenção do escritor, bem como seus elementos relacionais; e Análise Retórica Bíblica Semítica com seus elementos próprios.

No Capítulo 4, o bloco temático da ressurreição de Jesus (Jo 20), por acolher os episódios do ressuscitado, contém também a primeira conclusão de todo o

Evangelho (vv.30-31). Dessa forma, examina-se um breve conjunto de análises sobre a ressurreição perante os Sinóticos e outros textos do NT, salientando as distinções em João, por sua visão e abordagem, e como tal tema desenvolve-se e ganha uma grande importância para a Igreja nascente. Depois disso, passa-se à análise da perícopes de Jo 20,24-29 enquanto tal, com suas possíveis estruturas e abordagens por alguns comentadores. Outrossim, a pesquisa dirige-se ao comentário exegético-teológico, de forma sequencial, dos versículos que compõem a perícopes, fechando este quarto e último capítulo, muito importante para a compreensão da proposta desta pesquisa, a saber: a profissão de fé de Tomé (Jo 20,28: ὁ κύριός μου καὶ ὁ θεός μου) à luz de sua base do veterotestamentária, ou seja, do Sl 35,23.

Após essas observações, dá-se um passo importante na pesquisa, a averiguação de um possível emprego do Sl 35(34),23 em Jo 20,24-29, por meio de sua localização no escopo do Saltério, suas distinções e grupos, suas características e possíveis estruturas etc. Também é avaliado o texto do referido salmo, quanto à sua tradução, suas devidas Notas Filológicas e Morfológicas/Sintáticas, bem como é oferecida uma Análise Linguístico-Sintática, a qual verifica a utilização dos vocábulos “Senhor” e “Deus” no contexto do Saltério e, de forma especial, no especificado salmo. Por fim, a investigação alcança a sua conclusão e oferece as referências bibliográficas, nos últimos tópicos deste trabalho.

2. **Status Quaestionis**

Neste segundo capítulo, é investigada, em alguns comentários exegéticos, a compreensão bíblica e teológica de como alguns autores interpretam e analisam a perícopes de Jo 20,24-29. A pesquisa, a partir de uma seleção de exegetas, tem como foco principal a profissão de fé de Tomé (v.28), com a sua possível base veterotestamentária do Sl 35(34),²³ e suas decorrentes relações.

2.1

Tomás de Aquino, João Crisóstomo, Agostinho, Gregório Magno e Teofilacto

Tomás de Aquino (1225-1274), o grande escritor do período denominado Escolástico na história da Igreja no séc. XIII, escreve sua coletânea expositiva sobre os Evangelhos, composta de quatro volumes, denominada em latim *Catena aurea*, ao ter como base os comentários dos Padres da Igreja orientais e ocidentais. Chega-se a uma tradução no português de 2021 do original *Catena aurea in quattuor Evangelia: Expositio in Ioannem*¹⁵. Nela, após percorrer todo o Quarto Evangelho, ele detém-se em analisar Jo 20, assim disposto nas seguintes partes: 1) vv.1-9; 2) vv.10-18; 3) vv.19-25; e 4) vv.26-31. Os comentários desta etapa de sua obra são feitos por João Crisóstomo, Agostinho, Gregório Magno e Teofilacto.

A apresentação do corpo com suas feridas é considerada por João Crisóstomo¹⁶ como um ato soberano de clemência de Jesus. Os discípulos anunciam Jesus ressuscitado a Tomé por serem testemunhas dignas de confiança. Mesmo assim, João Crisóstomo diz que o discipulado demonstra ter um desejo maior em ver Jesus para ter uma fé mais firme, e o ressuscitado não nega essa possibilidade. Porém, antes de qualquer manifestação de Tomé, na segunda aparição, o próprio Jesus antecipa-se e interroga o discípulo, “repreendendo-o e instruindo-o”¹⁷, para que não permaneça na incredulidade, mas para tornar-se fiel. De acordo com

¹⁵ AQUINO, T., Evangelho de São João, *Catena Aurea*, Exposição contínua sobre os Evangelhos, vol. 4.

¹⁶ AQUINO, T., Evangelho de São João, *Catena Aurea*, vol. 4, p. 553.

¹⁷ AQUINO, T., Evangelho de São João, *Catena Aurea*, vol. 4, p. 553.

Crisóstomo¹⁸, ainda, as marcas dos pregos constituem-se em uma concessão à fraqueza dos homens, servindo para o convencimento de que quem realmente aparece é o crucificado ressuscitado.

Agostinho¹⁹, por sua vez, afirma que Jesus tem poder para eliminar as marcas da crucificação do seu corpo glorificado e complementa²⁰ afirmando o pleno conhecimento de Jesus de conservá-las, ao mostrar a Tomé e, igualmente, aos inimigos. As marcas servem de sinais àqueles que se tornam mártires bem-aventurados, pois todas são marcas de honra e de brilho de algo que está gravado em seus corpos como sinais de virtude. Segundo Agostinho, Tomé “vendo e tocando o homem, confessava o Deus que não via nem tocava”²¹. Isso demonstra o elo do corpo do crucificado agora sendo manifesto em um corpo glorioso. Agostinho, ainda, adiciona que Tomé toca porque vê, pois “a visão é o sentido geral; a visão costuma ser empregada no lugar dos outros sentidos”²².

Gregório Magno diz que o “Senhor ofereceu para ser tocado o mesmo corpo que introduzira nas portas fechadas”²³. Isso é um grande sinal da incorruptibilidade do corpo pós-ressurreição e que, mesmo glorioso, pode ser tocado. O Senhor, segundo ele, exhibe-se “ao mesmo tempo incorruptível e tocável”²⁴. Com base nisso, ele afirma que Tomé vê ao tocar, todavia “uma é a coisa que viu, outra, a coisa em que creu: viu o homem, confessou Deus”²⁵.

Teofilacto, por sua vez, afirma que Tomé manifesta-se como infiel. Contudo, após tocar, “revelou-se perfeito teólogo”²⁶. Isso porque ele expõe a dupla natureza de Jesus Cristo: ao professar “meu Senhor”, reconhece a natureza humana e ao afirmar “meu Deus” reconhece a natureza divina, “ambos em um só Deus e Senhor”²⁷.

¹⁸ AQUINO, T., Evangelho de São João, Catena Aurea, vol. 4, p. 553.

¹⁹ AQUINO, T., Evangelho de São João, Catena Aurea, vol. 4, p. 554.

²⁰ AQUINO, T., Evangelho de São João, Catena Aurea, vol. 4, p. 554.

²¹ AQUINO, T., Evangelho de São João, Catena Aurea, vol. 4, p. 554.

²² AQUINO, T., Evangelho de São João, Catena Aurea, vol. 4, p. 555.

²³ AQUINO, T., Evangelho de São João, Catena Aurea, vol. 4, p. 554.

²⁴ AQUINO, T., Evangelho de São João, Catena Aurea, vol. 4, p. 554.

²⁵ AQUINO, T., Evangelho de São João, Catena Aurea, vol. 4, p. 555.

²⁶ AQUINO, T., Evangelho de São João, Catena Aurea, vol. 4, p. 554.

²⁷ AQUINO, T., Evangelho de São João, Catena Aurea, vol. 4, p. 554.

2.2

João Calvino

No séc. XVI, Calvino (1509-1564) realiza diversos sermões e esses tornam-se o seu primeiro comentário ao Evangelho de João, em francês, no ano de 1553. Tal escrito chega à língua portuguesa em 2015, com uma publicação em dois volumes²⁸ por meio de uma tradução inglesa *Calvin's Commentaries: The gospel According to John* de 1964. Perante a existência de outros comentários bíblicos à época, ele não entende nem defende os Evangelhos, especialmente o joanino, como elaborações para resguardar doutrinas ortodoxas sobre a Trindade ou da pessoa de Jesus Cristo.

Para Calvino, no entanto, trata-se essencialmente de uma exposição de como as pessoas podem alcançar a salvação pela fé em Jesus²⁹. Ele observa, similarmente, que o Evangelho de João possui uma chave para o entendimento dos Evangelhos Sinóticos. Não consiste em exagero para Calvino, todavia, o Quarto Evangelho, além de ser chave interpretativa para os demais, ser um dos mais importantes livros da Escritura³⁰. E o seu comentário, em particular, tem um destaque porque possui uma base no método histórico-gramatical, cujo expoente e fundador é o próprio Calvino³¹.

Ao aproximar-se da perícopes de Jo 20,24-29, Calvino aponta a incredulidade, a morosidade e a relutância de crer, por parte de Tomé (v.24). Para ele, tais características coadunam-se na obstinação do apóstolo, sendo quase natural aos homens, os quais, conhecendo esse ímpeto, passam eles a refrear tal sentimento quando o Senhor lhes abre a fé³². Calvino, ainda, acrescenta que em Jo 20,25 há uma fonte de vício que se baseia no sensual, em uma percepção dos sentidos e não do entendimento do ato de crer³³. Ele, também, descarta uma possível importância ao ler os vocábulos “lugar” ou “marca” (v.25), por causa da existência de variantes textuais.

²⁸ CALVINO, J., O Evangelho segundo João, vols. 1 e 2.

²⁹ CALVINO, J., O Evangelho segundo João, vol. 1, p. 11-14.

³⁰ CALVINO, J., O Evangelho segundo João, vol. 1, p. 15.

³¹ CALVINO, J., O Evangelho segundo João, vol. 1, p. 16.

³² CALVINO, J., O Evangelho segundo João, vol. 2, p. 299.

³³ CALVINO, J., O Evangelho segundo João, vol. 2, p. 299.

Tomé, para Calvino, demonstra uma postura soberba, obstinada e desdenhosa³⁴ com o tratamento de Cristo (v.26). Isso porque o apóstolo só se convence após tocar em Cristo. Diante da tomada de consciência de Tomé (v.28), ocorre uma exclamação atônita e súbita que revela sua fé abalada³⁵. O apóstolo entra em contato com algo superior, porque as marcas exibem a divindade de Jesus. Calvino, ainda, demonstra que há duas sentenças na confissão realizada por Tomé³⁶. Ele, da mesma maneira, reconhece que Cristo é o seu Senhor na primeira sentença e que é também seu Deus na segunda. Esse reconhecimento de Cristo como tal advém do Pai, que o designa para o ofício de supremo governante, pois, tendo tudo em seu domínio, “todo joelho se dobra diante da fé” (Fl 2,10).

Por fim, o título “Senhor” remete diretamente à função mediadora de Cristo, que se manifesta na carne, sendo a cabeça da Igreja e que o apóstolo, ao reconhecê-lo Senhor, eleva-se às alturas contemplando a divindade eterna de Jesus³⁷. É interessante notar que Calvino não apresenta nenhuma outra relação possível da profissão de fé de Tomé com o prólogo nem mesmo com alguma referência veterotestamentária.

2.3

Francisco de La Calle

De La Calle, em seu livro em espanhol de 1977, com sua edição publicada em língua portuguesa em 1978³⁸, destaca as diferenças de estilo, de temas e de ações sobre uma outra perspectiva do Evangelho de João e dos Sinóticos quanto às narrações sobre Jesus³⁹. Além disso, há as distinções geográficas que ocorrem entre os evangelistas: João coloca o ministério de Jesus em Jerusalém, enquanto para os Sinóticos, o ministério começa na Galileia e finaliza em Jerusalém.

Por ser um Evangelho mais teológico, De La Calle faz três diferenciações sobre o material narrativo ou fontes pré-joaninas, a saber: fonte dos sinais, discursos e material paralelo⁴⁰. Diante disso, para ele, o segundo material é o mais importante

³⁴ CALVINO, J., O Evangelho segundo João, vol. 2, p. 300.

³⁵ CALVINO, J., O Evangelho segundo João, vol. 2, p. 301.

³⁶ CALVINO, J., O Evangelho segundo João, vol. 2, p. 302.

³⁷ CALVINO, J., O Evangelho segundo João, vol. 2, p. 303.

³⁸ DE LA CALLE, F., Teologia do Quarto Evangelho.

³⁹ DE LA CALLE, F., Teologia do Quarto Evangelho, p. 9.

⁴⁰ DE LA CALLE, F., Teologia do Quarto Evangelho, p. 10.

por consistir em uma fonte pré-cristã e que tem como motivação o fato de o evangelista cristianizar o gnosticismo⁴¹. E o percurso teológico do Quarto Evangelho passa pela revelação única e histórica de Deus que acontece na pessoa de Jesus de Nazaré⁴². De uma forma geral, segundo De La Calle⁴³, o Evangelho converte-se em uma grande disputa entre Jesus que se desvela e os homens que o acusam e o recusam, aparentando que esses vencem. Contudo, é Jesus o vencedor ao entrar para a glória no seu ato externo de doação na cruz.

A perícopre de Jo 20,24-29 é reconhecida por De La Calle como o episódio da incredulidade de Tomé⁴⁴. Esse episódio visa às futuras gerações cristãs que acreditam em Jesus sem tê-lo experimentado fisicamente como os primeiros discípulos. Além disso, ele afirma que a narração é construída de uma forma que abarque outra problemática em voga, que é a identidade do ressuscitado e daquele morto na cruz. E, no relato, é explorado pelo apóstolo que, ausente na primeira aparição de Jesus aos discípulos, não acredita no testemunho dos seus companheiros sobre a visão e a experiência obtidas com o Cristo ressuscitado.

A incredulidade de Tomé baseia-se na não associação da visão e da experiência realizadas com Jesus diretamente. Por esse motivo, a necessidade explicitada pelo discípulo de ter uma experiência tangível, de ver e apalpar os sinais da paixão⁴⁵, devido à sua fé exigir um contato pessoal direto com o ressuscitado (v.25), sem os intermediários com suas experiências prévias. De La Calle, ainda, aponta que essa postura do personagem na narração da segunda aparição quer apresentar a problemática suscitada e vivida pela segunda geração de fiéis que não possuem acesso a nenhuma constatação de que o Senhor está no Pai como em vários momentos o Quarto Evangelho atesta.

No desenrolar da perícopre, há o momento em que Tomé tem a oportunidade de experimentar um encontro com aquele crucificado, morto e sepultado e que vive em um nova dimensão espaço-temporal, manifestando-se onisciente diante das exigências impostas pelo apóstolo em seu diálogo direto com ele⁴⁶. Jesus crucificado e ressuscitado aparece a ele e aos outros discípulos com as mesmas

⁴¹ DE LA CALLE, F., Teologia do Quarto Evangelho, p. 10.

⁴² DE LA CALLE, F., Teologia do Quarto Evangelho, p. 12.

⁴³ DE LA CALLE, F., Teologia do Quarto Evangelho, p. 12.

⁴⁴ DE LA CALLE, F., Teologia do Quarto Evangelho, p. 157.

⁴⁵ DE LA CALLE, F., Teologia do Quarto Evangelho, p. 158.

⁴⁶ DE LA CALLE, F., Teologia do Quarto Evangelho, p. 158.

condições que antes. Realmente, diante dessa revelação, aquele que se entrega na cruz, vive e continua a revelar o Pai, e provoca uma confissão única de fé em Tomé. Segundo De La Calle, não se constitui um reconhecimento de uma pessoa no passado, como no exemplo de Maria Madalena (Jo 20,16). Porém, trata-se de uma revelação de dimensões histórica e meta-histórica contidas na expressão “meu Senhor e meu Deus”⁴⁷. Deste modo, o estudioso fica restrito em suas análises dentro do próprio Evangelho, sem indicar possíveis relações com outros textos do Evangelho, do Novo Testamento ou mesmo alguma ocorrência veterotestamentária.

2.4

Marie-Émile Boismard e Arnaud Lamouille

Boismard-Lamouille, em sua pesquisa exegético-teológica sobre o Evangelho de João⁴⁸, de 1977, publicado em língua francesa, indicam que o Quarto Evangelho possui algumas contradições que dificultam aos comentadores realizarem suas abordagens e estudos⁴⁹ em termos comparativos com a tradição sinótica. Ao passar para a análise da perícopre de 20,24-29, eles apontam que a maioria dos comentadores veem o relato como uma composição própria do evangelista. A sua inovação, porém, baseia-se na dramatização do assunto da dúvida de Tomé e que está contida no conjunto das narrativas primitivas das aparições do Senhor ressuscitado aos discípulos como se observa, também, em Lc 24,36-43⁵⁰. Segundo eles, identicamente, Jo 20,24 possui uma atribuição de vincular e fazer-se relacionar com a primeira aparição de Jesus aos discípulos com a ausência do apóstolo.

Por meio de uma singularidade joanina própria de vocabulário e de expressões, há a descrição da descrença perante o anúncio dos discípulos e da petição de Tomé de que para crer precisa ver e tocar nas marcas do crucificado. Boismard-Lamouille resgatam os dados constantes de Lc 24,39 e indicam que em João ocorre um desenvolvimento na especificação de elementos da crucificação: o

⁴⁷ DE LA CALLE, F., Teologia do Quarto Evangelho, p. 158.

⁴⁸ BOIMARD, M.-E.; LAMOUILLE, A., L'Évangile de Jean. Synopse des Quatre Évangiles en Français, Tome III.

⁴⁹ BOIMARD, M.-E.; LAMOUILLE, A., L'Évangile de Jean, p. 9.

⁵⁰ BOIMARD, M.-E.; LAMOUILLE, A., L'Évangile de Jean, p. 472.

colocar o dedo nas chagas e a mão no lado, conforme disposto em Jo 20,26⁵¹. Eles também observam uma relação entre Lc 24,41 no tocante ao descrédito dos apóstolos e à incredulidade de Tomé em Jo 20,27.

Para uma maior compreensão, os estudiosos⁵² percebem intenções apologéticas na exposição da aparição com o seu realismo contido em Lc 24,39, a saber: a) Jesus mostra as feridas (mãos, lado e pés) aos discípulos porque são visíveis; e b) Jesus os convida a tocá-lo e a passarem a ter segurança no que estão visualizando, pois não se trata de um espírito puro, todavia alguém que é revestido de carne e ossos. Diante disso, Boismard-Lamouille⁵³ constata as mesmas intenções no contexto de Jo 20,20, quanto ao item “a”, e em Jo 20,27, quanto ao item “b” acima dispostos. E na descrição, como eles mostram, Tomé quer comprovar a corporeidade do ressuscitado, rebaixando a visão que não é suficiente para crer, mas, sim, tocar nas feridas que para o evangelista possuem um realismo, e contribuem para a identificação de Jesus. Em função disso, ao comentar o v.28 da perícopie em questão, Boismard-Lamouille⁵⁴ afirmam que a expressão “meu Senhor e meu Deus” é um reconhecimento de Tomé e, ainda mais, comporta-se como uma confissão de fé única em todo o Novo Testamento.

Eles concordam com outros comentadores de que tal expressão está fundamentada em sua interpretação em uma base veterotestamentária, especificamente, no Sl 35(34),23 da Septuaginta, que informa, de modo igual, que o justo se dirige ao Senhor que o atende. Além de perceberem a relação com esse salmo, eles discorrem que tal profissão é a última no Evangelho e consiste no auge da cristologia joanina. Isso porque, ao longo do Quarto Evangelho, segundo os estudiosos⁵⁵, alguns personagens vão testemunhando o ministério público messiânico de Jesus: para André, Jesus é o Messias (Jo 1,41); para Natanael, é o Filho de Deus e Rei de Israel (Jo 1,49); para Nicodemos, o mestre que vem da parte de Deus (Jo 3,2); para a Samaritana, o Cristo (Jo 4,29); para os habitantes de Sicar, o salvador do mundo (Jo 4,42); para as multidões da Galileia, o profeta (Jo 6,14); e para Marta, o Cristo, o Filho de Deus (Jo 11,27).

⁵¹ BOIMARD, M.-E.; LAMOUILLE, A., L'Évangile de Jean, p. 473.

⁵² BOIMARD, M.-E.; LAMOUILLE, A., L'Évangile de Jean, p. 473.

⁵³ BOIMARD, M.-E.; LAMOUILLE, A., L'Évangile de Jean, p. 473.

⁵⁴ BOIMARD, M.-E.; LAMOUILLE, A., L'Évangile de Jean, p. 474.

⁵⁵ BOIMARD, M.-E.; LAMOUILLE, A., L'Évangile de Jean, p. 474.

Ao declarar Tomé “meu Senhor e meu Deus” (v.28), traz à baila o título de “Senhor”, que evoca uma investidura nova de Jesus, devido à sua ressurreição e à sua exaltação à direita do Pai. Jesus, também, é Deus em seu sentido pleno, graças à sua ressurreição, pois o evangelista percebe uma realização da pregação de Jesus (Jo 8,28) quando alega a sua elevação e o conhecimento por parte dos ouvintes. Além disso, os estudiosos enxergam, similarmente, uma relação dessa profissão de fé com aquilo que é postulado na primeira carta de João (1Jo 5,20).

2.5

Rudolf Schnackenburg

Da composição em três volumes em língua alemã, chega-se à obra por meio de uma tradução em italiano, do volume terceiro, de 1981, na qual Schnackenburg⁵⁶ analisa, mediante um comentário teológico-exegético, o Evangelho de João. Segundo o autor informa, Jo 20 remete o leitor a uma tradição pascal por meio da ótica do Evangelho que a interpreta⁵⁷ ao realizar uma conexão com o relato da paixão como comumente percebe-se na Igreja primitiva, uma vez que a ressurreição está na “concepção daquele que via do preexistente que atravessa a encarnação e a cruz e o retorno à glória”⁵⁸. O evento pascal, dessa forma, em João, está no momento da plenificação do amor com o qual Jesus ama os seus (Jo 13,1)⁵⁹.

Para a sua análise de Jo 20, Schnackenburg⁶⁰ propõe a seguinte construção: os fatos ocorridos pela manhã do primeiro dia da semana – domingo da Páscoa (vv.1-18); as aparições de Jesus aos discípulos à tarde do mesmo dia (vv.19-23); a história de Tomé ligada à aparição no domingo posterior (vv.24-29); e a conclusão de todo o Evangelho (vv.30-31). A partir dessa divisão, na terceira etapa, o estudioso intitula a conversão de Tomé à fé na ressurreição graças a uma nova aparição de Jesus⁶¹. O testemunho dos discípulos é pautado em uma experiência do ressuscitado que mostra suas marcas (sinais), estando ela contida na requisição de Tomé para acreditar. Schnackenburg, também, destaca o estilo próprio e único do

⁵⁶ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*.

⁵⁷ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 491.

⁵⁸ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 492.

⁵⁹ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 492.

⁶⁰ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 493.

⁶¹ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 541.

evangelista no relato, e observa que a intenção do redator está na cristologia, revelada na profissão de fé e na comunidade dos leitores destacados nas bem-aventuranças, daqueles que creem sem ver⁶².

A análise teológica de Schnackenburg⁶³ começa pelo protagonista Tomé. Este demonstra ao mesmo tempo uma fidelidade ao Senhor (Jo 11,6), mas uma falta de compreensão do caminho proposto por Jesus (Jo 14,9). O estudioso informa que o personagem não se constitui como um incrédulo, no entanto, apresenta-se como uma pessoa com debilidades em crer por si. Schnackenburg⁶⁴, igualmente, destaca a existência da perplexidade e da dúvida dos discípulos de maneira geral nas narrativas da ressurreição nos Sinóticos (Lc 24,38; Mt 28,17; Mc 16,11-14). A descrição da ausência do discípulo em meio à sua descrença é apenas a de preparar a cena com Jesus (v.25). Isso porque, segundo ele, há uma ênfase na alegação de Tomé de suas exigências a fim de obter provas da “realidade da identidade do ressuscitado”⁶⁵.

Schnackenburg propõe que nesse relato a temática do “crer” e “ver” é predominante, mesmo com a acentuada pretensão de tocar nas marcas como prova da ressurreição, e apresenta uma relação estrutural na narrativa⁶⁶ semelhante à perícopos de Natanael (Jo 1,47-50), com sua resposta desdenhosa e duvidosa diante da afirmação de um outro discípulo e que, com o contato e o diálogo com Jesus, acontece uma profissão de fé de Natanael. Mas a reação de Tomé atinge um novo estágio da relação com Jesus, mediante uma profissão de fé que, conforme Schnackenburg, não pode ser diferente dessa ação pela “chocante impressão recebida da aparição de Jesus”⁶⁷, o que demonstra um relacionamento familiar destacado pelo uso do pronome possessivo.

Ademais, as duas formas de considerar Jesus por Tomé, segundo Schnackenburg⁶⁸, indicam que o “Κύριός/*Senhor*” direciona ao mestre do grupo dos discípulos e “θεός/*Deus*” é aquele que é exaltado sobre a cruz. Ele sublinha, da mesma maneira, que o termo κύριός é direcionado à profissão de fé reservada ao

⁶² SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 543.

⁶³ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 544.

⁶⁴ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 545.

⁶⁵ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 545.

⁶⁶ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 548.

⁶⁷ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 549.

⁶⁸ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 550.

ressuscitado, como observado em Jo 20,18.20.25. O estudioso⁶⁹ argumenta constituir uma profissão de fé abreviada com a ocultação dos termos “σύ εἶ/tu és” ou mesmo uma exclamação, também, vendo uma relação da profissão de fé em relação ao que é informado no prólogo (1,1c): “θεὸς ἦν ὁ λόγος/*Deus era a palavra*”. A profissão, também, relaciona Jesus ao Filho de Deus (Jo 20,31), e informando ser Jesus Deus, o único e verdadeiro Filho de Deus⁷⁰.

2.6

Ernst Haenchen

Em seu comentário⁷¹ histórico, exegetico e crítico sobre o Evangelho de João, em dois volumes, escrito em língua inglesa em 1984, Haenchen assinala a existência de uma relação na perícopes de Jo 20,24-29, principalmente no v.24, com Lc 24,36-43. Nessa composição lucana, observam-se os seguintes elementos⁷²: o aparecimento do ressuscitado no meio do grupo dos discípulos, o dom da paz ofertado por Ele, os discípulos que têm medo e que se assustam, a dúvida deles, a apresentação das suas marcas das mãos e dos pés e o convite a tocá-lo e a vê-lo. No entanto, a perícopes joanina quer ser uma ação contrária a fim de superar a dúvida crescente da comunidade de fé devido ao falecimento das primeiras testemunhas⁷³.

Tanto Lucas como a fonte da tradição joanina demonstram que questionamentos sobre a ressurreição do Senhor são recusados pelo próprio Jesus. Apesar da novidade do relato com Tomé, com a personificação da dúvida, ocorre, segundo o estudioso, uma edição para corrigir essa tradição, conforme observa-se em Jo 20,29 com a declaração do macarismo. Dessa forma, Tomé (v.25) parece ser a personificação da dúvida da segunda geração que recebe apenas a palavra do testemunho, não podendo obter uma experiência de verificação para auxiliar no convencimento dos fiéis sobre a realidade da manifestação de Deus como uma realidade objetiva.

⁶⁹ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 550.

⁷⁰ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 551.

⁷¹ HAENCHEN, E., *John 2. A Commentary on the Gospel of John*, chapters 7-21.

⁷² HAENCHEN, E., *John 2*, p. 211.

⁷³ HAENCHEN, E., *John 2*, p. 211.

Haenchen⁷⁴ aponta que Jesus ao dirigir-se a Tomé dá a ele a oportunidade de tocá-lo. Ele tem a possibilidade de se convencer mediante uma inspeção visível e uma experiência tátil de que Jesus realmente está vivo, ressuscitado. Contudo, ocorre também uma admoestação em um tom imperativo: para que o apóstolo não seja incrédulo. A intenção da narrativa das marcas é, segundo o pesquisador⁷⁵, de servir de provas sobre a identidade do crucificado ressuscitado.

A essa identidade que se manifesta, a de Jesus ressuscitado, surge, por meio da uma resposta de Tomé, não simplesmente uma verificação da ressurreição diante da oportunidade que tem, porém, uma confissão que se une à da Igreja, que Jesus é Senhor e Deus. Haenchen⁷⁶ verifica que a confissão é um indicativo da visão do próprio evangelista, pois o Pai torna-se visível em Jesus para todos aqueles que creem. E isso é corroborado no relato de Tomé, que auxilia nesse entendimento, com a teologia desenvolvida em todo o Quarto Evangelho.

Como se repara, Haenchen, em seu comentário exegético, não traz relações da narrativa com ocorrências veterotestamentárias. Mas limita-se a discutir, a partir de alguns autores, que Tomé realiza demandas para crer no ressuscitado que correspondem à experiência dos outros discípulos e que estão de acordo com os homens em geral por necessitarem de milagres, concessões à fraqueza humana, a fim de que alcancem uma fé mais sólida a partir do convencimento não da palavra somente, todavia, da experiência que querem ter.

2.7

Donald Arthur Carson

Carson, com sua obra,⁷⁷ publicada em língua inglesa em 1991, realiza um comentário bíblico-exegético do Evangelho de João. No tocante à profissão de fé de Tomé, ele a localiza no bloco temático denominado “a ressurreição do Senhor”, em Jo 20. Indica que acontece uma associação, isto é, uma relação entre cruz e ressurreição, pois a cruz é uma “rota que Jesus toma de retorno ao seu Pai”,⁷⁸

⁷⁴ HAENCHEN, E., John 2, p. 211.

⁷⁵ HAENCHEN, E., John 2, p. 211.

⁷⁶ HAENCHEN, E., John 2, p. 211.

⁷⁷ CARSON, D. A., The Gospel according to John.

⁷⁸ CARSON, D. A., The Gospel according to John, p. 496.

segundo as atestações em Jo 14,28-31 e 20,17, sendo a cruz, identicamente, o último estágio da glorificação junto ao Pai, consistindo-se em um evento paradoxal.

A contribuição de Carson sobre a questão da ressurreição no relato joanino toca na exposição de alguns temas⁷⁹ contidos no próprio capítulo, a saber: a) a relação entre as emoções humanas e os beneficiários das aparições do ressuscitado, como a dor em Maria Madalena, o medo dos discípulos e a dúvida de Tomé, parecendo sugerir a realidade do estado daqueles que estão envolvidos com a perda do Senhor; b) diante do estado de suas condições humanas, o ressuscitado aparece no meio deles; e c) no momento das aparições, todos os envolvidos são transformados e passam a uma nova condição, como se percebe em Maria Madalena, com a missão de anunciar a ressurreição aos discípulos; os discípulos que do medo passam à alegria; e Tomé que da dúvida alcança a fé.

Ao analisar a perícopes de Jo 20,24-29, denominando-a “Jesus aparece aos seus discípulos incluindo Tomé”⁸⁰, Carson realiza uma averiguação do nome de Tomé no hebraico e no aramaico, designando-o com o significado de “gêmeo”, com a possibilidade da palavra grega Δίδυμος ser um nome próprio⁸¹. Diante desses questionamentos, ele aponta que a Igreja, ao longo da história, vê Tomé como duvidoso, o remetendo a uma devoção imatura e corajosa ao mesmo tempo.

Ele identifica uma complexidade na segunda aparição de Jesus aos discípulos com Tomé, em que este sai de uma fé temerária, necessitada de provas sensíveis, para uma fé que, após a visão, gera uma declaração profunda de fé no ressuscitado. Carson examina, outrossim, uma relação entre historicidade e apologética,⁸² na qual nesta última há um ponto de veracidade diante do fato de uma dúvida histórica dos próprios discípulos, um momento possível de ajuste perante o paralelo de Lucas (Jo 24,39).

É importante observar um processo de desenvolvimento cristológico, segundo Carson⁸³: primeiro, um desenvolvimento evolutivo longo da ressurreição dos denominados títulos cristológicos; segundo, a transcendência da visão de Tomé; terceiro, o uso do termo “Κύριός/*Senhor*” pode ser uma referência a Deus mesmo, fruto do desenvolvimento cristológico em si; quarto, o termo κύριός, do mesmo

⁷⁹ CARSON, D. A., *The Gospel according to John*, p. 498.

⁸⁰ CARSON, D. A., *The Gospel according to John*, p. 517.

⁸¹ CARSON, D. A., *The Gospel according to John*, p. 517.

⁸² CARSON, D. A., *The Gospel according to John*, p. 517-518.

⁸³ CARSON, D. A., *The Gospel according to John*, p. 518.

modo, está no princípio do momento pós-ressurreição, apesar de ter sido usado o termo para Deus na tradução da LXX; e quinto, a expressão com o uso do pronome possessivo masculino singular em detrimento do termo aramaico utilizado na comunidade, no plural (מרנא/maraná/nosso Senhor). Porém, o uso do pronome “meu” parece não reduzir a universalidade do senhorio e da divindade de Jesus, mas indica, sim, uma confissão pessoal de fé do apóstolo que o direciona a um significado mais profundo.

Carson, por fim, observa algumas relações⁸⁴: a confissão de fé é um honrar o Filho como o Pai é honrado (Jo 5,23), bem como um elo existente do prólogo – a palavra de Deus que se encarna; a divindade de Jesus não é exaurida, todavia acontece uma delineação da filiação única; e espera que o leitor fiel reaja com a mesma confissão. Dessa forma, percebe-se que a relação abordada pelo estudioso se limita ao prólogo, de forma mais aproximada, e que, apesar das relações com a LXX, ele não oferece elementos de análise em uma possível relação com o Sl 35,23 ou outra ocorrência veterotestamentária.

2.8

William L. Bonney

Bonney, em sua tese doutoral,⁸⁵ publicada em 1998 em língua inglesa, realiza uma análise da perícopos de Jo 20,24-29 em um contexto sincrônico do Evangelho. Ele analisa⁸⁶ que o evangelista produz uma nota especial de destaque a Tomé, reconhecido como o descrente, que se reafirma diante da tentativa de anúncio/evangelização frustrada dos discípulos. Em uma visão geral, o autor observa as mesmas condições dessa aparição com a anterior, ocorrida em Jo 20,19-23⁸⁷. A partir dessa constatação, efetua uma comparação entre as perícopes e seus paralelos no tocante à aparição de Jesus aos discípulos sem e com Tomé: a destinação da paz e as portas fechadas dentre as semelhanças e o direcionamento do diálogo entre Jesus e Tomé como uma grande distinção.

⁸⁴ CARSON, D. A., *The Gospel according to John*, p. 519.

⁸⁵ BONNEY, W. L., *Why the risen Jesus appeared to Thomas: an analysis of John 20:24-29 in the context of a synchronic reading of the Gospel*.

⁸⁶ BONNEY, W. L., *Why the risen Jesus appeared to Thomas*, p. 262.

⁸⁷ BONNEY, W. L., *Why the risen Jesus appeared to Thomas*, p. 263.

Dentre as semelhanças, Bonney⁸⁸ mostra que, apesar das similaridades serem significantes, Tomé não tem as evidências da primeira aparição que os discípulos experimentam. Todavia, as experiências dos dez discípulos e de Tomé são paralelas, segundo o autor, porque Jesus cumpre com aquilo que é declarado antes da crucificação: o seu retorno aos discípulos (Jo 14,28-29; 16,16); a promessa de paz (Jo 16,4); e o seu retorno ao Pai (Jo 14,27-28). Além disso, um dado interessante destacado pelo estudioso é a sugestão de uma presença regular do Senhor na liturgia cristã dominical e a sugestão de que o conteúdo da experiência de Tomé não se distingue da dos outros discípulos. Ele continua em sua comparação das aparições,⁸⁹ na qual, na primeira, os discípulos manifestam uma alegria ao verem o Senhor (v.26b), enquanto na aparição a Tomé, este é o único dentre eles a expressar a última profissão de fé de todo o Evangelho.

Devido a isso, tal confissão alcança o clímax de uma progressiva revelação da identidade de Jesus. Os discípulos anunciam que viram o Senhor (v.25), ao mesmo tempo que o apóstolo declara “meu Senhor e meu Deus” (v.28). Dentro de um padrão de aparição e testemunho, Tomé, nesse encontro pessoal, revela uma visão mais profunda do Evangelho sobre a identidade do Senhor, enriquecendo todas as anteriores e que visam, por meio da vida de Jesus, fazer com que as pessoas alcancem uma fé transcendente. Ademais, Jesus demonstra uma total consciência das demandas impostas por Tomé, que abandona seu descrédito para um entendimento transcendental⁹⁰.

A finalidade é a mudança de Tomé, revelada na expressão “não sejas incrédulo, mas fiel”. Essa finalidade está de acordo com a intencionalidade do evangelista, que tem por tema central o verbo “crer”, que aparece noventa e oito vezes. Bonney⁹¹, também, salienta que o imperativo acentua o ato de passagem da descrença à crença. E a profissão de Tomé manifesta a mudança do apóstolo, que percebe estar diante do ressuscitado como fonte de vida. Uma vida que é nova e o impele ao discipulado. O estudioso, no entanto, não apresenta nos seus estudos relações com referências veterotestamentária, nem mesmo com o prólogo sobre a

⁸⁸ BONNEY, W. L., Why the risen Jesus appeared to Thomas, p. 264.

⁸⁹ BONNEY, W. L., Why the risen Jesus appeared to Thomas, p. 265.

⁹⁰ BONNEY, W. L., Why the risen Jesus appeared to Thomas, p. 268.

⁹¹ BONNEY, W. L., Why the risen Jesus appeared to Thomas, p. 271.

profissão de fé de Tomé quanto às explicações dos termos “Senhor” e “Deus”, como consta em Jo 20,28.

2.9

Xavier Léon-Dufour

Léon-Dufour, em seu livro escrito em francês, com quatro volumes, publicado em português em 1998,⁹² ao analisar a tradição evangélica sobre as narrativas da ressurreição, demonstra que faz parte da comunidade dos fiéis a elaboração de formas que expressam a sua fé em Jesus ressuscitado dos mortos e que participa da glória, conforme constam em fórmulas usadas pelo apóstolo Paulo já no ano de 35 d.C., segundo o estudioso verifica em 1Cor 15,3-5⁹³.

É nessa ambientação sobre as aparições do ressuscitado e a partir de constatações, que o autor faz a seguinte divisão de Jo 20⁹⁴: junto ao sepulcro de Jesus (vv.1-18); Jesus e seus discípulos (vv.19-29); e uma conclusão (vv.30-31). No tocante à seção segunda, para Léon-Dufour, a tradição evangélica joanina que trata da “aparicação do ressuscitado ao grupo dos discípulos reunidos tem um papel fundante para a existência e o futuro da comunidade eclesial”⁹⁵.

Além disso, ele percebe que o evangelista divide a segunda seção de Jo 20 em dois episódios⁹⁶: no primeiro (vv.19-23), ocorre um esquema tripartite das narrativas da aparição (Jesus tem iniciativa, faz-se reconhecer pelos discípulos e dá uma missão); e, no segundo (vv.24-29), o personagem destacado é Tomé, que levanta a dúvida sobre a ressurreição, algo que já é mencionado em Lc 24,37.41. Conforme Léon-Dufour, a cronologia “corresponde ao dia em que a comunidade cristã se reúne para celebrar a eucaristia e que se chamava ‘dia do Senhor’ (Ap 1,10), o dia do triunfo pascal”⁹⁷, um dia correspondente ao dia escatológico que compõe o anúncio dos profetas e feito pelo próprio Jesus (Is 52,6; Jo 14,20).

Desse ciclo cronológico, sobressaem a ausência e a presença de Tomé, que, em um primeiro momento, só pode contar com o testemunho dos outros discípulos

⁹² LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João IV*.

⁹³ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João IV*, p. 139.

⁹⁴ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João IV*, p. 144.

⁹⁵ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João IV*, p. 163.

⁹⁶ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João IV*, p. 164.

⁹⁷ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João IV*, p. 164.

para alcançar a fé pascal⁹⁸. Diante do ineditismo da vitória sobre a morte, Tomé responde com um ceticismo e busca a verificação dos sinais do crucificado⁹⁹. Perante a aparição e o convite de Jesus a Tomé, este é convidado a não só realizar os seus pedidos, mas o intuito é fazer o apóstolo ir a uma profundidade da fé maior expressa pela sentença “não sejas incrédulo, mas crente” (v.27). A reação de Tomé, segundo Léon-Dufour, não é uma execução do convite de Jesus, porém um entrar “no pensamento de Jesus”¹⁰⁰ e a proclamação de uma confissão absoluta: “meu Senhor e meu Deus” (v.28).

Além de se constituir como um ponto alto cristológico no Evangelho, o pesquisador destaca a literalidade da confissão de Tomé, que “reproduz os termos da LXX, traduzindo a invocação do Salmo 35(34),23: ‘meu Senhor e meu Deus’”¹⁰¹. Ele informa, igualmente, que o evangelista não está realizando uma elaboração teológica, das que são vistas nos concílios ecumênicos, mas o interesse é “estabelecer no fim de sua/obra uma correspondência com a afirmação do prólogo (Jo 1,1)”¹⁰².

2.10

George Raymond Beasley Murray

Em seu comentário exegético¹⁰³ escrito em língua inglesa em 1999, Beasley-Murray informa que, seguindo de forma aproximada os relatos da paixão e morte de Jesus em sua estruturação, os relatos da ressurreição, dentro da estrutura querigmática, principalmente no Evangelho de João, recorrem a contos primitivos de uma tradição pré-joanina¹⁰⁴. Por conta disso, ele aponta para um princípio com suas narrativas desconexas, que passam por um desenvolvimento até chegar ao que se tem no capítulo 20 do Quarto Evangelho.

Ao averiguar a edição do evangelista, observa-se uma convicção de que as aparições do ressuscitado aos discípulos e a Tomé, nas narrativas constantes em Jo 20,19-23 e 20,24-29, constituem-se como fruto de um desenvolvimento narrativo

⁹⁸ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João IV*, p. 175.

⁹⁹ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João IV*, p. 176.

¹⁰⁰ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João IV*, p. 178.

¹⁰¹ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João IV*, p. 179.

¹⁰² LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João IV*, p. 179.

¹⁰³ BEASLEY-MURRAY, G. R., *John*, vol. 36.

¹⁰⁴ BEASLEY-MURRAY, G. R., *John*, p. 367.

simples. Isso porque, segundo ele¹⁰⁵: a) nos vv.19-23 pressupõe-se a presença do grupo dos doze apóstolos; b) a narrativa de Tomé desenvolve-se com os elementos provenientes da perícopa dos vv.19-23; e c) o episódio de Tomé sintetiza a razão do descrédito dos discípulos que se encontra presente nos demais relatos da ressurreição (Mt 28,17; Lc 24,11.27-28; Mc 16,14).

Quanto ao personagem Tomé, de acordo com o estudioso, a história do apóstolo da incerteza pode ser considerada como uma criação do evangelista, a fim de dramatizar o tema da dúvida¹⁰⁶. A partir desse contexto, a ausência do apóstolo na perícopa dos vv.19-23 indica a sua função no relato de “encarnar de forma ultrajante”¹⁰⁷ aqueles que, em seu descrédito quanto à ressurreição do Senhor, formam um grupo de fiéis da Igreja primitiva que não aceita o testemunho dos apóstolos.

Para Beasley-Murray¹⁰⁸, o local das aparições do ressuscitado é em Jerusalém. E, de certa forma, todos os eventos estão imbricados com o sepulcro vazio de Jesus. O pesquisador, também, mostra, a partir do local de conexão dos relatos, que o conteúdo de Jo 20 pode ser assim distribuído: 1) Maria Madalena e dois discípulos visitam o túmulo (vv.1-10); 2) Jesus ressuscitado manifesta-se à Maria Madalena (vv.11-18); 3) Jesus aparece aos discípulos (vv.19-23); 4) Jesus aparece aos discípulos com Tomé (vv.24-29); e 5) A conclusão do capítulo (vv.30-31).

Quanto à perícopa dos vv.24-29, o personagem Tomé ganha ascendência e importância no que diz respeito à dúvida da ressurreição e ao seu desejo de ter provas para acreditar. Já tendo sido apresentado antes no Evangelho como um discípulo leal, configura-se, similarmente, como pessimista e lento para compreender (Jo 11,16; 14,5). Beasley-Murray¹⁰⁹, sem mostrar uma relação com o Sl 35(34),23 como uma possível utilização de base veterotestamentária na construção da perícopa, com a sua expressão “meu Senhor e meu Deus”, descarta a ideia dessa afirmação de Tomé identificar-se com a função de um vocativo, por não ser uma simples exclamação de louvor a Deus. Porém, ela caracteriza-se como uma profunda profissão de fé, ao ser a maior revelação atribuída a Jesus, demonstrando

¹⁰⁵ BEASLEY-MURRAY, G. R., John, p. 369.

¹⁰⁶ BEASLEY-MURRAY, G. R., John, p. 369.

¹⁰⁷ BEASLEY-MURRAY, G. R., John, p. 369.

¹⁰⁸ BEASLEY-MURRAY, G. R., John, p. 370.

¹⁰⁹ BEASLEY-MURRAY, G. R., John, p. 385.

um conhecimento da realidade concreta da ressurreição, não sendo uma definição abstrata, e sim uma experiência de adoração e disposição à vontade do Senhor ressuscitado, percebida pelo pronome pessoal que ganha um destaque vital¹¹⁰.

2.11

Marc Faessler

Faessler¹¹¹, em seu capítulo no livro *La Littérature: Réserve de sens, ouverture de possibles* em francês de 1999, trata de Tomé na perícopes de Jo 20,24-29 a partir da diversidade de sentidos que podem existir na narrativa. Nessa perícopes, o leitor simplesmente é informado, sem mais detalhes, da ausência do apóstolo, aproximando-se de uma ficção. A leitura da perícopes, também, propõe um sentido que está unido ao mesmo sentido global de todo o Evangelho, correspondendo ao seu conteúdo e seus significados¹¹². O ver e o crer são relacionados à dialética entre a visão e a fé, explorados no conjunto da obra joanina, na qual a dialética é investigada na passagem.

Sob o aspecto do ver, Faessler apreende que a visão com sua intencionalidade da consciência¹¹³ assume os dados que se manifestam. Segundo ele, todos assemelham-se a Tomé,¹¹⁴ que subjugam a uma segurança que o ver pode fundamentar um acontecimento, a tentativa de obter uma certeza, a fim de alcançar a verdade pela visão, fato que se constitui nas exigências de Tomé. Quando os discípulos informam-no “vimos o Senhor” (v.25), torna-se uma formulação realizada em um anúncio que, ao mencionar Jesus, retrata o “horizonte da teologia joanina do ‘eu sou’”¹¹⁵, que, igualmente, confere ao termo usado por eles “Senhor”, um valor que leva a uma “equivalência cristológica do tetragrama impronunciável YHWH”¹¹⁶. Dessa forma, no v.27, o convite de Jesus para que Tomé o toque em suas marcas é uma provocação que ocorre por meio da apreensão do ver. Em vista disso, segundo Faessler, a imaginação do leitor é projetada em Tomé, que quer

¹¹⁰ BEASLEY-MURRAY, G. R., John, p. 386.

¹¹¹ FAESSLER, M., Autrement voir. Thomas l’absent, figure du lecteur en Jean 20, 24-29.

¹¹² FAESSLER, M., Autrement voir, p. 39.

¹¹³ FAESSLER, M., Autrement voir, p. 41.

¹¹⁴ FAESSLER, M., Autrement voir, p. 41.

¹¹⁵ FAESSLER, M., Autrement voir, p. 41.

¹¹⁶ FAESSLER, M., Autrement voir, p. 41.

observar o Senhor diante de sua autoevidência ao recuperar por meio da experiência o reconhecimento do que ele designa como reidentificação¹¹⁷.

Pela resposta (v.28), Tomé é desalojado de si por sua pretensão de tocar, porém, ao contrário, ele é tocado pela experiência que entra na história – ressurreição – alterando a sua própria. Tal resolução, conforme Faessler, é emprestada de uma expressão de um salmo, que é invocado por Tomé, o Sl 35(34),23. Ademais, Jo 20,28 torna-se uma evocação, que se dá em uma modalidade de estar “diante do outro”, diante de um “Tu” ao qual a narrativa dirige-se. É o Deus mencionado, é uma oração de quem o invoca expresso na tradição joanina ao sublinhar o Sl 35,23. Ao usar o texto da Septuaginta, mesmo também no texto hebraico, apesar da ordem das palavras na afirmação “meu Deus e meu Senhor” contra o v.28 “meu Senhor e meu Deus”, sem dúvida, afirma Faessler, evidencia-se a “anterioridade do senhorio do significado do crucificado-ressuscitado nas palavras que o confessam”¹¹⁸. Assim, o autor afirma que a expressão pode estar baseando-se, a partir do contexto imediato do salmo em questão, na “dupla menção do impronunciável Tetragrama que circunda a palavra “יהוה/*Senhor*” constante no Sl 35,23”¹¹⁹.

2.12

Yves Simoens

Simoens¹²⁰, em seu comentário exegético sobre o Evangelho de João, publicado em italiano em 2002, analisa Jo 20 subdividindo-o em três unidades¹²¹, a saber: a primeira, vv.1-18, apontando uma homogeneidade temporal e local com a personagem de Maria Madalena. A segunda, vv.19-23, e a terceira, vv.24-29, com as aparições do ressuscitado sem e com Tomé, seguidas da primeira conclusão. Ele destaca, ainda, que o evangelista coloca em primeiro plano o apóstolo Tomé, que possui, por meio da estrutura textual, a mesma correspondência com a estrutura de Maria Madalena.

¹¹⁷ FAESSLER, M., *Autrement voir*, p. 45.

¹¹⁸ FAESSLER, M., *Autrement voir*, p. 46.

¹¹⁹ FAESSLER, M., *Autrement voir*, p. 47.

¹²⁰ SIMOENS, Y., *Secondo Giovanni*.

¹²¹ SIMOENS, Y., *Secondo Giovanni*, p. 805.

Além disso, o autor percebe um desenvolvimento da narrativa na relação do “ver” e “crer”, que é um dos itens da estruturação do próprio texto¹²². Simoens enxerga a existência de uma inclusão que acontece no v.9 ao tratar da Escritura e dos sinais no final, vv.30-31, atribuindo o processo de “crer” mediante essa estrutura definida¹²³. Além disso, ele percebe, também, nas expressões “vi o Senhor” (v.8) e “vimos o Senhor” (v.25) a explícita valorização do ver no processo do desenvolvimento do crer. A partir disso, ele observa, também, uma estrutura textual quiástica nos seguintes momentos¹²⁴: “vejam e creiam” (v.8) e “se não vir, não creerei” (v.25); “fora” (v.11) e “dentro” (v.26); “o meu Senhor” (v.13) e “meu Senhor e meu Deus” (v.28).

Ao deter-se na situação de Tomé (vv.24-29), Simoens destaca que o apóstolo possui um papel importante na narrativa joanina. A sua ausência e posterior participação, os seus questionamentos diante do testemunho do grupo apostólico, a sua reação não somente incrédula, contudo, um querer ter provas tangíveis e solicitar uma experiência própria de “ver” tem um valor emblemático em que o fato de ser “δύδιμος/gêmeo” é o “sentido de ser gêmeo de todos”¹²⁵.

Conforme Simoens, igualmente, a exigência de Tomé não é de desacreditar a experiência dos outros do grupo, mas que “a visão deles não exclui toda a possibilidade de equívoco”¹²⁶. É por isso que o apóstolo busca provas para acreditar que o ressuscitado que se manifesta é identificável com aquele crucificado e morto na cruz. Ele, similarmente, questiona o que realmente Tomé vê e detecta um silêncio na narrativa a respeito disso. Como destaca o pesquisador, o texto salvaguarda uma corporeidade indicada pelas mãos e pelo lado do ressuscitado. Porém, o tal corpo glorioso vem a exprimir o ponto máximo do mistério de Jesus ressuscitado.¹²⁷ Ao basear-se nos elementos textuais, a narrativa quer propor ao “leitor um caminho de fé que respeita essa passagem de um corpo mortal ao estado da glória”¹²⁸. Em vista disso, ele considera um itinerário de Tomé que reforça o testemunho apostólico e sua credibilidade no anúncio da ressurreição¹²⁹.

¹²² SIMOENS, Y., *Secondo Giovanni*, p. 805.

¹²³ SIMOENS, Y., *Secondo Giovanni*, p. 806.

¹²⁴ SIMOENS, Y., *Secondo Giovanni*, p. 806-807.

¹²⁵ SIMOENS, Y., *Secondo Giovanni*, p. 815.

¹²⁶ SIMOENS, Y., *Secondo Giovanni*, p. 816.

¹²⁷ SIMOENS, Y., *Secondo Giovanni*, p. 817.

¹²⁸ SIMOENS, Y., *Secondo Giovanni*, p. 816.

¹²⁹ SIMOENS, Y., *Secondo Giovanni*, p. 817.

A expressão de fé de Tomé reforça a experiência com o ressuscitado dos apóstolos (grupo com Tomé), segundo Simoens, e eleva o percurso do desenvolvimento da fé do discípulo a um momento de adoração. Ele indica, da mesma forma, que tal afirmação “pode referir-se de certo modo a ligar a Deus que é encontrado no Antigo Testamento, por exemplo, no Sl 35(34),23”¹³⁰ da LXX. Além dessa referência veterotestamentária, ele constata outras menções: no Sl 30(29),3 – Senhor meu Deus; Sl 86(85),15 – Tu, Senhor, Deus; Sl 88(87),2 – Senhor, Deus da minha salvação.

Ele, ainda, acrescenta uma distinção: o título “Senhor” da Septuaginta se reporta a Deus e, nos relatos da aparição, ao Senhor ressuscitado. Por fim, ele percebe, na bem-aventurança, não a desvalorização do sentido espiritual do ver, porém, algo maior em que o crer é apresentado no Evangelho como uma identificação com o ressuscitado e uma graça que não competem com tais realidades na Igreja primitiva¹³¹.

2.13

Rinaldo Fabris

Em seu comentário exegético-teológico,¹³² publicado em língua italiana em 2003, Fabris¹³³ trabalha o Quarto Evangelho de uma forma ampliada, com a sua tradução e o seu comentário exegético, situando o texto em um contexto acadêmico, informando os desafios do escrito e do seu enigma. Ele coloca, da mesma forma, o questionamento sobre a autoria do texto bíblico, citando antigos e novos estudiosos que ora apontam para a autoria do apóstolo João, ora não, ou, também, uma aposta que o texto tenha sido fruto de uma comunidade.

Fabris¹³⁴, similarmente, possui uma abordagem própria da estrutura Evangelho de João, de forma geral, como se segue: hino poético que faz a introdução e é uma síntese (Jo 1,1-18); Livro I: Dos Sinais de Jesus, o Cristo e Filho de Deus (Jo 2,1 – 12,36); Livro II: do cumprimento da hora e da glorificação de Jesus, o Cristo e Filho de Deus (Jo 13,1 – 20,29); uma breve nota, na qual o autor

¹³⁰ SIMOENS, Y., *Secondo Giovanni*, p. 817.

¹³¹ SIMOENS, Y., *Secondo Giovanni*, p. 818.

¹³² FABRIS, R., *Giovanni*.

¹³³ FABRIS, R., *Giovanni*, p. 25-32.

¹³⁴ FABRIS, R., *Giovanni*, p. 33.

explica o propósito e a sua perspectiva (Jo 20,30-31); um apêndice contendo um relato de um novo encontro entre o Senhor ressuscitado e os apóstolos no lago Tiberíades (Jo 21,1-23); e uma nota editorial de fechamento sobre o papel do discípulo (Jo 21,24-25).

No desenvolvimento teológico-exegético de seu escrito, Fabris chega ao capítulo 20 do Quarto Evangelho, observando que “o relato da ressurreição de Jesus é articulado em duas partes”¹³⁵ e que se subdivide em duas subseções. Na primeira parte, a narrativa situa-se em torno do sepulcro de Jesus que é encontrado, aberto e vazio, por Maria Madalena, que tem um encontro com o ressuscitado (Jo 20,1-18). Na segunda parte, por sua vez, a narrativa desenvolve-se no local onde os discípulos encontram-se com a portas fechadas e com medo, o que se conclui com a cena do encontro revelador do Senhor Jesus com Tomé (Jo 20,19-29). Logo em seguida, há uma conclusão do capítulo e da obra (Jo 20,30-31). Segundo Fabris, tal divisão do capítulo possui um grande consenso entre os estudiosos, apesar de algumas discordâncias quanto à estrutura do texto a partir de suas características literárias.

Fabris¹³⁶ analisa a segunda parte (Jo 20,19-29). Os discípulos sem Tomé, que recebem os dons do Espírito Santo, o encargo da missão e o de perdoar os pecados. Segundo ele, na segunda cena, com Tomé, não está mencionada a recepção de tais elementos necessários ao apostolado, porém, uma retomada da expressão de Maria Madalena, ao apóstolo ausente: “vimos o Senhor” (Jo 20,25). Tomé parece impor condições que se assemelham à aparição primeira de Jesus, que mostra suas marcas, mãos e lado aos discípulos. Na segunda cena, segunda aparição, agora com Tomé, Jesus retoma as suas palavras (v.27) e conclui com um convite ao apóstolo com um imperativo (não sejas mais incrédulo, mas crente) que, em um primeiro momento, assemelha-se a uma reprovação de Jesus ao discípulo, que solicita ver e constatar para crer.

No âmbito das relações da narrativa e seus elementos literários, Fabris passa à análise do título “Κύριος/*Senhor*” que, segundo ele, na versão da LXX corresponde ao título impronunciável de YHWH, atribuído a Jesus, o Senhor glorificado, sendo uma expressão de fé pascal que ecoa de uma fórmula querigmática utilizada por Madalena e pelos discípulos “vi/vimos o Senhor” (Jo

¹³⁵ FABRIS, R., Giovanni, p. 762.

¹³⁶ FABRIS, R., Giovanni, p. 763.

20,18,25). Para Fabris¹³⁷, similarmente, na profissão de fé de Tomé há um novo aceno personalizado, pois recorda a oração contida no Sl 35,23. Como ele constata, as invocações nos Salmos do nome de “Deus meu” relacionam-se várias vezes com o título “Senhor”, como se observa nas seguintes atestações: Sl 30(29),3; 86(85),15 e 88(87),2.

Quanto ao nome “Θεός/*Deus*”, usado por Tomé em sua confissão, encontra-se já tal termo no prólogo do Quarto Evangelho (1,1), conforme Fabris¹³⁸. Nesse contexto, Jesus ressuscitado glorificado é a humanidade transfigurada proclamada pelo discípulo em “Deus meu”. Jesus, a partir disso, aproxima-se dos escritos proféticos. Isso porque, em Jesus, sendo Deus, a plenitude da realização das promessas apontam uma Aliança definitiva (Os 2,25; Zc 13,9). Dessa forma, a centralidade do relato, a aparição do ressuscitado a Tomé, mostra que, de acordo com Fabris, a “experiência da ressurreição de Jesus é o fundamento e o coração da fé cristã”¹³⁹.

2.14

Santi Grasso

Em sua obra¹⁴⁰ publicada em italiano em 2008, Grasso faz um comentário teológico-exegético, dividindo¹⁴¹ o Evangelho segundo João em duas grandes unidades, a saber: a primeira, o livro dos Sinais e a segunda, o livro da Glória. A nomeação da primeira unidade é baseada no termo “σημεῖον/*sinai*”, utilizado 16 vezes nos primeiros doze capítulos. Ele cita que há uma estrutura esquemática, o sinal da realização pela ação de Jesus consiste em uma manifestação da glória divina. Essa ação visa operar uma transformação naquele que o vê e deve conduzir a pessoa à fé, gerando uma adesão expressa no verbo crer, uma “adequada resposta humana à ação de Jesus”¹⁴². Na primeira parte, então do Evangelho (Jo 1 – 12), o evangelista descreve os sete sinais que Jesus fez¹⁴³.

¹³⁷ FABRIS, R., Giovanni, p. 786-787.

¹³⁸ FABRIS, R., Giovanni, p. 787.

¹³⁹ FABRIS, R., Giovanni, p. 789.

¹⁴⁰ GRASSO, S., Il Vangelo di Giovanni.

¹⁴¹ GRASSO, S., Il Vangelo di Giovanni, p. 15.

¹⁴² GRASSO, S., Il Vangelo di Giovanni, p. 16.

¹⁴³ GRASSO, S., Il Vangelo di Giovanni, p. 18.

Na segunda parte, conforme Grasso¹⁴⁴, tem seu início a grande Ceia já no clima pascal do Lava-pés. Há, nessa parte, o relato da paixão, morte e ressurreição e, na sua parte final, nos capítulos 20 e 21, as aparições do ressuscitado aos discípulos. No tocante à perícopes de Jo 20,24-29, segundo Grasso¹⁴⁵, também, Tomé tem um papel interessante, demonstrando-o como limitado, tendo a função de entender mal as palavras de Jesus, uma pessoa oscilante na dúvida e na sua fé, uma pessoa que antes da morte de Jesus tem disposição de morrer com ele, como se observa ao longo do Evangelho (Jo 6,67-71; 11,16; 14,5).

Diante desse procedimento de ver segundo a intenção de verificação, Grasso registra que Tomé é apresentado na perícopes “como um personagem que pretende construir de maneira autônoma o próprio itinerário da fé”¹⁴⁶. Isso fica claro na perspectiva de que, sem provas, o apóstolo permanece na incredulidade só avançando na sua experiência. Algo que corrobora a sua postura é o uso do verbo “πιστευειν/*crer*” com uma negação absoluta que relaciona com a fé pascal (Jo 6,36). Devido ao seu perfil negativo, Grasso¹⁴⁷ ressalta dois motivos de tal postura: a) não confia na palavra dos discípulos e b) a natureza controversa das aparições.

No encontro com o ressuscitado, o grupo tem Tomé em seu meio. A dinâmica do ressuscitado repete-se por ter uma lógica teológica. Grasso¹⁴⁸ chama a atenção para o fato de que nessa segunda aparição aos discípulos não há preâmbulo e Jesus intervém por meio de cinco verbos no imperativo, a saber: “φέρε/*coloca*”, “ίδε/*vê*”, “φέρε/*coloca*”, “βάλε/*põe*” e “μή γίνου/*não seja*”. Todos estão montados sobre a referência de Tomé e suas demandas. A proposta convite é que o discípulo mude, torne-se em um seguidor que crê que Jesus realmente está vivo, ressuscitado.

Ao analisar a resposta de Tomé, no v.28, que se transforma em uma confissão, Grasso informa que tudo o que o apóstolo tem em mente a fazer (tocar, verificar e ver) não é executado. A sua confissão não é fruto de uma constatação¹⁴⁹, mas ela é uma expressão que resulta de uma experiência pascal que, para o autor, é uma síntese pragmática da cristologia joanina¹⁵⁰. Aquilo que é visto como um projeto lançado preliminarmente no prólogo com o anúncio do Λόγος como Deus

¹⁴⁴ GRASSO, S., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 21.

¹⁴⁵ GRASSO, S., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 773.

¹⁴⁶ GRASSO, S., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 774.

¹⁴⁷ GRASSO, S., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 774.

¹⁴⁸ GRASSO, S., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 775.

¹⁴⁹ GRASSO, S., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 775.

¹⁵⁰ GRASSO, S., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 775.

mesmo, neste momento, no v.28, torna-se uma realização afirmada por meio do personagem Tomé, que ao ver confessa a sua fé ao reconhecer Jesus como seu Deus e seu Senhor.

Para Grasso, essa profissão remete-se a uma alta proclamação de fé do credo cristológico. E tal proclamação constrói-se sobre “fórmula bíblica da aliança”,¹⁵¹ que manifesta uma adesão ao Deus único, com eco litúrgico, como se percebe nas seguintes atestações: 1Rs 18,39; Sl 30(29),3; 86(85),15; e Jr 31,38. Dessa maneira, o termo confirma aquilo que é alegado por Jesus, de se fazer como Deus (Jo 5,23; 10,33-34). No prólogo, todavia, o vocábulo “Θεός/*Deus*” é uma referência direta ao Λόγος. E, agora, no entanto, a atribuição é de “Κύριός/*Senhor*”.

No percurso narrativo do Quarto Evangelho, o seu início é uma afirmação proferida pelo narrador, no que diz respeito à identidade divina de Jesus e, no final, há uma profissão sobre a mesma identidade feita por um discípulo. Apesar de Tomé ser caracterizado por sua ambiguidade, ele serve na narrativa para “mostrar como o privilégio pós-pascal não está no ver, mas no não ver”¹⁵². Como se observa, apesar de tais constatações, Grasso não analisa em sua pesquisa outras relações possíveis da profissão de fé de Tomé, além das fórmulas da Aliança, com outras atestações no Antigo Testamento, como no caso do específico do Sl 35,23.

2.15

Alberto Casalegno

Casalegno¹⁵³, em seu livro publicado em língua portuguesa em 2009, faz uma apreciação teológica do Evangelho de João, a partir do tema da glorificação em Jo 17,24. Ele demonstra que o eixo central do Quarto Evangelho é composto por uma cristologia que busca revelar em Jesus o seu mistério teândrico¹⁵⁴. Ele realiza um resgate do termo bíblico usado no Evangelho que expressa, segundo ele, o realismo da encarnação tratado no tema da carne¹⁵⁵, sendo uma categoria bíblica do homem total/inteiro.

¹⁵¹ GRASSO, S., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 775.

¹⁵² GRASSO, S., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 775.

¹⁵³ CASALEGNO, A., *Para que contemplem minha glória (Jo 17,24)*.

¹⁵⁴ CASALEGNO, A., *Para que contemplem minha glória (Jo 17,24)*, p. 185.

¹⁵⁵ CASALEGNO, A., *Para que contemplem minha glória (Jo 17,24)*, p. 186.

Após análises a partir do prólogo sobre a encarnação de Deus, o fato de o Filho unigênito¹⁵⁶, tem-se que Jesus é este Verbo que se encarna e que se dá a conhecer. Faz-se interessante que a profissão de fé de Tomé, em sua declaração “meu Senhor e meu Deus” (Jo 20,28), é colocada como uma confissão cristológica após o cumprimento pascal e a glorificação de Jesus¹⁵⁷ ao ser uma profissão conclusiva, superando com profundidade todas as outras confissões existentes no Quarto Evangelho e no Novo Testamento.

Casalegno realiza uma pesquisa veterotestamentária sobre algumas relações entre a profissão de fé de Tomé e algum registro no Antigo Testamento. Ele apresenta¹⁵⁸ no Sl 30,3 a expressão “Senhor, meu Deus”; no Sl 86,15, uma outra expressão “Senhor, Deus de Piedade”; e no Sl 88,2, a afirmação “Senhor, Deus de minha salvação”. Para ele, somente no Sl 35,23, na versão da Septuaginta, há um enunciado invertido da profissão em Jo 20,28: “Deus meu e Senhor meu”. Em um primeiro momento, ele descarta uma intenção de polemizar o culto imperial da época (imperador Domiciano – 81/96 d.C.), que se autointitula “senhor e deus” com um culto ao imperador, conforme consta no relato de Suetônio.

De acordo com Casalegno, o vocábulo “κύριός/*senhor*” é uma tradução, na Septuaginta, do lexema YHWH, ou seja, uma atribuição a Deus. No Quarto Evangelho (Jo 20,2.13.18.20.25.28), tal termo é aplicado com um sentido forte a Jesus¹⁵⁹. É importante informar que o vocábulo é usado pelo grupo dos discípulos (Jo 13,6.9.25.36.37; 14,5.8.22), porém por pessoas fora daquele grupo e por pessoas desconhecidas (Jo 4,11.15.19; 5,7). É claro que, em Jo 20, nas aparições pós-pascas, o termo recebe um sentido mais profundo.

Por fim, o segundo termo da profissão de fé, “Deus”, conforme Casalegno¹⁶⁰, em Jo 20,17, é aplicado ao Pai, todavia em Jo 20,28 é empregado a Jesus. O estudioso, de modo igual, destaca a existência de um erro na abordagem dos Padres da Igreja, que referem o título “Senhor” à humanidade de Jesus e “Deus” à sua divindade, pois, já no querigma, o título “Senhor” consiste em uma referência ao ressuscitado. Ele, também, ressalta que o uso do pronome possessivo denota uma

¹⁵⁶ CASALEGNO, A., Para que contemplem minha glória (Jo 17,24), p. 197.

¹⁵⁷ CASALEGNO, A., Para que contemplem minha glória (Jo 17,24), p. 198.

¹⁵⁸ CASALEGNO, A., Para que contemplem minha glória (Jo 17,24), p. 199.

¹⁵⁹ CASALEGNO, A., Para que contemplem minha glória (Jo 17,24), p. 199.

¹⁶⁰ CASALEGNO, A., Para que contemplem minha glória (Jo 17,24), p. 200.

relação pessoal na confissão, manifestando um afeto pelo seu mestre e Senhor, bem como uma revelação de sua vontade de seguimento.

2.16

Ugo Vanni

Vanni, em sua obra¹⁶¹ publicada em italiano em 2010, resgata uma antiga denominação do Quarto Evangelho de Clemente Alexandrino ao nomeá-lo de espiritual¹⁶². Apesar desse caráter, o texto traz uma riqueza de nomes de locais, tempos e pessoas nos quais apresenta-se enraizado o testemunho ocular daquele que presenciou os eventos¹⁶³. Ao se deslocar na obra de Vanni ao comentário da perícopes de Jo 20,24-29, ele demonstra que há uma definição cronológica, fruto da escolha do evangelista, e que auxilia na inserção do período pascal de ressurreição¹⁶⁴. Segundo o pesquisador, perícopes revela um ambiente litúrgico, o domingo, dia por excelência da comunidade, que se constitui no dia por excelência para o ato celebrativo (leituras, confissão dos pecados, eucaristia)¹⁶⁵. A prática já costumeira da comunidade, sua liturgia do início do séc. II, é usada por João em um plano narrativo.

Os pedidos realizados no período do ministério público de Jesus de obter um sinal (Mc 8,11; Mt 12,39; Lc 11,29) são rechaçados pelo próprio Jesus. No período pós-pascal, o mesmo anseio parece persistir no seio apostólico, como citado por Vanni¹⁶⁶. Tomé, também, compartilha da posição de que a visão é necessária para a experiência. Na verdade, o autor percebe que os elementos requisitados pelo apóstolo estão em consonância com aquilo que Jo 19 mostra sobre a dimensão da crucificação que se encerra com a abertura do lado de Jesus¹⁶⁷. Dessa percepção, Vanni realça uma relação intrínseca, pois o Jesus que o discípulo deseja ver é o mesmo que sofre a paixão e morre. Há, nesse sentido, um motivo teológico: “o

¹⁶¹ VANNI, U., *Il Tesoro di Giovanni: un percorso biblico-spirituale nel Quarto Vangelo*.

¹⁶² VANNI, U., *Il Tesoro di Giovanni*, p. 11.

¹⁶³ VANNI, U., *Il Tesoro di Giovanni*, p. 15.

¹⁶⁴ VANNI, U., *Il Tesoro di Giovanni*, p. 227.

¹⁶⁵ VANNI, U., *Il Tesoro di Giovanni*, p. 227.

¹⁶⁶ VANNI, U., *Il Tesoro di Giovanni*, p. 230.

¹⁶⁷ VANNI, U., *Il Tesoro di Giovanni*, p. 230.

estado da crucificação de Jesus tem um valor fundante porque o crucificado é também o ressuscitado”¹⁶⁸.

Conforme Vanni¹⁶⁹ diz, o pleito de Tomé quer mostrar que o Messias, o crucificado ressuscitado, realmente está revestido de imortalidade e que ele é muito mais que um messias mortal. O desejo de ver e de ter uma experiência com esse que vive está pautado no cumprimento da entrega de Jesus e de sua, agora, transcendência. Como destaca Vanni¹⁷⁰, também, a presença do verbo “έρχομαι/vir” no tempo presente assinala uma vinda de Jesus à comunidade com continuidade.

No encontro com o ressuscitado, Tomé realiza a sua experiência da mesma maneira que os outros discípulos. As características do crucificado estão no ressuscitado e são constatadas pelo apóstolo. Esse contato expressa, também, a transcendência de Jesus enquanto Filho de Deus, manifestando a plenitude da ressurreição. Diante da conformidade de Tomé, de ver o ressuscitado, ele expressa sua fé autêntica: “meu Senhor”, aquele que foi crucificado, mas também “meu Deus”. Segundo Vanni, a confissão do apóstolo evidencia “o sentido mais profundo da palavra de Jesus recordada em Jo 8,28: ‘quando tiveres levantado o Filho do Homem entenderéis que eu sou’”¹⁷¹.

Para Vanni, os títulos aplicados pelo apóstolo em sua confissão expressam que o termo “Senhor” trata de uma referência a Jesus ressuscitado. E o termo “Deus” é um reconhecimento profundo e pleno da existência divina de Jesus. Torna-se uma constatação de uma realidade evidente que se manifesta diante dele. É uma revelação da maturidade da fé do discípulo que professa a divindade de Jesus. Há, nessa profissão, ainda, de acordo com Vanni¹⁷², um sentido de pertença pela utilização do pronome “meu” demonstrando uma ligação íntima.

Apesar do progresso de Tomé e dessa nova etapa de maturidade na fé, felizes, segundo Jesus, são os que fazem um caminho mais árduo, de acordo com Vanni¹⁷³, que a bem-aventurança revelada por Cristo, daqueles que não têm esse comportamento de Tomé, mas creem na tradição e no testemunho sem terem visto.

¹⁶⁸ VANNI, U., *Il Tesoro di Giovanni*, p. 230.

¹⁶⁹ VANNI, U., *Il Tesoro di Giovanni*, p. 231.

¹⁷⁰ VANNI, U., *Il Tesoro di Giovanni*, p. 232.

¹⁷¹ VANNI, U., *Il Tesoro di Giovanni*, p. 235.

¹⁷² VANNI, U., *Il Tesoro di Giovanni*, p. 235.

¹⁷³ VANNI, U., *Il Tesoro di Giovanni*, p. 237.

A dimensão comunitária é, de certa maneira, identificada como dum meio sacramental de experimentação de Jesus ressuscitado por ocasião do Batismo, da Eucaristia e da Reconciliação. O macarismo remete-se a um futuro, principalmente daqueles futuros discípulos que fazem uma experiência de fé sem provas tangíveis. Como se observa, em seu percurso da pesquisa nesse livro, Vanni realiza relações dentro do próprio Evangelho com a profissão de fé de Tomé e sua significância sem demonstração das possíveis relações com outros textos ou com uma possível base veterotestamentária.

2.17

Frederick Fyvie Bruce

Em seu comentário bíblico, originalmente escrito em inglês e publicado em português em 2011¹⁷⁴, Bruce trabalha com a perícopes de Jo 20,24-29, em sua análise, destacando a função narrativa de Tomé, em um papel individual e pessimista¹⁷⁵. O papel individual do apóstolo é ressaltado em outras duas ocorrências (Jo 11,6; 14,5). Apesar do papel distinto, João o caracteriza ausente do grupo na cena anterior (vv.19-23) da primeira aparição do Senhor aos discípulos. Para ele, sua ausência pode ter sido marcada pela profunda tristeza da morte do seu Senhor¹⁷⁶.

Bruce denomina o apóstolo de “Tomé da dúvida”¹⁷⁷. Isso porque, apesar dos outros discípulos terem procurado e anunciado que viram o Senhor, ele declara o seu descontentamento, não sendo persuadido a crer neles. O convencimento do fato da ressurreição de Jesus, para ele, passa pelo ato de ver e tocar em suas marcas da crucificação. Em Jo 20,26-28, acontece outra aparição e, segundo Bruce¹⁷⁸, o ceticismo de Tomé desvanece-se porque as evidências do ver tornam-se suficientes perante as suas necessidades de tocar Jesus ressuscitado. E destaca que, apesar da demora em acreditar no Cristo ressuscitado, Tomé é aquele que expressa a fé bem mais profunda e além dos outros discípulos.

¹⁷⁴ BRUCE, F. F., João.

¹⁷⁵ BRUCE, F. F., João, p. 335.

¹⁷⁶ BRUCE, F. F., João, p. 336.

¹⁷⁷ BRUCE, F. F., João, p. 336.

¹⁷⁸ BRUCE, F. F., João, p. 336.

A profissão de fé (v.28) não pode ser observada como uma exclamação por aquilo que está sendo visto pelo discípulo. A expressão ‘Senhor meu’ precisa ser entendida como um reconhecimento divino tal qual “Deus meu”, porque ela não é construída no vocativo, porém elaborada no nominativo¹⁷⁹, pois Tomé afirma sua redescoberta com convicção da vinda do Senhor.

Por fim, Bruce percebe na afirmação a convicção da fé de Tomé ao poder ser reproduzida como “Tu és meu Senhor e meu Deus”. Nesse sentido, essa profissão de fé relaciona-se com o prólogo de João, fortalecendo esta relação ao ter sido afirmado que o Verbo era Deus. Além do mais, tal expressão de fé é um atingir do clímax¹⁸⁰ do Evangelho e da revelação do Novo Testamento nas palavras do centurião, descritas no relato da paixão em Marcos: “verdadeiramente este homem era Filho de Deus!” (Mc 15,39). Apesar dessas relações expostas, Bruce não apresenta nenhum vínculo da confissão de fé com alguma base veterotestamentária, em especial, com o Sl 35,23, nessa obra.

2.18

Johannes Beutler

Beutler escreve, primeiramente, seu comentário sobre o Evangelho de João em alemão, sendo essa obra publicada em língua portuguesa em 2016, em uma Coleção de comentário bíblico¹⁸¹. Segundo ele¹⁸², a abordagem diacrônica indica uma redação que conta com material pré-joanino da paixão, morte e ressurreição feita e usada pelo evangelista e que continua na “redação eclesial” com a ascendência e inserção do discípulo amado.

Ele mostra uma dificuldade existente no capítulo 20 do Quarto Evangelho. Segundo Beutler,¹⁸³ não há consenso quanto à divisão do referido capítulo. O que todos notam é a existência de uma articulação entre três partes principais, assim dispostas: vv.1-18 – a ocorrência de fatos em torno do sepulcro vazio na manhã pascal; nos vv.19-29 – as aparições e os encontros de Jesus com os discípulos; e a primeira conclusão do Evangelho nos vv.30-31. A partir daquilo que alguns teóricos

¹⁷⁹ BRUCE, F. F., João, p. 336.

¹⁸⁰ BRUCE, F. F., João, p. 337.

¹⁸¹ BEUTLER, J., Evangelho segundo João.

¹⁸² BEUTLER, J., Evangelho segundo João, p. 450.

¹⁸³ BEUTLER, J., Evangelho segundo João, p. 451.

escrevem, ele dispõe¹⁸⁴ em seis cenas, seguidas da conclusão, como segue: vv.1-2, Maria Madalena encontra o sepulcro vazio, e informa Pedro e o discípulo amado; vv.3-10, a ida de Pedro e do discípulo amado ao sepulcro; vv.11-18, o reconhecimento de Maria Madalena de Jesus junto ao sepulcro; vv.19-23, a aparição de Jesus aos discípulos sem Tomé na noite da Páscoa; vv.24-25, Tomé não alcança a fé no ressuscitado; vv.26-29, Tomé chega à fé no ressuscitado; e vv.30-31, a conclusão e a fé com a qual se chega à vida.

Ao passar para a análise da perícopes, vv.24-29, o estudioso a subdivide em vv.24-25 e vv.26-29, por indicar a existência de uma cena de transição, não sendo tratada como uma seção separada¹⁸⁵. Ele discorre sobre a ausência de Tomé e os possíveis significados do seu nome, e afirma que o nome “Dídimo” também pode ser traduzido por duplo, antes que por gêmeo¹⁸⁶, sendo um apelido nascido do grupo apostólico e não da comunidade pós-pascal. É esse Tomé que exige, para acreditar, aquilo que Jesus fez ao aparecer aos discípulos e, enquanto isso não ocorre, mantém-se na posição de descrente. Dentro do conjunto das exigências, traz com uma memória de ação dos romanos na crucificação, como também uma “reminiscência” do Sl 22,17¹⁸⁷.

Na segunda ação, vv.26-29, Beutler¹⁸⁸, como outros autores, expõe que Tomé é a representação de uma fé que precisa basear-se em uma experiência física da realidade do ressuscitado, contrapondo-se à palavra do anúncio que contém a mensagem da ressurreição. Diante da aparição a Tomé (v.28), esse discípulo não acata o convite de Jesus de tocá-lo, como solicitou antes, porém realiza uma confissão de fé¹⁸⁹. Uma profissão de fé de valor incomparável, na qual o título “Senhor” remete àquele que entra na glória e o nome de Deus faz retomar a dupla menção no prólogo (Jo 1,1.18), gerando uma inclusão que envolve todo o Evangelho¹⁹⁰. E como é observado em sua comentário, Beutler associa a expressão de fé ao prólogo e não indica outra possível relação com o Sl 35,23.

¹⁸⁴ BEUTLER, J., Evangelho segundo João, p. 452.

¹⁸⁵ BEUTLER, J., Evangelho segundo João, p. 463.

¹⁸⁶ BEUTLER, J., Evangelho segundo João, p. 463.

¹⁸⁷ BEUTLER, J., Evangelho segundo João, p. 463.

¹⁸⁸ BEUTLER, J., Evangelho segundo João, p. 464.

¹⁸⁹ BEUTLER, J., Evangelho segundo João, p. 464.

¹⁹⁰ BEUTLER, J., Evangelho segundo João, p. 465.

2.19

Alberto Casalegno

Casalegno, em seu livro¹⁹¹ escrito em língua portuguesa de 2013, analisa os relatos da ressurreição no Evangelho de João. Ao dividir Jo 20 em dois seguimentos (vv.1-18 e vv.19-29), percebe que, no segundo, há uma certa linearidade devido à existência do que ele chama de elementos literários¹⁹²: portas trancadas e Jesus que se põe no meio dos discípulos (vv.19.26), a saudação de paz de Jesus (vv.21.26); a menção a Tomé e suas exigências e o desafio de Jesus a ele (v.25.27); e o título de “Senhor” atribuído a Jesus (vv.25.28). Além dessas questões, percebe que a construção da perícopa baseia-se em Tomé, como o representante da vida apostólica¹⁹³, referindo-se às aparições de Jesus aos discípulos. Isso ocorre nessa construção porque o evangelista destaca a fé pascal como o propulsor da alegria e da paz somente, mediante um abandono completo a Deus¹⁹⁴, por meio da aceitação das provações.

O estudioso observa, nos Evangelhos Sinóticos, que os apóstolos, diante do ressuscitado, apresentam quase sempre uma postura de descrença, como se seguem nos exemplos: “alguns duvidaram” (Mt 28,17) e “eles ainda não podiam acreditar, tanta a sua alegria e surpresa” (Lc 24,41). De acordo com Casalegno¹⁹⁵, no relato da ressurreição joanino há um motivo apologético que visa demonstrar a fé da comunidade primitiva não fundada em um entusiasmo esvaziado de realidade. A elaboração da narrativa por João não espalha uma dúvida entre os discípulos, porém constrói tal situação de descrença em um protagonista, o apóstolo Tomé, que personifica a dúvida e a perplexidade vista nos outros Evangelhos. Ele¹⁹⁶ informa que há elementos para personificar Tomé como aquele que carrega a dúvida dentro da comunidade, sendo retomado com mais expressividade em Jo 20. A partir disso, o seu pedido de ver e tocar o ressuscitado diante do anúncio dos discípulos não se mostra como um quadro de infidelidade, no entanto de hesitação e de desconfiança.

¹⁹¹ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7).

¹⁹² CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 35.

¹⁹³ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 35.

¹⁹⁴ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 36.

¹⁹⁵ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 101.

¹⁹⁶ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 102.

Em decorrência disso, Casalegno¹⁹⁷ investiga que a narrativa inicial dos vv.24-25 é desenvolvida nos vv.26-29, e deve ser considerada não um relato originário, contudo uma elaboração do evangelista, sendo, segundo alguns¹⁹⁸, um acréscimo redacional de Lucas. Conforme Casalegno¹⁹⁹, ainda, a exigência de Tomé é bem expressiva pela utilização dos verbos “ὄραν/ver” as mãos e o lado de Jesus e “βάλλειν/colocar” o dedo em suas feridas. Isso porque, o ver, nesse sentido, passa por uma constatação para o optar da fé. Sem isso, ele não acredita de forma nenhuma, expresso pela dupla negação (οὐ μή πιστεύσω). Faz-se necessária a obtenção da fé pelos sinais, algo que ao longo do Evangelho é apresentado. Similarmente, Casalegno²⁰⁰ destaca que o discípulo sai da sua posição de fechamento a uma confiança em Jesus devido realizar um processo de amadurecimento. Por isso, diante do convite, o imperativo: torne-se fiel/crente. Tomé dá um salto qualitativo em sua confissão (v.28). Esta é uma profissão densa e a mais completa de todo o Evangelho e, por que não dizer, de todo o Novo Testamento. Tomé, ao ser o representante da comunidade de fé cristã, é aquele que reconhece a verdadeira identidade de Jesus²⁰¹.

Conforme o autor, o uso do pronome pessoal na expressão de fé pode remeter a uma aclamação de fé comunitária, realizada nas celebrações litúrgicas²⁰². Além disso, trata-se de uma compreensão ou de um reconhecimento de Jesus como verdadeiro Filho de Deus em um ambiente judaico de monoteísmo estrito²⁰³. Outrossim, Casalegno²⁰⁴ nota uma relação da confissão de Tomé com uma fórmula tradicional da Aliança veterotestamentária: “serão meu povo e eu serei o seu Deus” (Jr 7,23; 11,4; Ez 11,20; 14,11; Zc 8,8; 13,9). E, ainda, o próprio Israel qualifica Deus como “meu Deus”, como afirmado no Sl 100,3. Tomé, dessa forma, parece manifestar uma convicção de que na ressurreição de Jesus, Deus estabelece uma Aliança com os homens. Todavia, o estudioso não apresenta outras relações com outros textos com a profissão de fé, nesse seu livro.

¹⁹⁷ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 101.

¹⁹⁸ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 101.

¹⁹⁹ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 103.

²⁰⁰ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 104-105.

²⁰¹ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 105.

²⁰² CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 106.

²⁰³ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 106.

²⁰⁴ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 107-108.

2.20

Chris Knights

Knights, em seu artigo²⁰⁵ escrito em língua inglesa em 2014, elabora um paralelo entre dois personagens que, no Quarto Evangelho, possuem papéis destacáveis em relação aos Sinóticos, como, dentre outras características, a de terem realizado confissões a respeito de Jesus. Para tal, ele faz um levantamento em duas perícopes em que tais apóstolos realizam as suas profissões de fé, apontando para a real identidade de Jesus.

A partir do conhecimento dos dados da Tradição, que tem Tomé como santo e tendo o título de o “duvidoso Tomé”,²⁰⁶ e Natanael, que não aparece nos Sinóticos, somente em João, e que naqueles é denominado por Bartolomeu, o autor vê uma relação entre os dois episódios com uma estrutura básica e com um vocabulário com uma similaridade²⁰⁷, sendo, também, ressaltado que os dois parecem juntos no final do Evangelho em Jo 21,2.

Knights percebe que os dois relatos possuem²⁰⁸ uma introdução (Jo 1,44 e 20,24), uma declaração dos que viram antes Jesus que relatam: “encontramos aquele que Moisés escreveu, Jesus” (Jo 1,45) e “vimos o Senhor” (Jo 20,25a). Ademais, há a objeção/recusa de acreditar em Jesus como Messias (Jo 1,46a) e que ressuscitou (Jo 20,25b); os objetores vão até Jesus (Jo 1,46b-47a e 20,26a) com a utilização do verbo vir; Jesus endereça as primeiras palavras a todos (Jo 1,47b e 20,26b) e, depois, direciona suas palavras aos objetores (Jo 1,48b e 20,27); as confissões dos objetores: Natanael, que diz “rabi, tu és o Filho de Deus, tu és o rei de Israel” (Jo 1,49), e Tomé, “meu Senhor e meu Deus” (Jo 20,28).

A radical diferença, apesar da identidade da reação, é que uma trata de uma exaltação judaica e a outra, pela utilização em primeira pessoa (uso do possessivo), trata de uma confissão explícita da divindade de Jesus, apesar dos leitores, segundo o autor²⁰⁹, já terem compreendido desde o prólogo (Jo 1,1.14) tal realidade; o questionamento de Jesus sobre o porquê do acreditar baseado no “porque me viste”

²⁰⁵ KNIGHTS, C., Nathanael and Thomas: two objectors, two confessors – reading John 20: 24-29 and John 1: 44-51 in parallel.

²⁰⁶ KNIGHTS, C., Nathanael and Thomas, p. 328.

²⁰⁷ KNIGHTS, C., Nathanael and Thomas, p. 328.

²⁰⁸ KNIGHTS, C., Nathanael and Thomas, p. 330-331.

²⁰⁹ KNIGHTS, C., Nathanael and Thomas, p. 331.

(Jo 1,50b-51; 20,29b), em que um verá coisas maiores e o outro escutará a bem-aventurança.

Knights traça um conjunto de implicações nas relações entre os textos pertencentes ao Quarto Evangelho. Características similares entre as perícopes, que se assemelham sem ser idênticas, no tocante à postura dos objetores (personagens) diante da revelação de Jesus em seus distintos níveis que se desenvolve ao longo do macrorrelato, mas, também, da utilização de um vocabulário pautado de forma especial nos verbos vir, ver e acreditar. A existência de uma exclamação, em Natanael, e de uma confissão em Tomé: um, em bases judaicas, e outro, em base cristã e universal, indicando o título “Senhor” para a sua divindade. Contudo, o texto não propõe reflexões que realizam paralelos ou análises possíveis em outras ocorrências veterotestamentárias.

2.21

William Hendriksen

Hendriksen, em sua obra escrita originariamente em inglês, publicada em língua portuguesa em 2014, faz um comentário²¹⁰ teológico-exegético do Novo Testamento. No Quarto Evangelho, ele faz uma abordagem da perícopa de Jo 20,24-29, a partir de uma pesquisa, para entender o porquê o apóstolo é colocado em destaque na narrativa. O nome do discípulo, em sua designação aramaica e grega, ao ser traduzido no Evangelho, não se sabe, segundo Hendriksen, se tem relação com um possível irmão(a) gêmeo(a) de Tomé.

Nos Sinóticos (Mt 10,3; Lc 6,15) e em At 1,13, o que se sabe sobre o discípulo reduz-se à sua existência na lista dos Doze. No entanto, em João, ele ganha um destaque devido a ter mais referências (Jo 11,16; 14,5; 20,24-28) que trazem certas características da personalidade do apóstolo como uma pessoa temerosa da possível perda do seu mestre, de não crer no bem quando este ocorre²¹¹, de uma sinceridade quando da percepção do perigo de retornar a Judeia e de demonstrar um querer morrer com seu mestre²¹².

²¹⁰ HENDRIKSEN, W., João.

²¹¹ HENDRIKSEN, W., João, p. 443.

²¹² HENDRIKSEN, W., João, p. 444.

Ao analisar a perícopé, Hendriksen mostra que, apesar do grupo dos apóstolos não estar completo na primeira aparição, mesmo assim, é denominado tecnicamente como os “Doze”, não estando completo pela saída de Judas Iscariotes, o traidor, e pela ausência de Tomé, que se encontra “arrasado e atribulado”²¹³. Por causa disso, entende o seu possível protesto que se materializa, mas suas exigências de ver os sinais da crucificação para poder crer que Jesus realmente está vivo, apesar do testemunho do grupo: “vimos o Senhor” (v.25).

Para o apóstolo, acreditar exige algumas condições, pois ouvir não basta, é preciso ver e sentir para crer²¹⁴. Ele destaca²¹⁵, no texto original em grego, uma aliteração entre os termos “τύπος/*marca*” e “τόπος/*lugar*” que realçam o desejo do discípulo expresso na dupla negação frasal “ού μή/*de jeito nenhum*”. Conforme Hendriksen²¹⁶, acontece pelo método de inclusão, a definição temporal “oito dias”, ressaltando o tempo e o lugar, para a segunda cena, agora com Tomé.

O tempo é marcado pelo domingo e o local possível é o mesmo pelas condições relatadas. Há uma relação entre as solicitações de Tomé com as ordens apresentadas por Jesus na primeira e na segunda aparições, bem como a disposição do apóstolo e o imperativo de Jesus que o convida a ser fiel. Tomé, como ressalta Hendriksen²¹⁷, ao ver o Senhor ressuscitado e ouvir suas palavras, faz uma proclamação em um tom exclamatório: “meu Senhor e meu Deus” (v.28).

Tal confissão precisa ser compreendida mediante a experiência do discípulo, diante da autorrevelação de Deus. Sua revelação passa por sua natureza divina, por sua onisciência de saber o que se encontra nas disposições do apóstolo, que ao ver Jesus “reconhece seu soberano e seu Deus de fato”²¹⁸. Na análise de Hendriksen, não se observa que ele faça relações entre a confissão de Tomé com outras atestações semelhantes no Antigo Testamento.

²¹³ HENDRIKSEN, W., João, p. 794.

²¹⁴ HENDRIKSEN, W., João, p. 795.

²¹⁵ HENDRIKSEN, W., João, p. 795.

²¹⁶ HENDRIKSEN, W., João, p. 795.

²¹⁷ HENDRIKSEN, W., João, p. 797.

²¹⁸ HENDRIKSEN, W., João, p. 797.

2.22

Rudolf Bultmann

Sua obra originalmente publicada em alemão na década de 1970 é traduzida e publicada para a língua inglesa em 2014²¹⁹. Ela traz, em sua introdução da versão inglesa, ausente no escrito original, uma síntese dos elementos que compõem o Evangelho de João, como as suas características e comparações com os Sinóticos, demonstrando um período que se constitui depois da aparição de João Batista, o início da atividade de Jesus até sua morte e ressurreição.²²⁰ Das características, pontuam-se o semitismo que se destaca diante dos Sinóticos²²¹, uma certa aproximação com os eventos extraordinários de Jesus contidos nos Sinóticos, com a possibilidade do uso dessas tradições na composição do último Evangelho.

Em uma aproximação com o gnosticismo, com seu estilo e suas fontes, indicam uma relação do texto joanino com o gnosticismo nascente. Tal relação é a sua contraposição nos elementos dessa corrente, como o dualismo²²². Ainda na visão geral do Evangelho, trata-se da integridade do texto, da sua autoria, do local e da datação da composição, que se coaduna com aquilo que é compartilhado com os estudiosos, da autoria de uma testemunha ocular, o apóstolo João²²³.

Na análise da perícopé de Jo 20,24-29, Bultmann assinala que não há paralelos com os Sinóticos, apesar do seu motivo ser apresentado neles, a dúvida constante apresentada pelos discípulos na aparição do ressuscitado (Mt 28,17; Lc 24,11.21)²²⁴. Desse ponto, ele mostra a possibilidade da existência de uma fonte similar para os Sinóticos e para João, tendo sido editada nos vv.26-27, em que adiciona a referência à lança e ao “*πλευράν/lado*” de Jesus ao estar de acordo com Jo 19,34a. Segundo ele, ainda, possivelmente, a profissão de Tomé (v.28) pode também ter sua própria formulação, segundo o último dito de Jesus (v.29)²²⁵.

Ele informa que a dúvida de Tomé diante do testemunho dos discípulos, assinala a ordem do convencimento por evidência de sua visão e, certamente, por

²¹⁹ BULTMANN, R., *The Gospel of John*.

²²⁰ BULTMANN, R., *The Gospel of John*, p. 3.

²²¹ BULTMANN, R., *The Gospel of John*, p. 3.

²²² BULTMANN, R., *The Gospel of John*, p. 9.

²²³ BULTMANN, R., *The Gospel of John*, p. 12.

²²⁴ BULTMANN, R., *The Gospel of John*, p. 693.

²²⁵ BULTMANN, R., *The Gospel of John*, p. 694.

um contato físico²²⁶. Como na aparição com o discípulo ausente, Jesus torna-se presente no meio do grupo dos discípulos com sua saudação. O diálogo acontece entre Jesus e Tomé no intuito do convencimento do apóstolo sobre a ressurreição (v.27). Outrossim, o convite é tornar-se fiel e crer na realidade dele ser o ressuscitado. Tomé, diante dessa aparição e da realidade que se manifestam, é tomado por uma constatação, gerando uma confissão “apropriada a Jesus que é o ressuscitado”²²⁷. Uma confissão que vai além da primeira realizada em Jo 20,16 que o nomeia como mestre.

De acordo com Bultmann, “Tomé agora vê Jesus na maneira que ele quer ser visto e deve ser visto”²²⁸. A relação observada a partir do estudioso, “ὁ Θεός μου/*Deus meu*”, passa a ser clara: Jesus refere-se ao *Logos* que retorna ao seu lugar antes da encarnação, que é glorificado e, devido a isso, há uma conexão clara ao prólogo (Jo 1,1). Bultmann²²⁹, igualmente, informa que existe na LXX diversas combinações entre os vocábulos “Κύριός/*Senhor*” e “Θεός/*Deus*”. Segundo ele, nessas evidências há um endereçamento à expressão “יהוה אלהי/*YHWH meu Deus*”, que pode ser reproduzida por “Κύριε ὁ Θεός μου/*Senhor, Deus meu*”, como observado em Zc 13,9 e no Sl 29,3, mesmo tendo a referência a “אדני/*Senhor*”, como no Sl 85,15 e no Sl 87,2. Há, similarmente, segundo ele²³⁰, na confissão de 1Rs 18,39: “Κύριός ἐστίν ὁ Θεός/*Senhor é Deus*” ou em Jr 38,18: “Σὺ εἶ ὁ βασιλεὺς μου καὶ ὁ Θεός/*tu és o meu rei e Deus*”, identicamente visto em 2Sm 7,28. Contudo, ele observa os dois vocábulos presentes de forma similar em “ὁ Θεός μου καὶ ὁ Κύριός μου/יהוה אלהי/*Deus meu e Senhor meu*” no Sl 35,23. Ademais, ele observa uma aproximação da expressão confessional de Tomé no Quarto Evangelho próximo a expressões nos Atos de Tomé (10,144.167).

²²⁶ BULTMANN, R., *The Gospel of John*, p. 694.

²²⁷ BULTMANN, R., *The Gospel of John*, p. 694.

²²⁸ BULTMANN, R., *The Gospel of John*, p. 695.

²²⁹ BULTMANN, R., *The Gospel of John*, p. 695.

²³⁰ BULTMANN, R., *The Gospel of John*, p. 695.

2.23

Russel Norman Champlin

Originalmente escrito em inglês, o seu Comentário²³¹ Bíblico ao NT é publicado em português, em seis volumes, em 2014. Champlin verifica que ao comparar os Evangelhos, no tocante às suas narrativas da ressurreição, há diferenças notáveis e que o Evangelho de João se destaca com uma tradição distinta, parecendo não ter utilizado nenhuma fonte constante nos Sinóticos²³². Segundo ele, ainda, uma teoria mais aceitável é aquela que indica o Quarto Evangelho como o “evangelho de Éfeso”²³³. Com isso, o que é demonstrado no decorrer do texto joanino é fruto da tradição comunitária daquela localidade. Dado isso, pode-se entender as distintas aparições em os lugares variados, em uma tentativa de harmonizar tais narrativas em relação às suas fontes²³⁴. Aponta, também, duas características similares no relato das aparições: a ausência de Tomé e a incredulidade de alguns dos Doze (Mc 16,14; Lc 24,36-43; Jo 20,19-25)²³⁵.

Algo que é demonstrado em todos os Evangelhos é a incerteza e a dúvida dos apóstolos quanto à ressurreição de Jesus. Suas aparições são atestadas por Paulo em 1Cor 15,5. Mas, na perícopre de Jo 20,26-31, tem-se uma exclusividade do texto joanino²³⁶. Ele, da mesma maneira, apresenta que ocorre uma polêmica na Igreja primitiva sobre o messianismo de Jesus, em que tais aparições atestam que o crucificado vive ressuscitado e é o Messias de fato²³⁷. Em virtude disso, assinala a posição de destaque de Tomé²³⁸, no v.24, personificando o espírito crítico contido nos Sinóticos sobre a dificuldade de crer no ressuscitado e a confirmação de suas aparições²³⁹. Champlin afasta-se de um posicionamento em que vê o apóstolo em uma obstinação teimosa. Ele vê Tomé duvidando do testemunho dos outros discípulos e que isto provoca uma bem-aventurança (v.29), e que se difere do relato marcano (Jo 16,14) sobre Cristo tê-los censurado. Para ele, Tomé, também,

²³¹ CHAMPLIN, R. N., Lucas, João.

²³² CHAMPLIN, R. N., Lucas, João, p. 830.

²³³ CHAMPLIN, R. N., Lucas, João, p. 830.

²³⁴ CHAMPLIN, R. N., Lucas, João, p. 830-831.

²³⁵ CHAMPLIN, R. N., Lucas, João, p. 831.

²³⁶ CHAMPLIN, R. N., Lucas, João, p. 831.

²³⁷ CHAMPLIN, R. N., Lucas, João, p. 832.

²³⁸ CHAMPLIN, R. N., Lucas, João, p. 849.

²³⁹ CHAMPLIN, R. N., Lucas, João, p. 850.

representa o ceticismo honesto daquele que, por meio de evidências tangíveis, chega à verdade por um conhecimento fruto de um processo que leve a uma fé.

Na segunda aparição mencionada na perícopa (vv.24-29), o apóstolo encontra-se presente nas mesmas condições que os outros, com as portas fechadas e em um domingo. Nessa manifestação do ressuscitado, logo após dar-lhes a paz, dirige-se a Tomé e aceita o desafio colocado por ele, o qual realiza sua grande profissão de fé²⁴⁰. Segundo Champlin, a profissão de Tomé representa com exatidão a confissão da Igreja primitiva, sendo a fonte daquilo que se sabe e conhece sobre o senhorio e a divindade de Jesus²⁴¹. O autor indica uma relação com o prólogo, a respeito do *Logos* eterno e divino com essa confissão do apóstolo, e que tal manifestação corrobora a força do escrito joanino e as reivindicações messiânicas ocorridas ao longo do Quarto Evangelho ao servir-se como um elemento validador²⁴². Para ele, além de consistir na maior das confissões neotestamentárias sobre a divindade de Jesus²⁴³, Tomé é aquele que seguramente pronuncia tais palavras. E, ademais, como é observável, não há nenhum paralelo similar entre os judeus sobre tal afirmação, e a expressão completa refere-se a Jesus. Como os gramáticos citam o detalhe sintático do vocativo utilizar a forma do narrativo, a declaração não feita é a Deus, porém, a Jesus. E que, devido ao texto joanino trazer a expressão de que Tomé responde a Jesus, isso demonstra tratar-se de um discurso direto, portanto uma declaração no nominativo. Champlin, desta maneira, em seu comentário, relaciona a expressão de Tomé somente ao próprio Evangelho (Jo 1,14) sem nenhuma averiguação veterotestamentária.

2.24

Hernan Cardona Ramírez

Cardona Ramírez, em seu comentário bíblico²⁴⁴ publicado em espanhol em 2015, apresenta que o texto de João tem uma validade que se fundamenta no testemunho do discípulo amado e da comunidade joanina. E, para isso, o autor do Evangelho é o próprio discípulo que participa ativamente dos fatos de Jesus e que

²⁴⁰ CHAMPLIN, R. N., Lucas, João, p. 852.

²⁴¹ CHAMPLIN, R. N., Lucas, João, p. 852.

²⁴² CHAMPLIN, R. N., Lucas, João, p. 852.

²⁴³ CHAMPLIN, R. N., Lucas, João, p. 852.

²⁴⁴ CARDONA RAMÍREZ, H., Evangelio según San Juan. Rasgos bíblicos y teológicos.

consiste, também, em ser a testemunha ocular²⁴⁵. Segundo ele, há algumas referências no corpo do texto que o legitimam a ser a testemunha de excelência contidas entre os Capítulos de Jo 13 – 21. Todavia, entre os Capítulos Jo 1 – 12 não existe nenhuma referência a Tomé, pois o Evangelho constitui-se com algumas tradições provenientes da região da Galileia (Jo 2,1-12; 6,1-15; 21,1-14)²⁴⁶.

Outros dados interessantes são abordados²⁴⁷, uma vez que, para ele, existem elementos de uma presença gnóstica, pois os argumentos que auxiliam a redação passam por temas do conhecimento de Deus por meio de Jesus. Tais elementos perpassam a possibilidade de conhecer o divino negando a humanidade de Jesus. Em razão disso, o Evangelho contém abordagens sobre a luz, o céu, a terra, e o conhecer os mandamentos e guardá-los, devido à intenção do texto bíblico de oferecer aos leitores elementos vitais de Cristo, distanciando-os do personagem gnóstico. Além disso, na cidade de Éfeso, no final do séc. I d.C., em um contexto de perseguição e sofrimento dos cristãos, ocorre também um culto ao imperador (Domiciano 81-96 d.C.), fruto de raízes mesopotâmicas, ao render honras divinas às suas autoridades.

Cardona Ramírez realiza um comentário bíblico sobre a passagem de Jo 20,24-29. Ele dá um destaque em sua análise ao apóstolo Tomé. Ressalta que, diferente do que acontece nos Evangelhos Sinóticos, o discípulo aparece em três momentos-chaves²⁴⁸: em Jo 11,16, no retorno à Judeia, por motivo da morte do amigo Lázaro, lidera o grupo receoso de ir até Jerusalém; em Jo 14,5-6, no momento de despedida, Tomé fala em nome da comunidade questionando Jesus a fim de saber onde está o caminho do mestre; e em Jo 20,24-29, em que rejeita o anúncio dos seus amigos de discipulado, exigindo provas e que não confia na voz da comunidade.

Diante da exigência de Tomé de ver e tocar a pessoa de Jesus, este demonstra aceitar o desafio de seu discípulo concedendo-lhe o seu pedido ao mostrar as marcas das mãos e do lado (v.27), na segunda aparição ao grupo, na presença do questionador²⁴⁹. Diante dessa manifestação de Jesus, Tomé reage com uma altíssima confissão de fé²⁵⁰. Jesus aparece-lhe mostrando os sinais do amor e

²⁴⁵ CARDONA RAMÍREZ, H., Evangelio según San Juan, p. 11.

²⁴⁶ CARDONA RAMÍREZ, H., Evangelio según San Juan, p. 12.

²⁴⁷ CARDONA RAMÍREZ, H., Evangelio según San Juan, p. 12-14.

²⁴⁸ CARDONA RAMÍREZ, H., Evangelio según San Juan, p. 230.

²⁴⁹ CARDONA RAMÍREZ, H., Evangelio según San Juan, p. 231.

²⁵⁰ CARDONA RAMÍREZ, H., Evangelio según San Juan, p. 231.

da morte que são fonte de salvação. Ao conceder ao apóstolo a possibilidade de tocá-lo nessa aparição, surge um imperativo de ser fiel e que o impulsiona, outrora lento para crer, a ultrapassar os seus, expressando sua fé na profissão que faz.

No tocante ao v.28, ainda, quando Tomé afirma “meu Senhor”, descobre como Jesus, mediante sua ressurreição, apresenta o Deus verdadeiro a eles²⁵¹. Além do mais, o vocábulo “Senhor” indica a forma do nome hebraico de Deus (YHWH) utilizado no AT em diversas ocasiões. Tomé alcança uma compreensão de que Jesus é Deus com o Pai. A ressurreição de Jesus proporciona a ele um adentrar no gozo divino, uma glória já compartilhada com o Pai antes da criação do mundo (Jo 17,5.24). O autor, também, destaca que o uso do pronome possessivo indica uma submissão expressa do apóstolo à vontade do Senhor. No entanto, ele não aborda uma relação possível dos títulos utilizados da profissão de fé com o Sl 35,23 nem com outra referência textual veterotestamentária, em seu comentário bíblico.

2.25

Edward W. Klink III

O comentário exegético²⁵² de Klink III, publicado em inglês em 2016, inicia sua análise a partir da dimensão narrativa do Evangelho contando um enredo que se desenvolve em uma narrativa unificada e completa, tendo como história a missão de Jesus no Evangelho²⁵³. Outrossim, o enredo do Quarto Evangelho corresponde à vida do Deus trinitário²⁵⁴ no qual do prólogo, o leitor é introduzido no tema básico, e desenrola-se com a narrativa e o entrelaçamento dos personagens. De uma forma geral, o gênero narrativo desse Evangelho tem uma estrutura em cenas, segundo proposta dele²⁵⁵: introdução e contexto, conflito, resolução e conclusão e interpretação. A partir dessa visão introdutória, ele propõe que a perícopes de Jo 20,24-29 é a quarta seção das quatro existentes no final, trazendo o clímax da resolução de toda a história relatada pelo evangelista²⁵⁶.

²⁵¹ CARDONA RAMÍREZ, H., Evangelio según San Juan, p. 231.

²⁵² KLINK III, E. W., John.

²⁵³ KLINK III, E. W., John, p. 50.

²⁵⁴ KLINK III, E. W., John, p. 51.

²⁵⁵ KLINK III, E. W., John, p. 51.

²⁵⁶ KLINK III, E. W., John, p. 870.

Segundo ele, o Evangelho tem como ideia principal o testemunho apostólico “confiado aos discípulos de Jesus, que são as testemunhas oculares da pessoa e das suas obras”,²⁵⁷ e que também são testemunhas atestadas e aprovadas da Igreja. E, além disso, o próprio Evangelho tem a função de possibilitar um encontro entre o leitor e Jesus, gerando pessoas que creem e que participam da vida de Deus²⁵⁸. É apresentada uma estrutura literária²⁵⁹ que funciona como um esboço exegético, a saber: a ausência de Tomé (v.24); o testemunho dos discípulos (v.25); a incredulidade, mas acreditando (vv.26-27); a crença no testemunho (vv.28-29); e o propósito do Evangelho (vv.30-31). Cabe estacar que, após o conflito colocado por Tomé e sua rejeição (v.25), o enredo alcança sua conclusão (vv.26-27) quando Jesus, ao aparecer, endereça-se a Tomé e proporciona um novo entendimento acerca da maneira que ele deve ser encontrado pelos discípulos²⁶⁰.

A identificação de Tomé está atrelada à forma narrativa da perícopé que o caracteriza como o “duvidoso Tomé ou pessoa habitualmente duvidosa”²⁶¹. Klink III afirma que há uma má orientação sobre a perspectiva no apóstolo, demonstrando tais maneiras errôneas²⁶²: o enfoque que se move inapropriadamente além da narrativa, não respeitando os limites metodológicos e o foco sobre Tomé pode obscurecer a intenção da perícopé, que consiste em uma explanação de como Jesus pode ser encontrado mediante o texto.

O v.28 é a “narrativa-ponte entre o domingo pascal e a vida da comunidade fiel”²⁶³. Ele analisa gramaticalmente a expressão e sinaliza para as possibilidades²⁶⁴ seguintes: uma declaração – os títulos funcionam como nominativos e podem ser indicados como uma afirmação de reconhecimento ou um endereçamento – os nominativos funcionam como vocativos. No sentido primeiro, corresponde a uma identificação, um reconhecimento de identidade de Jesus além de ser uma relação pessoal, meu Senhor e meu Deus. Para Klink III²⁶⁵, o narrador faz uma declaração inicial “a Palavra era Deus” (Jo 1,1), e o apóstolo realiza uma conclusão. Tal declaração age, também, com uma confirmação da ressurreição. Apesar dessas

²⁵⁷ KLINK III, E. W., John, p. 870.

²⁵⁸ KLINK III, E. W., John, p. 870.

²⁵⁹ KLINK III, E. W., John, p. 872.

²⁶⁰ KLINK III, E. W., John, p. 874.

²⁶¹ KLINK III, E. W., John, p. 876.

²⁶² KLINK III, E. W., John, p. 876.

²⁶³ KLINK III, E. W., John, p. 878.

²⁶⁴ KLINK III, E. W., John, p. 878.

²⁶⁵ KLINK III, E. W., John, p. 879.

relações internas do Evangelho, entre o relato e a narrativa, ele não aponta paralelos sobre a possibilidade de ter alguma base veterotestamentária.

2.26

Johan Konings

Konings, em seu comentário²⁶⁶ ao Evangelho de João, publicado em língua portuguesa em 2017, inicia trazendo alguns elementos basilares para compreender melhor João. Ele denomina o evangelista de bilíngue²⁶⁷, em virtude de, simultaneamente, pensar em categorias semíticas usadas por judeus, sírios e egípcios que estavam no mundo helênico. Há, com este pensamento, um resgate em seu Evangelho da tradição bíblica nas imagens usadas por ele. Ele chama a atenção da utilização de João do vocábulo *Logos*, que não deve ser compreendido a partir da filosofia grega, mas em seu contexto veterotestamentário. E esse nem sempre encontra-se de maneira direta, em todas as páginas do Evangelho²⁶⁸ com seus elementos. A forma indireta da relação com o AT em João passa por leituras e homilias realizadas na época joanina, entrando no formato dos comentários homiléticos, do Targum, da tradução da LXX, e do *midrash* com seus padrões da época da interpretação.

É preciso entender, segundo Konings apresenta²⁶⁹, que a morte na cruz e a ressurreição no Evangelho não se constituem em situações distintas, mas compõem-se em aspectos inseparáveis de uma mesma realidade que se manifesta na glorificação de Jesus. E isso é perceptível na dupla narrativa, no contexto da ressurreição, quando Jesus apresenta suas marcas e lado (Jo 20,19-29), demonstrando que “o ressuscitado é exatamente aquele que foi morto”²⁷⁰. Ele divide Jo 20 em duas cenas, a saber: vv.1-18, narrativas entrelaçadas da visita ao túmulo vazio e a aparição à Maria Madalena (personagem de ligação entre as cenas) e vv.19-29, duas aparições aos domingos sucessivos, sem e com Tomé. Dentro da segunda parte (vv.24-29), surge no contexto o apóstolo Tomé, que está ausente na primeira aparição e presente com seus questionamentos na segunda.

²⁶⁶ KONINGS, J., O Evangelho de João: amor e fidelidade.

²⁶⁷ KONINGS, J., O Evangelho de João, p. 25.

²⁶⁸ KONINGS, J., O Evangelho de João, p. 33.

²⁶⁹ KONINGS, J., O Evangelho de João, p. 482.

²⁷⁰ KONINGS, J., O Evangelho de João, p. 482.

Para ele, os vv.24-25 possuem a função de ser versículos de transição²⁷¹. Diante do testemunho “vimos o Senhor”, o discípulo ausente impõe um querer verificar os sinais do crucificado, pois, caso contrário, ele não acreditará de forma nenhuma. Konings²⁷² percebe uma relação paralela com Lc 24,36-43 sobre dúvidas dos apóstolos e o nascimento de fé pascal a partir da experiência e da identificação física com o crucificado ressuscitado. Isso porque, no relato lucano, há os temas do experimentar (tocar) e da incredulidade que são, em certa medida, retomados não sob um aspecto do grupo dos apóstolos, todavia na materialização deles em um personagem específico, que é ausente na primeira manifestação do ressuscitado. Além dessas relações com os Sinóticos, o autor destaca que, em 1Jo 1,1, “tocar/apalpar em relação à palavra de Deus é citado como título de credibilidade”²⁷³.

Konings²⁷⁴ assinala, também, que, apesar do vocábulo ser fornecido na tradição sinótica (Lc 24,41), os termos “πιστός/*fiel*” ou “ἄπιστος/*infiel*”, ao longo do Evangelho, ocorrem somente no v.27 porque o evangelista prefere o verbo ao substantivo. Uma atitude de Jesus no Quarto Evangelho é distinta, pois ele apresenta suas marcas a fim de que o apóstolo creia, enquanto na tradição lucana (Lc 24,41-42) nem vendo-o ou mesmo tocando-o os apóstolos saem da dúvida. Ele, ainda, acrescenta que, apesar de mostrar os sinais, Tomé não chega a tocar, porém parece dar a atenção ao imperativo de Jesus de ser fiel, de sair da incredulidade. A partir disso, a expressão de fé de Tomé torna-se uma profissão e, segundo Konings²⁷⁵, a afirmação de Tomé está baseada no AT, mais precisamente no Sl 35,23. Ademais, consiste na sétima e última ocorrência do vocábulo “Senhor” no capítulo que trata da ressurreição, enquanto o termo “Deus” é aplicado a Jesus e assemelha-se a uma inclusão, no campo da possibilidade, de primeira afirmação do prólogo (1,1.18).

²⁷¹ KONINGS, J., O Evangelho de João, p. 498.

²⁷² KONINGS, J., O Evangelho de João, p. 498.

²⁷³ KONINGS, J., O Evangelho de João, p. 499.

²⁷⁴ KONINGS, J., O Evangelho de João, p. 500.

²⁷⁵ KONINGS, J., O Evangelho de João, p. 500.

2.27

Jean Zumstein

Em seu comentário bíblico exegético e pastoral²⁷⁶ escrito em língua italiana em 2017, Zumstein mostra que o contexto pascal liga-se ao local específico do sepultamento de Jesus (Jo 19,42)²⁷⁷. Desse local de tristeza e desespero, passa-se a um local de descoberta. O autor, ainda, realiza uma comparação com os relatos Sinóticos²⁷⁸ e percebe que o ciclo pascal joanino assinala para uma tradição antiga e que se pode realizar paralelos, como na visita ao túmulo feita por Maria Madalena e Pedro; além disso, elementos como paz e alegria por conta da vinda de Jesus ressuscitado toca, enquanto paralelo, Lc 24,36-43. Mas o medo, a dúvida e o contexto da aparição, sem e com Tomé (vv.24-29), apresentam-se como próprio do Quarto Evangelho²⁷⁹.

O capítulo demonstra o processo do nascimento da fé pascal²⁸⁰. E isto é feito mediante um entrelaçamento global em toda a macronarrativa, que acontece de forma especial por meio de um entrosamento temático. O personagem principal da narrativa joanina, que ao longo do Evangelho é revelado como Filho de Deus enviado do Pai²⁸¹, passa por conflitos em torno do tema da fé, sendo dramatizado no decorrer do relato. Em Jo 20, o tema da fé é tratado entre o relacionamento do ver e do crer, em sua última cena (vv.24-29), há a negação de Tomé em aceitar uma fé pautada nas testemunhas pascais dos discípulos e as suas exigências de ver e realizar uma experiência tangível. De acordo com Zumstein²⁸², o fato de não poder ter visto gera uma posição de não crer, inclusive de uma maneira enfática (οὐ μὴ πιστεύσω). A dúvida sobre o testemunho pascal²⁸³ demonstra a orientação temática que consiste no acesso à fé pascal. Ele subdivide a perícopes dos vv.24-29 em duas partes: vv.24-25, consistindo na dúvida de Tomé e nos vv.26-29, a narrativa do encontro com o ressuscitado. Ele reafirma²⁸⁴, em sua pesquisa, que esse encontro de Jesus ressuscitado com Tomé é único no Quarto Evangelho, não havendo

²⁷⁶ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*.

²⁷⁷ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 918.

²⁷⁸ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 919.

²⁷⁹ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 919.

²⁸⁰ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 920.

²⁸¹ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 921.

²⁸² ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 921.

²⁸³ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 946.

²⁸⁴ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 946.

paralelos no NT. Apesar de o relato, ao tratar da tradição pascal, levantar a questão da dúvida e do descrédito dos discípulos, como se observa nos Sinóticos (Mc 16,9-14; Mt 28,17; Lc 24,11.21-24.37). O grande diferencial, segundo ele, é como o evangelista explora isso por meio da confissão de fé na divindade de Jesus (v.28) e na bem-aventurança (v.29), que não possui natureza análoga a outros relatos da aparição do Senhor.

Zumstein²⁸⁵ propõe os vv.24-25, dentro da estrutura narrativa, versículos de transição, nos quais no v.24b há o motivo da vinda de Jesus que retoma o v.19c. Já o v.25a contém o querigma pascal. Quanto ao v.20b e ao v.25b trazem os elementos dos sinais da crucificação, que ligam o ressuscitado e suas marcas, que também será novamente retomado. O v.26, para o autor, constitui-se em uma paráfrase do v.19, que contém os elementos que indicam uma cronologia, um local, a proximidade dos discípulos, a chegada do ressuscitado, a alegria e a paz. No entanto, são inseridos elementos novos no v.27, em que há o convite; no v.28, tem uma profissão; e, no v.29, uma bem-aventurança.

Na segunda aparição de Jesus com a presença de Tomé, o ressuscitado manifesta soberania, onisciência e autoridade ao tomar a iniciativa e convidar o apóstolo incrédulo, provocando o seu estado de incredulidade a uma fé mais profunda, como ele aponta²⁸⁶. O relato deixa entrever que ele, porém, concebe uma confissão de fé que se relaciona com Jo 1,1, o fato de ser Deus, um retornar ao que é. Outrossim, o autor²⁸⁷ aponta que tal confissão demonstra em Tomé que alcança a verdadeira identidade do ressuscitado, o divino, que está além da história, que passa a ser objeto e fé.

Tal confissão, também, tem a função de recapitular todas as confissões de fé do Quarto Evangelho e indica que o crucificado-ressuscitado é confessado pela comunidade como Senhor e Deus, em que o título cristológico “Senhor” tem seu uso frequente no ciclo pascal do Evangelho de João. Por fim, Zumstein²⁸⁸ relaciona o título de Senhor à carta de Paulo (Fl 2,9-11), assinalando o retorno ao Pai, a sua unidade com ele e que tal referência serve de embasamento da tese teológica joanina defendida no curso da obra e explicada em Jo 20,31, remetendo-se a Jo 1,1.18, o

²⁸⁵ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 946.

²⁸⁶ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 949.

²⁸⁷ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 950.

²⁸⁸ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 950.

que leva o leitor a perceber que a consciência de Cristo e do Pai são uma mesma realidade. Contudo, Zumstein não faz nenhuma indicação à possibilidade de haver uma relação veterotestamentária com a profissão de fé de Tomé.

2.28

Claudio Vianney Malzoni

Malzoni publica seu comentário ao Evangelho de João²⁸⁹ em língua portuguesa em 2018 e coloca quatro “chaves de leitura”²⁹⁰ que contribuem com a compreensão do Evangelho de João: estilo literário, vocabulário típico, temas teológicos fundamentais e o quadro de festas mencionado ao longo do Evangelho. Ao explicar melhor essas “chaves de leitura”, ele aponta a adoção de uma linguagem simbólica, alternância dos gêneros literários (poético e narrativa), introduz interferências do narrador, utiliza jogo de palavras, como a ironia e as antíteses, entre outros elementos. Quanto à linguagem simbólica, Malzoni²⁹¹ informa que a base de tal linguagem é o cotidiano e o AT, que podem ser expressos por palavras, personagens e situações. Ele, também, sublinha que “a relação entre o símbolo e seu significado é muito estreita; o símbolo surge como a base material e o significado como a apropriação espiritual da realidade”²⁹².

Ao dirigir-se à terceira cena (Jo 20,19-29), tem-se o protagonismo de Tomé como testemunha da ressurreição. Apesar da não localização específica, há anotações temporais (primeiro dia da semana, oito dias depois). Ao passar por entre as portas fechadas, ação de um corpo glorioso (1Cor 15,44), Jesus “coloca-se de pé no meio deles”²⁹³, sendo a posição joanina para indicar o ressuscitado. Ele os saúda, dando o dom da paz, mostra-lhes os sinais nas mãos e seu lado, além do dom do Espírito Santo. Porém, Tomé não estão presente.

Apesar de ausente, conforme Malzoni²⁹⁴, ele é a figura principal dessa narrativa. Diante do testemunho alegre dos discípulos, ele faz exigências para crer, pois também deseja tocar as marcas daquele que crucificado está vivo como

²⁸⁹ MALZONI, C. V., Evangelho segundo João.

²⁹⁰ MALZONI, C. V., Evangelho segundo João, p. 32.

²⁹¹ MALZONI, C. V., Evangelho segundo João, p. 33.

²⁹² MALZONI, C. V., Evangelho segundo João, p. 33.

²⁹³ MALZONI, C. V., Evangelho segundo João, p. 308.

²⁹⁴ MALZONI, C. V., Evangelho segundo João, p. 309.

anunciado. A centralidade do personagem está em relacionar a identidade do crucificado com a do ressuscitado que veio até eles mediante a dúvida. Na segunda manifestação com Tomé, Jesus dialoga com o apóstolo e ao censurá-lo pela falta de fé (Jo 20,27), o personagem principal dá uma resposta que se caracteriza como uma confissão: “meu Senhor e meu Deus” (v.28). De acordo com Manzoni,²⁹⁵ é o momento ápice da cristologia do Quarto Evangelho e que retoma o prólogo (Jo 1,1).

Sem realizar uma relação com nenhuma atestação veterotestamentária, ele declara que a confissão, ainda, trata-se de um reconhecimento da divindade. E o evangelista, dessa forma, conforme Malzoni, completa uma tríade nesse capítulo da ressurreição “discípulo amado que não vê, nem toca, mas crê, tornando-se modelo para os que creem; Maria Madalena que vê, toca e anuncia a ressurreição; e Tomé que para crer, quis ver e tocar”²⁹⁶, porém que atinge uma formulação perfeita de fé em relação aos dois anteriores.

2.29

Jan Van Der Watt

Por meio de um artigo escrito²⁹⁷ em inglês de 2018, Van der Watt levanta um questionamento sobre a influência de alguns versos (Jo 1,18; 20,28) na elaboração das confissões da cristandade²⁹⁸. Em sua pesquisa, o autor propõe uma aproximação teológica e semântica sobre a utilização do termo “Deus” em Jo 1, ao Pai, e em Jo 20,28, a palavra “Senhor” é utilizada em diversas referências, inclusive a YHWH²⁹⁹. Por esse motivo, ele se propõe a averiguar o uso dos termos dentro do contexto do Quarto Evangelho, sem apoiar-se em definições dogmáticas.

Ao aproximar-se de Jo 1,1, no tocante ao vocábulo “Θεός/*Deus*”, ele aponta para a relação entre a Palavra e Deus, a sua preexistência, dirimindo a questão de ser duas entidades, *Logos* e Deus Pai³⁰⁰. A relação intrínseca, a identidade própria de Deus, o monoteísmo judaico preservado, a origem de tudo³⁰¹. Ele indica que é

²⁹⁵ MALZONI, C. V., Evangelho segundo João, p. 309.

²⁹⁶ MALZONI, C. V., Evangelho segundo João, p. 309.

²⁹⁷ VAN DER WATT, J., He was with God and was God?

²⁹⁸ VAN DER WATT, J., He was with God and was God?, p. 284.

²⁹⁹ VAN DER WATT, J., He was with God and was God?, p. 284.

³⁰⁰ VAN DER WATT, J., He was with God and was God?, p. 286.

³⁰¹ VAN DER WATT, J., He was with God and was God?, p. 287.

aplicada a Jesus uma contextualização de que é ele, sim, o Λόγος. Nesse ponto, o termo Θεός é utilizado para os dois, Jesus e Pai³⁰².

Ao chegar em Jo 20,28, um ápice da narrativa, ocorre a confissão de Tomé, que faz uma referência de Jesus como seu Senhor e seu Deus³⁰³. Apesar da tensão entre o crente e o não crente, a aparição do ressuscitado provoca uma alteração no nível de disposição do discípulo em crer. Para Van der Watt,³⁰⁴ tal confissão ecoa um fundamento teológico de João sobre Jesus com aquele que participa da criação e que possui o poder necessário sobre a vida e a morte. Ele é igual a Deus porque só realiza as obras que o Pai indica. Anteriormente, no próprio Evangelho, Jesus diz que o Pai dá a vida aos mortos e que o Filho também o faz, porque o Pai o aponta a realizar.

Como Van der Watt demonstra, há uma distinção entre o Pai e o Filho sem gerar confusão, nem no texto nem na percepção teológica joanina³⁰⁵. Como destacado pelo autor, as ações de Jesus em referência ao Pai, a utilização do termo “Deus” não deve gerar confusão de pessoas. Jesus ressuscita porque o Pai concede por meio de um mandado e pelo poder de realizar (Jo 5,19-23; 10,17-18), e que o vocábulo “Deus” reflete as duas personagens, de forma implícita, pois, ao longo do texto evangélico joanino, atuam em uníssono em virtude de terem uma relação íntima³⁰⁶.

A problemática de Jesus de se fazer igual a Deus (Jo 19,7), razão a qual é adicionada e sem julgamento perante uma possível infração na lei judaica sobre o monoteísmo é, no contexto do clímax do Evangelho, elucidada pela profissão de fé. Isso é trabalhado pelo evangelista quanto à relação vista pelos oponentes judaicos de Jesus e à descrição da relação entre Jesus e Deus Pai.

O conflito na macronarrativa ganha um novo tom com que Van der Watt propõe como a característica estrutural centro do Evangelho joanino, que é a missão de Jesus por ser enviado pelo Pai a fim de cumprir tudo que o Filho aprendeu do Pai³⁰⁷. Por meio da missão, é possível ver a relação entre o Pai e o Filho e o uso dos termos que não confundem tal relação na confissão de Tomé. O autor, porém, não

³⁰² VAN DER WATT, J., He was with God and was God?, p. 288.

³⁰³ VAN DER WATT, J., He was with God and was God?, p. 289.

³⁰⁴ VAN DER WATT, J., He was with God and was God?, p. 289.

³⁰⁵ VAN DER WATT, J., He was with God and was God?, p. 290.

³⁰⁶ VAN DER WATT, J., He was with God and was God?, p. 291.

³⁰⁷ VAN DER WATT, J., He was with God and was God?, p. 297.

realiza relações entre outros usos do termo YHWH, ou mesmo interações com outras atestações do AT na profissão de fé.

2.30

Dirk Gysbert Van Der Merke

Van der Merke discute em seu artigo,³⁰⁸ publicado em língua inglesa em 2019, as experiências de Jesus vividas e contidas no Evangelho de João e sua manifestação divina. Ele fala³⁰⁹ da existência de um esforço da primeira geração cristã em elaborar sua fé em Jesus com base nas experiências do ressuscitado. Como afirmado que a Palavra se fez carne (Jo 1,14), Jesus é a maneira a qual Deus comunica-se com os homens e que essa se traduz nos gestos, nos ensinamentos e na sua morte³¹⁰, sendo Jesus apresentado como o Filho de Deus. O texto transforma-se em um meio de trazer presente para o leitor a capacidade de participar³¹¹ da vida apresentada por Jesus no texto. A experimentação no nível da espiritualidade faz com que ocorra um envolvimento nos eventos lá contidos, provocando um desejo de seguir Jesus³¹².

As experiências³¹³ são possíveis de acontecer por serem dinâmicas, devido à interação com o texto. Ao ler o Evangelho, as características e os eventos contidos no próprio texto influenciam aquele que lê. Para Van der Merke³¹⁴, ainda, em João há uma impregnação da espiritualidade da Torá, na qual o evangelista compara Jesus com um influente e importante personagem veterotestamentário. Por meio de um paralelismo antitético, João contrasta Jesus com Moisés: a Lei por Moisés e graça e verdade por Jesus. Em Jesus, Deus inaugura uma nova forma de manifestar-se no seio do povo eleito, não mais em tenda, mas pelo *Logos* que se faz carne e habita entre o povo (Jo 1,14).

A partir desse olhar, torna-se claro o porquê a experiência realizada pelos discípulos da ressurreição de Cristo provoca uma “reformulação ou reconfiguração

³⁰⁸ VAN DER MERKE, D. G., The Divinity of Jesus in the Gospel of John.

³⁰⁹ VAN DER MERKE, D. G., The Divinity of Jesus in the Gospel of John, p. 1.

³¹⁰ VAN DER MERKE, D. G., The Divinity of Jesus in the Gospel of John, p. 1.

³¹¹ VAN DER MERKE, D. G., The Divinity of Jesus in the Gospel of John, p. 2.

³¹² VAN DER MERKE, D. G., The Divinity of Jesus in the Gospel of John, p. 2.

³¹³ VAN DER MERKE, D. G., The Divinity of Jesus in the Gospel of John, p. 2.

³¹⁴ VAN DER MERKE, D. G., The Divinity of Jesus in the Gospel of John, p. 3.

das convicções religiosas da Torá”³¹⁵. Desse ponto de vista, a espiritualidade proveniente da Torá transforma-se e é redefinida em Jesus, o Filho de Deus. Isso é perceptível na linguagem adotada pelo evangelista com seus “padrões linguísticos”³¹⁶, que enfatizam o movimento existente entre o céu e a terra, pois Jesus é aquele que vem do alto. Outrossim, alguns títulos cristológicos ao longo do texto evangélico servem em ordem “de um quadro de diferentes ângulos e perspectivas da sua divindade”³¹⁷ e do envolvimento do divino.

Os títulos que são destacados passam pelo *Logos* e Messias. Nesses, o Λόγος quer destacar a preexistência do Verbo, a divindade de Jesus, o seu envolvimento com a criação, é a presença de Deus mediante o uso metafórico e a revelação da vida. Quanto ao título Messias, pautado na espiritualidade e não na política, traz a revelação do “eu sou”. Para ele, também, a experiência do ressuscitado passa por três perspectivas³¹⁸: a teofania, a espiritualidade da Torá fomentada pelo evangelista e no contexto da confissão de Tomé, a afirmação “meu Senhor e meu Deus”. Essa é fruto, na elaboração da estrutura do Evangelho, de tornar o apóstolo “um porta-voz da fé cristológica”³¹⁹.

A partir de um ceticismo bem definido, Tomé elabora uma alta cristologia, diante da revelação do ressuscitado e que passa a um nível de fé e crença proveniente do seu convencimento. Seguindo alguns autores, assinala uma relação entre a profissão e o prólogo (Jo 1,1.18), vendo aí uma grande construção literária de inclusão no Evangelho, no qual o evangelista realiza uma revelação crescente de Cristo até o seu ápice na profissão de fé, confessando a divindade de Jesus. Dessa forma, Jesus é o Filho de Deus e que, por meio de suas teofanias, os discípulos fazem tal confirmação. Porém, o estudioso não realiza uma análise de outras atestações e relações entre o AT, por exemplo com o Sl 35,23.

³¹⁵ VAN DER MERKE, D. G., *The Divinity of Jesus in the Gospel of John*, p. 3.

³¹⁶ VAN DER MERKE, D. G., *The Divinity of Jesus in the Gospel of John*, p. 4.

³¹⁷ VAN DER MERKE, D. G., *The Divinity of Jesus in the Gospel of John*, p. 8.

³¹⁸ VAN DER MERKE, D. G., *The Divinity of Jesus in the Gospel of John*, p. 11.

³¹⁹ VAN DER MERKE, D. G., *The Divinity of Jesus in the Gospel of John*, p. 12.

2.31

Neil B. MacDonald

MacDonald publica um artigo³²⁰ em língua inglesa em 2019 que discute a dimensão do tempo para o ressuscitado e seus sinais de identificação em suas marcas como uma expressão teológica de uma identidade absoluta na perícopes de Jo 20,24-29. Segundo ele, Jesus possui uma soberania sobre o tempo, devido ser eterno, apesar da “promulgação da soberania”³²¹ ocorrer no tempo, no qual a categoria do tempo eterno está presente na cristologia joanina. Nesta, Cristo revela-se a si mesmo apresentando suas feridas aos apóstolos, com e sem Tomé, que são originadas no evento da cruz. Esse discípulo realiza uma confissão (v.28) que orienta para o além e para uma sucessiva descontinuidade no ver³²², tão explorado em João, que passa a ser não necessário para aqueles que creem (v.29).

Uma verificação realizada por MacDonald é que está no centro da cristologia joanina e sinótica as atitudes de Jesus como únicas e que remetem a ação de Deus no AT. Ele percebe que entre os Capítulos de Jo 2 – 11, Jesus tem atitudes que são de competência de YHWH³²³, cabendo destaque à ressurreição de Lázaro. Apesar do distanciamento da tradição sinótica, conforme MacDonald, ocorre uma assimilação na tradição da cristologia do Filho do Homem Celestial³²⁴. Isso porque atribuir a origem de Jesus antes da criação do tempo e sua reintrodução no céu traduz uma similitude de Jesus a YHWH, o eterno³²⁵. E, nesse ponto, acontece um confronto religioso com o judaísmo, que prega um monoteísmo estrito, ou seja, um Deus, YHWH eterno.

Há uma percepção de MacDonald ao observar outros estudiosos de que há uma divisão entre eles no tocante à intencionalidade do evangelista em mostrar Jesus igual a YHWH. E isso é apresentado quando Jesus anuncia da mesma forma que YHWH, como observado no Deutero-Isaías, quando ele informa ser antes de Abraão (Jo 8,58; Ap 1,4.8). A dúvida dos estudiosos gira em torno do

³²⁰ MACDONALD, N. B., Time is no barrier in John’s resurrection narrative (Jo 20: 24-29): theology of the absolute identity of the ‘wounds at the cross’?

³²¹ MACDONALD, N. B., Time is no barrier in John’s resurrection narrative (Jo 20: 24-29), p. 1.

³²² MACDONALD, N. B., Time is no barrier in John’s resurrection narrative (Jo 20: 24-29), p. 2.

³²³ MACDONALD, N. B., Time is no barrier in John’s resurrection narrative (Jo 20: 24-29), p. 3.

³²⁴ MACDONALD, N. B., Time is no barrier in John’s resurrection narrative (Jo 20: 24-29), p. 3.

³²⁵ MACDONALD, N. B., Time is no barrier in John’s resurrection narrative (Jo 20: 24-29), p. 4.

comportamento de Jesus,³²⁶ que parece introduzir uma mudança no judaísmo que Jesus age como ou remete-se a YHWH. Segundo MacDonald, ainda, há um ponto de tensão entre Jo 20,17 e Jo 20,28³²⁷. Isso porque, no v.17, há o desenvolvimento da cristologia no Evangelho quando, na ressurreição de Jesus, o apóstolo refere-se a Ele como “meu Deus e seu Deus”³²⁸.

Já no v.28, João acredita que a apresentação das marcas feitas por Jesus remetem numericamente às feridas da crucificação. A partir dessa constatação, há uma demonstração da entrega de Jesus e que promulga sua soberania sobre o tempo. E, nesse ponto, MacDonald chama a atenção para o fato de que a declaração não está na soberania sobre o espaço.³²⁹ Igualmente, as aparições, contidas em Jo 20, sem e com Tomé, são carregadas das mesmas marcas da crucificação “no ressuscitado mostrando uma continuidade entre aquele que morreu e que vive”³³⁰. Perante as imposições e o ceticismo de Tomé, sua confissão é uma demonstração de uma alta compreensão cristológica, Jesus apresenta-se soberano diante do tempo.

Por fim, MacDonald observa que Tomé passa por um “processo de javerização”³³¹. Tomé tem uma referência naquilo que deve crer, a partir do testemunho dos outros discípulos “vimos o Senhor” (v.25), ou seja, Jesus como Messias, Filho de Deus ou Filho do Homem Celestial (v.17). No entanto, Tomé vai além com a sua confissão (v.28). Apesar de perceber a soberania e suas características em Jesus como YHWH, MacDonald não faz menção veterotestamentária específica de uma relação com o Tetragrama.

2.32

Raymond Edward Brown

Em seu comentário exegético-teológico em dois volumes escrito em língua inglesa e publicado no Brasil em 2020 sobre o Evangelho de João³³², Brown traz uma grande contribuição na análise do Quarto Evangelho. Especificamente em Jo 20, ele relata existir duas testemunhas evangélicas que dispõem a aparição do

³²⁶ MACDONALD, N. B., Time is no barrier in John's resurrection narrative (Jo 20: 24-29), p. 5.

³²⁷ MACDONALD, N. B., Time is no barrier in John's resurrection narrative (Jo 20: 24-29), p. 7.

³²⁸ MACDONALD, N. B., Time is no barrier in John's resurrection narrative (Jo 20: 24-29), p. 7.

³²⁹ MACDONALD, N. B., Time is no barrier in John's resurrection narrative (Jo 20: 24-29), p. 9.

³³⁰ MACDONALD, N. B., Time is no barrier in John's resurrection narrative (Jo 20: 24-29), p. 12.

³³¹ MACDONALD, N. B., Time is no barrier in John's resurrection narrative (Jo 20: 24-29), p. 17.

³³² BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, vols. 1 e 2.

ressuscitado na área de Jerusalém (Lucas e apêndice de Marcos), enquanto outras duas colocam na área da Galileia (Mateus e Jo 21); além disso, os detalhes do relato de Jo 20 sobre a aparição em Jerusalém aproxima-se, de forma especial, a Lucas³³³.

No meio acadêmico, segundo ele³³⁴, ocorre quase uma unanimidade sobre a perícope dos vv.24-29 ser uma narrativa independente e, devido a isso, não poder ser comparada a uma narrativa. Está na essência do relato de Tomé uma relação de intimidade com as aparições mais antigas dos discípulos, sendo assim, importante a narrativa precedente (v.19-23), pois, para ter uma sequência dentro dessa mesma seção, é necessário o v.24 que tem a função de unificar as duas narrativas. Convém recordar que, para Brown, em Jo 20, há a primeira cena (vv.1-18) e a segunda cena (vv.19-29)³³⁵. E, nesta última, as duas narrativas: vv.19-23 – aparição de Jesus aos discípulos sem Tomé e vv.24-29 – aparição aos discípulos com Tomé.

No que tange à aparição do ressuscitado aos discípulos, parece ocorrer uma retomada da problemática de Lc 24, em que Brown³³⁶ percebe semelhanças na aparição de Jesus (Lc 24,36 e Jo 20,19), sendo relatado o temor dos discípulos ao pensarem estar diante de um espírito. e a disposição de Jesus em apresentar as mãos e os pés (Lc 24,39). Mesmo assim, o tema da incredulidade também paira nas narrativas do ressuscitado na tradição sinótica (Lc 24,41; Mc 16,14; Mt 28,17).

O discípulo duvidoso é usado por João como um instrumento apologético que tem como objetivo enfatizar as características da tangibilidade e da materialidade do corpo de Jesus ressuscitado,³³⁷ porque, mesmo Jesus apresentando seu lado e suas mãos, a dúvida ainda permanece em Lc 24,41-43. Por isso, é importante entender a dramatização da dúvida de Tomé (v.25), que recorre ao v.20, e que o v.26 parafraseia o v.19. Diante dessa construção narrativa, percebe-se os elementos teológicos joaninos, como o tornar-se fiel (v.27), a profissão de fé (v.28), que tem um propósito teológico explorado pelo evangelista de tornar o apóstolo o porta-voz da dúvida apostólica, encerrando o Evangelho com uma manifestação da fé completa. E essa fé é expressa no macarismo (v.29), sendo único e distinto em relação às ocorrências das aparições pós-ressurreição nos demais Evangelhos.

³³³ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, vol. 2, p. 1509.

³³⁴ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, vol. 2, p. 1514.

³³⁵ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, vol. 2, p. 1447.

³³⁶ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, vol. 2, p. 1515.

³³⁷ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, vol. 2, p. 1515.

O incrédulo Tomé dá voz a uma confissão de fé que o transporta a uma convicção a qual o Jesus que aparece é aquele que é exaltado na crucificação, ressurreição e ascensão ao Pai e que recebe a glória do Pai que tinha antes de vir ao mundo³³⁸. Brown, também, averigua que a combinação dos títulos “Senhor e Deus”³³⁹ é demonstrada na literatura pagã religiosa do final do século I d.C., com o culto ao imperador Domiciano (*dominus et deus noster*). Porém, o estudioso aponta que a fonte do evangelista é estritamente bíblica.

A combinação dos termos provém da Septuaginta, que traduz o Tetragrama segundo YHWH pela palavra “Senhor” e o nome “Elohim” por “Deus”³⁴⁰. De acordo com Brown, a tradução usual de YHWH Elohay na LXX é de “Senhor, meu Deus”. E que ao observar o AT, a expressão mais próxima e semelhante à fórmula joanina é o Sl 35,23 – “meu Deus e meu Senhor”, consistindo, assim, na suprema proclamação cristológica do Quarto Evangelho³⁴¹. De uma maneira geral, conforme Brown diz, a utilização do termo “Deus” no NT não se enquadra em uma formulação dogmática, mas, para ele, trata-se de um contexto litúrgico e cultural,³⁴² e que a expressão (v.28) está relacionada estruturalmente ao hino do prólogo (Jo 1,1).

2.33

Jean Pierre Lémonon

Em seu comentário³⁴³ escrito em língua francesa em 2020, Lémonon aborda que o Quarto Evangelho abre-se com um prólogo (Jo 1,1-18) e termina com um epílogo (Jo 21,1-25) como narrativa que se constitui como um grande percurso de fé no Verbo e que, também, possui um convite a professar esta fé³⁴⁴ “meu Senhor e meu Deus” (v.28), em que os leitores são chamados a reconhecer que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, para que tenham vida em seu nome (Jo 20,31). Lémonon³⁴⁵, também, divide o Evangelho de João em duas partes, a saber: 1,19 – 12,50 e 13,1 –

³³⁸ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, vol. 2, p. 1533.

³³⁹ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, vol. 2, p. 1534.

³⁴⁰ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, vol. 2, p. 1534.

³⁴¹ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, vol. 2, p. 1534.

³⁴² BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, vol. 2, p. 1534.

³⁴³ LÉMONON, J.-P., Pour lire L'Évangile selon Saint Jean.

³⁴⁴ LÉMONON, J.-P., Pour lire L'Évangile selon Saint Jean, p. 15.

³⁴⁵ LÉMONON, J.-P., Pour lire L'Évangile selon Saint Jean, p. 16.

20,31. Nessa segunda parte³⁴⁶, há o relato das pessoas que estão relacionadas com as aparições do ressuscitado. Como se observa, Jesus prepara seus discípulos para o momento crucial da paixão e morte na cruz, visto como a manifestação da glória, por meio dos discursos de despedida (Jo 13,31 – 14,31; 15,1 – 16,33) e que lhes anuncia a sua partida e a vinda do Espírito Santo.

Ao analisar a terceira seção (Jo 20,1-29), da segunda parte denominada por Lémonon “em direção à glorificação”³⁴⁷, ele destaca que a mensagem pascal desenvolve-se a partir do túmulo vazio constatado por dois discípulos (Pedro e o discípulo amado) para as aparições do ressuscitado, dando um destaque aos personagens Maria Madalena e Tomé, que são ignorados nos relatos dos Sinóticos. A expressão dos discípulos “vimos o Senhor” (v.25), de acordo com Lémonon, “recobra a palavra de Maria Madalena aos discípulos”³⁴⁸ (v.18). Diante do anúncio, Tomé recebe-o, exigindo poder ter uma experiência semelhante à ocorrida com os apóstolos, todavia, a iniciativa de mostrar os sinais das mãos e do lado a eles parte de Jesus. Conforme Lémonon, “a eles foi podido crer; Tomé, por sua vez, recusa acreditar no testemunho deles”³⁴⁹.

Na segunda aparição, seguindo as mesmas características da primeira (portas fechadas, oito dias depois, saudação de paz), Jesus reporta-se diretamente a Tomé, mostra-lhe o lado e as mãos, a fim de que ele os toque, e convida-o a mover-se da postura de descrença. Em vez de executar a atitude de tocar, o apóstolo expressa uma confissão sobre o ressuscitado, caracterizando-se como uma das “mais fortes do evangelho que fazem eco ao prólogo onde está afirmada a divindade do Verbo”³⁵⁰. À resposta de Tomé, Jesus destaca que seus discípulos podem alcançar a fé sem ver nem tocar (v.29). Por fim, para Lémonon, a expressão de Tomé, também, busca o seu significado “Κύριός/*Senhor*” “no nome pelo qual o Deus de Israel é designado na LXX”³⁵¹. Salienta, ainda, que no NT o vocábulo “Senhor” é usado e aplicado a Jesus ressuscitado diversas vezes, destacando-se nas cartas de Paulo. Porém, são mais escassas as atestações “Θεός/*Deus*” qualificando Jesus (Jo 1,1c; 1Jo 5,20; Rm 9,5; Tt 2,13).

³⁴⁶ LÉMONON, J.-P., Pour lire L'Évangile selon Saint Jean, p. 17.

³⁴⁷ LÉMONON, J.-P., Pour lire L'Évangile selon Saint Jean, p. 24.

³⁴⁸ LÉMONON, J.-P., Pour lire L'Évangile selon Saint Jean, p. 565.

³⁴⁹ LÉMONON, J.-P., Pour lire L'Évangile selon Saint Jean, p. 566.

³⁵⁰ LÉMONON, J.-P., Pour lire L'Évangile selon Saint Jean, p. 566.

³⁵¹ LÉMONON, J.-P., Pour lire L'Évangile selon Saint Jean, p. 567.

2.34

Juan Mateos e Juan Barreto

Mateos e Barreto escrevem em 1982 seu comentário exegético sobre o Evangelho de João, traduzido e publicado em português em 2021³⁵², e realizam também uma análise linguística. Ao averiguarem Jo 20, percebem uma delimitação clara indicada por uma expressão cronológica denominada “primeiro dia da semana” (Jo 20,1-31). Tal terminologia, marcada nos vv.1.19.26, sublinha “o começo da etapa definitiva da criação”³⁵³.

Eles dividem, em consonância com muitos estudiosos, o capítulo 20 em quatro perícopes e uma conclusão, como segue: a primeira, introdutória – vv.1-10, marcada pelo sepulcro vazio; a segunda, os vv.11-18, o encontro de Jesus com Maria Madalena no jardim; a terceira, os vv.19-23, o encontro do ressuscitado com os discípulos sem Tomé, com o tema da nova criação (v.22) com a infusão do Espírito Santo; a quarta, os vv.24-29, com uma inclusão do discípulo incrédulo e a dúvida da comunidade (vv.1-10), terminando com a bem-aventurança aos que creram sem ver (v.29); e a conclusão de toda a atividade de Jesus (vv.30-31)³⁵⁴.

Eles apresentam uma divisão da perícopa de 20,24-29³⁵⁵: a) a incredulidade de Tomé (vv.24-25); b) a datação que marca a aparição de Jesus (v.26); e c) o diálogo de Jesus e Tomé, com a inclusão da bem-aventurança (vv.27-29). Há uma indicação nesse texto que propõe uma adesão verdadeira a Jesus, acreditando que ele está vivo, ressuscitado, sendo o centro da fé cristã. O conhecimento dessa verdade é apresentado na expressão dos outros discípulos a Tomé: “vimos o Senhor” (v.25). Essa frase alegre deles “não é mera afirmação da palavra, mas formula a experiência de Jesus, que os transformou, infundindo-lhes o Espírito”³⁵⁶. No entanto, Tomé não acolhe o testemunho do grupo e não acredita e, como apontam Mateos e Barreto, “as frases redundantes de Tomé com sua repetição de palavras sublinham estilisticamente sua teimosia”³⁵⁷.

³⁵² MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João.

³⁵³ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 833.

³⁵⁴ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 833-834.

³⁵⁵ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 866.

³⁵⁶ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 868.

³⁵⁷ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 868.

Jesus aparece novamente e “torna-se presente aos que o amam”³⁵⁸. Ele manifesta-se a todos e não somente a Tomé, separadamente, apesar de, logo após a saudação, dirigir-lhe diretamente a palavra. O evangelista “insiste fortemente no aspecto físico da prova que Tomé requiere e que Jesus está disposto a lhe conceder”³⁵⁹ e, com isso, destaca uma continuidade entre a crucificação e a morte (passado) e a ressurreição e a vida (presente) de Jesus. Mateos e Barreto expõem que “a resposta de Tomé é tão extremada como sua incredulidade”³⁶⁰. Por sua vez, o termo “Senhor” é uma designação já usada ao longo do Quarto Evangelho como eles destacam (Jo 13,13), Senhor e Mestre, ou o Senhor que lava os pés (Jo 13,14). Todavia, que agora é denominado pelo apóstolo de “Senhor meu”, fruto de um reconhecimento do amor oferecido por Jesus e aceito pelo discípulo e que expressa sua adesão total (possessivo meu), indicando, como na situação de Maria Madalena, uma proximidade com o ressuscitado³⁶¹.

Para Mateos e Barreto, igualmente, “a expressão de Tomé ‘Senhor meu’ é o reconhecimento da máxima qualidade humana realizada em Jesus”³⁶². Como eles destacam, similarmente, depois do prólogo (Jo 1,18) a profissão (v.28) constitui-se a primeira vez a qual Jesus é denominado de Deus. Para eles, as palavras de Tomé “Deus meu” são colocadas em relação à frase de Jesus destinada a Maria Madalena “subo a meu Pai, que é vosso Pai, meus Deus e vosso Deus” (Jo 20,17), porque ele tem “a vida do Pai e a totalidade do seu Espírito que fez combinar sua condição humana na condição divina”³⁶³.

Apesar de Mateos e Barreto indicarem que Tomé, por sua confissão, descreve a identificação de Jesus com o Pai (Deus meu) e uma identificação com os homens (Senhor), eles não traçam relações com outras evidências textuais, nem outras atestações veterotestamentárias sobre os dois vocábulos usados pelo evangelista na profissão de fé de Tomé, nem de forma específica com o Sl 35,23.

³⁵⁸ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 869.

³⁵⁹ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 870.

³⁶⁰ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 871.

³⁶¹ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 871.

³⁶² MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 871.

³⁶³ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 871.

2.35

Luigi Orlando

Composto o escrito em língua italiana em 2022, a obra³⁶⁴ de Orlando apresenta que a ressurreição consiste no centro da nossa fé (Rm 10,9; 1Cor 15,17) e que nos Evangelhos não há o interesse de descrever os detalhes dela, mas ele indica um caminho da vitória sobre a cruz e como encontrar o ressuscitado³⁶⁵. Como cita Orlando³⁶⁶, tais aparições, para uns estudiosos, podem tratar-se de interpretações salvíficas do evento da cruz ou, para outros, de um evento histórico.

Jo 20 apresenta os eventos pós-ressurreição, que são as aparições do ressuscitado aos discípulos, e pode ter a seguinte divisão³⁶⁷: a) fatos no sepulcro (vv.1-18); b) os discípulos no cenáculo (vv.19-29); e c) conclusão (vv.30-31). Na letra *b*, tem-se a segunda aparição com a presença de Tomé³⁶⁸. A partir de uma expressão repetida (v.20a) que contém um anúncio, vindo de Maria Madalena (v.18), os discípulos testemunham a Tomé “vimos o Senhor” (v.25a). Mas esse discípulo não se dispõe a crer e desafia Jesus de mostrar as mãos e o lado, ele deseja tocar os sinais, a fim de poder crer. Segundo Orlando³⁶⁹, tal desafio conforta-se aos gestos do ressuscitado aos discípulos anteriormente e demonstra que as feridas não são apagadas porque consistem no sinal do amor e da violência sofrida pelo redentor, sendo sinais da misericórdia e do perdão de Deus operados em Jesus.

O encontro com Tomé (vv.26-29) segue os elementos característicos dispostos na primeira aparição aos discípulos sem Tomé. Porém, naquele encontro, Jesus direciona-se ao apóstolo, provocando-o ao conceder todas as suas exigências. Orlando³⁷⁰ percebe que Jesus ressuscitado tem a identidade daquele que foi crucificado. Além disso, ele entende uma relação desse relato, no âmbito da estrutura, com Lc 24,36-43. A entrada de Jesus a portas fechadas provoca nos discípulos medo, uma vez que acreditam estar diante de um fantasma. Por esse motivo, a ação de Jesus é de mostrar suas mãos e seu lado (corpo)³⁷¹. Jesus escolhe

³⁶⁴ ORLANDO, L., Giovanni.

³⁶⁵ ORLANDO, L., Giovanni, p. 287.

³⁶⁶ ORLANDO, L., Giovanni, p. 288.

³⁶⁷ ORLANDO, L., Giovanni, p. 290.

³⁶⁸ ORLANDO, L., Giovanni, p. 294.

³⁶⁹ ORLANDO, L., Giovanni, p. 295.

³⁷⁰ ORLANDO, L., Giovanni, p. 295.

³⁷¹ ORLANDO, L., Giovanni, p. 295.

vir e aparecer a Tomé na comunidade reunida, pois é essa fé e a atitude do discípulo que encontram a comunhão e que se tornam um modelo para os cristãos. Segundo ele³⁷², a comunidade experimenta a presença do ressuscitado, onde ocorre a verificação, o amadurecimento e a profundidade da experiência da fé. É na comunidade que Jesus é o Senhor e Deus, baseado também no testemunho dos discípulos.

Nos relatos da ressurreição, Jesus demonstra uma liberdade soberana em aparecer e desaparecer dos lugares e de diversas formas. Tanto em João quanto no Evangelho de Lucas, ele exibe-se em uma “presença repentina espiritual e corporal”,³⁷³ que ressalta o caráter da novidade da ressurreição, sobrepondo duas realidades que proporcionam uma continuidade entre o “Jesus histórico e o Cristo da fé, pregado e adorado”.³⁷⁴

Por fim, segundo Orlando³⁷⁵, a profunda e densa profissão de fé de Tomé sobre a identidade de Jesus é possível ser conferida no Sl 35,23, com a expressão Senhor e Deus. Ademais, o autor traz textos dos Atos dos Apóstolos (1,21; 2,20.25.34.35; 4,33; 11,17) e de Paulo (Fl 2,11; Rm 10,9.13), nos quais o vocábulo “Senhor” destaca o Cristo glorioso.

2.36

Alessandra Casneda

Casneda, em seu livro³⁷⁶ sobre a análise narrativa de Jo 20, publicado em italiano em 2023, discute o papel do ver no nascimento da fé pascal. Ela levanta a problemática dos tempos sucessivos à aparição, no que diz respeito aos fiéis que, chamados a crer na ressurreição do Senhor, não podem mais vê-lo como os discípulos da primeira geração. Ao iniciar a obra joanina, afirma-se que a glória de Deus se manifesta na encarnação e que os discípulos são convidados a acreditar em Jesus que é o Cristo e Filho de Deus (Jo 20,30-31)³⁷⁷.

³⁷² ORLANDO, L., Giovanni, p. 295.

³⁷³ ORLANDO, L., Giovanni, p. 296.

³⁷⁴ ORLANDO, L., Giovanni, p. 296.

³⁷⁵ ORLANDO, L., Giovanni, p. 296.

³⁷⁶ CASNEDA, A., Giovanni 20.

³⁷⁷ CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 7.

A pesquisadora realiza uma exposição de sua pesquisa³⁷⁸ ao reconhecer que Jo 20: a) ocorre uma articulação no relato entre ver e crer; b) há o estudo no relato do nascimento da fé pascal; c) tem o tema da fé no seu papel interno no Evangelho; d) a execução de análise nas discussões de “adeus”; e e) a cruz e ressurreição são considerados como um evento unitário. Algo que é levantado pela pesquisa é o impacto das diferentes formas e dos significados do verbo “ver”, que são trabalhados no texto (βλέπω, θεωρέω, ὁράω)³⁷⁹. Casneda, também, observa uma outra dificuldade, além das formas do verbo “ver”, como este verbo impacta o nascimento da fé em Jesus ressuscitado³⁸⁰, o qual diante do testemunho dos discípulos (Jo 20,24) esbarra na declaração do apóstolo em também querer ver e, ademais, ter uma experiência dos sinais, sendo que isso pode se tornar um obstáculo.

Ao citar o exemplo de Tomé, nesse processo do nascimento da fé pascal, a estudiosa apresenta que, ao entrar na dimensão da escuta do anúncio e do seu acolhimento, o apóstolo passa para o nível do sensível de ver e tocar para poder crer. Diante dessa atitude, Jesus declara um macarismo daqueles que crerem sem terem visto, crendo somente no anúncio³⁸¹. É nesse sentido que ocorre um momento culminante de um desenvolvimento³⁸² nos personagens no processo de ver e escutar como ponto de partida da fé. Casneda³⁸³ mostra o seguinte entrelaçamento na perícopos de Jo 20,24-29: uma exposição (v.24); uma ação (v.25); uma segunda exposição (v.26a); uma segunda ação (vv.26b-28) e uma conclusão (v.29). Mas ela afirma que a história nova começa somente no v.26, pois considera que a informação relativa da ausência de Tomé e o anúncio recebido dos outros discípulos funcionam como uma conclusão da história da perícopos anterior³⁸⁴.

O que Casneda sugere é que, no relato de Jo 20,24-29, Tomé tem uma função dupla e um papel de relação entre os primeiros discípulos e os da geração posterior em seu próprio nome³⁸⁵. Em Jo 20,28, segundo ela³⁸⁶, trata-se de uma anagnórise, que consiste em um recurso narrativo no qual o personagem descobre

³⁷⁸ CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 8-9.

³⁷⁹ CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 9.

³⁸⁰ CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 10.

³⁸¹ CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 12.

³⁸² CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 11.

³⁸³ CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 316.

³⁸⁴ CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 316.

³⁸⁵ CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 318.

³⁸⁶ CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 336.

os dados essenciais ocultos da identidade dele ou de outros personagens, forçando-o a uma formalização mais exata daquele que o rodeia e de si mesmo. A declaração de Tomé, segundo ela³⁸⁷, levanta dois questionamentos, um de ordem sintática e outro de ordem semântica. Do ponto de vista sintático, devido à fórmula usada “respondeu-lhe Tomé”, observa-se que, apesar do uso do nominativo com função de vocativo, torna-se clara que se refere a uma locução e não a uma exclamação. Quanto à ordem semântica³⁸⁸, a atribuição de Senhor a Jesus é uma referência de Filho de Deus do período pós-pascal. Ademais, em um primeiro momento, a declaração de Tomé mostra a adesão da pessoa a Jesus como Senhor e Deus, parecendo referir-se ao senhorio divino de Jesus. E, em um segundo momento, pelo viés narrativo, dá-se um reconhecimento dele ser o Senhor da vida, aquele que pode dar e retomá-la a todos que tem parte como ele em seu amor³⁸⁹.

Por fim, é interessante perceber que, devido Casneda realizar uma abordagem narrativa do capítulo 20 do Quarto Evangelho, ela não faz uma relação veterotestamentária, sobre o uso dos termos da profissão, atendo-se ao seu uso e significado no macro relato do Evangelho.

Após da verificação teológica, ao percorrer alguns séculos, tendo iniciado com Tomás de Aquino (séc. XIII), passando, em seguida, pelo reformador João Calvino (séc. XVI), e progredindo nas análises até a pesquisadora A. Casneda (séc. XXI). Essa investigação, com uma seleção de trinta e seis exegetas, com vistas a atingir deles uma compreensão bíblica mais sólida, averiguando a maneira como interpretam e analisam a perícopes de Jo 20,24-29, dando ênfase na profissão de fé de Tomé, realizando, também, sondagens sobre a possibilidade de existir uma relação factível no AT, por meio do Sl 35(34),23. Percebe-se que, desde os Padres da Igreja, citados por Tomás de Aquino, destaca-se a realidade da divindade de Jesus ressuscitado, relacionando a confissão de Tomé com o prólogo do próprio Evangelho. Além do mais, ressalta-se a descrença de Tomé, o seu valor, sendo que alguns apontam na perícopes o tema da incredulidade, para as gerações posteriores que, por meio da profissão de fé, podem também experimentar a bem-aventurança, vivendo a fé sem ver. Ademais, os estudiosos, principalmente, após a década de

³⁸⁷ CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 336-337.

³⁸⁸ CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 337-338.

³⁸⁹ CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 338.

noventa, começam a conectar a confissão do apóstolo com o Sl 35,23, como sua base veterotestamentária.

3.

Tradução, segmentação e notas da perícopre de Jo 20,24-29

Θωμᾶς δὲ εἷς ἐκ τῶν δώδεκα, ὁ λεγόμενος Δίδυμος, οὐκ ἦν μετ' αὐτῶν	24a	Tomé, porém, um dos Doze, o chamado Dídimos, não estava com eles ³⁹⁰
ὅτε ἦλθεν Ἰησοῦς.	24b	quando veio Jesus.
ἔλεγον οὖν αὐτῷ οἱ ἄλλοι μαθηταί	25a	Diziam-lhe, então, os outros discípulos
ἑωράκαμεν τὸν κύριον.	25b	vimos o Senhor.
ὁ δὲ εἶπεν αὐτοῖς	25c	ele, porém, disse-lhes:
ἐὰν μὴ ἴδω ἐν ταῖς χερσὶν αὐτοῦ τὸν τύπον ³⁹¹ τῶν ἥλων	25d	se eu não vir ³⁹² nas mãos dele a marca dos pregos
καὶ βάλω τὸν δάκτυλόν μου εἰς τὸν τύπον τῶν ἥλων	25e	e colocar o meu dedo na marca dos pregos
καὶ βάλω μου τὴν χεῖρα εἰς τὴν πλευρὰν ³⁹³ αὐτοῦ,	25f	e colocar minha mão no lado dele
οὐ μὴ ³⁹⁴ πιστεύσω.	25g	de forma alguma creerei ³⁹⁵
Καὶ μεθ' ἡμέρας ὀκτὼ πάλιν ἦσαν ἔσω οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ καὶ Θωμᾶς μετ' αὐτῶν.	26a	E oito dias depois, dentro ³⁹⁶ , de novo estavam os discípulos dele e Tomé (estava) com eles.
ἔρχεται ὁ Ἰησοῦς τῶν θυρῶν κεκλεισμένων	26b	Vem Jesus, (estando) as portas fechadas,

³⁹⁰ Para manter a estrutura do caso genitivo, a tradução mais apropriada seria “no meio deles”. Contudo, a fim de manter a lógica do v.26a, prefere-se a expressão “com eles”.

³⁹¹ A expressão aqui é “τὸν τύπον/a marca” e não “τόν τόπον/o lugar” segundo apresentado na NA²⁸.

³⁹² Apesar da forma verbal ἴδω encontrar-se no aor. subj. at. e que comumente pode ser traduzido como presente do subjuntivo, conforme SWETNAM, J., Gramática do Grego do Novo Testamento, p. 122; optou-se na tradução pelo futuro do subjuntivo indicativo, respeitando o sentido da narrativa (como se repete no v.25ef com a forma verbal βάλω).

³⁹³ A expressão “τὴν πλευρὰν/o lado” também ocorre em Jo 19,34, quando Jesus é ferido em seu lado por um dos soldados na crucificação. E o mesmo vocábulo é usado em Gn 2,21-22 (LXX), para referir-se ao lado (costela) de Adão para o surgimento de Eva.

³⁹⁴ A expressão οὐ μὴ possui um caráter enfático negativo, reforçando ainda mais a negação, podendo, ainda, ser traduzido por: certamente não, de forma alguma, absolutamente não etc.

³⁹⁵ A forma verbal πιστεύσω pode ser fut. ind. ou aor. subj. at., segundo ZERWICK, M.; GROSVENOR, M., A Grammatical Analysis of the New Testament, p. 345. Nesse caso, preferiu-se pelo futuro seguindo o sentido da narrativa.

³⁹⁶ Faz referência clara à expressão “as portas fechadas”, constante nos vv.19.26b.

καὶ ἔστη εἰς τὸ μέσον	26c	e ficou de pé no meio
καὶ εἶπεν· εἰρήνην ὑμῖν.	26d	e disse: a paz (esteja) convosco ³⁹⁷ .
εἶτα λέγει τῷ Θωμᾶ	27a	Então, diz a Tomé
φέρε ³⁹⁸ τὸν δάκτυλόν σου ὧδε	27b	traze o teu dedo aqui
καὶ ἴδε τὰς χεῖράς μου	27c	e vê as minhas mãos
καὶ φέρε τὴν χεῖρά σου	27d	e traze a tua mão
καὶ βάλε εἰς τὴν πλευράν μου,	27e	e coloque (a) no meu lado,
καὶ μὴ γίνου ἄπιστος ἀλλὰ πιστός.	27f	e não sejas incrédulo ³⁹⁹ , mas crédulo.
ἀπεκρίθη Θωμᾶς	28a	Respondeu ⁴⁰⁰ Tomé
καὶ εἶπεν αὐτῷ· ὁ κύριός μου καὶ ὁ θεός μου.	28b	E disse-lhe: meu Senhor e meu Deus.
λέγει αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς	29a	Diz-lhe Jesus:
ὅτι ἐώρακάς με	29b	porque me viste
πεπίστευκας;	29c	Creste?
μακάριοι ⁴⁰¹ οἱ μὴ ἰδόντες	29d	Bem-aventurados os que não viram
καὶ πιστεύσαντες.	29e	e creram.

Tabela 1 - Texto da NA²⁸ e tradução do autor.

³⁹⁷ Um outra possibilidade de tradução é: paz a vós.

³⁹⁸ O verbo φέρε, no v.27bd, pode ser traduzido pelo verbo estender (estende).

³⁹⁹ Outra possibilidade de tradução também seria: “e não sejas incrédulo, mas fiel”; porém, o contexto de profissão de fé parece ser mais propício para incrédulo e crédulo, visto que conserva melhor o campo semântico do crente e do não crente.

⁴⁰⁰ O verbo encontra-se no ind. aor. pas., podendo ser traduzido por “foi respondido por”.

⁴⁰¹ O termo pode ser traduzido por “bem-aventurados” e “felizes”, segundo GROSVENOR, M.; ZERWICK, M., A Grammatical Analysis of the Greek New Testament, p. 346; além dessas traduções, também por: “afortunados e/ou privilegiados”, conforme DANKER, F. W., A Greek-English of the New Testament and Other Early Christian Literature, p. 541-542, aplicado a Jo 20,29. Devido a essas possibilidades, KÖNINGS, J., João, p. 500; CARSON, D. A., O Comentário de João, p. 660; VANNI, U., Il Tesoro di Giovanni, p. 236; entre outros; outrem optam pela tradução de felizes, tais como: KLINK III, E. W., John, p. 879; CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 358; PÉREZ MILLOS, S., Juan, p. 1790; MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 872; BULTMANN, R., The Gospel of John, p. 695; BROWN, R. B., Comentário ao Evangelho segundo João, p. 1535, entre outros. Em razão disso, opta-se pela tradução de bem-aventurados a fim de ressaltar o contexto do macarismo.

3.1

Notas de crítica textual da perícopre de Jo 20,24-29

Após realizada a segmentação e tradução⁴⁰², passa-se ao exame do Aparato Crítico (*critica textus*)⁴⁰³ da perícopre de Jo 20,24-29, segundo a NA²⁸. Nessa análise, considera-se alguns problemas de variantes nos seguintes versículos: 24b.25d.25e.25f.27f.28a.29a. Contudo, de antemão, é possível afirmar que tais variantes não geram grandes preocupações à compreensão do texto, como se observa a seguir, seja para a tradução, seja para a teologia do texto.

No v.24b, verifica-se um acréscimo do artigo “ó/o” antes do substantivo “Ἰησοῦς/Jesus” nos seguintes manuscritos: A (*Codex Alexandrinus*), K (*Codex Cyprius*), L (*Codex Regius*), W (*Codex Freerianus*), Γ (*Codex Tischendorfianus*), Δ (*Codex Sangallensis*), Θ (*Codex Corideticianus*), Ψ (*Codex Athous Lavrensis*), 050. 078 f^{1.13} 33. 565. 700. 892^s. 1241. 1242. l 844 e ℞. Porém, o não acréscimo do artigo “ó/o” antes do substantivo “Ἰησοῦς/Jesus” conta com o apoio de testemunhas de peso, ainda que em menor número, visto que “os manuscritos devem ser pesados e não contados”⁴⁰⁴: o papiro ℞⁵ e os códices: ℞ (*Codex Sinaiticus*), B (*Codex Vaticanus*) e D (*Codex Bezae*). O ℞⁵, do séc. III d.C., é um papiro importante para o Quarto Evangelho, juntamente com os códices unciais ℞ B D, destacando-se, entre eles, o B que é “o mais significativo dos unciais”⁴⁰⁵. Apesar da quantidade de testemunhas que omitem o vocábulo, por meio dos parâmetros da crítica externa, observando os elementos da autoridade e da qualidade, respeitando que a omissão é feita no importante códice A, mesmo sendo de categoria 1, de acordo com Aland e Aland⁴⁰⁶, assim como o B, o desempate dá-se com o conjunto dos manuscritos ℞⁵ ℞ D, averiguando “o peso das mesmas em relação a qualquer texto”⁴⁰⁷, ou seja, tendo “a sua autoridade para o julgamento com a antiguidade e origem”⁴⁰⁸. A partir da crítica interna, dentre seus elementos, como indica Gonzaga⁴⁰⁹, o acréscimo de termos é mais comum de acontecer em um texto

⁴⁰² LIMA, M. L. C., Exegese Bíblica, p. 77-82.

⁴⁰³ ALAND, B. [*et al*], NTG Apparatus Criticus, p. 373-374.

⁴⁰⁴ GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia, p. 222.

⁴⁰⁵ ALAND, K.; ALAND, B., O Texto do Novo Testamento, p. 117.

⁴⁰⁶ ALAND, K.; ALAND, B., O Texto do Novo Testamento, p. 115.

⁴⁰⁷ GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia, p. 222.

⁴⁰⁸ GONZAGA, W.; LIMA, A. P., A profissão de fé de Tomé (Jo 20,28) e sua base veterotestamentária (Sl 35,23), p. 134.

⁴⁰⁹ GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia, p. 221.

(*lectio brevior potior*), porque sempre visa torná-lo mais legível e inteligível, neste caso, os “manuscritos precisam ser pesados, não contados”⁴¹⁰. Em virtude disso, a opção assumida é pela NA²⁸ (*txt*), em não trazer o acréscimo do artigo “ὁ/ο” antes do substantivo “Ἰησοῦς/*Jesus*”, parece ser a que mais se aproxima de um possível texto original.

No **v.25d**, tem-se uma substituição dos termos “τὸν τύπον/*a marca*” por “τὸν τόπον/*o lugar*” no manuscrito N (*Codex Petropolitanus Purpureus*) e em f q sy^{s.(p)}. Ocorre, também, uma alteração do singular para o plural “τους τύπους/*os lugares*” nas testemunhas $\mathfrak{B}^{66\text{vid}}$ 565 sa ly. Por meio dos critérios da crítica externa, tendo em vista a qualidade dos manuscritos que trazem tais mudanças, concorda-se com a proposta da NA²⁸, visto que os demais manuscritos testemunham a favor da dessa leitura e opção. Além disso, “essas duas variações são insustentáveis diante do fato de que os demais manuscritos trazem a leitura ‘τὸν τύπον/*a marca*’ e no singular”⁴¹¹.

No **v.25e**, acontece uma transposição ou colocação em ordem diferente nos seguintes códices \aleph D L W e na testemunha 33 pela expressão “τὸν δάκτυλόν/*o dedo*”. Sucede, igualmente, uma alteração ou permuta da afirmação “τὸν τύπον τῶν ἥλων/*a marca dos pregos*” por “τὸν τόπον τῶν ἥλων */o lugar dos pregos*”, nos códices A Θ e em 078 lat sy^{(s).h}. A partir dos elementos da crítica externa, no tocante à “maior probabilidade de originalidade (...) e autoridade das fontes”⁴¹², destacando o manuscrito B, que não apresenta tais modificações, e pelos critérios da crítica interna, apoiando-se na “*lectio disformio/lição não harmonizada*”, no caso dos vocábulos τύπος e τόπος, “concorda-se que a melhor opção é manter a expressão ‘τὸν τύπον τῶν ἥλων/*a marca dos pregos*’, como indica a NA²⁸”⁴¹³.

No **v.25f**, a expressão “μου τὴν χεῖρα/*a minha mão*” é permutada na testemunha \aleph^* (*Codex Sinaiticus* reconstruído) por “τὴν χειρὰν αὐτοῦ/*a mão dele*”. No entanto, essa variante recebe o suporte dos manuscritos \aleph^2 (*Codex Sinaiticus correctio secunda manus*) B D K L N W Γ Δ Ψ f^{1.13} 33. 565. 700. 892^s. 1241. 1424 \mathfrak{M} pbo bo. Pode-se suceder, igualmente, uma mudança nos vocábulos “τὴν χειρὰν

⁴¹⁰ ALAND, K.; ALAND, B., O Texto do Novo Testamento, p. 288.

⁴¹¹ GONZAGA, W.; LIMA, A. P., A profissão de fé de Tomé (Jo 20,28) e sua base veterotestamentária (Sl 35,23), p. 134.

⁴¹² GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada, p. 222.

⁴¹³ GONZAGA, W.; LIMA, A. P., A profissão de fé de Tomé (Jo 20,28) e sua base veterotestamentária (Sl 35,23), p. 134.

μου/a *minha mão*” nas testemunhas A K N Γ Δ Θ Ψ 078 *f*¹³ 565. 700. 892^s. 1241. 1424. *l* 844 \mathfrak{M} . Ademais, há outras ocorrências a serem registradas, como: “την χειρα/a *mão*”, em *f*¹; “μου τας χειρας/de *minha mão*”, em D bo^{mss} com o suporte dos manuscritos \aleph B L W. Após examinar algumas possibilidades, por meio dos critérios da crítica externa, segundo o peso/a qualidade dos manuscritos e suas autoridades⁴¹⁴, decide-se manter a expressão “μου τὴν χεῖρα/a *minha mão*”, como sugere a NA²⁸, seguindo a decisão “em que o comitê se apoia para fazer tal opção”⁴¹⁵.

No v.27f, há uma substituição da forma verbal “γίνου/*seja*” por “ἴσθι/*seja*”, verbos distintos, porém, com o sentido semelhante na tradução, que se observa no manuscrito D, na afirmação “μὴ γίνου ἄπιστος ἀλλὰ πιστός/não *sejas incrédulo, mas crédulo*”. Ao fundamentar-se em todos os outros manuscritos perante a testemunha isolada D, torna-se insustentável aquela variante. Tendo isso presente, escolhe-se a leitura proposta pela NA²⁸.

No v.28a, acontecem dois acréscimos da conjunção “καί/e”. Conforme Aland e Aland afirmam que uma “ocorrência múltipla num mesmo versículo, de um sinal com o mesmo significado, é um fenômeno raro”⁴¹⁶. As inserções são: 1) a primeira antes da forma verbal “ἀπεκρίθη/*respondeu*” – “καί ἀπεκρίθη/e *respondeu*” – atestado nos manuscritos: A C³ K N Γ Δ 565. 700. 892^s. 1241. 1424 \mathfrak{M} q sy^{p,h}; 2) a segunda diante do substantivo próprio “Θωμᾶς/*Tomé*”, testificado somente em \aleph e L, como segue: “καί Θωμᾶς/e *Tomé*”. Dessa forma, “a leitura sem a conjunção, nos dois casos, antes do verbo e antes do substantivo, como sustentada por NA28, é apoiada (*txt*) pelos manuscritos \aleph B C* D L W Θ Ψ *f*^{1,13} *l* 844. *l* 2211 *lat*”⁴¹⁷. Diante disso, opta-se pela escolha adotada pela NA²⁸.

No v.29a, ocorre uma substituição da forma verbal “λέγει/*diz*”, que se encontra no pres. ind. at., por “εἶπεν/*disse*”, que se acha no aor. ind. at. nos manuscritos \aleph W *f*¹³ sa^{mss}, além da adição da conjunção “δέ/*mas, porém, e*” como segue: “εἶπεν δέ/*porém, disse*”. Ademais, afere-se uma omissão do artigo definido “ὁ/o” antes do substantivo próprio “Ἰησοῦς/*Jesus*” segundo as testemunhas \mathfrak{B} ⁶⁶ e

⁴¹⁴ GONZAGA, W., A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia, p. 222.

⁴¹⁵ GONZAGA, W.; LIMA, A. P., A profissão de fé de Tomé (Jo 20,28) e sua base veterotestamentária (Sl 35,23), p. 135.

⁴¹⁶ ALAND, K.; ALAND, B., O Texto do Novo Testamento, p. 239.

⁴¹⁷ GONZAGA, W.; LIMA, A. P., A profissão de fé de Tomé (Jo 20,28) e sua base veterotestamentária (Sl 35,23), p. 135.

B. Por fim, há um acréscimo do pronome pessoal “με/*me*” antes da conjunção “και/*e*”, nas seguintes testemunhas: \aleph^* f^{13} 209 vg^{ms} sy. Como se certifica, “a presença ou ausência das variantes propostas por esses manuscritos em nada alteraria o sentido teológico do versículo em causa”⁴¹⁸. Tendo em vista o apoio dos manuscritos, concorda-se com a opção do comitê central da NA²⁸ em manter a leitura da variante “λέγει αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς/*diz-lhe Jesus*”.

3.2

Notas filológicas e morfológicas/sintáticas da perícopre de Jo 20,24-29

Além da Crítica Textual, um outro passo que muito ajuda na compreensão e na interpretação do texto bíblico é realizar uma análise de Jo 20,24-29 sob a ótica de Notas filológicas e morfológicas/sintáticas⁴¹⁹ dos versículos em questão. Esse passo ajuda na compreensão linguística e, sobretudo, na análise bíblico-teológica do texto, especialmente pensando nos leitores que não têm o domínio da língua grega, idioma do Evangelho de João e de todos o NT.

No v.24: tem-se “λεγόμενος/*dito, chamado*”, partic. pres. pass. nom. masc. sg., do verbo “λέγω/*dizer, chamar*”; “ἦν/*era, estava*”, imperf. ind. at. 3p. sg, do verbo “εἰμι/*ser, estar, haver*”; ocorre o termo “Δίδυμος/*Gêmeo*” (Jo 4,25); e “ἦλθεν/*veio*”, aor. ind. at. 3p. sg., do verbo “ἔρχομαι/*vir*”, “o qual não quer marcar um presente histórico (encontro fundacional da criação da comunidade como em 20,19)”⁴²⁰.

No v.25: ocorrem “ἔλεγον/*diziam*”, imperf. ind. at. 3p. pl., do verbo “λέγω/*dizer, falar*”; “ἑώρακαμεν/*vimos*”, perf. ind. at. 3p. pl., do verbo “ὁράω/*ver*”; “εἶπεν/*disse*”, aor. ind. at. 3p. sg., do verbo “λέγω/*dizer, falar*”; “ἶδω/*vir*”, subj. aor. at. 1p. sg., do verbo “ὁράω/*ver*”; e “βάλλω/*colocar*”, subj. aor. at. 1p. sg., do verbo “βάλλω/*por, colocar*”; “πιστεύσω/*crerei*”, subj. aor. at., do verbo “πιστεύω/*crer, acreditar*”. Ao estar acrescido da expressão “οὐ μὴ/*de forma alguma*”, no

⁴¹⁸ GONZAGA, W.; LIMA, A. P., A profissão de fé de Tomé (Jo 20,28) e sua base veterotestamentária (SI 35,23), p. 135.

⁴¹⁹ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 401.865-866.; PÉREZ MILLOS, S., Juan, p. 1782-1791; ZERWICK, M.; GROSVENOR, M., A Grammatical Analysis of the Greek New Testament, p. 345-346.

⁴²⁰ GONZAGA, W.; LIMA, A. P., A profissão de fé de Tomé (Jo 20,28) e sua base veterotestamentária (SI 35,23), p. 136.

subjuntivo aoristo, “tem um sentido de uma negação enfática (certamente não, de jeito nenhum, absolutamente não, jamais etc.)”⁴²¹. A ênfase negativa e os pedidos de Tomé⁴²² estão quase em correspondência com os vocábulos utilizados para uma atitude que Jesus já tem feito anteriormente, no caso, de uma condenação (Jo 4,48). E cabe destacar que, no v.25b, a afirmação “ἑώρακαμεν τὸν κύριον/*vimos o Senhor*” tem correspondência com Jo 20,18.

No v.26: tem-se os verbos “ἦσαν/*estavam*”, imperf. ind. at. 3p. pl., do verbo “εἶμι/*ser, estar, haver*”; “ἔρχεται/*vem*”, pres. ind. at. 3p. sg., do verbo “ἔρχομαι/*vir*”; “κεκλεισμένων/*fechadas*”, partc. perf. pass. gen. fem. pl., do verbo “κλείω/*fechar, chavar*”; e “ἔστη/*ficou de pé*”, aor. ind. at. 3p. sg., do verbo “ἵστημι/*ficar de pé*”.

No v.27: aferem-se os verbos “λέγει/*fala, diz*”, ind. at. 3p. sg., do verbo “λέγω/*falar, dizer*”; “φέρε/*traze*”, imperat. pres. at. 2p. sg., do verbo “φέρω/*trazer, levar*”; “ἴδε/*vir*”, imperat. aor. at. 2p. sg., do verbo “ὀράω/*ver*”; “φέρε/*traze*”, imperat. pres. at. 2p. sg., do verbo “φέρω/*trazer, levar*”. O verbo “φέρε/*traze*” (leve), neste versículo, recebe uma caracterização com o advérbio de lugar “ὧδε/*aqui*”; “βάλε/*coloque*”, imperat. aor. at. 2p. sg., do verbo “βάλλω/*colocar*”; “γίνου/*sejas*”, imperat. pres. med. 2p. sg., do verbo “γίνομαι/*vir a ser, tornar-se*”, podendo ser adicionado, igualmente, o sentido de “continuar a ser” no qual, no texto, apresenta-se como “sê”. Os sintagmas imperativos têm Jesus por sujeito⁴²³ e as suas disposições estão determinadas pela posição como um índice de determinantes estruturais dos ditos, como se segue: traz – olha – traz – coloca (A B A’ B’). Carson, ainda, acredita que o verbo γίνομαι diversas vezes ganha um sentido de se mostrar ou ser algo, como Jesus se dirigisse a Tomé, afirmando: “mostre que é crente”⁴²⁴.

No v.28: ocorrem o verbo “ἀπεκρίθη/*respondeu*”, aor. ind. pas. 3p. sg., de “ἀποκρίνομαι/*responder*”; “εἶπεν/*disse*”, aor. ind. at. 3p. sg., de “λέγω/*falar, dizer*”; no versículo, o verbo ἀποκρίνομαι ganha o sentido de “reagir”, “ἀπεκρίθη/*reagiu, replicou*”, consistindo em uma reação verbal solene, “não constituindo apenas uma

⁴²¹ GONZAGA, W.; LIMA, A. P., A profissão de fé de Tomé (Jo 20,28) e sua base veterotestamentária (SI 35,23), p. 136.

⁴²² BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, vol. 2, p. 1532.

⁴²³ MORENO GARCÍA, A., Manos y dedos, p. 534.

⁴²⁴ CARSON, D. A., O Comentário de João, p. 658.

resposta comum; aqui, o verbo ‘ἀποκρίνομαι/*responder*’ narra uma reação verbal que vai oferecer uma resposta formal por Tomé⁴²⁵.

No v.29: surgem “ἑώρακάς/*viste*”, perf. ind. at. 2p. sg., do verbo “ὀράω/*ver*”; “πεπίστευκας/*creste*”, perf. ind. at. 2p. sg., do verbo “πιστεύω/*crer, acreditar*”; “ιδόντες/*viram*”, partic. aor. at. nom. masc. pl., do verbo “ὀράω/*ver*”; “πιστεύσαντες/*creram*”, partic. aor. at. nom. masc. pl., do verbo πιστεύω; acentua-se que a conjunção subordinada “ὅτι/*que*” cria uma tradução “no sentido de causalidade, indicando uma condição ou causa que produz um efeito/consequência”⁴²⁶. A utilização do verbo “πεπίστευκας/*acreditaste*”, um perfeito de “πιστεύω/*acreditar*”, “descreve o ponto de chegada de um processo que inaugura um estado seguinte (uma fé mais consciente)”⁴²⁷.

3.3

Análise linguístico-sintática da perícopie de Jo 20,24-29

Por meio da Análise linguístico-sintática na perícopie de Jo 20,24-29, distingue-se o uso de alguns termos que ora são trabalhados ao longo de todo o Evangelho, ora ganham um realce no contexto do capítulo 20 de João e, de maneira especial, na passagem descrita que é o objeto formal deste estudo.

Um vocábulo que merece a atenção, neste momento da análise, é a forma verbal “πιστεύω/*creio*”. Como pode ser percebido, o verbo “crer” destaca-se por sua “frequência extraordinária no Evangelho de João e em 1Jo”⁴²⁸, também no recurso do sentido de confiar, dar, aderir a alguém e dar fé⁴²⁹. O verbo “πιστευειν/*crer*” tem, igualmente, um largo uso fora do âmbito neotestamentário e de forma específica nos escritos joaninos. Porém, o seu uso no campo linguístico no ambiente clássico é demonstrado em um primeiro momento na forma de adjetivo, ou seja, “πιστός/*fiel*”, ao possuir um sentido ativo de confiar e um sentido passivo de ser digno de confiança, de acordo com Bultmann⁴³⁰. Segundo ele

⁴²⁵ GONZAGA, W.; LIMA, A. P., A profissão de fé de Tomé (Jo 20,28) e sua base veterotestamentária (SI 35,23), p. 137.

⁴²⁶ GONZAGA, W.; LIMA, A. P., A profissão de fé de Tomé (Jo 20,28) e sua base veterotestamentária (SI 35,23), p. 136.

⁴²⁷ GONZAGA, W.; LIMA, A. P., A profissão de fé de Tomé (Jo 20,28) e sua base veterotestamentária (SI 35,23), p. 137.

⁴²⁸ KÜMMEL, W. G., Síntese Teológica do Novo Testamento, p. 365.

⁴²⁹ MATEOS, J.; BARRETO, J. [et al.], Vocabulário Teológico do Evangelho de São João, p. 93.

⁴³⁰ BULTMANN, R., πιστευω, p. 341-350.

explica, o verbo torna-se derivado do vocábulo πιστός, significando também confiar. Ele aponta, da mesma maneira, como objetos do verbo, os acordos e os juramentos, vistos em Xenofontes (Na. 3, I., 29; 5, 2, 9); as leis vistas em Ésquilo (Or. in Tesiph. I) e nos instrumentos de poder baseados nos armamentos em Políbio (Resp. 10, 603b). Ele, similarmente, indica que o verbo é aplicado às pessoas, ao conter um sentido de obedecer. Ainda no universo clássico, percebe-se o verbo nos casos do dativo (relativo às pessoas) e no acusativo (relativo às coisas), ao poder ser introduzido pelo pronome “ὅτι/que”, segundo é captado em Platão (Gorg. 5122). Por fim, ele salienta que palavras formadas a partir do radical πιστ- não têm origem religiosa, apesar da visão de que a fidelidade aos compromissos assumidos está inserida em um dever religioso.

Alguns termos⁴³¹ são examinados e comparados em relação aos Sinóticos, demonstrando que, com essa predileção de determinados vocábulos, o ambiente linguístico do Quarto Evangelho é bastante diferente dos Sinóticos, ademais, em João há uma terminologia especial e distinta. Por exemplo, o verbo “πιστεueiv/crer” é marca registrada no Evangelho de João e destaca-se por suas ocorrências (102 vezes) em comparação com os sinóticos (em Mt – 11 vezes; em Mc – 10 vezes; em Lc – 9 vezes). O verbo “crer” é um grande elemento, dentro da estrutura sintática joanina, que articula uma temática que percorre todo o Evangelho: Jesus enquanto sinal de divisão que, durante a estrutura narrativa, os personagens ou “creem nele e assim caminham na luz ou escolhem as trevas da incredulidade (Jo 8,12)”⁴³².

É interessante detectar que não aparece o substantivo “πίστις/fé” no Quarto Evangelho⁴³³. Diante desse fato, é singular dizer que o vocábulo πίστις constitui-se em um uso técnico religioso que recebe um grande incremento ao ser adicionado no mundo cristão, no entanto, não restrito a ele e sim adotado em todas as religiões que atuam no proselitismo, ao ser uma marca registrada dos fenômenos de pregação e missão ao exigir uma fé naquela divindade a qual é anunciada, como dito em Orígenes (Cels. 6, II)⁴³⁴. Ademais, um único uso conhecido na literatura joanina é encontrado na expressão “πίστις ἡμιν/nossa fé” (1Jo 5,4) que vem a significar uma força que vence o “κόσμος/mundo”.

⁴³¹ KOESTER, H., Introdução ao Novo Testamento, p. 206.

⁴³² SLOYAN, G., Giovanni, p. 26.

⁴³³ ORIOL TUÑI, J., Evangelho segundo João, p. 109.

⁴³⁴ BULTMANN, R., πιστευω, p. 355.471.

Diante dessa constatação⁴³⁵, há um contraste em sua adoção com outro grupo de escritos neotestamentários, o *Corpus paulinum*. Neste, Paulo utiliza o verbo “crer” 54 vezes, enquanto o substantivo “fé” é aplicado em um montante de 142 vezes. Salienta-se que ocorre o emprego do verbo “crer” com a preposição “εις/para, em”, destacando-se acontecer 33 vezes no escrito joanino em relação a outras atestações (Mt – 1 vez; 1Jo – 3 vezes; e em todo o NT – 6 vezes)⁴³⁶. Apesar dessa raridade do uso do vocábulo “fé” no Quarto Evangelho, a fé, enquanto atitude do crente, manifesta-se no crer em Deus e em Jesus que coincidem, porque, em Cristo, Deus vem ao encontro do ser humano, a partir daquilo que é constatado no Evangelho: “quem me viu a mim, viu o Pai” (Jo 14,9; 17,3). Com isso, “a fé não está em um fato ou doutrina, mas no agir divino de Jesus”⁴³⁷.

A concepção do evangelista parece ser a dinamicidade da relação sujeito – objeto e expressado pela adoção da preposição⁴³⁸, algo que o substantivo parece não ter a capacidade de comunicar e, devido a essa percepção, a sua aplicação é bem inexistente ou restrita ao longo do Quarto Evangelho, apesar de um indicativo inovador constatado em Jo 20,27, por meio dos substantivos “πιστός/crédulo” e “ἄπιστος/incrédulo”. No entanto, na literatura grega clássica⁴³⁹ o vocábulo πιστός tem uma aplicação linguística direta à pessoa, expressando ser um sujeito confiante, como em Ésquilo é atestado (Pron. 915-917; Pers. 50-55), no sentido ativo, que está baseado nas armas e na sua habilidade de usá-las. O termo ἄπιστος, por sua vez, pode ser encontrado com um sentido de ser cauteloso, como visto em Homero (Od. 14, I 50). A confiança pode ganhar um caráter de dever que o termo πιστός vem expresso na pessoa que é obediente.

No sentido passivo, o de ser digno de confiança, vem usado na esfera jurídico-sagrada, como em Homero (Od. 14, I 50), ou tendo o sentido de infiel (Thuc. 1,120, 4; Hdt. 5,80; Plat.; Phaedr. 245a). De acordo com outros comentadores, destaca-se Lindars⁴⁴⁰ que atesta, também, a singularidade da ocorrência única do termo. Ele aponta que, provavelmente, deve-se à utilização de sua fonte na qual a incomum forma verbal απιστουν pode ser uma característica

⁴³⁵ ORIOL TUÑI, J., Evangelho segundo João, p. 109.

⁴³⁶ MATEOS, J.; BARRETO, J. [et al.], Vocabulário Teológico do Evangelho de São João, p. 93.

⁴³⁷ KÜMMEL, W. G., Síntese Teológica do Novo Testamento, p. 366.

⁴³⁸ MATEOS, J.; BARRETO, J. [et al.], Vocabulário Teológico do Evangelho de São João, p. 93.

⁴³⁹ BULTMANN, R., πιστεω, p. 341-343.

⁴⁴⁰ LINDARS, B., The Gospel of John, p. 27.

dessa tradição acessada pelo evangelista, como sucede nos Sinóticos (Mc 16,11.16; Lc 24,11.41). Na literatura joanina,⁴⁴¹ os dois substantivos citados, “πιστός/*crédulo*” e “ἄπιστος/*incrédulo*”, constituem-se como *hápax legomena* joaninos.

Outrossim, pode-se constatar que “numerosas expressões que são equivalentes a ‘crer’ e que são usadas exatamente no mesmo sentido”⁴⁴² de tal verbo, como nos exemplos, a seguir: “receber Jesus, suas palavras, seu testemunho” (Jo 3,11-12 3,32-36; 5,43-44; 13,20; 12,46.47), “escutar Jesus, escutar sua voz, sua palavra” (Jo 5,24.37-38; 6,45; 8,43.47; 10,26-27), “perseverar em sua palavra, observar a sua palavra, permanecer nele” (Jo 8,31-32; 15,4.5.6.7.9.10). É possível apontar que a expressão “seguir Jesus” tem, igualmente, uma conotação de “crer” (Jo 8,12; 21,19.13).

Na Septuaginta, o verbo πιστεueiv pode significar “confiar” ou “esperar”⁴⁴³, sendo comumente usado na tradução do vocábulo hebraico יִמְאֵל, no *hifil* de יָמַע, significando ser fiel, com uma ideia, ainda, de firmeza ou ficar firme. Constata-se, a partir disso, uma riqueza no uso linguístico do verbo “crer” e do termo “fé”, que fazem existir um processo do nível individual/pessoal ao comunitário/coletivo e que influenciam no comportamento humano diante de Deus⁴⁴⁴. Dessa forma, a reação do homem à ação originária de Deus (fé) torna-se plausível por meio da forma verbal “יָמַע/πιστεueiv/*crer*”. Há, ainda, uma escolha deliberada em traduzir aquela forma verbal hebraica na LXX e no NT por πιστεueiv. Por esse motivo, apresenta-se a possibilidade de existir uma correspondência efetiva entre πιστεueiv e confiar. Ademais, podem ser citadas duas expressões que se localizam no campo semântico de crer e confiar, como: “יָמַע/πιστεueiv/*aquele que tem confiança*”.

A aplicação do vocábulo hebraico יִמְאֵל, no *hifil* de יָמַע, nos textos vem acompanhada pelas preposições “לְ/*para*” e “בְּ/*em*”, designando permanecer firme em virtude da relação de alguém com uma pessoa ou um objeto, confiando firmemente ou acreditar em. É admissível perceber um influxo semítico linguístico⁴⁴⁵ na tradução ao grego na adoção do verbo πιστεueiv. Geralmente, vem construída a expressão com a preposição επι e nos casos acusativo e dativo com a

⁴⁴¹ FABRIS, R., Giovanni, p. 764.

⁴⁴² ORIOL TUÑI, J., Evangelho segundo João, p. 109.

⁴⁴³ DODD, C. H., A Interpretação do Quarto Evangelho, p. 243.

⁴⁴⁴ BULTMANN, R., πιστεuω, p. 360-403.

⁴⁴⁵ BULTMANN, R., πιστεuω, p. 416.

preposição *εν*. Porém, o destaque ocorre na frequência da utilização da preposição *εις*, cunhando uma tradução comum: “crer em”.

Reconhece-se⁴⁴⁶ 36 ocorrências em João para a construção sintática na expressão “crer em”, enquanto detectam-se apenas 8 vezes no restante de todo o NT. Dodd⁴⁴⁷, do mesmo modo, percebe uma aproximação do verbo com o dativo no grego ao uso que é feito no hebraico e apresentado na LXX. Constata-se⁴⁴⁸ a peculiaridade e frequência do uso do verbo “crer” com a preposição “em”, no Evangelho, sendo razoável informar que esse emprego quer indicar a existência de uma fé dirigida a Jesus, na aceitação de sua autorrevelação, mas também, de uma adesão daquele que crê, assumindo um compromisso com o discipulado. É seguro aprofundar-se nessa relação⁴⁴⁹, mediante a aplicação da expressão “crer em” no ambiente veterotestamentário no qual o homem religioso e piedoso, ao acreditar em Deus, constitui-se obediente e fiel à obra divina. Já, porém, no contexto neotestamentário, o ato divino é o ponto de partida, devido a essa evidência manifestar na vida de Jesus que culmina na cruz uma expansão da revelação e da compreensão da ação salvadora de Deus em prol do mesmo homem.

Nota-se⁴⁵⁰ que tal expressão ao usar o verbo “crer” no dativo, acontece 18 vezes no Evangelho de João, tendo uma tradução comum de “confiar em”. Segundo essa percepção, ainda, o modo joanino de exprimir a relação entre sujeito – objeto é preferida em um sentido menos impessoal, podendo ser adotada a objetos ou a pessoas que não somente a Jesus, como: Escritura (Jo 5,47), Moisés (Jo 5,46) e aquele que enviou Jesus (Jo 5,38). É válido acrescentar que o conteúdo do verbo pode indicar a “qualidade da fé, como uma determinação ético-psicológica da personalidade”⁴⁵¹. Outrossim, acontece um influxo dos conceitos religiosos hebraicos que prepara uma via para a utilização do verbo “πιστευειν/crer” no Evangelho de João. Bultmann⁴⁵², também, faz uma análise específica sobre o verbo *πιστευειν* no Evangelho joanino. Em um primeiro momento, ele indica que o verbo *πιστευειν* é aplicado para uma aceitação da mensagem cristã e de tudo aquilo que representa tal mensagem com seu conteúdo, ao ser verificada a adoção do pronome

⁴⁴⁶ ORIOL TUÑI, J., Evangelho segundo João, p. 110.

⁴⁴⁷ DODD, C. H., A Interpretação do Quarto Evangelho, p. 243.

⁴⁴⁸ HARRINGTON, W. J., Chave para a Bíblia, p. 604-605.

⁴⁴⁹ BULTMANN, R., *πιστεω*, p. 451.

⁴⁵⁰ ORIOL TUÑI, J., Evangelho segundo João, p. 110-111.

⁴⁵¹ DODD, C. H., A Interpretação do Quarto Evangelho, p. 244.

⁴⁵² BULTMANN, R., *πιστεω*, p. 471-472.

ὅτι, para introduzir uma afirmação da fé. Ele, igualmente, destaca que a regularidade nas ocorrências gira em torno da locução πιστεῦειν εἰς, em seu caso no dativo, no qual crer em Jesus e no seu anúncio ou somente em Jesus como objeto desse anúncio é, na verdade, a mesma coisa.

Por outro lado, compreende-se que o verbo “crer” tem uma grande importância no Quarto Evangelho sendo “sublinhada também através das promessas que são feitas aos crentes”⁴⁵³, em especial, aquilo que é visto em Jo 20,29. Lopasso⁴⁵⁴ apreende que “crer” no Evangelho joanino, ganha um sentido mais profundo, ao assemelhar-se a um acolhimento do testemunho que Jesus faz dele mesmo, tornando-se condição para um estabelecimento de comunhão de vida e salvação. Nesse sentido, é plausível atestar⁴⁵⁵ que o uso do verbo “πιστεῦειν/crer” no perfeito, como nas ocorrências anteriores em Jo 6,69; 11,27, e segundo, também, encontra-se em Jo 20,29, vem a exprimir uma fé firme.

Ademais, o verbo πιστεῦειν articula-se, ainda, com outros sentidos ao longo do texto joanino, tais como: “quem crê, nunca mais terá sede” (Jo 6,35), “ainda que morra, viverá” (Jo 11,25), “não permanece nas trevas” (Jo 12,46), “fará as obras que Jesus fez e fará até maiores do que estas” (Jo 14,12). Vale adicionar que, ao longo da história, o Evangelho de João é denominado de “evangelho da fé”⁴⁵⁶, apesar de não usar tal terminologia em sua narrativa. Dessa forma, nota-se uma relação do verbo “crer” com o verbo “ver” no Quarto Evangelho, pois o “texto mais significativo de todos é 20,25-29, o episódio em que Tomé reconhece o Senhor ressuscitado”⁴⁵⁷.

Do ponto de vista de Kysar⁴⁵⁸, há no texto uma relação linguística muito clara desses verbos. Ele coloca que a fé tem proveniência na experiência, sendo, também, uma concessão no Evangelho joanino. Diante disso, “ver” constitui-se em “crer” em João. Segundo ele, os “σημεῖα/sinais” provocam a visão que são um caminho para crer e ter fé. Similarmente, diante da afirmativa dos discípulos “ἑώρακαμεν τὸν κύριον/vimos o Senhor” (Jo 20,25), a resposta de Tomé atravessa uma expressão formada por uma dupla negativa “οὐ μὴ πιστεύσω/de forma

⁴⁵³ ORIOL TUÑI, J., Evangelho segundo João, p. 109.

⁴⁵⁴ LOPASSO, V., Fede e grazia in Giovanni, p. 23.

⁴⁵⁵ SCHNACKENBURG, R., Il Vangelo di Giovanni, p.552.

⁴⁵⁶ ORIOL TUÑI, J., Evangelho segundo João, p. 109.

⁴⁵⁷ DODD, C. H., A Interpretação do Quarto Evangelho, p. 249.

⁴⁵⁸ KYSAR, R., Giovanni, p. 123.

nenhuma crerei". Isso porque a fé para o evangelista constitui-se em uma atitude concreta. Essa fé⁴⁵⁹ é despertada pelos sinais, sendo, em um primeiro momento, voltados ao evento decisivo da fé que consiste na salvação daquele que alcança uma fé que não necessita mais de ver.

É razoável destacar⁴⁶⁰ que no Evangelho de João, o sinal, também, provoca a fé por indicar as ações extraordinárias e miraculosas de Jesus. Apesar disso, o seu uso vem, algumas vezes, assumido conotação negativa nos Sinóticos, pois é simplesmente para convencer os duvidosos. Todavia, no texto joanino, a utilização é positiva, por se tratar de uma etapa no processo cognitivo em relação ao ver dentro da manifestação revelatória de Jesus ao se constituir em uma etapa de conhecimento de quem é Jesus, o Cristo, o Filho de Deus. O “ver” leva ao “crer” e, através dele, tornando-se muitas vezes, durante a narrativa, um início de um “crer” mais profundo exigido no plano da narração.

Em sua aparição, Jesus, como salienta Dodd⁴⁶¹, diz ao discípulo: tenha fé, ou seja, “μη γίνου ἄπιστος ἀλλὰ πιστός/não sejas incrédulo, mas crédulo” (v.27) que, por sua vez, o apóstolo responde professando esta fé, ὁ κύριός μου καὶ ὁ θεός μου (v.28), sendo seguido por um macarismo, πιστεύσαντες (v.29), que segundo o estudioso notadamente dirige-se àqueles discípulos que ‘têm fé’. Nestes versículos anteriores (vv.25-29), é possível observar claramente a relação⁴⁶² entre os verbos “ver” e “crer”. Reforça-se o seu entendimento de que o Evangelho trabalha em diversos níveis de visão e percepção que contribui para a fé, ou seja, para acreditar. É possível citar Jo 1,47, em que Jesus “vê” Natanael, apontando para uma ação sensível por meio dos olhos. Mas, em Jo 14,8, o “ver” o Pai é um outro nível de visão que leva a percepção a um grau espiritual do “crer” e do ter fé. É admissível acrescentar que a ação de “ver” pela fé baseia-se na experiência dos sentidos dentro desse processo de articulação, alcançando o verbo “crer” em um nível mais profundo da relação com o próprio Cristo dentro do relato e da estrutura do texto.

Além dessa relação dos termos verbais “crer” e “ver”, pode-se registrar uma vinculação com o verbo “conhecer” na qual o “crer joanino tem muito de conhecimento, de penetração no mistério de Jesus”⁴⁶³. Em uma análise da

⁴⁵⁹ KÜMMEL, W. G., Síntese Teológica do Novo Testamento, p. 366.

⁴⁶⁰ KYSAR, R., Giovanni, p. 126-133.

⁴⁶¹ DODD, C. H., A Interpretação do Quarto Evangelho, p. 249.

⁴⁶² KYSAR, R., Giovanni, p. 136-138.

⁴⁶³ ORIOL TUÑI, J., Evangelho segundo João, p. 111.

terminologia joanina⁴⁶⁴, averigua-se que o verbo “γινώσκειν/*conhecer*” tem as seguintes atestações nos Evangelhos: em Mt – 20 vezes; em Mc – 13 vezes; em Lc – 28 vezes e em Jo – 57 vezes, superando João, os Sinóticos. Bultmann⁴⁶⁵, do mesmo modo, percebe uma relação entre “crer” e “conhecer”, ou fé e conhecimento. Ele não enxerga contraposição entre os verbos. Isso porque “crer” em Jesus ou “conhecer” pela fé que Jesus é o Filho de Deus enviado pelo Pai (Jo 7,17; 16,27-30) demonstra uma vinculação profunda no Evangelho. Ademais, em João o conhecimento não é maior do que a fé, abandonando-a para trás como na filosofia gnóstica, porém, o “conhecer” inicia-se no “crer” que se mantém na fé e esta se torna um tipo de conhecimento.

É apropriado atestar⁴⁶⁶ que, em diversas passagens, os verbos “conhecer” e “crer” são usados como sinônimos (Jo 14,7; 17,3). Há o aspecto do verbo “conhecer” poder ser aplicado de uma maneira mais volitiva tal qual é adotado pelo verbo “crer”. Em razão disso, conhecer/consciência/conhecimento são sinônimos de crer/fé por uma provável influência hebraica. Destaca-se que no ambiente hebraico, além da conotação sexual, conhecer também quer expressar uma vinculação de permuta integral de confiança e de expectativa. É possível ser verificado que no Evangelho joanino, o verbo hebraico “עָרַב” é usado na tradução como “γινώσκειν/*conhecer*”, pois o sentido do termo é a ligação total pessoal de confiança com um outro. Outrossim, deriva-se o uso como sinônimo de fé e consciência no qual a fé é vista como uma relação pessoal de confiança e de conhecimento, sendo o elo íntimo entre dois sujeitos. Dessa forma, pode-se apreender que crer não indica um acolhimento intelectual doutrinário para o evangelista, contudo um envolvimento da pessoa inteira e íntima com a outra.

Esses dados vêm corroborar a importância do verbo em João e, também, a sua articulação com outros termos, como, no caso, o verbo “crer”. Mediante a aplicação dos termos, indica-se que a simples visão quando acompanhada da fé leva a uma visão mais profunda, ou seja, “a fé, pois, é o equivalente da visão que dá vida, ou conhecimento de Deus”⁴⁶⁷. Ao examinar o uso do vocábulo “fé”, não como substantivo no texto joanino, Kysar⁴⁶⁸, também, vê que no verbo crer, a postura de

⁴⁶⁴ KOESTER, H., Introdução ao Novo Testamento, p. 206.

⁴⁶⁵ BULTMANN, R., πιστεω, p. 483.

⁴⁶⁶ KYSAR, R., Giovanni, p. 141-144.

⁴⁶⁷ DODD, C. H., A Interpretação do Quarto Evangelho, p. 249.

⁴⁶⁸ KYSAR, R., Giovanni, p. 146-148.

fé é a de gerar um envolvimento pessoal de fidelidade, confiança e intimidade com Jesus. Além disso, a fé é uma aceitação da pessoa de Jesus, como sendo o esperado Messias. Ademais, a dinâmica captada no verbo “crer” é de uma fé viva e de um certo devir dinâmico contínuo. Ao apreender essa profundidade dos verbos⁴⁶⁹ “ver” e “crer” no Quarto Evangelho, é concebível intuir que a fé é uma porta para a graça a partir da qual o fiel é provocado a obter uma visão mais profunda. Isso porque, a fé, em João, está ligada diretamente à pessoa de Jesus. Dessa forma, no Evangelho, “ver sua glória é aprender e reconhecer a divindade através do véu da humanidade”⁴⁷⁰.

Bultmann⁴⁷¹ reafirma esse uso linguístico de “ver” e “crer”. Ao perceber a expressão metafórica “ver a Jesus”, significando o crer nele, perante a palavra anunciada ser o próprio que a proclama, há, igualmente, uma relação com o verbo ouvir/escutar (Jo 5,24). Segundo ele, a identidade de Jesus e sua palavra preconizada precisa ser escutada, para que aquele que ouve, veja ou creia naquele que fala. Esse paralelismo demonstra que crer, ver e ouvir não apontam a um “ver” no nível contemplativo místico, contudo, o próprio conhecer da fé, o conhecer Jesus e que este crer é um permanecer Nele.

Na profissão de fé de forma específica, em Jo 20,28, tem-se os termos “Senhor” e “Deus”. Diante desse versículo, percebe-se que o evangelista pretende mostrar a confissão de fé como uma maneira mais segura de demonstrar a unidade entre Jesus crucificado e ressuscitado⁴⁷², devido à fé remeter à relação vital e íntima com Jesus de vê-lo e reconhecê-lo. Grasso⁴⁷³ enfatiza, ainda, que as palavras usadas nessa profissão tem um sentido a partir da denominada fórmula bíblica da Aliança, com elementos veterotestamentários (1Rs 18,39; Sl 30(29),3; 86(85),15; Jr 31 e 38,18) e com uma caracterização litúrgica. Gerard⁴⁷⁴, por sua vez, ao analisar o vocábulo “aliança”, indica que o termo em hebraico ברית é comumente traduzido por διαθήκη em grego e que alcança o latim como *testamentum*, significando *tratado, contrato, pacto ou aliança*. É adequado destacar⁴⁷⁵ que o termo Aliança representa também uma linguagem antiga para o substantivo tratado que envolve

⁴⁶⁹ LOPASSO, V., *Fede e grazia in Giovanni*, p. 31.

⁴⁷⁰ DODD, C. H., *A Interpretação do Quarto Evangelho*, p. 250.

⁴⁷¹ BULTMANN, R., *Teologia do Novo Testamento*, p. 505-507.

⁴⁷² LINDARS, B., *The Gospel of John*, p. 598-614.

⁴⁷³ GRASSO, S., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 775.

⁴⁷⁴ GERARD, A. -M., *Dictionnaire de la Bible*, p. 52.

⁴⁷⁵ FRYE, N., *O Código dos Códigos*, p. 210.

maldições, para aqueles que a rompem, como se observa em algumas passagens veterotestamentárias. Mas, também, que sempre é Deus que tem a iniciativa da sua realização, delineando-a para o seu povo. Na verdade, a Aliança entre YHWH e Israel é uma expressão histórica de um relacionamento especial entre Deus e o seu povo. Na perspectiva da Aliança, ao contemplá-la com a dinastia davídica, percebe-se a formalização (2Sm 23,5) de uma “ברית עולם/*Aliança eterna*”, conforme Smith⁴⁷⁶ examina a questão. Ele coloca, outrossim, que tal formalização tem um efeito garantidor de assegurar um bem-estar para o próprio rei e para o povo. Aquele que garante a justiça, o bem-estar e a fertilidade (Sl 2; 72; 89; 110) é Deus (YHWH), enquanto a contrapartida se dá pelo povo, liderado pelo rei, por meio do culto nacional, no qual Deus concede as bênçãos a todo Israel.

Ao averiguar um comentário⁴⁷⁷ sobre o vocábulo ברית, afirma-se que a Aliança, também sendo traduzida no latim como *constitutio*, pode ser feita entre os homens. Porém, entre Deus e os homens, pautada pela amizade, por uma constituição divina, ou mesmo por um regulamento com sinais e promessas, ocorrida, mediante Moisés, no Sinai/Horeb, provoca uma condição de perspectivas devido à obediência e de penalidades por meio da situação de desobediência. Ademais, a temática da Aliança no Pentateuco passa por novas instituições e preceitos, e tais mudanças são percebidas posteriormente, fora da Torá, como observado nos profetas, de forma especial em Jr 31. É plausível reforçar⁴⁷⁸ que, a partir de Jr 31,31-34, a expressão “Nova Aliança”, indica uma ideia que gira em torno do termo “Senhor” que é YHWH de ser ou tornar-se um Deus para o povo e este povo, Israel, de ser ou tornar-se um povo para Deus, segundo novos preceitos, renovando as alianças anteriores nas quais seu uso e função, dessa nova relação da Aliança, é a esperança e certeza da presença salvadora desse Deus único.

Ao se transpor para o contexto neotestamentário, essa esperança fundada na Aliança, por meio de Jesus, expressa nos termos “Senhor e Deus”, realiza-se na “promessa da aliança definitiva sonhada pelos profetas na qual a comunidade ao chamado de Deus pode responder: “Deus meu” (Os 2,25; Zc 13,9)”⁴⁷⁹. Dentro dessa perspectiva da Aliança, da mesma maneira, observa-se no Antigo Testamento que

⁴⁷⁶ SMITH, M. S., *História Primitiva de Deus*, p. 266-273.

⁴⁷⁷ BROWN, F.; DRIVER, S. R.; BRIGGS, C. A., *The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon*, p. 136.

⁴⁷⁸ RENDTORFF, R., A “Fórmula da Aliança”, p. 45-46.

⁴⁷⁹ FABRIS, R., *Giovanni*, p. 787.

os agentes participantes⁴⁸⁰ da Aliança são: YHWH, que é o Deus de Israel, e esta nação, que é o povo de YHWH, apresentando, assim, um caráter relacional a partir do uso do termo na concepção divina de Israel. Kratz⁴⁸¹, similarmente, comunica que em torno do termo “Deus”, há, no aspecto da Aliança, a unicidade de YHWH e do povo que é Israel, sendo isso expresso na soberania de Deus, ou seja, de YHWH. Convém dizer que o tetragrama⁴⁸² “יהוה/YHWH” consiste no próprio nome do Deus de Israel.

É possível ressaltar⁴⁸³ que já no prólogo há uma relação entre os vocábulos “θεός/Deus”, “Λόγος/Palavra, Verbo” e “Κύριος/Senhor”, todas elas constituindo-se como atribuições de Deus. Igualmente, aponta-se que no início do Quarto Evangelho a atribuição é realizada pelo narrador da obra. Contudo, no final (Jo 20,28) é Tomé quem declara tal realidade da divindade de Jesus na manifestação de fé. Gerard⁴⁸⁴, também, percebe uma relação entre Jesus e Senhor, sendo ele, a personificação da Palavra de Deus, a eterna Sabedoria no prólogo.

Gerard observa⁴⁸⁵ que, além de Jo 13,20, há, em algumas citações provenientes do AT, onde acontece a inclusão do termo “Senhor” designado a Deus, vinculações que são possíveis de ser vistas em: Jo 1,23 e Is 40,3; Jo 12,13 e Sl 118,26; Jo 12,38 e Is 53,1 as quais apresentam uma relação na justaposição que o escritor sagrado realiza ao aplicar a Deus (Jo 12,13.38a) ou a Deus em Jesus (Jo 1,23; 12,38b). Similarmente, tal ambiguidade é feita de propósito e reflete a afirmação de que a glória de Jesus é identificada com a glória de Deus Pai (Jo 12,41). Ao ser apresentado⁴⁸⁶ pelo estudioso que o reconhecimento da unidade entre Jesus e Deus passa por uma autêntica filiação divina, ele é, também, manifestado na afirmação “Eu sou” dita por Jesus ao longo do Evangelho que o caracteriza como Deus, semelhante a YHWH no AT.

Como examinam Chaves Reis e Gonzaga⁴⁸⁷, o próprio Jesus realiza menção ao Ex 3,14, ao se autoafirmar o Deus vivo como “ἐγώ ειμι/eu sou” (Jo 8,24). Há,

⁴⁸⁰ RENDTORFF, R., A “Fórmula da Aliança”, p. 19.

⁴⁸¹ KRATZ, R. G., Israele storico e biblico, p. 120-121.

⁴⁸² BROWN, F.; DRIVER, S. R.; BRIGGS, C. A., The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon, p. 217.

⁴⁸³ GRASSO, S., Il Vangelo di Giovanni, p. 775.

⁴⁸⁴ GERARD, A. -M., Dictionnaire de la Bible, p. 590.

⁴⁸⁵ MATEOS, J.; BARRETO, J. [et al.], Vocabulário Teológico do Evangelho de São João, p. 51.

⁴⁸⁶ GERARD, A. -M., Dictionnaire de la Bible, p. 592.

⁴⁸⁷ CHAVES REIS, F. C.; GONZAGA, W., A Revelação do nome divino em “Êxodo 3,14” e o seu uso no Evangelho de João, p. 112-117.

ainda, além dessa, outras atestações com essa autoafirmação: com a samaritana (Jo 4,26); no caminho sobre o mar (Jo 6,20); no discurso do pão da vida (Jo 6,35); na afirmação sobre ser a luz do mundo (Jo 8,12); na afirmação sobre o Filho do Homem (Jo 8,28); na expressão “porta das ovelhas” (Jo 10,1-18); na parábola do bom pastor (Jo 10,11); na afirmação de ser a ressurreição e a vida (Jo 11,25); no lava-pés (Jo 13,10); na autoidentificação de ser o caminho, a verdade e a vida (Jo 14,6); na afirmação sobre a videira verdadeira (Jo 15,1); e na paixão (Jo 18,6). Jesus, igualmente, atua, ao longo do Evangelho com tais expressões, com sua soberania e autoridade. É uma forma de descrever a “plenipotência da sua missão, das imagens referentes ao papel do redentor”,⁴⁸⁸ que se desvela com o εγω “enfático” em seus ditos, demonstrando ele mesmo ser o portador da salvação com um viés escatológico.

Ao ser examinado⁴⁸⁹ o vocábulo “Κύριός/*Senhor*”, ele tem frequente utilização no Evangelho joanino com sentidos diversos, com cerca de 52 ocorrências. O termo Κύριός⁴⁹⁰ possui dois principais sentidos: o primeiro, daquele que se torna responsável em virtude de um poder ou por ser dono de algo; e segundo, daquele que ocupa uma posição de autoridade, sendo capaz de ser senhor ou mestre. Aponta-se que a palavra pode designar, também, Deus e que igualmente é usada em referência a Jesus. Uma avaliação⁴⁹¹ do termo informa que o vocábulo é oriundo de raiz indo-germânica com um sentido de ser forte, grande, consistindo em um adjetivo substantivado do substantivo “τὸ κυρος/*prestígio*”. No grego clássico, a partir de Ésquilo (Suppl. 391), passa a ter o sentido de autoridade e poder, indicando aquele que tem poder legal, válido e legítimo, não vinculado à força física, no entanto, um poder que a pessoa tem a dispor, como atestado em Platão (Ep. 7, 324b) e em Aristóteles (Eth. Nic. 3,6). É importante dizer que o termo “δεσπότης/*déspota*” é usado muitas vezes ao lado de Κύριός. Mas a sua extensão no campo linguístico é mais frequente no grego *koiné*, como no NT, como substantivo. Vale acrescentar que, no período helenístico, ainda, segundo os estudiosos, a palavra Κύριός como substantivo torna-se rara, ganhando um significado restrito de um senhor legítimo ou de um proprietário.

⁴⁸⁸ JEREMIAS, J., Teologia do Novo Testamento, p. 429.

⁴⁸⁹ LÉMONON, J.-P., Pour lire L'Évangile selon Saint Jean, p. 403-404.

⁴⁹⁰ DANKER, F. W., Greek-English Lexicon of the New Testament and other Early Christian Literature, p. 511.

⁴⁹¹ FOERSTER, W., Κύριός, p. 1344-1355.

Em um primeiro momento no Quarto Evangelho, o termo é uma designação ao ressuscitado (Jo 20,18.20.25). Além dessa aplicação, Kümmel⁴⁹² pontua, similarmente, que a Igreja primitiva denomina “Κύριος/*Senhor*” a Jesus ressuscitado, esperado para vir novamente, agora glorioso, em um futuro próximo, presente naquela expectativa escatológica. Há uma contribuição⁴⁹³ ao analisar a distinção básica dos dois usos para o termo Κύριος em João. A primeira, comporta-se como saudação de cortesia (Jo 20,15) e a segunda, com o intuito de dirigir-se a Deus. Entende-se, do mesmo modo, que o título “Senhor” consiste em um título da Igreja primitiva no período pós-pascal, como averiguado nas passagens de Rm 10,9; 1Cor 12,3; Fl 2,9-11.

O vocábulo δεσπότης,⁴⁹⁴ no grego clássico, refere-se aos deuses, demonstrando a vinculação desses deuses com a natureza e com os homens, em um primeiro momento. Dentro do campo linguístico evolutivo helênico, o termo Κύριος passa a ser atribuído aos soberanos ao compor um culto a eles, sendo possível observar tal atribuição em Políbio, ao tratar de Felipe VI da Macedônia e ao nomear o Faraó Ptolomeu IV Filópator. O título Κύριος destinado a deuses, pela primeira vez, acontece no Egito, não antes do séc. I a.C., referindo-se à Ísis. Na época de Augusto ou Tibério é encontrada uma inscrição siríaca com a expressão em grego “Θεός Κρονος Κύριος/*Deus Tempo Senhor*” (Ditt., Or. 606). Ocorrem interessantes aplicações do termo aos soberanos egípcios (64 a 50 a.C.), “Κύριος Βασιλεύς/*Senhor Rei*” ou “Τοις Κύριος Θεός Μεγιστοις/*aos grandes Senhores Deuses*” a Ptolomeu XIII e seus descendentes; a Augusto, no Egito, no ano de 12 a.C., sendo denominado “Θεός και Κύριος Καισαρ Αυτοκρατωρ/*Deus e Senhor Rei Poderoso*”. Também, é possível ser encontrada nos monarcas de Israel, como Herodes, o grande, a inscrição “Βασιλεύς Ἡροδης Κύριος/*Rei Herodes Senhor*” (Ditt. Or. 415), assim como aos reis Agripa I e II: “Κύριος Βασιλεύς Ἀγριππας/*Senhor Rei Agripa*” (Ditt. Or. 418, 423, 426) e “Βασιλεύς Μέγας Ἀγριππας Κύριος/*Grande Rei Agripa Senhor*” (Ditt. Or. 425).

Ao sair do ambiente clássico antigo e ao se deslocar na percepção de fé pascal⁴⁹⁵, observa-se que o título “Κύριος/*Senhor*” na versão Septuaginta

⁴⁹² KÜMMEL, W. G., Síntese Teológica do Novo Testamento, p. 147.

⁴⁹³ CARSON, D. A., O Comentário de João, p. 659.

⁴⁹⁴ FOERSTER, W., Κύριος, p. 1361-1370.

⁴⁹⁵ FABRIS, R., Giovanni, p. 786.

corresponde ao tetragrama (YHWH) e passa a ser atribuído a Jesus ressuscitado e glorificado. Todavia, também, salienta-se que a primeira ocorrência de atribuir tal termo a um deus acontece na LXX⁴⁹⁶, não conseguindo averiguar o seu uso linguístico em outros meios como algo consolidado e que serve de fonte para a Setenta. O Tetragrama, designando, também, o nome de Deus, faz referência a um Deus próximo e que é fruto de uma experiência do povo a partir de Moisés. Na LXX, o vocábulo Κύριός é uma tradução verdadeira e apropriada do Tetragrama, somente quando se adota o vocábulo “יהוה/אדני/Senhor” em *ketib*⁴⁹⁷, não se limitando a designar Deus somente. O termo *baal*, que tem um sentido não sagrado de proprietário, ou o “גביר/patrão” (Gn 27,29.37), ou “מרע/senhor” (Dn [Θ] 2,47; 4,16.21) e até a palavra “שליט/soberano” (Dn [Θ] 4,14) podem ser traduzidos no grego por Κύριός designando o termo que é atribuído a Deus. No entanto, no uso religioso mais estrito, a distinção marca a separação e aplicação, referindo à divindade pagã “βααλ/*baal*” traduzida como “ειδωλον/*ídolo*” (Jr 9,13; 2Cr 17,3; 28,2) ou como “αισχύνη/*vergonha*” (1Rs 18,19.25). Dessa forma, o termo “Senhor” é exclusivo ao Deus legítimo de Israel, YHWH, em todas as suas utilizações (6.156 vezes).

Em um estudo⁴⁹⁸ das relações entre Israel e Deus (YHWH), a compreensão é de existir um Deus que é, que não consiste em uma abstração, mas que é atuante na história do próprio povo (Ex 3,14), não sendo um nome proveniente de um substantivo, porém de um verbo. Frye⁴⁹⁹, ao destacar o uso do nome de Deus, a partir de Ex 3,14, compreende que o verbo revela a divindade não como uma simples existência de Deus, porém, o uso de um verbo que requer um processo de autorrealização. Essa presença divina trata-se de uma resposta às necessidades humanas existentes, sendo atualizadas nas declarações de Jesus (Eu sou)⁵⁰⁰ no NT. A partir disso, há um questionamento se há possibilidade notória para o entendimento do título “Senhor” como uma transcrição do nome divino no AT como correspondente da confissão de Deus em Dt 6,4 com a profissão de fé de Jo 20,28, pois ao ser apresentado que “Senhor” na LXX representa o nome de Deus e no cristianismo primitivo tem-se o sentido seguinte: “o nome santo de Deus é o

⁴⁹⁶ FOERSTER, W., Κύριός, p. 1361.

⁴⁹⁷ QUELL, G., Il nome di Dio nell’A.T., p. 1391-1392.

⁴⁹⁸ GRADL, F.; STENDEBACH, F. J., Israel e seu Deus, p. 20.

⁴⁹⁹ FRYE, N., O Código dos Códigos, p. 41.

⁵⁰⁰ KOESTER, H., Introdução ao Novo Testamento, p. 208.

nome com o qual Jesus crucificado, ressuscitado e exaltado, vem reconhecido e invocado (Fl 2,9-11; Rm 10,9; 2Cor 3,17)”⁵⁰¹. Ao examinar o vocábulo θεός na LXX, podem ser identificadas expressões⁵⁰² como “Κύριός ὁ θεός/*Senhor, o Deus*” e “ὁ Κύριός θεός/*o Senhor Deus*” como traduções encontradas do Tetragrama com um significado próximo de Elohim. Destaca-se, também, a regularidade metódica na dedução, em sua origem, do termo Κύριός que se assemelha com a não utilização do artigo “ὁ/ο”, a fim de caracterizar o nome próprio da palavra hebraica YHWH.

O Novo Testamento não adota com frequência o termo “Deus” a Jesus como o faz com o vocábulo Κύριός⁵⁰³. Como é indicado, na maioria das passagens em Jo 1,1.18; 20,28; Rm 9,5; Hb 1,8; e 2Pd 1,1, a denominação divina com o vocábulo “Deus” a Jesus encontra-se em hinos ou doxologias, ideia esta que é compartilhada por Nicaccia e Battaglia⁵⁰⁴ ao apontarem um uso na liturgia e não em narrativas em si. É plausível afirmar que “trata-se, por assim dizer, de um reconhecer a partir de dentro que, todavia, permanece sempre envolvido no mistério”⁵⁰⁵ tal título aplicado ao ressuscitado nos textos que possivelmente advém de uma indicação litúrgica ao celebrar e tentar viver o mistério de Jesus ressuscitado.

No Evangelho de João, há uma distinção entre a atribuição e adoção dos termos Deus (ὁ θεός) e divino (θεός)⁵⁰⁶. Isso porque há uma tendência em abordar a divindade de Jesus, não com a utilização do título “Deus”, mas, “descrevendo suas atividades nos mesmos termos que descrevia as atividades do Pai”⁵⁰⁷. Ao corroborar essa avaliação, é válido destacar que o emprego do vocábulo “Deus” no Quarto Evangelho, com o artigo “ὁ θεός/*o Deus*”, quando isso acontece, o evangelista está a realizar uma referência direta ao Pai. Na fórmula constatada em Jo 20,28, a exclamação de Tomé é dirigida a Jesus, pois, nesse caso, a “forma com o artigo tem valor de vocativo”⁵⁰⁸.

A partir da confissão de Tomé, Wilckens⁵⁰⁹ observa que as expressões “meu Senhor” e “Senhor nosso” (1Cor 16,2; Ap 22,20) são inseridas na aplicação corrente do cristianismo, trazendo como base a fórmula correspondente e reiterada na

⁵⁰¹ WILCKENS, U., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 395.

⁵⁰² QUELL, G., *Il nome di Dio nell’A.T.*, p. 1392.

⁵⁰³ BROWN, R. E., *Comentário ao Evangelho segundo João*. Vol. 1, p. 199.

⁵⁰⁴ NICACCIA, A.; BATTAGLIA, O., *Comentário ao Evangelho de São João*, p. 265.

⁵⁰⁵ BENTO XVI, *Jesus de Nazaré*, p. 238.

⁵⁰⁶ HAENCHEN, E., *John 2*, p. 247.

⁵⁰⁷ BROWN, R. E., *Comentário ao Evangelho segundo João*. Vol. 1, p. 199.

⁵⁰⁸ MATEOS, J.; BARRETO, J. [et al.], *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*, p. 50.

⁵⁰⁹ WILCKENS, U., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 395.

invocação de Deus no Saltério, como em “Senhor meu Deus” (Sl 144,1). Ao corroborar essas indicações, há um exame⁵¹⁰ sobre a expressão “meu Deus”, que possui paralelos na literatura grega pagã, assim como em profissões piedosas no Saltério (Sl 91,2). Declara-se que os títulos são aplicados propriamente a Jesus, sendo verificados também fora da literatura joanina (Tt 2,13; Hb 1,8) e que ganham um uso comum na Igreja na aplicação a partir de Inácio de Antioquia, principalmente atestados em construções litúrgicas, devido à influência do monoteísmo rígido judaico que, com o passar do tempo, enfraquece seu influxo sobre o cristianismo.

É admissível citar algumas passagens veterotestamentárias⁵¹¹, como 1Rs 18,39, 2Sm 7,78 e Zc 13,9, nas quais percebe-se que o uso do vocábulo “Deus” possui a função de tornar específico que se trata do Senhor. E que apesar do contexto tradicional judaico, averigua-se, também, a raridade da existência explícita da divindade de Jesus no contexto do Novo Testamento. Na aplicação sem artigo, igualmente, “θεός/*Deus*”, conforme Mateos e Barreto apontam, ocorre uma designação da condição divina, podendo, também, ter uma equivalência ao uso do termo com o artigo, nos casos em que há uma preposição precedente⁵¹² (Jo 1,6; 9,16.23; 6,46; 8,40; 16,27). Uma outra ocorrência é o termo no plural, “deuses” (Jo 10,34), em que consistindo em uma citação ao Sl 82,6 é uma aplicação direta aos homens.

Existe uma constatação⁵¹³ de que, desde o séc. II a.C., o judaísmo não pronuncia mais o nome de Deus. A partir disso, encontra-se uma avaliação, também, de que o termo pode ter-se tornado impronunciável por um respeito monumental por ser o nome de Deus como traz o Talmud babilônico (bQid171a) ao comentar sobre: “o Santo, bendito seja, diz eu não sou pronunciado como eu sou escrito; eu sou escrito com yôd hê [יה], mas pronunciado como ’alef dalet [יא]”⁵¹⁴. Ainda sobre a impossibilidade radical de pronunciar o nome de Deus, essa provém, certamente, de uma tradição bíblica erigida em torno da própria denominação diante de possíveis perigos⁵¹⁵. É possível apresentar, ainda, dois pontos que auxiliam à

⁵¹⁰ LINDARS, B., *The Gospel of John*, p. 615.

⁵¹¹ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 106.

⁵¹² MATEOS, J.; BARRETO, J. [et al.], *Vocabulário Teológico do Evangelho de São João*, p. 51.

⁵¹³ RÖMER, T., *A Origem de Javé*, p. 34.

⁵¹⁴ FRANCISCO, E. F., *Tetragrama, Teônimos e Nomina Sacra*, p. 5.

⁵¹⁵ QUELL, G., *Il nome di Dio nell’A.T.*, p. 1419-1420.

compreensão desse fato: 1) a existência de um sentimento ingênuo, provocando o sentido de temor, pois, no nome, também, encontra-se implícita a essência divina, a pessoa própria e seu poder. Assim, identificam-se dois vocábulos que dimensionam o mistério envolto ao nome, a saber: “מְכַבֵּד/*glorioso*” e “נֹרָא/*terrível*”. 2) não há possibilidade de reconhecê-lo, pois sendo algo unilateral aquilo que ele é e manifesta, tem-se acesso somente à sua força dinâmica.

Essa postura tem a possibilidade de ser verificada na tradução grega do Pentateuco que, no lugar do tetragrama não vocalizado (YHWH), é adotado o vocábulo “θεός/*Deus*” ou, conforme é afirmado, na maior parte das ocorrências por “Κύριος/*Senhor*”. Ska⁵¹⁶, similarmente, informa que o nome revelado de Deus a Moisés (Ex 3,14) está envolto a incertezas devido à utilização de uma linguagem concisa e deliberadamente enigmática. Apesar dessas características, o Deus que se revela relaciona o seu nome, à libertação do povo de Israel da escravidão do Egito e, igualmente, ao sucesso da missão do próprio Moisés.

Tem-se uma compreensão de que nesse cenário de missão, “a revelação do nome próprio de Deus se dá no contexto da vocação de Moisés e da missão que o Senhor lhe confia diante da situação de seu povo (Ex 3,1-15)”⁵¹⁷. Nesse contexto dos atributos do nome, ainda, no Antigo Oriente, o “nome representa uma pessoa concreta, não um conceito (...) o nome de Deus é o próprio Deus que age na história concreta de um povo”⁵¹⁸. Por sua vez, Von Rad⁵¹⁹ salienta que a revelação do nome de Deus só ocorre na época de Moisés. Esse nome que se revela, o “nome de Deus é uma história e é a história de Israel. Essa história é uma narrativa de libertação da escravidão e de experiência da liberdade”⁵²⁰. É interessante notar que Deus manifesta seu nome nessa situação específica de Israel, revelando-se como um Deus pessoal, identificável e relacional, conforme, igualmente, percebe Lima⁵²¹.

Devido à sacralidade e à intocabilidade do nome divino, ante a impossibilidade de vocalizá-lo, os massoretas criam uma distinção entre o que se escreve e aquilo que é lido⁵²². Quem elucida melhor tal questão é Gesenius⁵²³ ao

⁵¹⁶ SKA, J. -L., O Livro do Êxodo, p. 59.

⁵¹⁷ LIMA, M. L. C., A Torá de Moisés, p. 60.

⁵¹⁸ CHAVES REIS, F. C.; GONZAGA, W., A Revelação do nome divino em “Êxodo 3,14” e o seu uso no Evangelho de João, p. 107.

⁵¹⁹ VON RAD, G., Teologia do Antigo Testamento, vol. 1, p. 177.

⁵²⁰ SKA, J. -L., O Livro do Êxodo, p. 81.

⁵²¹ LIMA, M. L. C., A Torá de Moisés, p. 60.

⁵²² RÖMER, T., A Origem de Javé, p. 35.

⁵²³ GESENIUS, W., Gesenius' Hebrew Grammar, p. 65-66.

explicar o seguinte: a margem da bíblia massoreta exhibe aquilo que é denominado de como deve “קרי/ *ser lido*”, segundo os críticos judaicos, diante daquilo que “כתיב/ *está escrito*” no texto, sendo encontradas as vogais embaixo do vocábulo orientando a leitura em detrimento do termo escrito. Em razão dessa dificuldade, aplica-se ao Tetragrama uma vocalização “אדני/*meu Senhor*” e que é verificado na Septuaginta mediante o vocábulo Κύριος.

Dentro dos estudos de teonímia⁵²⁴, Francisco⁵²⁵, ao denominar “אדן/*Senhor*” como um teônimo, percebe que esse termo é o mais habitual que designa a entidade divina de Israel, inclusive sendo aplicado de maneira apartada do Tetragrama (134 vezes). Segundo ele atesta, a primeira ocorrência é detectada em Gn 18,3, no relato do aparecimento de YHWH a Abraão no carvalho de Mamré. Ele, similarmente, aponta que o teônimo אדני tem o sentido de meus senhores, pois constitui-se o plural do termo “אדן/*Senhor, soberano*” e que pode ser localizado das seguintes formas: com artigo - “האדן/*o senhor*”, ao referir-se diretamente ao Deus de Israel e sem artigo - “אדן/*senhor*”. É salientado que a aplicação do “ketib Adonai”⁵²⁶ parece ter desencadeado um desenvolvimento na técnica de tradução que reafirmou de vez a impossibilidade de pronunciar o Tetragrama, o nome de Deus, tendo influenciado a LXX à adoção padronizada por Κύριος.

É mostrado que a revelação do nome de Deus⁵²⁷ também é compreendida a partir de uma teologia do nome divino que se apresenta como “בשם יהוה/*em nome do Senhor*”. Römer⁵²⁸, igualmente, deduz tal realidade, bem como observa uma substituição do termo “אדן/*Senhor*” pelo “בשם/*em nome*” em alguns casos. Ele diz que há uma possibilidade do uso de “אדני/*Adonai, meu Senhor*” pelos judeus em face da desconfiança diante da LXX e da apropriação “indevida” do título de “Κύριος/*Senhor*”, usado no Novo Testamento para Jesus, isso porque, em alguns manuscritos gregos em vez da adoção do “Senhor”, opta-se, geralmente, por “Deus”, colocando assim segundo os críticos judeus, Jesus no mesmo nível que o Deus de Israel, a partir do fundamento dos testemunhos veterotestamentários.

⁵²⁴ Consiste-se em um ramo de pesquisa da onomástica.

⁵²⁵ FRANCISCO, E. F., Tetragrama, Teônimos e Nomina Sacra, p. 1-5.

⁵²⁶ QUELL, G., Il nome di Dio nell’A.T., p. 1399.

⁵²⁷ CHAVES REIS, F. C.; GONZAGA, W., A Revelação do nome divino em “Êxodo 3,14” e o seu uso no Evangelho de João, p. 108.

⁵²⁸ RÖMER, T., A Origem de Javé, p. 35.

Vale informar que o nome divino, o Tetragrama, tem uma etimologia do nome incerta, sendo interpretado por muitos comentadores como “uma forma do verbo ser/existir”⁵²⁹, gerando uma identificação do YHWH como aquele que faz existir em um sentido de criar. Em um exame dos verbos semíticos⁵³⁰, afirma-se que o verbo “ser” e seu significado naqueles verbos semíticos derivam de uma raiz verbal denominada “כון/*kwn*”. A partir disso, no ugarítico, essa raiz verbal é associada ao nome divino “אל/*El*”; em aramaico, não aparece vinculado a nomes próprios; em fenício e púnico é encontrado de forma especial na forma causativa do *hifil* e do *poel* não gerando nomes próprios. A partir dessa identificação do aspecto verbal causativo no nome de Deus, Walton⁵³¹ indica que יהוה pode ter um paralelo com o verbo acádico *banu*, tendo o sentido de ser ou achar.

Conforme Eichrodt, a designação de Deus parece pertencer a uma época antiga, pois, por um grande período de tempo, o aspecto da natureza divina fica em segundo plano. Porém, para “Yahweh somente se lhe honra como o Deus eterno e imperecível quando se chega a experimentar de forma mais dolorosa a decadência da nação”⁵³². Ao se aproximar de Ex 3,14, no hebraico e no grego⁵³³, Von Rad⁵³⁴ ressalta, igualmente, a dificuldade etimológica do nome de Deus que se comunica, ao se expressar como um Deus que está presente, em um sentido relacional, de alguém que está para outrem.

O nome do Deus de Israel originalmente é El⁵³⁵, aproximando-se de uma raiz verbal caldeia. É possível fundamentar essa opinião baseada nos seguintes pontos: 1) o nome de Israel não é um nome javista (elemento divino YHWH), porém de El; e 2) em Gn 49,24-25 é mostrada uma série de denominações separadas da menção a YHWH (v.18). Todavia, em um desenvolvimento religioso, YHWH e El são identificados entre si em um primeiro momento, apesar da Bíblia Hebraica não os distinguir no uso corrente. Segundo se constata, ainda, os nomes que

⁵²⁹ WALTON, J. H., O Pensamento do Antigo Oriente Próximo e o Antigo Testamento, p. 76.

⁵³⁰ CHAVES REIS, F. C.; GONZAGA, W., A Revelação do nome divino em “Êxodo 3,14” e o seu uso no evangelho de João, p. 106.

⁵³¹ WALTON, J. H., O Pensamento do Antigo Oriente Próximo e o Antigo Testamento, p. 74.

⁵³² EICHRODT, N., Teologia do Antigo Testamento, p. 158.

⁵³³ Ex 3,14: וַיֹּאמֶר אֱלֹהִים אֶל־מֹשֶׁה אֲהִיָּה אֲשֶׁר אֲהִיָּה וַיֹּאמֶר פֹּה תֵאמַר לְבְנֵי יִשְׂרָאֵל אֲהִיָּה שְׁלַתְנִי אֶלְיָכֶם: / καὶ εἶπεν ὁ θεὸς πρὸς Μωϋσῆν Ἐγὼ εἰμι ὁ ὢν καὶ εἶπεν Οὕτως ἔρεῖς τοῖς υἱοῖς Ἰσραὴλ Ὁ ὢν ἀπέσταλκέν με πρὸς ὑμᾶς.

⁵³⁴ VON RAD, G., Teologia do Antigo Testamento, vol. 1, p. 178.

⁵³⁵ SMITH, M. S., História Primitiva de Deus, p. 91-95.

possuem o elemento “אל/El” parecem refletir uma história na identificação entre YHWH e El no tempo que eles surgem.

Como Chaves Reis e Gonzaga⁵³⁶ dizem sobre a expressão no Ex 3,14, de forma específica, “אֶהְיֶה אֲשֶׁר אֶהְיֶה/Eγώ εἰμι ὁ ὄν/sou *aquele que é, que sou, que estou sendo*”, parece indicar a essência divina propriamente dita. A afirmação “כִּי־אֶהְיֶה נִמְצָא/porque estarei, serei convosco”⁵³⁷ em Ex 3,12 está pressuposta na expressão “אֶהְיֶה אֲשֶׁר אֶהְיֶה” em Ex 3,14, tendo esta última, possibilidade de diversas interpretações, a saber: eu serei aquele que serei; eu sou aquele que sou; eu sou (este é o meu nome), sendo aquele que é essencialmente inominável e inexplicável.

Em um primeiro momento, o nome de Deus expressa-se de qualquer forma no plano da existência (היה). De uma maneira pura e simples, a locução⁵³⁸ parece manifestar a realidade mesma da existência de Deus - *Deus revelatus et Deus absconditus*⁵³⁹. Isso é perceptível pelo grau de especulação em torno da expressão em Ex 3,14 que, na LXX, em sua tradução, leva as seguintes indicações: 1) a profundidade no debate especulativo no grego, ὁ ὄν, não se torna detectável de forma absoluta no texto hebraico. Há, também, uma dificuldade de penetrar na expressão e em seu entendimento, afastando-se de uma etimologia etiológica; e 2) a disposição dos termos entre “aquele que sou” e a forma אהיה pode ser resultado de uma manipulação textual do texto originário, parecendo ser alguma correção dos escribas.

Em relação àquela expressão constante de Ex 3,14, denominada de uma formulação tautológica, que ao mesmo tempo revela e, também, mantém a obscuridade do nome, demonstra, assim, “que este nome não é propriamente um nome, ao menos não o é conforme à experiência humana”⁵⁴⁰, e torna-o diferente de todas as outras divindades com seus nomes precisos e claros da Antiguidade. Von Rad⁵⁴¹, similarmente, trata como uma oração relativa paronomástica constituída em hebraico (אֶהְיֶה אֲשֶׁר אֶהְיֶה) de Êxodo como um instrumento para auxiliar na indeterminação, mas também de mistério e que a presença ativa de Deus é uma

⁵³⁶ CHAVES REIS, F. C.; GONZAGA, W., A Revelação do nome divino em “Êxodo 3,14” e o seu uso no Evangelho de João, p. 111.

⁵³⁷ BROWN, F.; DRIVER, S. R.; BRIGGS, C. A., The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon, p. 218.

⁵³⁸ QUELL, G., Il nome di Dio nell’A.T., p. 1425-1427.

⁵³⁹ Deus revelado sobre o fato de manter-se um Deus escondido.

⁵⁴⁰ LIMA, M. L. C., A Torá de Moisés, p. 60.

⁵⁴¹ VON RAD, G., Teologia do Antigo Testamento, vol. 1, p. 178.

abstração e um suspense, simultaneamente. A expressão possui um suspense porque a libertação, no ato da revelação do próprio nome, ou seja, de Deus, é, outrossim, apenas uma promessa. A “essência deste mistério”⁵⁴² é manifestada na expressão da LXX: “Εγώ ειμι ὁ ὄν/*eu sou aquele que é*”. A tradição do nome divino por ὁ Κύριος na LXX detém uma grande importância para a comunidade cristã, pois como é reiterado, “ela relacionou expressões e sobre Javé com o seu próprio Κύριος, Jesus Cristo”⁵⁴³.

Convém observar o termo Κύριος no contexto do NT para perceber sua aplicação a Jesus ressuscitado. Ao precisar o entendimento do termo nesse contexto⁵⁴⁴, mostra-se que o vocábulo tem um sentido de senhor, proprietário ou patrão de vinha e de escravos. O seu uso, devido a isso, é amplo. Há uma verificação que ὁ Κύριος, na região palestinese, quando da utilização da versão da LXX como Escritura, não se constata, em um primeiro momento, a sua aplicação como uma designação de Deus. Além disso, algo que se percebe na estrutura gramatical grega do texto da LXX é que, por influência semítica, o caso nominativo com artigo é usado no local do vocativo, e isso pode ser verificado em Jo 20,28 e Ap 4,11. No florescer dos escritos neotestamentários, quem inicia a adoção do termo a Jesus é Paulo. Posteriormente, verifica-se a locução “Κύριος Ἰησοῦς/*Senhor Jesus*”, que vem a implicar uma adesão religiosa a Jesus ressuscitado e um relacionamento claro com a glória de Deus, sendo Jesus, após sua paixão, morte e ressurreição, exaltado ao nível divino.

Convém afirmar que a última ocorrência em referência a “Deus” aplicada a Jesus é o título “Senhor”. Mateos e Barreto colocam tal título no âmbito do respeito empregado pelos discípulos⁵⁴⁵ conforme as atestações (Jo 6,69; 11,3.12.21.27.32.34.39; 13,6.9.25.36.37; 14,5.8.22; 20,2.13.15.18.20.25.28; 21,7.15.16.17.20.21). Eles são realçados, similarmente, na samaritana (Jo 4,11.15.19), no funcionário real (Jo 4,49), no inválido da piscina (Jo 5,7), na multidão de Cafarnaum (Jo 6,34), no cego curado (Jo 9,36.38), que segundo os autores são também aplicados a Jesus. A adoção de tal título passa pela

⁵⁴² CHAVES REIS, F. C.; GONZAGA, W., A Revelação do nome divino em “Êxodo 3,14” e o seu uso no Evangelho de João, p. 112.

⁵⁴³ VON RAD, G., Teologia do Antigo Testamento, vol. 1, p. 184.

⁵⁴⁴ FOERSTER, W., Signore nel tardo Giudaismo, p. 1461-1471.

⁵⁴⁵ MATEOS, J.; BARRETO, J. [et al.], Vocabulário Teológico do Evangelho de São João, p. 51.

“intensificação da esperança”⁵⁴⁶ pautada no senhorio de Jesus no presente e que se torna um evento salvífico escatológico que a ressurreição propõe evocar.

3.4

Análise literária-narrativa da perícopa de Jo 20,24-29

Ao iniciar a Análise Literária da perícopa de Jo 20,24-29, são citados alguns procedimentos literários⁵⁴⁷ encontrados no Evangelho joanino que ajudam a compreender a dinâmica da obra, a saber: ambivalência em certas declarações de Jesus, o uso de uma linguagem simbólica e a utilização do mecanismo da ironia. O Evangelho, ainda, é uma “obra de retórica escrita, com o fim da proclamação e da persuasão: quem é Jesus e por que se deve crer nele”⁵⁴⁸. Como se percebe, o evangelista João “recorre ao gênero literário do evangelho”⁵⁴⁹. Dentro desse escopo da composição literária, Schnelle⁵⁵⁰ realiza uma distinção interessante sobre a forma denominada de Evangelho. Apesar de ter sido criado o gênero com o evangelista Marcos, existe uma diferença marcante entre o seu uso por Paulo em suas cartas. Para esse, a sua aplicação dá-se como substantivo “*εὐαγγέλιον/evangelho*”, que não consiste em um gênero literário, contudo, em uma mensagem afortunada de Jesus, sendo seu conteúdo a palavra viva da mensagem da salvação. No entanto, para os evangelistas, há uma combinação da atuação passada e presente de Jesus, a proclamação da mensagem, uma interação histórica e teológica, além de uma relação entre a narrativa e afirmações querigmáticas.

Muitos estudiosos percebem uma prática comum de alguns textos, mesmo no Evangelho joanino, quanto aos elementos da narrativa/do discurso no texto grego no campo desse gênero. De acordo com Nollí⁵⁵¹, aqueles constituintes podem ser uma busca de clareza e simplicidade dos termos na narrativa; um uso frequente de preposições, algo que se observa no Quarto Evangelho com a preposição “*καί/e*”, com o predicado muitas vezes no acusativo com o uso da preposição “*εἰς/para*”. A ênfase no discurso, como verifica o estudioso, dá-se na repetição abundante de

⁵⁴⁶ KÜMMEL, W. G., Síntese Teológica do Novo Testamento, p. 148.

⁵⁴⁷ ZUMSTEIN, J., O Evangelho segundo João, p. 451-452.

⁵⁴⁸ SLOYAN, G., Giovanni, p. 22.

⁵⁴⁹ ZUMSTEIN, J., O Evangelho segundo João, p. 435.

⁵⁵⁰ SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 104-105.

⁵⁵¹ NOLLI, G., Vangelo secondo Giovanni, p. IX.

pronomes pessoais, ou em apoiar-se em negações compostas, todavia montando um estilo direto com orações coordenadas.

De acordo com Wegner⁵⁵², similarmente, apesar de existir literatura à época que trate da vida de homens ilustres, os Evangelhos mostram quem Jesus realmente é e, ademais, o que ele representa para as comunidades, para a vida da fé, da esperança e do amor (Jo 20,31), sendo apresentada a sua história em um modelo testemunhal existencial. Diante disso, pode-se apreender as unidades narrativas (micro) dentro da grande composição (macronarrativa), percebendo que existe uma unidade textual. E, ainda mais, João assume uma tradição de *logia*, reformulada por ele, adicionando uma tradição de sinais, dos últimos dias de Jesus e sobre a vida de Jesus após a ressurreição, gerando uma amálgama textual com uma característica de ser uma narrativa familiar⁵⁵³.

Do ponto de vista joanino, a história narrativa da vida de Jesus está unida diretamente a sua conclusão que está na cruz, como cumprimento ou consumação do encargo que é confiado a Jesus pelo Pai⁵⁵⁴. O fim na cruz torna-se o desfecho da vida terrena de Jesus, demonstrando a sua exaltação e revelação da glória de Deus. A partir disso, ainda, é razoável ressaltar que a construção literária joanina fundamenta-se em antigas tradições as quais o escritor pode ter acessado para compor a obra do Evangelho.

A perícopé de Jo 20,24-29, também, demonstra possuir uma unidade narrativa dentro do capítulo 20 ao serem apresentadas, por meio de micronarrativas, as aparições do ressuscitado à Maria Madalena, aos discípulos, sem e com Tomé. Ademais, o Evangelho tem duas conclusões, uma localizada no final do capítulo 20, nos vv.30-31, e a segunda, no epílogo situado no capítulo 21⁵⁵⁵. Moloney⁵⁵⁶ aprofunda o entendimento sobre Jo 20, ao verificar que ele pode ter sido construído baseado em antigas tradições do cristianismo: sobre a ressurreição à(s) mulher(es) e aos discípulos (vv.11-18.19.19-23); do encargo de anunciar (v.17); e do mandato missionário (vv.21-23). Porém, a forma de exposição e estruturação na composição narrativa são originais do evangelista. Basta perceber a distinção da maneira como é disposta a incumbência missionária (vv.21-23) em relação aos Sinóticos (Mt

⁵⁵² WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 222.

⁵⁵³ SLOYAN, G., Giovanni, p. 23.

⁵⁵⁴ MOLONEY, F. J., Il Vangelo di Giovanni, p. 450.

⁵⁵⁵ ZUMSTEIN, J., O Evangelho segundo João, p. 443.

⁵⁵⁶ MOLONEY, F. J., Il Vangelo di Giovanni, p. 450.

28,16-20; Lc 24,44-49). Para entender melhor, convém acessar propostas que demonstram uma macroestrutura do Evangelho. Dentre essas, Doglio⁵⁵⁷ realiza uma proposição interessante, como se segue:

1,1-18	Prólogo		
1 – 12	Primeira Parte: o livro dos Sinais		
	1,19-51	Prólogo narrativo: de João Batista de Jesus	
	2 – 4	Primeira seção: de Caná a Caná	
		2,1-12	Arquétipo dos sinais em Caná
		2,13-25	Expulsão dos vendilhões
		3,1-21	Diálogo com Nicodemos
		3,22-36	Testemunho de João Batista
		4,1-45	Encontro com a mulher de Samaria
		4,46-54	Segundo sinal em Caná
		5 – 12	Segunda seção: as festas dos judeus
		5,1-47	Festa: sinal do paralítico com discurso
		6,1-71	Páscoa: sinais do pão e do mar com discurso
		7,1 – 10,21	Tendas: sinal do cego de nascença com discurso
		10,22 – 11,54	Dedicação: sinal e Lázaro com discurso
		11,55 – 12,30	Transição da primeira para a segunda parte
13 – 21	Segunda Parte: o livro da glória		
	13 – 17	Os discursos de despedida	
	18 – 19	O relato da paixão	
	20	A narração dos encontros pascais	
	21	O epílogo narrativo	

Tabela 2 – Macroestrutura do Evangelho de João

A partir da estrutura narrativa do Evangelho acima exposto, pode-se analisar, fundamentado no que Berger⁵⁵⁸ indica, a existência de elementos importantes que são destacados, com base no campo textual histórico e de antigas

⁵⁵⁷ DOGLIO, C., *Literatura Joanina*, p. 80.

⁵⁵⁸ BERGER, K., *Hermenêutica do Novo Testamento*, p. 199-206.

tradições. Nesse aspecto, descobre-se uma hierarquia de fatos que apontam para a(s) prioridade(s) da composição e que se averigua em Jo 20,30-31. O estudioso mostra cinco níveis de elementos estruturantes na própria narrativa: 1) a intenção do autor, que é exposta no final do texto, diferenciando-se de outros, como, por exemplo, em Lc 1,1-4, que demonstra no início da composição haver uma relação direta entre a vinculação do evento histórico de Jesus e sua morte e ressurreição; 2) escopos secundários nos quais o desenvolvimento narrativo passa por argumentações subordinadas provenientes de elementos informativos mais gerais; 3) a intenção genérica, a qual o autor desenvolve a partir do objetivo geral, com um tema central amplo; 4) um saber proveniente de uma experiência que está presente nas partes do texto e que tem a capacidade de se relacionar e se aplicar em outras diferentes situações da vida do discípulo; e 5) elementos menos importantes que servem para complementar de maneira generalizada o conteúdo que está sendo desenvolvido e que podem também ser originários de outros textos bíblicos.

No âmbito da crítica literária⁵⁵⁹, dentro da macronarrativa joanina, há rupturas literárias reconhecidas na sequência Jo 4 – 6, um possível seguimento de Jo 14,31 em Jo 18,1 e o apêndice de Jo 21. Na primeira sequência, há uma inconsistência geográfica, pois em Jo 6,1 Jesus desloca-se de uma margem para outra de um lago na Galileia, enquanto em Jo 5, na verdade, se encontra em Jerusalém e não naquela região. Além disso, o exame aponta que a conexão mais adequada e consistente é Jo 4 – 6 e 5 – 7. Na segunda sequência, Jo 14,31, o seu comando de sair de onde se localizam somente é cumprido em Jo 18,1. A última sequência, trata do final primeiro da obra Jo 20,30-31. Diante disso, tem a possibilidade dos editores do texto serem os autores da obra completa, uma vez que Jo 21 torna-se a segunda conclusão, não fazendo parte na Tradição.

No âmbito da análise narrativa, Casneda⁵⁶⁰, ao avaliar Jo 20, indica uma possibilidade de mudar o início da perícope de Jo 20,24-29 para o v.26, gerando uma nova configuração (Jo 20,26-29). Isso porque, para ela, no v.24, há informações sobre Tomé e a presença da partícula “*δέ/porém*”, que relaciona e contrapõe com o que foi informado em Jo 20,19-23, sendo mais enfática a divisão no v.26, devido à utilização da coordenada temporal “oito dias”. Mas ela mesma informa que, devido à existência de um sinal narrativo decisivo, a passagem parece

⁵⁵⁹ SCHNELLE, U., Introdução à Exegese do Novo Testamento, p. 81-82.

⁵⁶⁰ CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 316.

ter mais consistência, realmente, começa no v.24 por estar ligada à perícopre antecedente e em virtude da mudança de ação. Isso ocorre porque, a partir do v.25, Tomé passa a ser o personagem principal, o sujeito e o destinatário da mensagem no diálogo com Jesus ressuscitado.

A fim de determinar a delimitação da perícopre no âmbito da Análise Literária, torna-se preciso basear-se em alguns critérios para localizar o seu início e o seu fim, percebendo que ela é uma “unidade autônoma quando seu conteúdo possui uma mensagem própria e característica, distinta das mensagens dos textos anteriores ou subsequentes”⁵⁶¹. Nesse caso, ao aplicar tais elementos em Jo 2,24-29, a delimitação dá-se mediante os seguintes componentes: uma indicação cronológica (oito dias), topográfica (dentro/portas fechadas) e de personagens (Tomé e Jesus) bem definidos e uma linguagem discursiva e narrativa. Existe, igualmente, a proposta de verificar possíveis subdivisões do texto por meio de uma diagramação do conteúdo⁵⁶². A partir dessas orientações, tenta-se nesse momento, identificar dois blocos no interior da perícopre delimitada:

Para o bloco I, tem-se os vv.24-25:

A **Tomé**, um dos doze, não estava com eles

B Dizem-lhe os discípulos: vimos o **Senhor**

A’ Porém, ele lhes disse: de forma alguma **crerei**.

Como se constata, no bloco I ocorre uma relação dialógica entre os discípulos e Tomé, que, ausente no primeiro encontro com Jesus ressuscitado (Jo 20,19-23), não crê no testemunho do grupo dos “Doze”. É perceptível a relação entre a postura de Tomé e o “crer” no Senhor ressuscitado. Dessa ligação, observa-se a articulação dos discípulos que atestam e testemunham ao discípulo ausente e, nesse momento, incrédulo.

Para o bloco II, apresenta-se nos vv.26-29:

A Oito dias...discípulos e **Tomé** com eles

B Vem **Jesus**. Diz: paz convosco. E diz a **Tomé**: traze e coloca a mão nas marcas

C Não sejas incrédulo, mas *crédulo*

B’ Responde **Tomé**: meu **Senhor** e meu **Deus**

A’ *Bem-aventurados* os que não viram e *creram*.

⁵⁶¹ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 114.

⁵⁶² WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 115.

O bloco II, iniciado com um elemento cronológico ausente no bloco I, mostra um novo cenário: Tomé, personagem principal, está com o grupo dos discípulos. E, então, no centro dessa parte, sucede o diálogo entre Jesus e Tomé. Os pedidos de Tomé do bloco anterior são retomados por Jesus na narrativa, demonstrando que, apesar de ter um elemento temporal literário (oito dias), esse bloco articula-se diretamente com o anterior e forma, assim, uma unidade literária, como se vê no destaque dos termos, e principalmente no “Senhor”, no bloco I, tratado como “Senhor e Deus” no bloco II, a partir da articulação com o verbo “crer”. Isso aponta ao centro, no qual há o informe/comando que é dado: sê crédulo, ou seja, sê fiel. Após o comando, há uma evolução literária, uma definição elaborada por meio da profissão de Tomé da divindade de Jesus ressuscitado, sendo encerrado com uma bem-aventurança (v.29) que, também, serve de informe à comunidade, não somente ao discípulo antes descrente.

Ao aprofundar nas etapas da Análise Literária, esta pesquisa atenta-se à presença de alguns critérios. Esses podem ser: alternância ou modificação dentro de um mesmo assunto básico e o uso das conjunções que indicam o tipo de nexo que há entre as partes de um texto. Quanto às conjunções, tem-se: no v.24 e no v.25 – “*δέ/mas, porém*”; no v.26 – “*καί/e*”, que fornece uma ideia de continuação com o bloco anterior; quanto ao tema básico, a aparição de Jesus ao grupo dos Doze; a ausência de Tomé e as suas imposições que são retomadas no bloco seguinte da perícopé pelo próprio Jesus na narrativa.

Após os critérios literários colaborarem com a percepção da estrutura narrativa em si, convém inferir sobre possíveis relações de temas na perícopé. Há uma contribuição para orientar a descoberta de paralelismos na perícopé⁵⁶³. O judaísmo anterior e contemporâneo a Jesus faz amplo uso do paralelismo para expressar suas ideias, empregado na prosa e na poesia. Observa-se a oportunidade de encontrar paralelismos sinonímicos e antitéticos na perícopé de Jo 20,24-29, quais sejam:

Não estava com eles (v.24b) > discípulos, Tomé (v.26a)

Veio Jesus (v.24a) > vem Jesus (v.26b)

Se eu não vir as mãos dele (v.25d) > traze o teu dedo (v.27b) e mão (v.27c)

Colocar o dedo nas marcas (v.25e) > traze a tua mão (v.27d)

⁵⁶³ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 120.

Colocar minha mão no lado dele (v.25f) > coloque no meu lado (v.27e)

De forma alguma creerei (v.25g) > não sejas incrédulo, mas crédulo (v.27f)

Vimos o Senhor (v.25b) > meu Senhor e meu Deus (v.28)

Após os exames acima, Casneda⁵⁶⁴ ajuda a definir a perícopes Jo 20,24-29, em seu contexto narrativo, por uma outra perspectiva, como segue: exposição (v.24) e uma ação (v.25); uma segunda exposição (v.26a) e uma segunda ação (v.26b-28) e uma conclusão (v.29), sendo o todo articulado por meio da representação: ação, complicação e resultado. A partir desse esquema, apoiando-se, também, no modelo de Bremond⁵⁶⁵, pode ser elaborada a seguinte tabela e apresentado um diagrama da estrutura narrativa:

Primeira Exposição		
Vinda de Jesus (v.24) Ausência de Tomé	Testemunho dos discípulos (v.25ab) “Vimos o Senhor”	Postura de Tomé (v.25dg) Ver as marcas Colocar o seu dedo nelas Colocar a mão no lado “jamais acreditarei”
Segunda Exposição		
“Oito dias depois/dentro” Encontro do ressuscitado com os discípulos e Tomé (v.26a)	Vinda de Jesus Apresentação dos sinais da crucificação a Tomé (v.27a)	Postura de Tomé – profissão de fé (v.28)
Conclusão		
Bem-aventurança (v.29)		

Tabela 3 – Estrutura narrativa da perícopes Jo 20,24-29

Ao compreender a perícopes de Jo 20,24-29, dividida entre dois blocos ou exposições, entende-se, também, vislumbrando o paralelismo dos termos, a contraposição entre ausência e presença de Tomé (vv.24.26a); Jesus presente

⁵⁶⁴ CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 316.

⁵⁶⁵ BREMOND, C., Logica del racconto, p. 131 *apud* EGGER, W., Metodologia do Novo Testamento, p. 120.

(testemunho no v.25) e diante de Tomé (v.27a); as marcas do crucificado e ressuscitado e a profissão de fé da realidade divina (vv.25.28); e a conclusão com a bem-aventurança (v.29).

Existe uma apresentação sobre uma regra que se comporta da seguinte maneira: “o termo ou assunto que amarra o texto se evidencia pela sua repetitividade”⁵⁶⁶. A partir desses elementos expostos, pode-se, igualmente, inferir uma repetição e seu conseqüente favorecimento no desenvolvimento do tema, nas expressões, a seguir: veio Jesus (v.24c e v.26b); mão e lado (v.25def e v.27cde); Senhor (v.25b e v.28); crer (v.25g, v.27f, v.29ce); e ver (v.25bd, v.27c, v.29bd). No âmbito da micronarrativa, ou seja, no contexto da perícopes de Jo 20,24-29, o tema da ressurreição é acrescido mediante as últimas aparições do ressuscitado. Elas detêm elementos significativos: “portas fechadas/dentro” em relação com Jo 20,19, levando a indicar que os discípulos, no domingo após a ressurreição (v.26a), por meio da expressão “oito dias depois”, encontram-se no mesmo local de encontro da primeira aparição. A narrativa da ressurreição, ainda, perpassa toda a perícopes com a questão da fé no ressuscitado, não sendo introduzidos novos personagens além daqueles já descritos (Jesus, discípulos e Tomé). As indicações cronológica e topográfica (v.26) querem marcar e destacar, possivelmente, o dia e o local frequentes das assembleias da comunidade joanina. Há uma percepção⁵⁶⁷ de que o termo “ἔσω/dentro” não está propondo uma resposta sobre um “para que lugar/destino”, mas um “lugar” onde os discípulos se encontram juntos em casa no momento da aparição do ressuscitado.

Há um imperativo (v.27) expresso com o verbo tornar-se, como orienta Doglio⁵⁶⁸, no tempo presente que indica uma continuidade futura, própria da dinâmica da fé no Evangelho joanino. Além disso, há a finalidade de elucidar uma tensão que acontece ao longo da macronarrativa joanina com os judeus que acusam Jesus de blasfêmia e que contribui para entender a dúvida expressa por elementos literários da perícopes. Isso se torna mais claro em Jo 5,18, que demonstra a não tolerância deles ante à pretensão cristã de apresentar Jesus como igual a Deus, pois, como lembra, “era uma característica de Lúcifer fazer-se igual ao Altíssimo (Is

⁵⁶⁶ WEGNER, U., Exegese do Novo Testamento, p. 123.

⁵⁶⁷ BULTMANN, R., The Gospel of John, p. 694.

⁵⁶⁸ DOGLIO, C., Literatura Joanina, p. 161.

14,14)”⁵⁶⁹. Outrossim, os judeus veem as declarações cristãs como uma tentativa de proclamar um segundo “deus”, violando Dt 6,4, sobre o Senhor Deus ser o único Senhor. Diante dessa perseguição judaica, tornando-se inflexível ao longo da macronarrativa, mostra-se que o hino comunitário⁵⁷⁰ contém uma certeza de que “o Verbo era Deus” (Jo 1,1), e a confissão de fé traz a aclamação “meu Senhor e meu Deus” (Jo 20,28).

Por sua vez, é admissível ter uma estrutura para a micronarrativa Jo 20,24-29, a partir de três eixos básicos: introdução/exposição, ação e resolução, como segue a tabela⁵⁷¹, a seguir:

24a	Introdução e Configuração	Porém,
b	Característica de Entrada	Tomé
c	Descrição	Um do doze
d	Identificação	Chamado Dídimos
e	Afirmação	Não estava com eles
f	Circunstância	Quando Jesus veio.
25a	Conflito	Então, diziam-lhe os outros discípulos
b	Exclamação	Vimos o Senhor
c	Resposta	Ele, porém, disse-lhes
d	Condições enfáticas	Se eu não vir nas mãos dele a marca dos pregos
e		E colocar o meu dedo na marca dos pregos
f		E colocar a minha mão no lado dele
g	Inferência negativa	De forma alguma creerei.
26a	Resolução (vv.26-27)	E oito dias depois
b	Configuração	Dentro, de novo estavam os discípulos dele
c		e Tomé (estava) com eles
d	Configuração	(estando) as portas fechadas
e	Sequência da ação 1	Vem Jesus

⁵⁶⁹ BROWN R. E., A Comunidade do Discípulo Amado, p. 49.

⁵⁷⁰ BROWN R. E., A Comunidade do Discípulo Amado, p. 49.

⁵⁷¹ KLINK III, E. W., John, p. 871.

f	Sequência da ação 2	E ficou de pé no meio
g	Sequência da ação 3	E disse
h	Declaração	Paz convosco
27a	Reação do v.25c-g	Então, diz a Tomé
b	Série de ordem 1	Traze o teu dedo aqui
c	Série de ordem 2	E vê a minha mão
d	Série de ordem 3	E traze a tua mão
e	Série de ordem 4	E coloque no meu lado
f	Série de ordem 5	E não sejas incrédulo
g	Série de ordem 6	Mas crédulo
28a	Conclusão (vv.28-29)	Respondeu Tomé
b	Reação	E disse-lhe
c	Declaração	“Meu Senhor
d		e meu Deus”
29a		Diz-lhe Jesus
b	Circunstância	Por que me viste
c	Resultado	Creste?
d	Pronunciamento	Bem-aventurados os que
e	Circunstância contraste	Não viram
f	Resultado contraste	E creram.

Tabela 4 – Estrutura da Micronarrativa de Jo 20,24-29

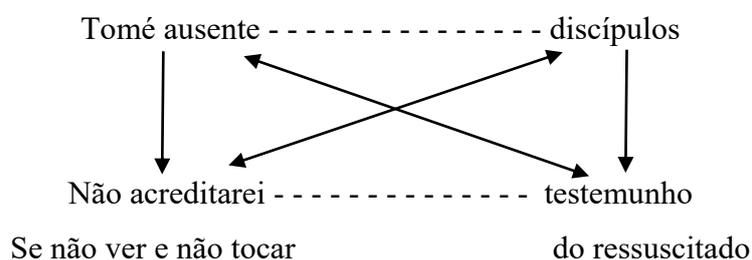
Essa estrutura literária proposta contém uma representação de como o texto é descrito. A partir da circunstância (v.24f) da vinda/aparição do ressuscitado, desenvolve-se um conflito: o não crer diante do testemunho (v.25ac) e a ênfase desse descrédito trabalhado nos itens (v.25def), finalizando com a negativa enfática “de forma alguma crerei” (v.25g). Mediante a retomada de elementos literários da primeira aparição aos discípulos já apresentados (v.26bdcefg), ocorre uma reação, voltando aos elementos postos nas condições enfáticas (v.27bcde) com o acréscimo efusivo (v.27fg). A declaração (v.28cd), com os termos significativos e destacados,

parece alcançar uma maturação no enredo tratado até agora. E, por fim, a circunstância (v.29b), que faz menção à circunstância (v.25f), produz no final o tema do crer sem ver (v.29cd).

3.5

Análise semântica da perícopre de Jo 20,24-29

Após esse percurso na Análise literária-narrativa, segue-se uma outra etapa nesta pesquisa: a Análise semântica⁵⁷² da perícopre. Por meio dessa, primeiramente, podem ser feitas as seguintes relações: ausência e presença de Tomé; ver e acreditar; testemunho e acreditar; negação do testemunho e querer provas (marcas e lado); presença e encontro com Jesus; relação com o ressuscitado e profissão de fé; bem-aventurança de não ver e crer. A partir do exposto, é possível alcançar as seguintes conexões, iniciando a primeira nos vv.24-25, no bloco I, no qual se tenta apresentar um quadrilátero semiótico, como segue:



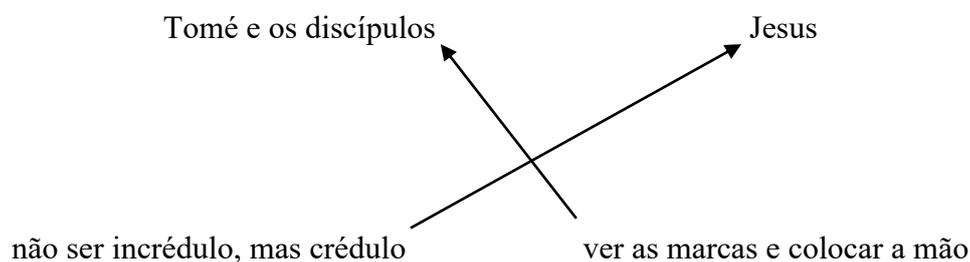
No quadro acima, observam-se as seguintes vinculações: entre itens contrários, Tomé ausente e os discípulos, bem como a expressão de rejeição de Tomé diante do testemunho do ressuscitado feito pelos discípulos. Isso porque, nesse momento do texto, o escritor quer apresentar o contraste existente entre a experiência de fé dos discípulos, que viram o ressuscitado e testemunham a Tomé, que não viu e que impõe suas exigências. Contudo, percebe-se uma relação de implicação entre Tomé ausente e o fato de não acreditar, colocando-o em condições díspares às dos discípulos, ante o testemunho do ressuscitado.

O sinal da ausência do discípulo permite apontar a não participação de Tomé na vida comunitária, exigência que a narrativa impõe, além de servir de uma técnica

⁵⁷² EGGER, W., Metodologia do Novo Testamento, p. 96-97.

da composição na progressão do relato⁵⁷³. Algo que está contrapondo é o posicionamento de uma fé fundamentada nos sinais exigidos na expressão de Tomé e a verdadeira fé que é destacada na composição⁵⁷⁴. Ademais, encontra-se uma conexão de contradição entre Tomé ausente e o testemunho do ressuscitado, tal como entre os discípulos e a rejeição de Tomé. A contradição reforça a ideia de que o apóstolo vê no testemunho um boato e que a verdadeira experiência com o ressuscitado está naquilo que está pressuposto, a verificação visual e tangível⁵⁷⁵.

Na segunda relação, no bloco II, nos vv.26-27, tem-se o seguinte quadro:



No outro quadro semiótico, é possível vislumbrar as seguintes associações: Tomé e os discípulos possuem uma relação de pressuposição entre ver as marcas e colocar a mão, haja vista que os discípulos também viram Jesus e suas marcas, desejo, agora, impositivo de Tomé; assim como de deixar a incredulidade e passar a uma fé mais profunda como pressuposto, a realizar, também, um encontro com Jesus. Além das ligações anteriores, percebe-se um conjunto de implicações⁵⁷⁶ entre “ver” as marcas e colocar as mãos e ser crédulo. Porque, após Jesus aparecer aos discípulos, eles o veem por inteiro. Moreno García⁵⁷⁷ entende, nesse ponto, haver um merismo, com a estrutura dos termos mão-dedo-mão, referindo-se tratar de Jesus em seu corpo inteiro e não de um fantasma, que provoca uma hendíade, por meio da utilização dos imperativos expressos pela pessoa do ressuscitado que é o objeto de fé dos discípulos e de Tomé. Além disso, o estudioso descobre a presença de elementos simétricos nesses blocos com outras passagens existentes (Jo 2,11 e 20,30); terminando os sintagmas com o termo “ver” (Jo 1,43-48 e 20,24-28), no que tange à existência da dúvida dos discípulos; e a superação da própria dúvida (Jo

⁵⁷³ SCHLIESSER, B., *To touch or not to touch?*, p. 71.

⁵⁷⁴ KYSAR, R., *Giovanni*, p. 132.

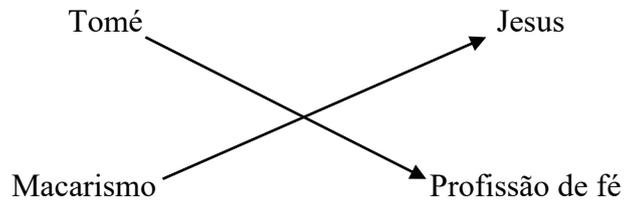
⁵⁷⁵ SCHLIESSER, B., *To touch or not to touch?*, p. 72.

⁵⁷⁶ EGGER, W., *Metodologia do Novo Testamento*, p. 56.

⁵⁷⁷ MORENO GARCÍA, A., *Manos y dedos*, p. 527-533.

1,45-51 e 20,29); e, por fim, a importância do sinal e o verdadeiro sentido de ter fé (Jo 2,1-11; 20,30-31).

No bloco III, há uma alternativa, com uma terceira ligação contínua nos vv.28-29:



Nesse último quadrilátero semiótico, faz-se oportuno extrair as seguintes associações: uma, de implicação entre Tomé, enquanto discípulo, e os futuros discípulos, no que se refere ao macarismo que se destina a todo aquele que se propõe a aderir a Jesus, sendo seu seguidor. E, uma outra, entre a profissão de fé dirigida ao próprio Jesus. Também, nota-se uma relação de pressuposição de Tomé diante da sua profissão de fé na qual o apóstolo alcança um outro nível de experiência de fé, sendo capaz de professar a sua no ressuscitado e do macarismo de não ver e crer em Jesus, destinado a todos os futuros seguidores.

Ao aprofundar na Análise Semiótica, chega-se a uma outra etapa, a da identificação dos eixos semânticos⁵⁷⁸. Eles podem ser expressos sobre os vetores de ação que podem ser constituídos pelos discípulos, Tomé e Jesus; e sobre o eixo do agir, baseado em verbos: veio Jesus; vimos o Senhor; estar com; vir as marcas; colocar o dedo nas marcas e a mão; não crer; ver e crer. Em uma análise geral, convém, neste momento, averiguar os verbos de movimento constantes na perícopie: no caso, o verbo ir; verbos de fala – dizer e responder; as indicações do lugar por meio dos termos – dentro (v.26a) e portas fechadas (v.26b); e indicação do tempo, sendo constituída pela locução: oito dias depois.

⁵⁷⁸ EGGER, W., Metodologia do Novo Testamento, p. 103.

3.6

Análise pragmática da perícopre de Jo 20,24-29

Ao avançar nas etapas da investigação da perícopre, alcança-se à Análise pragmática⁵⁷⁹. De modo geral, da macronarrativa sob o ponto de vista da pragmática, o escritor joanino possui uma intenção bastante clara de auxiliar e reestruturar a fé dos discípulos que, após a morte do crucificado, são chamados a fortalecerem-se, a fim de obter uma fé solidificada pelo evento da ressurreição⁵⁸⁰. Nessa análise, são procuradas as orientações e as diretrizes do texto dirigidas ao leitor. Há alguns componentes que integram essa averiguação, tais como: a orientação – não ser incrédulo, mas crédulo (imperativo); e as palavras dirigidas a Tomé, para que sejam aplicadas ao leitor e o fato de não ver e crer (v.29). Existe, do mesmo modo, uma tentativa de reforçar o vínculo de união (ausência e presença entre grupo dos Doze). Quanto ao conteúdo da mensagem, obtém-se pela aparição de Jesus ressuscitado na afirmação: “Vimos o Senhor!”; encontrar a finalidade do texto – crer em Jesus crucificado e ressuscitado.

Como consequência da investigação, por meio da abordagem pragmalinguística, podem ser abordados alguns elementos que, presentes na perícopre, auxiliam no entendimento do tema, e sua articulação no avanço das cenas vislumbram alcançar a finalidade do texto proposto pelo escritor. É enunciado que a unidade da composição⁵⁸¹ dá-se pela existência de um autor e tema de fundo articulado que, no caso da perícopre, perpassa a necessidade da fé no testemunho dos discípulos e a impossibilidade de ver Jesus. A dúvida apostólica na ressurreição, personificada na pessoa de Tomé nesse Evangelho, articula-se com as aparições do ressuscitado, do testemunho dos apóstolos e da bem-aventurança. A finalidade do relato, como de toda a macronarrativa, vem expressa em Jo 20,30-31. Essa compreensão, de que Jesus crucificado ressuscitou e está vivo, é reforçada e professada na afirmação de Tomé (Jo 20,28). Ela auxilia na delimitação de toda a narrativa pascal que, em Jo 20, trata das aparições do ressuscitado, obtendo uma coesão textual.

⁵⁷⁹ EGGER, W., Metodologia do Novo Testamento, p. 136-138.

⁵⁸⁰ ZUMSTEIN, J., O Evangelho segundo João, p. 461.

⁵⁸¹ MAIA, T. M. C., Um discurso e um método, p. 49-51.

Nesse tipo de apuração, passa-se, nesse momento, à identificação das funções da Análise Pragmática que se localizam nesse texto, a saber: a) função expressiva (emotiva), verificada na alegria dos discípulos de verem o Senhor ressuscitado; b) função diretiva (conotativa), observada no apelo em acreditar que Jesus ressuscitou; c) função referencial (informação), contida nos elementos “marcas dos pregos”, na “mão” e no “lado” (marcas do crucificado), não se tratando de um fantasma, mas do próprio Senhor; d) função contextual, auxilia a localizar o evento narrado: portas fechadas (medo), crucificação e novidade do acontecimento; e e) função metalinguística expressa na profissão da fé – Jesus, Senhor e Deus (tema de Jo 20). Como é constatado, diante dessas averiguações realizadas, “a leitura de um texto como obra literária deixa perceber o intuito de proclamar a mensagem, de influenciar os leitores, já que a finalidade da sua atividade literária é a comunicação”⁵⁸².

Dentro dessa investigação comunicativa, podem ser extraídos os atos linguísticos aplicados à períclope de Jo 20,24-29. Para tal, Maia⁵⁸³ apresenta a existência de três destes atos: locutório, ilocutório e perlocutório. Quanto ao primeiro, o locutório, consiste no pronunciamento de um enunciado e de seu sentido, podendo-se aplicar à locução “vimos o Senhor” (v.25b), que é o anúncio de que Jesus está vivo, ressuscitado, sendo a razão da fé. No que tange ao segundo ato, o ilocutório, tem-se a contextualização da ausência do Tomé duvidoso (v.24) e a consequência dessa ausência: as imposições do discípulo descrente que são posteriormente atendidas por Jesus. O último ato, o perlocutório, representa o efeito, provocado pela ação no ouvinte, que está claramente expresso na bem-aventurança (v.29). No grupo dos atos ilocutórios, Maia, também, aponta certas categorias que auxiliam no aprofundamento da compreensão da narrativa. Eles são: representativos/assertivos, em que o emissor sustenta a verdade da proposição e isso pode ser verificado no v.25def (exigências e ato de crer); os comissivos, sendo aqueles que o locutor empenha-se e que pode ser verificado no v.25g; os expressivos, constituindo os que o emissor manifesta seus sentimentos, podendo ser examinado no v.28b; e os declarativos, os quais o emitente anuncia algo que muda

⁵⁸² ALONSO SCHÖCKEL, L., A Palavra inspirada, p. 169 *apud* MAIA, T. M. C., Um discurso e um método, p. 56.

⁵⁸³ MAIA, T. M. C., Um discurso e um método, p. 58-59.

o estado de alguém, como, por exemplo o macarismo no v.29, que tem a função de mudar a disposição de Tomé e dos futuros discípulos.

A macroestrutura narrativa do Evangelho⁵⁸⁴ é voltada para os leitores, a fim de que eles creiam que Jesus é o Cristo como consta no epílogo em Jo 20,31. Quando se compara os gêneros narrativos no NT, descobre-se que há passagens sobre a preexistência e, conseqüentemente, sobre a divindade de Jesus por meio do subgênero denominado hino como é encontrado em 1Cor 8,6; Fl 2,6-7 e Cl 1,15-16. Na primeira ocorrência, há uma afirmação que tudo foi feito por Jesus, porém não trata claramente sobre sua preexistência pessoal divina. Nos outros episódios, como também reconhecido em Hb 1,1-4, são adaptados ao formato de hinos cristológicos que remetem à “Sabedoria divina que também foi criada no começo da obra de Deus”⁵⁸⁵ (Pr 8,22).

A partir disso, Blomberg⁵⁸⁶ afirma que existem diversos paralelos que retratam Jesus como a sabedoria personificada semelhante, como atestada na literatura sapiencial judaica. No entanto, o evangelista atravessa do lado do gênero hínico com seu modelo de Sabedoria para o gênero evangélico que descreve as palavras e os atos de Jesus. Por fim, constata-se que é apenas no Evangelho de João que o vocábulo “Deus” é aplicado a todas as fases da atividade do Verbo: o Verbo preexistente (1,1), o Verbo encarnado (1,14) e o Jesus ressuscitado (20,28)⁵⁸⁷.

3.7.

Estrutura de Jo 20,24-29 à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica

Para efetuar a Análise Retórica Bíblica Semítica⁵⁸⁸ (ARBS), é importante entender o posicionamento dos vocábulos na perícopa de Jo 20,24-29, pois a realização da pesquisa “das múltiplas formas de paralelismo e de outros procedimentos semíticos da composição deve permitir um melhor discernimento da estrutura literária dos textos”⁵⁸⁹. O *parallelismus membrorum*, como apresenta

⁵⁸⁴ BROWN R. E., A Comunidade do Discípulo Amado, p. 45-47.

⁵⁸⁵ BROWN R. E., A Comunidade do Discípulo Amado, p. 48.

⁵⁸⁶ BLOMBERG, C. L., Introdução aos Evangelhos, p. 216.

⁵⁸⁷ BROWN R. E., A Comunidade do Discípulo Amado, p. 48.

⁵⁸⁸ Esta parte compõe uma parceria nos estudos, nas discussões e nas reflexões realizadas mensalmente na PUC-Rio, nas atividades do grupo de pesquisa de Análise Retórica Bíblica Semítica, constante no CNPq, sob a liderança do Prof. Dr. Waldecir Gonzaga.

⁵⁸⁹ PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA, A Interpretação da Bíblia na Igreja, p. 48.

Meynet⁵⁹⁰, é formado pelo paralelismo sinonímico, antitético e sintético. Em uma visão global, o paralelismo *sinonímico* retém um mesmo significado entre os termos presentes em uma construção frasal, podendo até ser a partir de termos repetidos. O *antitético* esclarece o conteúdo mediante o uso de termos opostos e contrários, em uma mesma expressão, sendo servido em estruturas literárias poéticas; quanto ao *sintético*, é identificado pelos membros em uma frase devido à sua conexão recíproca. Convém informar que há uma enorme e difícil diversidade de formas de serem reconhecidas, apesar da sua presença na métrica hebraico-semítica ser constante, mesmo que um texto seja escrito em outra língua, como é o caso, no grego do Novo Testamento.

Ao se aprofundar na categoria do paralelismo dos membros, é interessante avaliar esta unidade que consiste no *membro*⁵⁹¹. Este é na unidade mínima de organização retórica, podendo ser um sintagma ou mesmo um termo que forma uma unidade sintática. A formação dos membros constantes em um hino ou poema (*bimembre/trimembre*) denomina-se como um *segmento*. É justamente a partir do exame dos *segmentos*, que, ao se ter um paralelismo idêntico entre eles, ocorre uma simetria paralela. E onde/quando acontece uma ordem cruzada diferente, depara-se com uma simetria cruzada ou denominada de *quiasmo* (referência à letra grega χ). É apresentado, a partir disso, que a presença dessas simetrias não se resume a um fator estético ou mesmo rítmico. Mas é um elemento retórico que auxilia, por meio da unidade dos membros paralelos, a indicação de um todo, ou seja, a formação de uma unidade de conteúdo. A simetria paralela direciona para termos idênticos, sinônimos, complementares ou opostos, sendo capaz de ser total ou parcial. O primeiro resultado da análise retórica é “providenciar um critério científico genuíno para delimitar unidades literárias”⁵⁹². Isso pode ser conferido, no gráfico a seguir, conforme Gonzaga e Lima⁵⁹³ apresentam, no qual é demonstrada uma análise/divisão do texto a partir do destaque de alguns termos, que emolduram sua estrutura e beleza linguístico-temática:

⁵⁹⁰ MEYNET, R., L'analisi retorica, p. 21-31.

⁵⁹¹ MEYNET, R., L'analisi retorica, p. 161.

⁵⁹² MEYNET, R., Rhetorical Analysis, p. 317.

⁵⁹³ GONZAGA, W.; LIMA, A. P., A profissão de fé de Tomé (Jo 20,28) e sua base veterotestamentária (SI 35,23), p. 138-139.

<p>²⁴ <u>Θωμᾶς</u> δὲ εἷς ἐκ τῶν δώδεκα, ὁ λεγόμενος Δίδυμος, οὐκ ἦν μετ' <u>αὐτῶν</u> ὅτε ἦλθεν <u>Ἰησοῦς</u>.</p> <p>²⁵ <u>ἔλεγον</u> οὖν <u>αὐτῶ</u> οἱ ἄλλοι <u>μαθηταί</u> ἐωράκαμεν τὸν <u>κύριον</u>.</p> <p><u>ὁ</u> δὲ εἶπεν <u>αὐτοῖς</u> ἐὰν μὴ ἴδω ἐν ταῖς χερσὶν <u>αὐτοῦ</u> τὸν τύπον τῶν ἥλων καὶ βάλω τὸν δάκτυλόν μου εἰς τὸν τύπον τῶν ἥλων καὶ βάλω μου τὴν χεῖρα εἰς τὴν πλευρὰν <u>αὐτοῦ</u>, οὐ μὴ <u>πιστεύσω</u>.</p>	<p>²⁴ <u>Tomé</u>, porém, um dos Doze, O chamado Dídimo não estava com <u>eles</u> quando veio <u>Jesus</u></p> <p>²⁵ <u>Diziam-lhe</u>, então, os outros <u>discípulos</u> vimos o <u>Senhor</u>.</p> <p><u>Aquele</u>, porém, disse-<u>hes</u> se eu não vir nas mãos <u>dele</u> a marca dos pregos e colocar o meu dedo na marca dos pregos e colocar minha mão no lado <u>dele</u> de forma alguma <u>crerei</u></p>
<p>²⁶ Καὶ μεθ' ἡμέρας ὀκτῶ πάλιν ἦσαν <u>ἔσω</u> οἱ <u>μαθηταί</u> <u>αὐτοῦ</u> καὶ <u>Θωμᾶς</u> μετ' <u>αὐτῶν</u>.</p> <p>ἔρχεται ὁ <u>Ἰησοῦς</u> τῶν θυρῶν κεκλεισμένων</p>	<p>E oito dias depois, dentro, de novo estavam os <u>discípulos</u> <u>dele</u> e Tomé (estava) com <u>eles</u>.</p> <p>Vem <u>Jesus</u> (estando) as portas fechadas</p>

<p>καὶ ἔστη εἰς τὸ μέσον</p> <p>καὶ εἶπεν εἰρήνη ὑμῖν.</p> <p>²⁷ εἶτα λέγει τῷ <u>Θωμᾶ</u></p> <p>φέρε τὸν δάκτυλόν σου ὧδε</p> <p>καὶ ἴδε τὰς χεῖράς μου</p> <p>καὶ φέρε τὴν χεῖρά σου</p> <p>καὶ βάλε εἰς τὴν πλευράν μου,</p> <p>καὶ μὴ γίνου <u>ἄπιστος</u></p> <p>ἀλλὰ <u>πιστός</u>.</p>	<p>e ficou de pé no meio</p> <p>e disse: paz convosco.</p> <p>²⁷ Então, diz à <u>Tomé</u>:</p> <p>traze o dedo teu aqui</p> <p>e vê a mão minha</p> <p>e traze a tua mão</p> <p>e coloque no meu lado,</p> <p>e não sê <u>incrédulo</u> (infiel),</p> <p>mas <u>crédulo</u> (fiel).</p>
<p>²⁸ ἀπεκρίθη <u>Θωμᾶς</u></p> <p>καὶ εἶπεν <u>αὐτῷ</u></p> <p>ὁ <u>κύριός</u> μου καὶ ὁ <u>θεός</u> μου.</p>	<p>²⁸ Respondeu <u>Tomé</u>:</p> <p>E disse a <u>ele</u>:</p> <p><u>Senhor</u> meu e <u>Deus</u> meu.</p>
<p>²⁹ λέγει αὐτῷ ὁ <u>Ἰησοῦς</u></p> <p>ὅτι <u>ἑώρακάς</u> με</p> <p><u>πεπίστευκας</u>;</p> <p>μακάριοι οἱ μὴ <u>ιδόντες</u></p> <p>καὶ <u>πιστεύσαντες</u>.</p>	<p>²⁹ Disse-lhe <u>Jesus</u></p> <p>porque <u>viste</u> me,</p> <p><u>creste</u></p> <p>bem-aventurados os que não <u>viram</u></p> <p>e <u>creram</u>.</p>

Tabela 5 - Estrutura de Jo 20,24-29 à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica

Mediante a investigação dos “níveis de composição (inferiores e superiores)”⁵⁹⁴ e ao alcançar a unidade sintática, a atividade de segmentar e traduzir,

⁵⁹⁴ MEYNET, R., Treatise on Biblical Rhetoric, p. 53-62.

efetuada anteriormente, auxilia o processo da Análise da Crítica Textual, dos verbos e de seus movimentos, nos campos semânticos e morfológicos, com os elementos retóricos, na estrutura da perícopes e, similarmente, no entendimento bíblico-teológico-pastoral, sobretudo a partir do emprego das etapas do método da ARBS, por seus aspectos linguísticos, o qual, como se sabe, pode ser aplicado a uma perícopes, em especial como no caso, ou mesmo a um livro completo do AT ou do NT.

Por ser um texto significativo, que contém uma grande e importante profissão de fé em Jesus ressuscitado, a maioria dos autores converge quanto à divisão interna da perícopes de Jo 20,24-29, a partir da qual se percebe a coesão do texto, o raciocínio do autor, o emprego do vocabulário, personagens e aspectos teológicos. A estrutura mais comum é formada por três partes, divergindo apenas quanto aos versículos intermédios e finais, mas todos concordam com os iniciais: por exemplo, segundo Hendriksen⁵⁹⁵, Carson⁵⁹⁶, Brown⁵⁹⁷ e Bruce⁵⁹⁸: a) vv.24-25; b) vv.26-28; e c) v.29; de acordo com Mateos e Barreto⁵⁹⁹: a) vv.24-25; b) v.26; e c) vv.27-29. Porém, existe quem indica uma divisão em duas partes, como: Orlando⁶⁰⁰, Simoens⁶⁰¹ e Casalegno⁶⁰²: a) vv.24-25 e b) vv.26-29. Entre esses três últimos autores, destaque dá-se a Simoens⁶⁰³, que apresenta um quadro do capítulo 20 de João, ao salientar o paralelismo dos termos, o que possibilita uma leitura ampla e geral do texto, com suas conexões linguístico-temáticas, a saber:

O Sepulcro aberto - A (vv.1-10)	Os discípulos e Tomé - A'' (vv.24-25)
Maria Madalena e o Senhor vê e crê não sabiam ainda da Escritura	“vimos o Senhor” “se eu não vê-lo..., não creerei”
Maria e os Anjos	Tomé e Jesus

⁵⁹⁵ HENDRIKSEN, W., João, p. 794-795.

⁵⁹⁶ CARSON, D. A., The Gospel according to John, p. 517.

⁵⁹⁷ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, p. 1531-1532.

⁵⁹⁸ BRUCE, F. F., João, p.335-337.

⁵⁹⁹ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 866.

⁶⁰⁰ ORLANDO, L., Giovanni, p. 290.

⁶⁰¹ SIMOENS, Y., Secondo Giovanni, p. 807.

⁶⁰² CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 101.

⁶⁰³ SIMOENS, Y., Secondo Giovanni, p. 807.

fora	dentro
B (vv.11-13) Cabeça – pés – corpo de Jesus “O meu Senhor”	B’ (vv.26-29) “o teu dedo - as minhas mãos a tua mão - o meu lado” “meu Senhor e meu Deus” “porque me viu, creu; felizes aqueles que não viram e creram”
Maria e Jesus A’ (vv.14-18) Maria e o Senhor Pai – Deus “Vi o Senhor”	Os sinais e o livro A’’ (vv.30-31) sinais não escritos neste livro; sinais escritos crer em Jesus, o Cristo, o filho de Deus. Ter vida no seu nome.

Tabela 6 – Paralelismo entre os termos em Jo 20

Verifica-se uma clara associação entre os membros, com forte paralelismo, ora sinonímico, ora antitético em todo o capítulo 20 do Evangelho de João. Quanto ao paralelo, com uma estrutura semelhante, entre Maria Madalena e os discípulos, sem e com Tomé, dispõe de segmentos expressos com o mesmo significado. Apura-se na expressão “vi o Senhor” (v.18) que há uma repetição na verbalização feita pelos discípulos a Tomé: “vimos o Senhor” (v.25). Ademais, detém outros membros nos vv.11-13, como: cabeça, pés e corpo, em relação aos vv.26-29: dedo, mãos e lado. Também se apreende uma similaridade do segmento: “o meu Senhor”, da discípula (v.13), com a profissão de fé mais elaborada no Evangelho pelo apóstolo: “Senhor meu e Deus meu” (v.28). Pode ser destacado, igualmente, o paralelismo antitético, entre os termos: Maria, anjos, fora, ver e crer (vv.1-10), com Tomé, Jesus, dentro, vê-lo e não creram (vv.24-25), apontando para uma estrutura quiástica.

Por fim, as partições dentro da perícopes carregam membros que são retomados a cada versículo da perícopes anterior, justamente, para produzir uma compreensão maior, dentro do roteiro temático do evangelista. Assim, compreende-se que os vocábulos: Tomé, discípulos (outros, lhes), Jesus (Senhor, Ele, Dele, Deus), crer (fiel, acreditaste, ter acreditado) e ver (vimos, vê, ter visto, viste) contribuem para que o leitor compreenda a cena do ressuscitado com um certo realismo, como coparticipante de toda a desenvolvimento e seu resultado.

4.

O bloco temático da ressurreição de Jesus (Jo 20)

O capítulo 20 do Quarto Evangelho tem a peculiaridade de trazer eventos pós-pascais, ao funcionar como o término da narrativa da paixão e, ao mesmo tempo, oferecer uma primeira conclusão (Jo 20,30-31)⁶⁰⁴. Registram-se, ainda, nesse capítulo, os episódios das aparições de Jesus, tendo como articuladores desses eventos os personagens de Maria Madalena e Tomé na narrativa, ao serem, posteriormente, adicionados também outros acontecimentos com o ressuscitado e os discípulos em Jo 21. Por outro lado, percebe-se uma conexão existente nas experiências da ressurreição nos relatos ao longo do capítulo, subdividindo-o em duas seções⁶⁰⁵: a primeira ao girar em torno do sepulcro vazio e o encontro de Maria Madalena (Jo 20,1-18); a segunda ao manter em um mesmo cenário, desenrolando-se na cena das aparições do ressuscitado, sem e com Tomé (Jo 20,19-29), sendo finalizadas essas duas partes no epílogo (Jo 20,30-31).

Ao observar comparativamente Jo 20 com os outros Evangelhos, parece ser comum neles que a morte e a sepultura de Jesus encerrem a sua vida e seu ministério públicos após um período de três anos⁶⁰⁶, quando passam a ocupar-se do mistério e da revelação do ressuscitado que ocorre na Galileia ou em Jerusalém. Diante disso, convém dizer que o evento da ressurreição ganha um tratamento diversificado não somente nos Evangelhos, mas também nos escritos paulinos. Para Paulo, “a morte de Cristo não foi um acidente nem sua ressurreição uma surpresa; ele morreu segundo as escrituras e ressuscitou segundo as escrituras (1Cor 15,1-3)”⁶⁰⁷. Além do mais, pode-se afirmar, igualmente, que a morte e a ressurreição de Jesus instauram uma nova realidade ofertada por Deus ao mundo, sendo a ressurreição mesma um penetrar no futuro de Deus com sua glória e toda a criação por meio da atividade do Espírito Santo⁶⁰⁸.

Ao continuar no aprofundamento do tema da ressurreição nos Evangelhos de forma geral, detectam-se alguns dispositivos confessionais usados que se tornam

⁶⁰⁴ KÖSTENBERGER, A. J., João, p. 632.

⁶⁰⁵ FABRIS, R., Giovanni, p. 762.

⁶⁰⁶ PÉREZ MILLOS, S., Juan, p. 1741.

⁶⁰⁷ LOPES, H. D., João, p. 487.

⁶⁰⁸ CUNHA, R. G. de A., A Escatologia do Amor, p. 72.

formas de expressão do evento misterioso da própria ressurreição⁶⁰⁹. Verifica-se, ainda, que a Igreja primitiva faz uso dessas fórmulas breves em confissões de fé e de hinos, a fim de manifestar a verdade a respeito de Cristo, bem como de utilizá-las em atos celebrativos da ressurreição e também da exaltação de Jesus aos céus⁶¹⁰.

Em uma visão geral, investiga-se, a partir do que aponta Bösen⁶¹¹, em 1Cor 15,4 e Mc 16,6, por exemplo, a aplicação do vocábulo “sepulcro”, antecedendo o termo “ressurreição”, por aquele remeter diretamente à realidade da morte. Ademais, há uma estreita relação entre o “santuário do seu corpo” (Jo 2,21), como uma realidade visível e que, após a sua morte e ressurreição, Jesus manifesta seu “Novo Santuário”⁶¹², segundo havia anunciado aos seus. E, em um segundo momento, observa-se a tradição em Mateus que segue a de Marcos, também usando a palavra sepultura (Mt 28,6), mas, adiciona a expressão “dentre os mortos”. O mesmo caso, similarmente, pode ser averiguado nos escritos paulinos, em 1Ts 1,10; Rm 6,9; 10,9. Porém, ao aproximar-se do Evangelho lucano, constata-se que a utilização da fórmula “ele foi ressuscitado” torna-se complicada para o público grego de Lucas, que prefere explorar, então, a locução “ele vive”, devido à realidade da Páscoa ser o triunfo da vida sobre a morte.

Em outros textos, por sua vez, há o emprego da locução “libertação do reino dos mortos” na qual Jesus é elevado a uma posição de poder sobre a morte. Avalia-se, a partir disso, que essas precisões nas locuções são também fruto de um entendimento dos primeiros cristãos, que acreditam na não possibilidade de Jesus ter ficado retido na morte e de ter participado da glória do Pai e professam tal crença, ao reafirmarem de forma simples a expressão da ressurreição do corpo de Jesus⁶¹³. No entanto, é possível dizer que “toda fé pascal repousa sobre as aparições do ressuscitado e não sobre o túmulo vazio como se costuma afirmar”⁶¹⁴.

Para os Sinóticos, outrossim, a glória de Jesus é um evento manifesto que acontece após a morte de cruz, sendo vista sob uma perspectiva isolada, ao findar o processo de paixão, entrega e morte no madeiro, até a ascensão. Isso parece ter existido devido a elaborações de enfoque querigmático ao formar um conjunto de

⁶⁰⁹ BÖSEN, W., *Ressuscitado segundo as Escrituras*, p. 30-32.

⁶¹⁰ PÉREZ MILLOS, S., *Juan*, p. 1741.

⁶¹¹ BÖSEN, W., *Ressuscitado segundo as Escrituras*, p. 30-32.

⁶¹² GONZAGA, W.; MIRANDA, B. G. de, *Jesus, a Nova Aliança e o Novo Templo*, a partir de Jo 2,1-22, p. 161.

⁶¹³ LINDARS, B., *The Gospel of John*, p. 598.

⁶¹⁴ BÖSEN, W., *Ressuscitado segundo as Escrituras*, p. 119.

memórias dos eventos de Jesus, paixão e morte, que se relacionam com as aparições de Jesus ressuscitado⁶¹⁵. A ressurreição, dessa forma, torna-se em um período de transição, se assim pode ser denominado, entre a morte e a entronização nos céus, isto é, na glória. Como se vê, o assunto da ressurreição é o mesmo entre os Evangelhos, porém, o seu enfoque distingue-se, tendo, às vezes, poucos pontos de concordância entre eles.

Isso posto, a ressurreição em João é explorada a partir de uma perspectiva teológica particular. É plausível fazer uma conjectura⁶¹⁶ de que João assume a fonte de sinais e de discursos paralelos aos Sinóticos em que, no ambiente nascente do gnosticismo, o evangelista pode ter agido na intenção de purificar tais elementos gnósticos na exposição do evento da ressurreição. Diante disso, o Quarto Evangelho parece estar baseado em antigas tradições cristãs⁶¹⁷ sobre a ressurreição, tais como podem ser observadas em Jo 20: o túmulo vazio encontrado por mulheres (v.1); a visita de Pedro no túmulo vazio (vv.3-10); e aparição de Jesus ressuscitado ao grupo apostólico (vv.19-23.24-29). Como se consegue contemplar, para cada um desses costumes, João os expande na construção da sua narrativa, todavia, concentrando seu escrito em uma pessoa particular na abordagem do tema da dúvida sobre a ressurreição. Diante disso, percebe-se, também, um desenvolvimento expressivo no tocante ao protagonismo feminino⁶¹⁸: uma mulher próxima ao túmulo (vv.1-2); as aparições a uma mulher e aos discípulos (vv.11-18.19-23); o encargo dado a mulher para anunciar a ressurreição aos outros (v.17); e o acréscimo do mandato missionário aos discípulos (vv.21-23), sendo tais elementos produções próprias de João.

No Evangelho de João, contudo, o espaço de tempo entre a morte de cruz e a ascensão não possui distinção, nem mesmo quanto à manifestação gloriosa de Jesus, isso porque “a arte de João consiste em ter mostrado que a glória penetra os acontecimentos da Terra”⁶¹⁹. Ademais, os relatos pascais em Jo 20 trazem uma nova realidade ao encontro do Senhor ressuscitado que oferece o Espírito na sua autorrevelação como Senhor e Deus⁶²⁰. Isso é corroborado pelo fato de, na cruz,

⁶¹⁵ BEASLEY-MURRAY, G. R., John, p. 367.

⁶¹⁶ DE LA CALLE, F., Teologia do Quarto Evangelho, p. 9-10.

⁶¹⁷ LINDARS, B., The Gospel of John, p. 595.

⁶¹⁸ MOLONEY, F. J., Il Vangelo di Giovanni, p. 450-451.

⁶¹⁹ LÉON-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho Segundo João IV, p. 141.

⁶²⁰ DOGLIO, C., Literatura Joanina, p. 157.

Jesus entregar o seu Espírito⁶²¹ (Jo 19,30.34) e, posteriormente, o entregar aos seus discípulos (Jo 20,22). É importante dizer, igualmente, que ao se tratar do tema da ressurreição, o evangelista tem acesso a fontes que hoje não se obtêm mais. E vale afirmar, também, que aquelas fontes compostas de atos e ditos de Jesus contribuem para a abordagem da ressurreição distintas naqueles escritores e em Paulo⁶²². Até porque, o momento da elaboração dos Evangelhos está distante das tradições de um passado recente para os evangelistas à época, mas que João as interpreta diante das experiências e situações da Igreja do seu momento em particular, ao apontar ao cristão a possibilidade de realizar uma relação pessoal e vital com Jesus ressuscitado⁶²³.

Similarmente à experiência pascal dos discípulos diante da ressurreição de Jesus, é importante informar que “as aparições marcam o lugar da história da revelação, através do qual o evento divino da ressurreição de Cristo se abre para dentro da esfera humana”⁶²⁴. Essas aparições do ressuscitado constituem-se em “vestígios concretos, visíveis de um evento invisível, historicamente não perceptível”⁶²⁵. Conforme se averigua a quantidade dessas aparições, é possível alcançar um número de onze episódios ao longo do Novo Testamento, segundo alguns⁶²⁶. Mas podem, também, ser contabilizadas dez ocorrências do ressuscitado, caso unifique uma aparição na montanha (Mt 28,16-20), sendo a mesma acontecida para os 500 irmãos (1Cor 15,6)⁶²⁷. As aparições de Jesus não mostram detalhes sobre como a ressurreição de fato acontece, simplesmente, os evangelistas de uma forma geral, como João, usam algumas evidências, a saber: o sepulcro vazio e as aparições em si com distintas testemunhas em diferentes lugares⁶²⁸.

Outros componentes que são percebidos nas aparições do ressuscitado⁶²⁹, dentro do escopo da Tradição, são a demonstração da realidade física de Jesus que o conecta com o crucificado; a dúvida e o medo – a existência da dúvida proveniente

⁶²¹ GONZAGA, W.; MIRANDA, B. G. de, Jesus, a Nova Aliança e o Novo Templo, a partir de Jo 2,1-22, p. 162.

⁶²² BROWN, R. E., El Evangelio y Las Cartas de Juan, p. 154.

⁶²³ LINDARS, B., The Gospel of John, p. 598.

⁶²⁴ BLANK, J., Paulus und Jesus, p. 180 *apud* BÖSEN, W., Ressuscitado segundo as Escrituras, p. 117.

⁶²⁵ BÖSEN, W., Ressuscitado segundo as Escrituras, p. 117.

⁶²⁶ METZGER, B. M., The Meaning of Christ's Ascension, p. 123-124 *apud* RILEY, G. J., Resurrection Reconsidered, p. 87.

⁶²⁷ RILEY, G. J., Resurrection Reconsidered, p. 87.

⁶²⁸ PÉREZ MILLOS, S., Juan, p. 1741.

⁶²⁹ RILEY, G. J., Resurrection Reconsidered, p. 94.

de um coração reticente (Mc 16,14) e os discípulos com medo por pensarem estar diante de um fantasma, em face da incredulidade e que perante esse proceder, Jesus deixa-se tocar por eles e come com eles, mostrando-se fisicamente (Lc 24,39-43); e ele que, simplesmente, se apresenta aos discípulos (At 1,3), ao dar uma missão final a eles (Mt 28,28), em outros casos.

Igualmente, Bösen⁶³⁰, em Jo 20, aponta que a narrativa começa no túmulo com Maria Madalena (Jo 20,1), que testemunha o fato da ressurreição aos apóstolos. Ele ressalta, ainda, que as aparições aos Doze, sem e com Tomé, são encerradas com a realidade da não possibilidade de ver mais o Senhor, mas de se manter fiel e crente a ele porque ele está vivo, destacando a proclamação da bem-aventurança (Jo 20,29), pois o ato de ver não é mais um pressuposto indispensável para ter fé. Convém, similarmente, dizer que essas aparições de Jesus são narradas demonstrando, em um primeiro momento, o não reconhecimento dos discípulos daquele que agora vive. E devido a esse não reconhecimento acrescido da descrença, no segundo momento, há a apresentação das marcas provenientes da cruz, a fim de atestar que o ressuscitado é aquele que foi crucificado, e, por último, para revelar o amor de Deus apontando a um futuro de exaltação e glorificação do Filho que vem da parte do Pai⁶³¹.

A partir dessas exposições sobre as aparições do ressuscitado entre os Evangelhos, cumpre demonstrar um informe comparativo elas, segundo Riley⁶³²:

Mateus	Marcos/Final estendido	Lucas	João
Mulheres vão ao túmulo	Mulheres vão ao túmulo	Mulheres vão ao túmulo; discípulos duvidam do anúncio das mulheres	Maria Madalena vai ao túmulo

⁶³⁰ BÖSEN, W., Ressuscitado segundo as Escrituras, p. 123.

⁶³¹ CUNHA, R. G. de A., A Escatologia do Amor, p. 73.

⁶³² RILEY, G. J., Resurrection Reconsidered, p. 85.

Jesus aparece às mulheres	Jesus aparece à Maria e outras duas	Jesus aparece a dois discípulos em Emaús	Jesus aparece à Maria Madalena
Jesus aparece aos discípulos na Galileia	Jesus aparece aos Onze em Jerusalém (?); (repreensão da dúvida)	Jesus aparece aos discípulos em Jerusalém (duvidam antes)	Jesus aparece aos dez discípulos em Jerusalém
Missão final	Missão final	Missão final	Missão final
			Jesus aparece ao incrédulo Tomé Jesus aparece aos discípulos no mar da Galileia

Tabela 7 – As aparições do ressuscitado nos Evangelhos

Diante do diagrama acima, percebe-se que há alguns pontos que se destacam no tocante à ressurreição de Jesus em Jo 20 que são interessantes de serem evidenciados⁶³³: 1) ela é um evento imutável sobre o qual a fé se fundamenta. Essa fé baseia-se no testemunho daqueles que fazem uma experiência de ver o ressuscitado; 2) há a ênfase de propor a ida solitária de Maria Madalena ao sepulcro para ser aquela que transmite aos discípulos o fato da ressurreição; 3) a existência de algumas dificuldades e tensões dentro da narrativa sobre o fato da ressurreição; e 4) a indicação de que os escritores são tardios e estão até ausentes dos eventos históricos.

De forma geral, contudo, as aparições são um grande componente para todos os Evangelhos da proclamação da realidade da ressurreição de Jesus. Destaca-se a ida de Maria Madalena, que está nas listas das mulheres nos Sinóticos e que recebe um realce no Quarto Evangelho. Algo também que merece ser ressaltado é o local das aparições para João (Jo 20), que se aproxima de Lucas, indicando a cidade de Jerusalém. Ademais, somente em João, como se vê no diagrama acima, há o relato da aparição a Tomé, o protagonista que carrega e personifica a dúvida⁶³⁴. Dentro

⁶³³ CARSON, D. A., *The Gospel according to John*, p. 496-497.

⁶³⁴ RILEY, G. J., *Resurrection Reconsidered*, p. 85-86.

desse raciocínio, é possível declarar que “a ressurreição de Jesus é um evento transitório entre a existência terrena de Jesus e sua presença transcendente-celestial”⁶³⁵ no Evangelho joanino. Desta feita, o seu realismo da cruz está em consonância com o realismo da encarnação, correspondendo a um arco teológico, ou seja, uma moldura teológica. Inicia com os termos efetivos (carne), realçando a debilidade, caducidade e mortalidade do homem, na expressão joanina “o Verbo se fez carne” (Jo 1,14) em que Jesus “assume a fraqueza, a mortalidade da criatura e se torna solidário com ela entrando no desenrolar-se da história”⁶³⁶.

Em contrapartida, Orígenes⁶³⁷ compreende que a ressurreição do Senhor é um episódio que envolve Jesus por inteiro, ou seja, de todo o seu corpo, o que distancia a possibilidade de se tratar de um espírito/fantasma, e que trabalha ou influencia a fé dos discípulos, primeiras testemunhas, fazendo-os sair de uma fé parcial para uma fé mais perfeita. Isso porque, eles lembram desses eventos por meio da perspectiva do cumprimento das Escrituras no momento da experiência com o ressuscitado. Dessa existência histórica, Jesus caminha, em meio a obras e sinais, à manifestação total de sua glória na cruz ao longo da narrativa de João. Após a morte e exaltação no madeiro, a ressurreição é manifestada aos discípulos por meio de aparições quando, Jesus, trazendo as marcas das feridas dos pregos e da lança, expõe aquela carne assumida antes, agora transformada.

Por outra perspectiva, verifica-se que o bloco temático de Jo 20 pode ser visto, do mesmo modo, como um sumário de temas⁶³⁸, como a emoção humana dos beneficiários das aparições e estas acontecendo no meio das condições deles e que por isso provocam transformações em suas vidas. Dentro desse espectro das emoções, nota-se que nos encontros realizados com Jesus ressuscitado, tem-se⁶³⁹: o discípulo amado, acreditando sem ver Jesus (Jo 20,8); ninguém possuir medo de Jesus ou dúvida sobre ele, quando ele aparece ressuscitado ao grupo apostólico, pois o medo dos apóstolos reside na hostilidade dos judeus e dos romanos (Jo 20,19); Maria Madalena, apesar de não reconhecê-lo no primeiro instante, abraça-o e chama-o de mestre (Jo 20,16-17); na primeira aparição eles demonstram uma

⁶³⁵ SCHNACKENBURG, R., *Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos*, p. 253.

⁶³⁶ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 186.

⁶³⁷ HALTON, T. P. (edt), *Origen: Commentary on the Gospel according to John, Book 10*, p. 322.

⁶³⁸ CARSON, D. A., *The Gospel according to John*, p. 498.

⁶³⁹ RILEY, G. J., *Resurrection Reconsidered*, p. 94.

alegria por vê-lo (Jo 20,19-23); e com fé tentam convencer aquele que estava ausente do grupo (Jo 20,24-25).

De outra forma, a fim de auxiliar na compreensão da composição de Jo 20, a narrativa parece trazer a hipótese de que após o relato das aparições há o tema da possibilidade de crer em Jesus sem a possibilidade de vê-lo⁶⁴⁰. Em todo o capítulo 20 de João, especialmente na perícopes de Jo 20,24-29, pode-se reparar um esquema tripartite das aparições do ressuscitado: “a) iniciativa radical de Jesus; b) reconhecimento daquele que se torna presente; e c) missão confiada aos discípulos”⁶⁴¹. Dentre esses pontos apresentados, percebe-se que no “núcleo do capítulo está o comissionamento dos seguidores de Jesus, ladeado pelas narrativas que concentram foco em Maria Madalena e Tomé”⁶⁴².

Os encontros existentes⁶⁴³ em Jo 20 são permeados de um dinamismo, de uma tensão, de uma busca e de um desejo de reencontrar com uma pessoa especial e amada, mais precisamente com aquele que dá a vida por seus amigos (Jo 13,1). Para o evangelista, ainda, a paixão, a crucificação e a ressurreição compõem-se em um momento intrinsecamente relacionado e que não tem como ser transmitido de forma distinta na narrativa. E essa relação intrínseca não é observada em outros relatos paralelos da ressurreição. Em contrapartida, ao comparar com as aparições do ressuscitado na versão paulina, nota-se que elas fazem parte de um querigma tradicional,⁶⁴⁴ no qual há o destaque a “Cefas e aos Doze” (1Cor 15,5). Isso é detectável devido à fórmula fazer parte de uma elaboração mais antiga (50 d.C.), remetendo a uma tradição também antiga⁶⁴⁵, sendo isso analisável nessa tradição que mostra os eventos de Jesus de forma sequenciada (morte – sepultura – ressurreição) e das aparições de uma maneira mais conjunta. Ademais, há uma preocupação ao longo de todo o texto e que em Jo 20 fica bastante evidente que é manifestar a identidade de Jesus, objetivando uma fé mais correta e segura⁶⁴⁶.

Em outros termos, “agora que o Filho alcançou o termo de seu itinerário, resta mostrar a apropriação pelos seus daquilo que sua passagem para a glória lhes

⁶⁴⁰ CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 7.

⁶⁴¹ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho Segundo João IV*, p. 142.

⁶⁴² KÖSTERNBERGER, A. J., João, p. 632.

⁶⁴³ ONISZCZUK, J., *Incontri con il Risorto in Giovanni [Gv 20 - 21]*, p. 7-8.

⁶⁴⁴ SLOYAN, G. S., John, p. 223.

⁶⁴⁵ ONISZCZUK, J., *Incontri con il Risorto in Giovanni [Gv 20 - 21]*, p. 8.

⁶⁴⁶ SLOYAN, G. S., Giovanni, p. 27.

obteve”⁶⁴⁷. A partir disso, pode ser afirmado que “a ressurreição de Jesus foi o fato imutável sobre o qual a fé deles está baseada”⁶⁴⁸. Contudo, essa mesma fé esbarra em dúvidas por parte dos discípulos nos Evangelhos Sinóticos, nos quais, a título de exemplo, podem ser citadas as expressões “alguns duvidaram” (Mt 28,17) ou “não acreditavam” (Lc 24,41), mostrando estar presente o “tema da incredulidade dos discípulos”⁶⁴⁹, que pode ser visto em todos os Sinóticos (Lc 24,41s; Mc 16,14; Mt 28,17) e que, dentre esses, o evangelista Lucas explora de uma forma mais acentuada a identidade física de Jesus crucificado em relação à incredulidade do grupo dos discípulos⁶⁵⁰. Por esse aspecto da dúvida do grupo apostólico, Jaubert⁶⁵¹ assinala semelhanças e diferenças entre João e Lucas nos relatos da ressurreição. Diante da existência de uma possível tradição pautada na incredulidade dos fatos da ressurreição, que colocam dúvidas sobre o fato de Jesus estar vivo, ocorre um destaque narrativo em Jo 20 para o personagem Tomé.

Com maestria, em Jo 20, não é encontrada uma dúvida geral compartilhada pelos apóstolos sobre a aparição pascal. João constrói uma perícopé singular (Jo 20,24-29), ao ter como “protagonista Tomé, personificando nele a perplexidade dos discípulos”⁶⁵². Essa construção, talvez, vem embasada no fato de que a ressurreição é narrada como um acontecimento concreto, real e objetivo que é testemunhado pelos discípulos, apesar das desconfianças daqueles que estão diante do seu Senhor⁶⁵³. Isso porque é possível perceber uma continuidade entre o crucificado e ressuscitado, sendo algo visto como fundamental e é, igualmente, por isso que Jesus ressuscitado apresenta aos discípulos os sinais da crucificação (Lc 24,36-43; Jo 20,19-29). Um aspecto que emerge em Jo 20 é a importância da ressurreição na vida da Igreja, segundo destaca Zevini⁶⁵⁴, ao dizer que há uma multiplicidade de formatos baseados nas experiências com o ressuscitado e que isso corrobora para o nascimento, desenvolvimento e para a vida da própria comunidade como uma expressão real da glória de Jesus na cruz.

⁶⁴⁷ LÉON-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho Segundo João IV*, p. 142.

⁶⁴⁸ CARSON, D. A., *The Gospel according to John*, p. 496.

⁶⁴⁹ BROWN, R. E., *Comentário ao Evangelho segundo João*, vol. 2, p. 1515.

⁶⁵⁰ PERKINS, P., *Evangelho segundo João*, p. 813.

⁶⁵¹ JAUBERT, A., *Leitura do Evangelho segundo João*, p. 115.

⁶⁵² CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 101.

⁶⁵³ ONISZCZUK, J., *Incontri con il Risorto in Giovanni* [Gv 20 - 21], p. 8.

⁶⁵⁴ ZEVINI, J., *Evangelho segundo João*, p. 209.

Diante das diversas abordagens das aparições do ressuscitado, claramente, Jo 20 distingue-se pela liberdade e pela maneira de escolher os elementos para compor a unidade: paixão e ressurreição. Não se constitui como um evento posterior à paixão, com distinção de espaço e tempo, culminando com a ascensão de Jesus (Lc 24,50-53), como em uma entronização celeste. A abordagem joanina⁶⁵⁵ foge da lógica espaço-tempo, pois a morte daquele que é crucificado já consiste no momento auge da manifestação da glória, uma subida ou exaltação, como destacado anteriormente, na macronarrativa (Jo 3,14), sendo o envolvimento, ainda, do tema da hora como cumprimento das Escrituras e da vontade de Deus Pai. Vale dizer que tanto a “hora” quanto a “glória” são vocábulos que se associam ao ministério de Jesus desde o início do Evangelho. Ademais, na cruz, a “hora” concretiza-se, bem como a “glória” manifesta-se⁶⁵⁶. Nessa direção, para João, na dimensão da “hora”⁶⁵⁷ que é dedicada à paixão, o protagonista é o crucificado-ressuscitado. Em um primeiro momento, no Quarto Evangelho, a “hora” significa simplesmente um momento do dia, mas que tem sempre um sentido direcionado para a fé. Além do mais, do termo “hora” é possível obter os seguintes sentidos: a significação do culto escatológico, a ressurreição dos mortos, a hora de Jesus e a hora da Igreja⁶⁵⁸, uma vez que tudo isso se relaciona em uma correlação direta proveniente da continuidade, para o evangelista, entre a crucificação e a ressurreição.

O evangelista, também, explora a dimensão da fé em Jo 20, porém, de forma peculiar na perícopa de Jo 20,24-29. Diante disso, Schnackenburg indica que “ter fé significa afirmar a autorrevelação de Jesus e ligar-se a este único mediador da salvação”⁶⁵⁹. A fé é tão relevante para a Igreja como um todo, e de forma especial, no contexto histórico, para a comunidade primitiva joanina. Nesse sentido, “vê-se um motivo apologético ao ter a finalidade de mostrar que a fé da comunidade primitiva não se fundamentou em um entusiasmo vazio”⁶⁶⁰. Há, similarmente, uma relação de unidade entre crucificado e ressuscitado no seio da vida eclesial joanina. Isso porque, na experiência litúrgica da comunidade joanina, apura-se uma “espécie de unificação: durante a celebração eucarística, de fato, vem

⁶⁵⁵ ONISZCZUK, J., *Incontri con il Risorto in Giovanni* [Gv 20 - 21], p. 9.

⁶⁵⁶ GONZAGA, W.; MIRANDA, B. G. de, *Jesus, a Nova Aliança e o Novo Templo*, a partir de Jo 2,1-22, p.150.

⁶⁵⁷ VANNI, U., *Il Tesoro di Giovanni*, p. 203.

⁶⁵⁸ BEUTLER, J., *L'Ebraismo e gli Ebrei nel Vangelo di Giovanni*, p. 121-125.

⁶⁵⁹ SCHNACKENBURG, R., *Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos*, p. 258.

⁶⁶⁰ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 101.

comemorado/lembrado ao mesmo tempo a morte e a ressurreição de Jesus. O Jesus que se rende na eucaristia é o mesmo da paixão, com o seu corpo e sangue”⁶⁶¹. É importante ressaltar que, para João, a ressurreição é um evento inquestionável. A realidade dela mesma provoca no crente/discípulo uma postura própria no relacionar-se com o mistério, pois a verdade da ressurreição exige um ver da fé e não um puro ato da visão⁶⁶². Outro aspecto que se destaca é que a morte e a ressurreição, na percepção joanina, devem representar uma unidade indissolúvel no coração do fiel, não repercutindo no nível externo dele⁶⁶³.

Diante da possível tradição de ver e crer, a experiência física de tocar é relatada em alguns Padres da Igreja, como sendo, de certa maneira, um fundamento para a ressurreição de Jesus ao ser abordada de forma a obter provas físicas. Dentre eles, destaca-se Inácio de Antioquia (Smyr. 3.2), que traz um dito possível de Jesus: “veja, toquem em mim e vejam que eu não sou um daimon incorpóreo. E imediatamente eles o tocaram e acreditaram”⁶⁶⁴. As aparições do ressuscitado, igualmente, são fatos reais ocorridos em Jerusalém, pela narrativa joanina (Jo 20,19-29), em um paralelo com Lucas (24,13-53), destacando Tomé não tanto como somente personificação da dúvida, mas uma testemunha da realidade da ressurreição. A partir de uma indagação sobre a veracidade do dito de Inácio, o que se depreende é o fato da possibilidade de Lucas, João e Inácio terem tido acesso a uma fonte próxima a qual indicava a necessidade da prova física da ressurreição⁶⁶⁵. A partir do que se constata, levanta-se o questionamento da funcionalidade das aparições do ressuscitado em João⁶⁶⁶, pois a missão de Jesus (morte e ressurreição) precisa ser assimilada, por se constituir uma exigência interna da teologia dele. E, ainda, a ressurreição é a expressão da completude perfeita na qual realizam as promessas feitas antes de ser morto na cruz, como o envio do Espírito Santo (Jo 14,15.2; 15,26; 16,7 e 20,22) e a missão dos próprios discípulos que continuam a missão do ressuscitado (Jo 17,18 e 20,21-23).

⁶⁶¹ VANNI, U., *Il Tesoro di Giovanni*, p. 203.

⁶⁶² MAGGIONI, B., *I Quattro Vangeli*, p. 707.

⁶⁶³ VANNI, U., *Il Tesoro di Giovanni*, p. 204.

⁶⁶⁴ RILEY, G. J., *Resurrection Reconsidered*, p. 95.

⁶⁶⁵ RILEY, G. J., *Resurrection Reconsidered*, p. 95: Eusébio de Cesareia (HE 3.36.11) afirma desconhecer a fonte de tal dito usado por Inácio; Jerônimo indica a Carta aos Hebreus; Orígenes cita algo semelhante: “non sum daimonium incorporeum/eu não sou um daimon incorpóreo”, proveniente da “Petri Doctrina/Doutrina de Pedro” (Orig. De Princ. 1, Intro. 8).

⁶⁶⁶ ONISZCZUK, J., *Incontri con il Risorto in Giovanni [Gv 20 - 21]*, p. 10.

No aspecto da fé, similarmente, na ressurreição, na ótica joanina, em Jo 20, pode-se sinalizar que a fé objetiva traz os discípulos de uma antiga Aliança mosaica para “uma era de salvação da soberania de Deus mediada por meio do Filho que é baseada na pura facticidade da ressurreição (20,8.24-29)”⁶⁶⁷. Pode-se, do mesmo modo, informar que tal Aliança é substituída, bem como as instituições que a concretizam, isso porque, com sua morte e ressurreição, Jesus mesmo é a Nova Aliança e o Novo Templo⁶⁶⁸. Porém, o evangelista também quer relacionar essa fé importante para a experiência do discípulo que caminha com a presença do ressuscitado com o conhecimento mais maduro, fruto da experiência proveniente da Páscoa. É por isso que os relatos da ressurreição fazem parte de uma composição primitiva que tentam sanar as dúvidas sobre a realidade de Jesus ressuscitado, incluindo a demonstração física como parte integrante de sua própria conjuntura⁶⁶⁹. Dessa forma, os diversos episódios do ressuscitado dentro do capítulo tem um elemento que compõe a ligação entre eles que é a fé, podendo ser⁶⁷⁰: pessoal (vv.1-10; 11-18) ou comunitária (vv.19-25; 26-29). A fé eclesial no ressuscitado, em Jo 20, ainda está baseada no duplo testemunho que é explorado no texto: o das Escrituras e o dos primeiros discípulos. Há, similarmente, uma progressão da fé comunitária e um convite à adesão a Jesus crucificado e glorioso, sendo esta fundamentada na livre iniciativa de Jesus.

Por sua vez, de acordo com Zumstein⁶⁷¹, o ciclo pascal, sendo uma unidade em João, tenta explicar o sepulcro não como um local de tristeza, desespero e solidão, mas um espaço de manifestação da vida. Devido a isso, segundo esse estudioso, é possível que a tradição joanina do ciclo pascal seja mais antiga que a contada nos Sinóticos. No entanto, uma maturidade da fé⁶⁷² pode ser contemplada, nesse ambiente de transformação dos personagens, na presença do Senhor que se dá por meio do Espírito Santo, o fundamento da fé de qualquer discípulo. Essa relação é possível de ser indicada na perícopes de Jo 20,24-29, em que “as duas aparições de Jesus aos discípulos, sem Tomé e com ele, parecem que se destinam também a corrigir uma concepção de fé arraigada na experiência sensível de

⁶⁶⁷ CARSON, D. A., *The Gospel according to John*, p. 496.

⁶⁶⁸ GONZAGA, W.; MIRANDA, B. G. de, *Jesus, a Nova Aliança e o Novo Templo*, a partir de Jo 2,1-22, p. 150.

⁶⁶⁹ RILEY, G. J., *Resurrection Reconsidered*, p. 97.

⁶⁷⁰ ZEVINI, J., *Evangelho segundo João*, p. 209-210.

⁶⁷¹ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 918.

⁶⁷² PERKINS, P., *Evangelho segundo João*, p. 813.

Jesus”⁶⁷³. Por outro lado, alguns componentes presentes⁶⁷⁴ de Jo 20 podem ser identificados, possuindo a capacidade de auxiliar na compreensão dos relatos da ressurreição, a saber: a existência da articulação entre crer e ver; o nascimento da fé no ciclo pascal; a relação do mesmo tema e a sua função no Evangelho; a relação do discurso de adeus; e a integração cruz e ressurreição.

Por fim, é importante perceber que a existência de um enquadramento temático literário em Jo 20, por vir apresentado entre dois domingos, manifesta a realidade da ressurreição nesse dia especial⁶⁷⁵ para a comunidade primitiva e para os cristãos em geral. Isso pode indicar, em um primeiro momento, uma informação cronológica, mas, também, em um segundo momento, dentro da tradição judaica, dois dias depois (hoje, amanhã e o dia seguinte), remetendo ao dia da recriação do homem novo que é indicado em João como o primeiro dia da semana⁶⁷⁶.

4.1.

A Perícope de Jo 20,24-29

Para uma melhor compreensão, convém localizar a perícope dentro do contexto do capítulo 20 do Evangelho de João, devido ter uma impressão de que as suas ocorrências pascaís formam um conjunto de cenas destacadas e sobrepostas⁶⁷⁷. Conforme a estrutura do Quarto Evangelho, ao ser dividido em dois livros⁶⁷⁸, além do seu prólogo e epílogo, o livro dos Sinais (2 – 12) e o livro da Glória (13 – 21), no qual, neste último, acha-se a perícope objeto desta pesquisa. Vale recapitular, ainda, que em João a cruz recebe uma ótica teológica da manifestação da glória de Deus, bem como a realização do plano redentor, ao estar unida à ressurreição. A cruz, portanto, consiste em uma “rota que Jesus toma de retorno ao Pai (Jo 14,28-31; 20,17)”⁶⁷⁹. Cabe destacar, da mesma maneira, que ao comparar os Sinóticos ao Evangelho joanino, ao ressaltar a visão desse sobre o processo de redenção, observa-se que a perícope não possui paralelos com os Sinóticos, não obstante o

⁶⁷³ TUÑI VANCELLS, J. O., O Testemunho do Evangelho de João, p. 146.

⁶⁷⁴ CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 8-9.

⁶⁷⁵ VANNI, U., Il Tesoro di Giovanni, p. 204.

⁶⁷⁶ MATEOS, J.; BARRETO, J., O evangelho de São João, p. 123.

⁶⁷⁷ MAGGIONI, B., I Quattro Vangeli, p. 707.

⁶⁷⁸ BORING, M. E., Introdução ao Novo Testamento, Vol. 2, p. 1203.

⁶⁷⁹ CARSON, D. A., The Gospel according to John, p. 436.

motivo da dúvida estar presente naqueles quanto à aparição do ressuscitado⁶⁸⁰. Além do mais, ao contrapor com a perícopé que a antecede (vv.19-23), está constituída, nesse caso, uma cena literalmente paralela⁶⁸¹.

Ao estar alicerçado nessa visão geral, passa-se a algumas propostas de entendimento de Jo 20. Uma primeira divisão proposta pode ser⁶⁸²: junto ao sepulcro de Jesus (vv.1-18); Jesus e seus discípulos (vv.19-29); e conclusão referida ao capítulo e a todo o Evangelho (vv.30-31). Porém, de acordo com Pérez Millos⁶⁸³, a estrutura recomendada avança em Jo 21 com a temática principal: ressurreição do Verbo encarnado (20,1 – 21,25). Há, também, a possibilidade da composição ser apresentada, com a seguinte estruturação: a) o túmulo vazio (20,1-10); e b) as aparições do ressuscitado (20,11 – 21,23): à Maria Madalena (20,11-18); aos discípulos sem Tomé (20,19-25); aos discípulos com Tomé (20,26-31); e outras aparições do ressuscitado (21,1-25).

Além das proposições acima, dispõem-se outras indicações de sugestão da estrutura para Jo 20, como se segue⁶⁸⁴: os fatos ocorridos pela manhã do primeiro dia da semana – domingo da Páscoa (vv.1-18); as aparições de Jesus à tarde do mesmo dia (vv.19-23); a história de Tomé – aparição no domingo seguinte (vv.24-29); a conclusão de todo o evangelho (vv.30-31). Orlando⁶⁸⁵, por sua vez, detalha um pouco mais a composição de Jo 20, ao propor: I) Feitos no sepulcro (vv.1-18); testemunhas do sepulcro (vv.1-10); ida de Maria Madalena no sepulcro (vv.1-2); Pedro e o outro discípulo que vão ao sepulcro (vv.3-10); encontro de Maria Madalena com os anjos e com Jesus (vv.11-18); diálogo de Maria Madalena com os anjos (vv.11b-14); Jesus se revela à Maria Madalena (vv.14b-18); II) Os discípulos no cenáculo (vv.19-29); a primeira aparição (vv.19-23): introdução e demonstração das feridas (vv.19-20); missão e poderes (vv.21-23); a segunda aparição com a presença de Tomé (vv.24-29): introdução (vv.24-25); encontro com Tomé (vv.26-29); e III) Conclusão do Evangelho (vv.30-31).

Segundo diversos pesquisadores, a perícopé recebe, igualmente, alguns títulos que se referem diretamente à temática desenvolvida pelo evangelista. Esses

⁶⁸⁰ BULTMANN, R., *The Gospel of John*, p. 693.

⁶⁸¹ NICACCI, A.; BATTAGLIA, O., *O Comentário ao Evangelho de São João*, p. 264.

⁶⁸² LEÓN-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João IV*, p. 144.

⁶⁸³ PÉREZ MILLOS, S., *Juan*, p. 1781.

⁶⁸⁴ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 493.

⁶⁸⁵ ORLANDO, L., *Giovanni*, p. 290.

auxiliam a obter um entendimento sobre o que a perícopes realmente traz quanto ao tema, no entanto, naquilo que se detém o evangelista como fruto da sua intenção. Diante disso, seguem-se algumas designações da passagem Jo 20,24-29: “Tomé, figura dos discípulos posteriores”⁶⁸⁶; a “Experiência de Tomé”⁶⁸⁷; a “Conversão de Tomé à fé na ressurreição graças a uma nova aparição de Jesus”⁶⁸⁸; o “Senhor aparece a Tomé”⁶⁸⁹; “A segunda aparição com a presença de Tomé”⁶⁹⁰; “Tomé: a fé dos que não tiverem visto”⁶⁹¹; “A aparição do ressuscitado a Tomé”⁶⁹²; “O caso de Tomé”⁶⁹³; “Jesus novamente aparece aos seus discípulos, incluindo Tomé”⁶⁹⁴; “A perícopes do duvidoso Tomé”⁶⁹⁵; “Jesus que não viram e, contudo, creram”⁶⁹⁶; “Jesus e Tomé”⁶⁹⁷; “Aparições aos discípulos”⁶⁹⁸; e “Jesus aparece a Tomé”⁶⁹⁹. Outros comentadores, ainda, fazem uma divisão distinta das anteriores, consequentemente, influenciando na abordagem da pesquisa e na nomeação da perícopes, sendo estas: “A aparição a Tomé e o propósito do evangelho (vv.24-31)”⁷⁰⁰; “Os encontros de Jesus com os discípulos no cenáculo (vv.19-29)”⁷⁰¹; “Jesus se apresenta de novo aos discípulos que se manifesta a Tomé (vv.26-29)”⁷⁰²; “Jesus aparece a Tomé (vv.26-29)”⁷⁰³; e “Aparições a Tomé (vv.19-31)”⁷⁰⁴.

A perícopes em si, também, apresenta subdivisões temáticas que indicam o desenvolvimento da narrativa. Isto é percebido por distintos comentadores que captam tal evolução deste escrito singular joanino. Fabris⁷⁰⁵, por sua vez, contempla a perícopes tendo este formato: anúncio dos discípulos a Tomé (vv.24-25) e Jesus que se apresenta de novo aos discípulos, manifestando-se a Tomé (vv.26-29). Por

⁶⁸⁶ CASTRO SÁNCHEZ, S., *Evangelio de Juan*, p. 486.

⁶⁸⁷ VANNI, U., *Il Tesoro di Giovanni*, p. 227.

⁶⁸⁸ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 541.

⁶⁸⁹ PERKINS, P., *Evangelho segundo João*, p. 813.

⁶⁹⁰ ORLANDO, L., *Giovanni*, p. 294.

⁶⁹¹ MATEOS, J.; BARRETO, J., *O Evangelho de São João*, p. 865.

⁶⁹² ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 945.

⁶⁹³ SIMOENS, Y., *Secondo Giovanni*, p. 815.

⁶⁹⁴ CARSON, D. A., *The Gospel according to John*, p. 517.

⁶⁹⁵ RILEY, G. J., *Resurrection Reconsidered*, p. 100.

⁶⁹⁶ LEÓN-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João IV*, p. 175.

⁶⁹⁷ RAMOS, F. F., *Evangelho segundo João*, p. 326.

⁶⁹⁸ MAGGIONI, B., *I Quattro Vangeli*, p. 707.

⁶⁹⁹ BEASLEY-MURRAY, G. R., *John*, p. 370.

⁷⁰⁰ KLINK III, E. W., *John*, p. 870.

⁷⁰¹ BEUTLER, J., *Evangelho segundo João*, p. 451.

⁷⁰² FABRIS, R., *Giovanni*, p. 766.

⁷⁰³ ZEVINI, J., *Evangelho segundo João*, p. 210.

⁷⁰⁴ TUÑI VANCELLS, J., *O Testemunho do Evangelho de João*, p. 146.

⁷⁰⁵ FABRIS, R., *Giovanni*, p. 766.

outro lado, Lopes⁷⁰⁶ vê a seguinte estrutura: Tomé, o incrédulo (vv.24-25); Tomé, o confrontado (vv.26-27); e Tomé, o crente (vv.28-29). Todavia, Beutler⁷⁰⁷ dispõe uma outra proposta: encontro dos discípulos com Tomé (vv.24-25) e a aparição diante dos discípulos na presença de Tomé (vv.26-29). Por outra perspectiva, Zumstein⁷⁰⁸ a subdivide desta maneira: a dúvida de Tomé (vv.24-25) e a narração do seu encontro com o ressuscitado (vv.26-29). Em contrapartida, Klink III⁷⁰⁹ refaz a divisão da perícopre como segue: ausência de Tomé (v.24); testemunho dos discípulos (v.25); incrédulo, mas acreditando (vv.26-27); e acreditar no testemunho (vv.28-29). Sob outro enfoque, Mateos e Barreto⁷¹⁰ veem três momentos na perícopre: a incredulidade de Tomé (vv.24-25); a presença de Jesus entre os seus (v.26); e a fé de Tomé, verdadeiro fundamento da fé (vv.27-29). E, por fim, de acordo com Orlando⁷¹¹, ele aponta existir uma introdução (vv.24-25) e o desenvolvimento final com o encontro de Jesus com Tomé (vv.26-29).

Nesse aspecto, ao considerar a perícopre Jo de 20,24-29, ao final, pode-se compreender o seguinte: a existência de uma introdução da narrativa (vv.24-25), em que, em seguida, ela sofre um desenvolvimento, pois a composição deve ser considerada como uma “elaboração do evangelista e não um relato originário”⁷¹². A partir dessas sugestões, porém, levando-se em conta as análises metodológicas já realizadas no capítulo anterior, opta-se por subdividir a perícopre em três blocos, a recordar: 1) vv.24-25, com o tema do contraste entre a alegria dos discípulos de terem visto o Senhor e a credulidade de Tomé impondo suas solicitações; 2) vv.26-27, ao conter a segunda aparição e confronto de Jesus com Tomé, apresentando-se diante das imposições do discípulo e o convidando a ser fiel; e 3) vv.28-29, ao resultar no auge do capítulo e do próprio Evangelho com a profissão de fé do apóstolo e o dom da bem-aventurança.

⁷⁰⁶ LOPES, H. D., João, p. 495.

⁷⁰⁷ BEUTLER, J., Evangelho segundo João, p. 463-464.

⁷⁰⁸ ZUMSTEIN, J., Il Vangelo secondo Giovanni, p. 945.

⁷⁰⁹ KLINK III, E. W., John, p. 872.

⁷¹⁰ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 865.

⁷¹¹ ORLANDO, L., Giovanni, p. 294.

⁷¹² BOISMARD, M. -É., Saint Luc et le rédaction do quatrième Évangile. Revue Biblique 69 [1962] p. 200-203 *apud* CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 101.

4.2.

Comentário exegético-teológico da perícopre de Jo 20,24-29

Após a exposição da visão estrutural de Jo 20 e da localização da perícopre de Jo 20,24-29 no bloco temático da ressurreição, passa-se, nesse momento, à análise exegético-teológica de cada um dos versículos do relato, objeto desta pesquisa. A seção começa apresentando a ausência de Tomé no encontro anterior de Jesus com os outros discípulos.

4.2.1. Os vv.24-25

O v.24: “Θωμᾶς δὲ εἷς ἐκ τῶν δώδεκα, ὁ λεγόμενος Δίδυμος, οὐκ ἦν μετ’ αὐτῶν ὅτε ἦλθεν Ἰησοῦς/Tomé, porém, um dos Doze, o chamado Dídimos, não estava com eles quando veio Jesus”. Tem a funcionalidade de ser um versículo de transição, além de tentar explicitar a ausência do discípulo⁷¹³, não se constituindo, dessa forma, na primeira aparição do discípulo Tomé. Ao longo do Evangelho, Tomé é citado outras vezes (Jo 11,16; 14,5). Já na primeira ocorrência, vem a denominação de “Dídimos”, comportando-se com um apóstolo fiel, mas, na segunda aparição, surge como duvidoso, hesitante e desconfiado quanto ao que Jesus revela⁷¹⁴. É possível perceber um esquema literário na utilização do personagem quanto à sua lealdade ao seu Senhor, todavia, mesclado de pessimismo e de uma incompreensão nas citações a ele feitas no Evangelho⁷¹⁵. Ademais, esse versículo endossa uma conexão com a primeira aparição de Jesus ressuscitado já relatada na passagem anterior (vv.19-23) com a ausência do apóstolo⁷¹⁶. Por ter a função de conectar com o relato anterior, o v.24 não demonstra nenhuma indicação de mudança de tempo ou lugar, assimilando tratar-se da mesma localização que está refletida de paz e de alegria do primeiro encontro com o ressuscitado⁷¹⁷.

A partir disso, o personagem Tomé deve ser considerado como o “sujeito de uma técnica de dramatização”⁷¹⁸ nesse Evangelho. Ao tomar o vocábulo “ausente”,

⁷¹³ BEUTLER, J., Evangelho segundo João, p. 463.

⁷¹⁴ SCHNACKENBURG, R., Il Vangelo de Giovanni, p. 544.

⁷¹⁵ BEASLEY-MURRAY, G. R., John, p. 384.

⁷¹⁶ BOISMARD, M. -É.; LAMOUILLE, A., L'Évangile de Jean, p. 472.

⁷¹⁷ MOLONEY, F. J., Il Vangelo di Giovanni, p. 468.

⁷¹⁸ SLOYAN, G. S., John, p. 225.

expresso na locução “οὐκ ἦν μετ’ αὐτῶν /*não estava com eles*”, aplicado ao discípulo, o evangelista, similarmente, vincula-o de uma maneira negativa ao que ele perde por não estar com o grupo na primeira aparição: não recebe o mandato de ser missionário/apóstolo (v.21) nem o cumprimento da vinda do Espírito Santo recebido pelos seus companheiros (v.22), bem como a autoridade concedida a eles de perdoarem os pecados⁷¹⁹. O apóstolo, dessa maneira, não comparece ao ato de fundação do povo da nova Aliança, não recebendo o Espírito Santo, e sequer a missão conferida por Jesus ressuscitado⁷²⁰. Tal ausência é uma aparente separação da comunidade, além de designar o discípulo, ainda, em uma condição de ignorância pré-pascal, por não estar dentro do grupo quando Jesus veio⁷²¹. Apesar de todas as indicações e especulações narrativas, o absentismo de Tomé é tanto inesperado como também inexplicado⁷²², formalmente. Esse não comparecimento do apóstolo pode ser caracterizado pelo afastamento daqueles que não se reúnem na comunidade⁷²³, em um dia celebrativo, para “o dia do Senhor”.

O numeral “Doze”, além de representar os apóstolos, aparentemente, é um termo que denomina em João a comunidade cristã, a Igreja, enquanto herdeira da esperança de salvação de Israel (Jo 6,70)⁷²⁴. A manutenção da expressão “um dos Doze”, também, remonta ao grupo íntimo de Jesus, apesar das duas ausências (Judas Iscariotes e Tomé), provocando uma incerteza do porquê não adotar o termo ‘apóstolos’⁷²⁵. Isso porque “Tomé se distingue pela ausência da esperança pascal”⁷²⁶ dentro da comunidade, mesmo participando dela. Ao não se encontrar reunido com os outros, quando da primeira aparição de Jesus, o discípulo passa a depender diretamente do testemunho apostólico para alcançar o novo estágio da fé pascal, condição real dos discípulos da segunda geração. Ele entra na narrativa e na história como a dúvida personalizada que desconfia do testemunho da comunidade⁷²⁷. É interessante observar que apesar da falta de Judas e de Tomé, a designação tradicional do grupo apostólico – os Doze – permanece no relato do v.24

⁷¹⁹ RILEY, G. J., *Resurrection Reconsidered*, p. 108.

⁷²⁰ MATEOS, J.; BARRETO, J., *O Evangelho de São João*, p. 867.

⁷²¹ WILCKENS, U., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 394.

⁷²² LINDARS, B., *The Gospel of John*, p. 613.

⁷²³ BRUCE, F. F., *João*, p. 336.

⁷²⁴ MATEOS, J.; BARRETO, J., *O Evangelho de São João*, p. 867.

⁷²⁵ SIMOENS, Y., *Secondo Giovanni*, p. 815.

⁷²⁶ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 948.

⁷²⁷ LEÓN-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João IV*, p. 175-176.

como salienta Brown⁷²⁸. Sem dúvida, tal designação é uma identificação clara que aponta para a importância do personagem, destacando-o como um membro apostólico e preparando-o para o “desenvolvimento na perícopes que parece direcionar a caracterização do protagonista”⁷²⁹.

Há, ainda, um questionamento interessante sobre o alcance do termo “discípulos” (vv.19.26) e “um dos Doze” (v.24), conforme Sloyan⁷³⁰ levanta, de se referir a um grupo específico/restrito ou numeroso, tendo em vista a menção aos “Doze” ocorrer por primeiro em Jo 6,67.70.71. Em um primeiro momento, tenta elucidar a questão por indicar que o número restrito se refere aos que representam a comunidade que recebem o mandado de Jesus e o seu Espírito (vv.21-23). Quanto ao vocábulo ‘discípulos’, parece envolver um número maior, mas que isso não é tão factível na narrativa segundo uma possível intenção do evangelista. De forma mais objetiva, para outros comentadores, nesse v.24, a alusão aos Doze é uma maneira de indicar os discípulos que acompanharam diretamente o ministério público de Jesus⁷³¹, portanto um grupo íntimo e privilegiado pelo convívio e pelo contato com Jesus Cristo. Por meio da articulação do versículo no relato ocorre, também, uma alternância do protagonismo coletivo (discípulos) da perícopes anterior, para um personagem individual (Tomé), que a expressão “um dos Doze” quer trazer, reforçando a crise causada pela sua ausência⁷³².

Ao averiguar, ainda, no Quarto Evangelho a expressão “um dos Doze”, destaca-se que ela não é aplicada nem a Pedro nem ao Discípulo Amado. Outrossim, podem-se extrair alguns pontos⁷³³ a partir do que é apresentado: 1) João usa a perícopes de Tomé “duvidoso” para rememorar expressões e temas com seus significados empregados anteriormente na macronarrativa; 2) a apresentação do discípulo não é vista como um personagem coadjuvante, mas tendo um destaque de contraste com posições já afirmadas anteriormente; 3) há, por ligação com a perícopes anterior, dez discípulos que testemunham o ressuscitado, enquanto no paralelo com Lc 24,33, trata-se dos 11 discípulos juntos na experiência de ver o ressuscitado; e 4) o nome do apóstolo, pela Tradição, pode ser Judas como

⁷²⁸ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, vol.2, p. 1505.

⁷²⁹ KLINK III, E. W., John, p. 876.

⁷³⁰ SLOYAN, G., Giovanni, p. 268.

⁷³¹ PÉREZ MILLOS, S., Juan, p. 1782.

⁷³² OSNISZCZUK, J., Incontri con Il Risorto in Giovanni [Gv 20 – 21], p. 75.

⁷³³ RILEY, G. J., Resurrection Reconsidered, p. 109-110.

denominado em seu Evangelho (apócrifo), como também localizam-se nas versões siríacas: Tomé (Sinaítico) e Judas Tomé (Curetonianos – antigo siríaco).

Diante do exposto, quem é Tomé, chamado Dídimos? Carson⁷³⁴ analisa que o nome Tomé, possivelmente, vem do hebraico תאום (*t'ōm*) ou do aramaico תאומא (*t'ōma*) e que é traduzido ao grego como “Δίδυμος/*Dídimo*”, servindo até como um nome próprio no relato. Como o Evangelho joanino é repleto de simbolismo, a palavra “Dídimo” levanta, também, a possibilidade de ser um título dado pela atitude do discípulo que de uma fidelidade extremada, a ponto de dar a vida por Jesus (Jo 11,4-5), torna-se aquele que personifica a dúvida da ressurreição que é desenvolvida ao longo do relato e do testemunho apostólico⁷³⁵. Em contrapartida, há uma síntese das interpretações⁷³⁶ do sintagma “ὁ λεγόμενος Δίδυμος/*o chamado Dídimo*”, a seguir: 1) a expressão inicia com o nome Dídimos, que parece ser um tipo de sobrenome que se encontra na tradição como gêmeo. Aparentemente, é razoável introduzir-se nesse momento a natureza do nome próprio ou indicar o significado de gêmeo, como aquele que é duplo, proveniente da raiz δίδυμ-; e 2) a perspectiva de ser a tradução do nome aramaico, que significa gêmeo também, no qual “Θωμάς/*Tomé*” é na verdade a sua forma grega. A partir disso, nesta pesquisa, a opção de tradução é “Tomé, o chamado Dídimos”. No plano narrativo, similarmente, o apóstolo é gêmeo, indicando ao leitor as possíveis representações na consciência humana que refletem a viabilidade de crer ou a possibilidade de não crer⁷³⁷ mediante o fato da ressurreição. Dessa forma, o discípulo conhecido de João recorda uma personalidade dupla que se altera entre a dúvida e a fé⁷³⁸.

Encontra-se uma ponderação⁷³⁹ de que os Sinóticos mostram Tomé como um dos Doze (Mt 10,3; Mc 3,18; Lc 6,15 e At 1,13), somente. Por sua vez, no Evangelho joanino, ele é destinatário de uma aparição específica do ressuscitado e recebe um certo destaque com algumas passagens (Jo 11,16; 14,15; 20,24.26.27.28; 21,2), sendo que, algumas vezes, localiza-se em uma posição dúbia (Jo 11,16) ou com dificuldade de entendimento (Jo 14,5). Dessa forma, não é caracterizado como um infiel, mas aquele que hesita ou desconfia no processo da fé. Talvez, por essa

⁷³⁴ CARSON, D. A., *The Gospel according to John*, p. 517.

⁷³⁵ CASTRO SÁNCHEZ, S., *Evangelio de Juan*, p. 486.

⁷³⁶ CASNEDA, A., *Giovanni 20*, p. 317-318.

⁷³⁷ FAESSLER, M., *Autrement voir*, p. 39.

⁷³⁸ GRASSO, S., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 773.

⁷³⁹ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 102.

postura fiel, ao longo do texto, mas com uma atitude desacreditada no relato em questão, pode apontar o nome do discípulo à característica da duplicidade, também indicando ao leitor que ainda não tem uma fé plena na ressurreição, sendo Tomé o gêmeo daquele que lê, ou mesmo uma referência ao deus romano *Janus*, que tem duas faces e que, igualmente, evoca o vocábulo latino “*janua/porta*”, vigiado pela passagem do interior e do exterior, ou de duas épocas, mostrando essa tensão da duplicidade diante de um fato que se apresenta ao leitor.

Além disso, é possível localizar uma análise⁷⁴⁰ que o sintagma ὁ λεγόμενος Δίδυμος, similarmente, encontra-se no padrão constitutivo do Quarto Evangelho quando se pretende expressar o nome ou sobrenome de alguns personagens. Há, também, um questionamento sobre o porquê da tradução para Tomé mostrar um vocábulo que tem o mesmo significado do nome e não como acontece com o apóstolo Pedro, que tem um outro nome de origem, o de Simão, filho de Jonas. Nesse, há um momento importante da instituição do seu nome, revelando a missão que esse apóstolo desempenha, ao ser denominado como Pedro por Jesus. Ademais, pela avaliação da narrativa, o sintagma nesse versículo demonstra uma intenção de indicar, na ausência, uma interiorização da dúvida da fé que permeia toda a perícopé daquele que é chamado gêmeo. Dessa forma, é cabível a percepção de três premissas que são desenvolvidas na passagem e enriquecem Tomé, enquanto personagem: o fato de ser um dos Doze, o de ser chamado Dídimo, e estar ausente na primeira vinda de Jesus ressuscitado ao grupo dos apóstolos.

Em uma leitura interpretativa, o fato do discípulo ser “Dídimo” quer também identificar a relação de ser gêmeo de toda pessoa que no mundo viver, questionando sobre o sentido profundo da sua existência e a viabilidade de haver a ressurreição⁷⁴¹. Além disso, pode-se afirmar que “Tomé, cujo nome quer dizer gêmeo, tem nele uma dupla personificação”,⁷⁴² como se observa até o momento. Outrossim, Bento XVI⁷⁴³ ao comentar o personagem Tomé, a partir dos registros no Quarto Evangelho, destaca que, em um primeiro momento, a personalidade do discípulo revela-se em uma total disponibilidade de adesão a Jesus (Jo 11,16) e, em segundo instante, mostra-se em um nível inferior da compreensão de Jesus. Porém,

⁷⁴⁰ CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 319-322,

⁷⁴¹ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 103.

⁷⁴² RIGAUX, B., Dieu l’a Ressuscité, p. 238 *apud* VIGNOLO, R., Personaggi del Quarto Vangelo, p. 55.

⁷⁴³ BENTO XVI, Gli Apostoli, p.142.

esse fato de incompreensão do apóstolo provoca o Senhor a proclamar uma autodefinição singular: “eu sou o caminho, a verdade e a vida” (Jo 14,6). Estes dois últimos termos estão situados em contato direto com Jesus. Ademais, eles apontam o sentido do caminho proposto pelo Senhor, o qual implica uma direção à verdade, a única via para o Pai e a única forma pela qual se alcança a vida eterna⁷⁴⁴.

Há uma tradição dominante a indicar a existência de uma irmã gêmea de Tomé designada Lísia, segundo Eusébio de Cesareia⁷⁴⁵, e que o outro nome associado a Tomé pode ser Judas. Segundo o preâmbulo do Evangelho segundo Tomé, Cap. 1, aparece, também, a denominação de Dídimo: “são estas as palavras secretas que Jesus, o Vivo, proferiu e que Dídimo Judas Tomé escreveu”⁷⁴⁶. Vale dizer que a expressão “ὁ λεγόμενος/*o chamado*”, do mesmo modo, consiste em uma maneira joanina de utilização para palavras ou nomes que podem ser encontrados no aramaico e no grego (Jo 4,25; 20,6). Como Riley⁷⁴⁷ destaca, há uma probabilidade de Judas Tomé ser chamado gêmeo, aparentemente em aramaico e grego, por alguma tradição não identificada, uma vez que o seu nome original não é encontrado. Ele destaca, ainda, existir um costume em que Tomé, o gêmeo, pode ser o irmão gêmeo de Jesus, segundo antiga tradição em que, eventualmente, há registros dele e que o evangelista João pode ter acessado.

É factível encontrar em Atos de Tomé (39), no evento da mula falante que, na estrada enquanto o apóstolo prega para as multidões, fala a ele: “abriu sua boca e disse: tu, gêmeo de Cristo, apóstolo do altíssimo e iniciado na palavra oculta de Cristo, que recebe seus oráculos secretos, colaborador do Filho de Deus”⁷⁴⁸. Também, é plausível encontrar no Livro de Tomé, o Contendor (138,8), a afirmação de Jesus: “tendo sido dito que tu és meu gêmeo e verdadeiro companheiro, examina-te e aprende acerca de quem tu és”⁷⁴⁹. Vale dizer que não prevalece essa hipótese de Tomé ser identificado com aquele Judas constante de Mc 6,3 e de Jo 14,22⁷⁵⁰, ou seja, um dos irmãos do Senhor. Diante disso, o que se tem sobre o discípulo é que ele é um apóstolo no relato joanino, lento para a compreensão, mas com uma

⁷⁴⁴ MORAIS, P. da S., Verdade e Salvação no Evangelho de João, p. 186.

⁷⁴⁵ EUSÉBIO DE CESAREIA, Hist. Ecl. I, 13,10, p.56.

⁷⁴⁶ PROENÇA, E. de (org), Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia, vol. I, p. 599.

⁷⁴⁷ RILEY, G. J., Resurrection Reconsidered, p. 111.

⁷⁴⁸ PROENÇA, E. de (org), Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia, vol. II, p. 673.

⁷⁴⁹ PROENÇA, E. de (org), Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia, vol. I, p. 485.

⁷⁵⁰ CARSON, D. A., The Gospel according to John, p. 517.

ação positiva em direção à fé, tornando-se um expoente da dúvida apostólica⁷⁵¹. Essas referências remetem a uma “tradição primitiva” do que simplesmente uma insinuação confusa e que pode ter sido supressa pelo desenvolvimento ortodoxo⁷⁵² da Tradição. Uma outra alusão presumível sobre a relação de Tomé e Jesus, no âmbito não canônico, é quando esse chama o discípulo à parte e lhe revela os três segredos e que, posteriormente, Tomé é interpelado pelos outros discípulos, respondendo-lhes: “se vos disser uma só das palavras que ele me disse, pegareis pedras e me apedrejareis”⁷⁵³, ocasião registrada em Jo 10,30-33, porém em circunstâncias distintas e que tocam na divindade e autorrevelação de Jesus aos judeus.

Além do mais, Tomé é visto como obstinado, cuja incredulidade é mostrada no relato por meio de uma obtusidade em compreender o evento da ressurreição⁷⁵⁴. É feito um alerta⁷⁵⁵, ao analisar esse versículo, para não reduzir o personagem Tomé e sua importância, na construção da perícopa, ao ter em conta os seguintes pontos: 1) a realização de uma reconstrução histórica do discípulo inadequada extrapolando o evento apresentado na narrativa; e 2) ao fazer uma ênfase de Tomé no relato, ofuscando a intenção contida na narrativa. Pode ser que na caracterização do personagem, a demarcação da mudança do discípulo para apóstolo não acontece em Tomé, ainda. Isso porque o leitor não é informado sobre os reais motivos ou aspirações do discípulo. A questão é que, até o presente momento no relato, ele é o único que não vê o ressuscitado na primeira aparição⁷⁵⁶.

No v.25: “ἔλεγον οὖν αὐτῷ οἱ ἄλλοι μαθηταί· ἑώρακαμεν τὸν κύριον. ὁ δὲ εἶπεν αὐτοῖς· ἐὰν μὴ ἴδω ἐν ταῖς χερσὶν αὐτοῦ τὸν τύπον τῶν ἥλων καὶ βάλω τὸν δάκτυλόν μου εἰς τὸν τύπον τῶν ἥλων καὶ βάλω μου τὴν χεῖρα εἰς τὴν πλευρὰν αὐτοῦ, οὐ μὴ πιστεύσω/*diziam-lhe, então, os outros discípulos: vimos o Senhor. O qual, porém, disse-lhes: se eu não vir nas mãos dele a marca dos pregos e colocar o meu dedo na marca dos pregos e colocar minha mão no lado dele de forma alguma creerei.*”

⁷⁵¹ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 102.

⁷⁵² KOESTER, H., *Gnomai Diaphorai*, p. 134 *apud* RILEY, G. J., *Resurrection Reconsidered*, p. 112.

⁷⁵³ PROENÇA, E. de (org), *Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia*, Vol. I, p. 600.

⁷⁵⁴ CALVINO, J., *O Evangelho segundo João*, vol.2, p. 867.

⁷⁵⁵ KLINK III, E. W., *John*, p. 876.

⁷⁵⁶ RILEY, G. J., *Resurrection Reconsidered*, p. 108.

Ao subdividir esse versículo no v.25a, acha-se o testemunho dos outros dez discípulos, com a expressão “ἐωράκαμεν τὸν κύριον/*vimos o Senhor*”. Além do mais, o verbo “λέγω/*dizer, falar*”, conjugado no imperf. ind. at. 3p. pl. “ἔλεγον/*diziam*”, usado pelos discípulos, tem um tempo verbal adotado para designar uma ação que possui um caráter de continuidade. O diálogo entre eles, com este verbo “diziam”, demonstra uma expressividade no discurso, não sendo algo repentino, no entanto, um processo de sensibilização a respeito do quão importante é o fato, possuindo, também, um tom enfático⁷⁵⁷. Por outro lado, o verbo “ὀράω/*ver*”, situado no perfeito do indicativo, manifesta uma ação que já decorreu completamente, mas com resultados constantes e perenes⁷⁵⁸. A expressão pode ter um sentido conotativo⁷⁵⁹ no qual os discípulos explicam a Tomé o acontecido com um significado de perpetuidade. Em suma, o que os discípulos experimentam, por meio de uma visão completa de Jesus, é o reconhecimento da manifestação da ressurreição com o emprego do vocábulo “Senhor”. Tal vocábulo a essa altura manifesta a majestade divina,⁷⁶⁰ em uma relação direta à glória que condiz com a morte e ressurreição de Jesus que se reveste da autoridade que está acima de tudo (Fl 2,9-11).

Pela técnica de escrita do evangelista, ele assimila o v.25, recorrendo ao v.20⁷⁶¹. Além disso, segundo Knights⁷⁶² informa, há uma conexão paralela na estrutura da frase e da relação entre os discípulos Natanael e Tomé (Jo 1,45 e 20,25). No primeiro caso, “encontramos aquele que Moisés escreveu” e “vimos o Senhor”, no segundo caso, as refutações dos discípulos Natanael e Tomé (Jo 1,46a e 20,25b) são muito semelhantes no que tange ao testemunho e às objeções. Diante de tal experiência dos discípulos e da estrutura narrativa, Tomé, em sua condição, em sua contestação, não está demandando nada mais do que os outros discípulos já verificaram. A tentativa de sua constatação pessoal está compondo aquilo que no Evangelho é discutido sobre obter sinais para crer⁷⁶³. Similarmente, o ato solicitado por Tomé, de pôr o dedo nas marcas do crucificado-ressuscitado, tenta captar textualmente o movimento do verbo “βάλλω/*colocar*”. Cabe destacar que a

⁷⁵⁷ VIGNOLO, R., *Personaggi del Quarto Vangelo*, p. 63.

⁷⁵⁸ PÉREZ MILLOS, S., *Juan*, p. 1785.

⁷⁵⁹ BROWN, R. E., *Comentário ao Evangelho segundo João*, vol. 2, p. 1506.

⁷⁶⁰ PÉREZ MILLOS, S., *Juan*, p. 1784.

⁷⁶¹ PERKINS, P., *Evangelho segundo João*, p. 813.

⁷⁶² KNIGHTS, C., *Nathanael and Thomas*, p. 330.

⁷⁶³ NICACCI, A., *BATTAGLIA, A., O Comentário ao Evangelho de São João*, p. 264.

expressão “marcas do prego” presente nesse versículo se constitui o único local entre os Evangelhos em que se é relatado⁷⁶⁴ tal ato.

Além disso, essa reação do discípulo repropõe de maneira transparente o vínculo entre “ver” e “crer”. O “ver” em Tomé é a busca dos sinais das marcas e do lado⁷⁶⁵, para ter a chance de verificar a verdadeira identidade de Jesus. De maneira geral, o personagem manifesta que, para crer, ele coloca certas condições, baseia-nos “*signa passionis/sinais da paixão*”, uma abertura à fé em meio à incerteza. Diante disso, Tomé apresenta-se como um homem da lógica do mundo, fundamentado na realidade que rejeita o testemunho de que o Senhor está vivo. De resto, é possível assinalar que o emprego do verbo “ὄραω/*ver*” demonstra que os discípulos “viram e compreenderam o que tinham visto”⁷⁶⁶ e que, na verdade, falam de algo que realmente conhecem. Ademais, o testemunho dos discípulos é uma nova modalidade que está sendo mostrada no relato como algo importante diante da ausência de Jesus no período pós-pascal. Cabe destacar, ainda, que a formulação “vimos o Senhor” faz parte do horizonte teológico joanino do “eu sou” e do termo “Senhor” com valor de equivalência ao tetragrama impronunciável (YHWH). Outrossim, o que se refere ao “ver” é justamente o aparecimento do ressuscitado que também faz parte, em conexão com o senhorio de Jesus, do testemunho dos discípulos que transmitem tal experiência a Tomé, porém daquele que se depara com a sua cegueira espiritual⁷⁶⁷.

A atitude reativa de Tomé, baseada em sua cegueira da fé, retoma o verbo “ὄραω/*ver*”, agora como tentativa de uma experiência individual sua para além do testemunho dos outros que atestam ter visto e ele acrescenta, para uma prova física, o verbo “βάλλω/*colocar*” a mão nas marcas⁷⁶⁸. Cabe informar que os termos “τύπος/*marca*” dos pregos e o “τόπος/*lugar*” dos pregos são indicados como as testemunhas textuais⁷⁶⁹ da crucificação. No entanto, constata-se uma certa confusão entre variantes em alguns textos, com a existência e o emprego das duas palavras diferentes: τύπος/τόπος (marca/lugar). É razoável dizer que, mesmo a aplicação, em

⁷⁶⁴ SLOYAN, G., Giovanni, p. 268.

⁷⁶⁵ FABRIS, R., Giovanni, p. 785.

⁷⁶⁶ CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 321.

⁷⁶⁷ FAESSLER, M., Autrement voir, p. 40.

⁷⁶⁸ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 103.

⁷⁶⁹ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, vol. 2, p. 1506.

si, de termos diferentes não traz nenhum grau de importância, tendo em vista a possibilidade de serem encontradas alteradas em alguns textos⁷⁷⁰.

Por sua vez, Schnackenburg⁷⁷¹ destaca a força da negação “οὐ μὴ/*de forma alguma*”, do discípulo questionador; um sinal de ênfase negativa indicando o estado atual do apóstolo e sua disposição de futuro. Dentro da concepção da época, é preciso haver uma continuidade entre os mundos, dos vivos e dos mortos, com uma necessidade de existir uma transformação gloriosa⁷⁷². Sem as suas objeções resolvidas, a dupla negação passa a valer para o discípulo. Com isso, a crucificação se constitui em um fato histórico já determinado e público, enquanto a ressurreição de Jesus, já clara para os outros discípulos, para Tomé é, ainda, apenas um conjunto de vozes provenientes de alguns que afirmam terem-no visto após a sua morte. Assim, também, parece ser a dúvida que permeia a comunidade primitiva e que ganha um porta-voz personalizado. Contudo, o questionamento feito pelo apóstolo tem uma indicação instrutiva: para a constatação do Senhor ressuscitado, as marcas das feridas atestam para quem realmente é: o Jesus de Nazaré, crucificado, morto e ressuscitado⁷⁷³.

Como um novo relacionamento, as palavras de Tomé ou suas refutações e imposições fazem surgir a convicção de que Jesus é agora reconhecido pelas marcas da crucificação. Para Tomé, igualmente, os sinais qualificantes da identidade de Jesus são, nesse momento, sobretudo, as marcas da cruz, pois essas são um demonstrativo do ponto máximo do amor de Jesus pelos seus, estando nesse ponto, correto⁷⁷⁴. O discípulo assinala querer realizar uma experiência milagrosa dentro dessa noção e que o evangelista faz ressaltar. Todavia, essa dimensão futura possui um caráter assertivo, porque visa gerar uma confiança pessoal acerca da ressurreição de Jesus Cristo. Por outro lado, é viável efetuar uma leitura do fato sob a perspectiva não tanto da prova pessoal e sua tangibilidade, porém, do desejo de participar, por ser “um dos Doze”, do que os outros dizem ter experimentado⁷⁷⁵: o encontro com o ressuscitado.

⁷⁷⁰ CALVINO, J., O Evangelho segundo João, p. 299.

⁷⁷¹ SCHNACKENBURG, R., Il Vangelo di Giovanni, p. 545.

⁷⁷² LEÓN-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho segundo João IV, p. 176.

⁷⁷³ WENGST, K., Il Vangelo di Giovanni, vols. 1 e 2, p. 746-747.

⁷⁷⁴ BENTO XVI, Gli Apostoli, p. 144.

⁷⁷⁵ SIMOENS, Y., Secondo Giovanni, p. 815.

Percebe-se uma relação e uma identidade com a perícopre anterior (vv.11-18), que se refere a uma outra experiência com o ressuscitado e, similarmente, pela própria declaração de Maria Madalena (v.18) o ato de testemunhar aos discípulos: “vi o Senhor”⁷⁷⁶. Mas a expressão dos discípulos, “vimos o Senhor”, comporta uma experiência com Jesus na qual Ele infundiu neles o Espírito Santo (vv.19-23), transmitindo-lhes a sua glória, que é a do Pai (Jo 17,22), além de parecer com uma forma apostólica no relato semelhante visto em Paulo (1Cor 9,1)⁷⁷⁷. Além disso, parece haver uma tentativa de Tomé de não se encontrar à margem desse processo pós-pascal, no qual demonstra não tolerar mediação entre ele e o Senhor, tornando-se tal mediação, um obstáculo⁷⁷⁸ para ele. Diante do testemunho dos outros discípulos cheios de alegria, a reação de Tomé não é contagiada pela certeza e alegria do testemunho deles, porém, ele insiste e manifesta o desejo de ver e tocar⁷⁷⁹. Por não se encontrar com os discípulos no anúncio de Maria Madalena (Jo 20,18), devido a se constituir em uma paráfrase (Jo 20,25) do querigma, do ponto de vista narrativo, também essas ausências denotam, aparentemente, a falta de fé no anúncio⁷⁸⁰. Como fruto da experiência, tem-se o conhecimento e a certeza jubilosa dos discípulos de que realmente Jesus está vivo e atuante. Apesar do testemunho deles, ele não crê naquilo que viram e experimentaram, exigindo uma prova cabal individual e extraordinária⁷⁸¹.

A resposta de Tomé ao acontecido e relatado, todavia, explicita um ceticismo diante do testemunho de seus companheiros, isso porque “Tomé é apresentado como representante daqueles que não querem crer sem antes terem visto”⁷⁸². Além do mais, a sua resposta vem permeada de um desejo em obter mais provas sobre Jesus. E, conseqüentemente, serve de base para focar no verbo “ὄραω/ver” para uma nova etapa, gerando uma experiência do “crer”. Mas o evangelista parece ter o interesse em explorar a debilidade do ver físico. Dessa forma, por optar pelo verbo ὄραω e não pelo “ψηλαφάω/tocar, tatear” (Lc 24,39), que recebe uma conotação de ação física, claramente no texto parece haver uma

⁷⁷⁶ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 867-868.

⁷⁷⁷ BEUTLER, J., Evangelho segundo João, p. 463.

⁷⁷⁸ SCHNACKENBURG, R., Il Vangelo di Giovanni, p. 546.

⁷⁷⁹ VANNI, U., Il Tesoro di Giovanni, p. 229.

⁷⁸⁰ VIGNOLO, R., Personaggi del Quarto Vangelo, p. 63-64.

⁷⁸¹ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 868.

⁷⁸² RAMOS, F. F., Evangelho Segundo São João, p. 326.

orientação antidocetista⁷⁸³. Estrada e Sarasa⁷⁸⁴ trazem uma contribuição sobre esses elementos estarem compondo a narrativa joanina nesse capítulo. Segundo eles, a comunidade joanina, na virada do séc. I d.C., integra a sua ética ao movimento cristão, auxiliando na formação do discipulado e de alguns docetistas que se tornam ministros na comunidade, distanciando-se da centralidade joanina e participando do desenvolvimento gnóstico posterior. O verbo usado “ιδω/vir”, aoristo de “ιδειν/ver”, possui um ver superficial e físico. Além disso, o emprego desse verbo por Tomé reforça a ideia com “βάλλω/colocar” o dedo nas marcas⁷⁸⁵ do ato e da prova proveniente do tocar.

Por detrás da objeção do apóstolo está, na verdade, a tentativa do evangelista de demonstrar um motivo de continuidade do corpo físico de Jesus perante a transição da morte. Isso também é observado no esforço de Lucas, em que Jesus prova que é ele mesmo, por meio das marcas, diante dos apóstolos em sua aparição. Esses empenhos tornam-se uma evolução posterior da concepção paulina de corpo espiritual (1Cor 15,44)⁷⁸⁶. Além do mais, Tomé parece representar um ceticismo honesto⁷⁸⁷, uma busca da verdade. Talvez, o discípulo represente o princípio de que “intellectus preedit fidem/o intelecto antecede a fé”, o qual não se torna incompatível com uma regra mais elevada do “fides procedit intellectum/a fé antecede o intelecto”. Ao ser o primeiro discípulo nos Evangelhos a citar as marcas dos pregos e querer tocá-las para acreditar, algumas observações⁷⁸⁸ a respeito disso podem ser feitas: 1) a chance de Tomé ter testemunhado a crucificação de Jesus; 2) é o discípulo que assume uma atitude mais profunda sobre a morte na cruz; 3) o efeito psíquico pós-crucificação que pode ter levado Tomé a se afastar dos outros (ausência no grupo); 4) diante de sua disponibilidade e incompreensão antes da Páscoa do Senhor, que o levam a querer provas tangíveis; 5) um paralelo entre Maria Madalena e Tomé de ver e tocar dentro da narrativa; 6) a representatividade dele diante dos cristãos, à época ou posteriormente a eles, no que se refere a querer ver e tocar para acreditar; 7) o plano narrativo que coloca o discípulo no auge do relato com a proclamação de fé em Jesus (v.28). Em Tomé, há um desejo que se

⁷⁸³ SCHNACKENBURG, R., Il Vangelo di Giovanni, p. 546.

⁷⁸⁴ ESTRADA, B., SARASA, L. G. (dirs), El Evangelio de Juan, p. 80.

⁷⁸⁵ RIGATO, M.-L., Giovanni, p. 300.

⁷⁸⁶ RILEY, G. J., Resurrection Reconsidered, p. 117.

⁷⁸⁷ CHAMPLIN, R. N., Lucas, João, p. 850.

⁷⁸⁸ THOMASKUTTY, J., Characteristics of Thomas in the Fourth Gospel, p. 5.

expressa da busca da verdade e de conhecimento do fato para crer. Apesar disso, no plano narrativo, Tomé, o duvidoso, personifica tal postura cética que é vista no grupo dos Doze nos Sinóticos (Mt 28,17; Lc 24,11.25.37.41; Mc 16,14). Na verdade, pode-se afirmar que tal personificação é uma postura que, certamente, é encontrada nas comunidades primitivas⁷⁸⁹.

João Crisóstomo⁷⁹⁰, em uma de suas Homilias sobre o Evangelho de São João, diz que o desejo de investigar de Tomé é razoável, ao mesmo tempo que indica uma mente grosseira, não acreditando no testemunho dos outros. As condições para crer passam pelo visual, pelo físico e pelo tangível⁷⁹¹ que, em uma mistura de obstinação e incredulidade, o apóstolo quer alcançar não a visão subjetiva dos outros, contudo, uma visão objetiva dos fatos. Ele pretende acreditar somente quando alcançar a convicção física de que o crucificado está vivo realmente⁷⁹². A dúvida de Tomé, por um lado, parece consistir na recusa do testemunho e do *kerygma* pascal; por outro lado, ela está conectada a uma prova física, a uma verificação empírica. Mas a dúvida do apóstolo vem revestida da incredulidade na realidade da própria ressurreição, na expressão “οὐ μὴ πιστεύσω/*de forma alguma creerei*”⁷⁹³.

Parece ser revestida a expressão de um juízo sensual⁷⁹⁴, no sentido puro do conhecimento pelos sentidos e em detrimento de uma percepção mais elevada da fé. Ademais, o não convencimento de Tomé é exaltado pela necessidade de provas (v.25def), a fim de obter evidências concretas e pessoais de que aquele que morreu crucificado é o ressuscitado segundo o testemunho do grupo, porém, o evangelista está indicando a viabilidade de existir continuidade entre o crucificado e ressuscitado⁷⁹⁵. Vanni⁷⁹⁶ destaca, também, um fato curioso gramaticalmente: enquanto no latim duas negações tornam-se uma afirmação, no grego, por sua vez, e de forma especial no texto (v.25g), enfatizam de forma acentuada a negação, ou seja, mostra a determinação do apóstolo em não crer no que ouve dos seus companheiros de forma alguma. Em decorrência disso, o diálogo em Jo 20,25 tem

⁷⁸⁹ SLOYAN, G., Giovanni, p. 269.

⁷⁹⁰ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, Homilia João Crisóstomo LXXXVII,1. Livro LIX, p. 471-476.

⁷⁹¹ PÉREZ MILLOS, S., Juan, p. 1785.

⁷⁹² WILCKENS, U., Il Vangelo secondo Giovanni, p. 394.

⁷⁹³ ZUMSTEIN, J., Il Vangelo secondo Giovanni, p. 948.

⁷⁹⁴ CALVINO, J., O Evangelho Segundo João, p. 299.

⁷⁹⁵ CARSON, D. A., The Gospel according to John, p. 517.

⁷⁹⁶ VANNI, U., Il Tesoro di Giovanni, p. 299.

uma função de explicitar o problema de acreditar em Jesus sem poder vê-lo, passando a contar somente com a palavra/o testemunho de outros. Por sua recusa, o discípulo não quer crer na ressurreição do Senhor por meio de palavras de testemunhas oculares, no entanto segundo suas próprias condições⁷⁹⁷. Por outro lado, para Haenchen⁷⁹⁸, Jo 20,25b tem uma contrapartida em Lc 24,36-43, que aborda o tema da dúvida existente na comunidade pós-pascal. Assim como em Lucas, João propõe o tema da dúvida existente e compartilhada entre os discípulos e não somente entre os cristãos da segunda geração, porém já como objeto de refutação futura da própria ressurreição de Jesus.

Nesse sentido, a postura de Tomé de incredulidade acontece perante o testemunho da Igreja, representado pelo testemunho dos outros discípulos. Ele quer ver o Senhor na linha da realização da paixão⁷⁹⁹. Outrossim, a ênfase em não acreditar sem ver as marcas⁸⁰⁰ traz à tona a viabilidade do relato que está, por meio de Tomé, fazendo uma analepse⁸⁰¹ com Jo 19,31-37, pois, nessa ocasião, em que Jesus está na cruz e morre, não são quebradas as pernas dele, mas um soldado perfura o lado de Jesus com uma lança. Além disso, João indica uma outra conexão com as profecias antigas (Ex 13,46; Nm 9,12; Sl 34,20; Zc 12,10), a fim de que o leitor acesse a maneira singular da morte de Jesus. Em virtude disso, a dúvida de Tomé e suas demandas relacionam-se diretamente à identidade de Jesus (crucificado e ressuscitado)⁸⁰². Nesse ínterim, o texto indica que Tomé demonstra ter um fechamento ao mistério, nesse momento, uma disposição negativa a crer⁸⁰³, o desejo de verificar o acontecido, o que põe e define condições para sua fé em Jesus ressuscitado. Há de destacar e separar o uso do “ver” para Tomé e para os discípulos. Enquanto para esses tem um sentido de experiência, para aquele tem um significado de exame. E isso é um comportamento anteriormente criticado por Jesus no próprio Evangelho (Jo 4,48; 6,30)⁸⁰⁴. O evangelista trabalha o episódio com os verbos “ver” e “crer”, sendo ações fundamentais de uma forma que se distancia daquele que é o proposto no próprio Evangelho joanino. Schnackenburg⁸⁰⁵ retoma

⁷⁹⁷ CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 328-329.

⁷⁹⁸ HAENCHEN, E., John 2, p. 211.

⁷⁹⁹ VANNI, U., Il Tesoro di Giovanni, p. 231.

⁸⁰⁰ THOMASKUTTY, J., Characteristics of Thomas in the Fourth Gospel, p. 5.

⁸⁰¹ Consiste em uma técnica que faz uma retrospectiva de acontecimentos passados.

⁸⁰² MALZONI, C. V., Evangelho segundo João, p. 309.

⁸⁰³ ZEVINI, J., Evangelho segundo João, p. 226.

⁸⁰⁴ GRASSO, S., Il Vangelo di Giovanni, p. 773.

⁸⁰⁵ SCHNACKENBURG, R., Il Vangelo di Giovanni, p. 545-546.

uma outra experiência de refutação no relato evangélico, em Pedro (Jo 13,8), contudo em um tom volitivo. O que na verdade a refutação tem como objetivo é a relação entre o “ver” e o “crer”, pois esses dois constituem-se em ações fundamentais para um relacionamento com Cristo ressuscitado⁸⁰⁶ e que na tratativa vai servir de conexão com o v.29 aos que são das gerações futuras. No entanto, João parece estabelecer uma relação desde o v.25 com as passagens de Jo 8,51 e 16,7; em Jo 4,41, Jesus já emite uma alerta para esse tipo de postura tibia: “senão virdes os sinais e os prodígios não creereis”.

A incredulidade de Tomé, igualmente, tem a função de apoiar a futura formulação da sua fé (v.28), mas também da declaração de Jesus (v.29)⁸⁰⁷. Isso porque os fiéis do futuro não terão como realizar a prova física que o discípulo está exigindo no momento. Além disso, ele quer uma prova não comunitária (vimos o Senhor), mas sim uma prova individual (se eu não colocar o dedo nas marcas). Rupertino von Deutz⁸⁰⁸ analisa que o testemunho dos apóstolos é o testemunho da Igreja sobre a ressurreição, porque aqueles são as testemunhas oculares e nos tempos posteriores é a Igreja que proclama tal realidade. Tomé representa, portanto, os que não acreditam e, também, os judeus e pagãos que não veem e não creem. De fato, a atitude de Tomé parece aprofundar a sua dúvida no que tange a uma requisição de prova física para comprovar uma verdade que está sendo transmitida pela comunidade, por meio do testemunho apostólico representada na expressão negativa de “οὐ μὴ πιστεύσω/*de forma alguma creerei*”⁸⁰⁹.

Fica claro que, pela perspectiva de João, a refutação de Tomé tem o propósito de prevenir uma noção gnóstica que indica, à época, um Jesus aparentemente humano e, conseqüentemente, colocando reservas para a realidade da ressurreição. Tal noção desenvolve-se e reformula-se na heresia docetista (δοκεω/*aparecer*). Por isso, a narrativa retorna ao fundamento da encarnação (Jo 1,14) e o fato de um certo menosprezo de Jesus a respeito de basear a fé sobre sinais (Jo 4,48)⁸¹⁰. Dentro do questionamento da necessidade de sinais para crer, Tomé se aproxima da atitude dos judeus no Evangelho joanino⁸¹¹. Segundo Beutler⁸¹², nas

⁸⁰⁶ ZEVINI, J., Evangelho segundo João, p. 226.

⁸⁰⁷ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 866.

⁸⁰⁸ RUPERTUS TUITIENSIS, Commentaria in Evangelium S. Joannis, n. 169-02, p. 2767.

⁸⁰⁹ PÉREZ MILLOS, S., Juan, p. 1785.

⁸¹⁰ KÖSTENBERGER, A. J., John, p. 577-578.

⁸¹¹ RIDDERBOS, H. N., The Gospel according to John, p. 647.

⁸¹² BEUTLER, J., Evangelho segundo João, p. 463.

palavras exigentes de Tomé pode também haver uma correspondência com o Sl 22(21),17, ao se tratar de uma reminiscência sobre a maneira dos romanos de perfurar as mãos de um crucificado. Casalegno⁸¹³, a partir dos testemunhos de Agostinho de Hipona e Gregório Magno, informa que Jesus, apesar do poder de retirar as marcas das feridas, manteve-as; essas marcas apontam para a natureza humana corruptível do Senhor que se revestiu de incorruptibilidade.

4.2.2. Os vv.26-27

No v.26: Καὶ μεθ' ἡμέρας ὀκτὼ πάλιν ἦσαν ἔσω οἱ μαθηταὶ αὐτοῦ καὶ Θωμᾶς μετ' αὐτῶν. ἔρχεται ὁ Ἰησοῦς τῶν θυρῶν κεκλεισμένων καὶ ἔστη εἰς τὸ μέσον καὶ εἶπεν·εἰρήνη ὑμῖν/e *oito dias depois, dentro, de novo estavam os discípulos dele e Tomé (estava) com eles. Vem Jesus (estando) as portas fechadas e ficou de pé no meio e disse: a paz convosco*". Esse versículo, segundo alguns estudiosos, remete-se à cena da aparição de Jesus acontecida com os discípulos, agora, incluindo Tomé, trazendo algo tradicional que é o tema da incredulidade dos discípulos⁸¹⁴, presente nos Sinóticos e personificado no Evangelho de João. Diante disso, o evangelista deixa transparecer uma intenção apologética ao remeter os leitores às dúvidas e aos questionamentos que são presentes na época apostólica quanto à ressurreição de Jesus⁸¹⁵.

Evidencia-se a marcação temporal “oito dias depois” na qual Beasley-Murray⁸¹⁶, Brown⁸¹⁷, Mateos e Barreto⁸¹⁸, Vanni⁸¹⁹ e Pérez Millos⁸²⁰ concordam com a referência ao domingo seguinte ao da ressurreição, sendo também a memória do domingo celebrativo comunitário. Além do mais, percebe-se um propósito bastante claro de referir-se ao “Dia do Senhor”⁸²¹ às manifestações do ressuscitado, além de regatar um vínculo com os versículos anteriores (v.1.19) do capítulo. Além dessa continuidade no enfoque daquele dia, ao relacionar-se com o v.19, apura-se

⁸¹³ CASALEGNO, A., *Evangelho na Interpretação dos Padres da Igreja e dos Teólogos Medievais*, p. 305.

⁸¹⁴ ZEVINI, J., *Evangelho segundo João*, p. 227.

⁸¹⁵ SLOYAN, G., *Giovanni*, p. 270.

⁸¹⁶ BEASLEY-MURRAY, G. R., *John*, p. 384.

⁸¹⁷ BROWN, R. E., *Comentário ao Evangelho de João*, vol. 2, p. 1506.

⁸¹⁸ MATEOS, J.; BARRETO, J., *O Evangelho de São João*, p. 868.

⁸¹⁹ VANNI, U., *Il Tesoro di Giovanni*, p. 231.

⁸²⁰ PÉREZ MILLOS, S., *Juan*, p. 1786.

⁸²¹ MOLONEY, F. J., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 469.

uma moldura narrativa ao estilo joanino que tem como objetivo indicar que se trata da mesma assembleia cultual da Igreja primitiva que tem seus encontros no domingo, a data do encontro com Cristo vivo⁸²². Outrossim, a referência “primeiro dia da semana/oito dias depois” segue a forma judaica de cálculo temporal, ao contar o primeiro e último dia no período⁸²³. O dia do Senhor é o dia do encontro habitual dos fiéis, o dia, enfim, em que se realiza a memória da ressurreição de Jesus. Devido ao uso do presente histórico, há uma implicação direta a Jesus que está sendo esperado pelos discípulos nesse dia⁸²⁴. E isso, também, é apreciado na Epístola a Barnabé, que sugere refletir a importância dominical para a comunidade: “pelo que, também, guardamos o oitavo dia com alegria, o dia também no qual Jesus ressuscitou dentre os mortos. E quando Ele se manifestou, subiu aos céus”⁸²⁵.

É possível, ainda, verificar que o evangelista, em sua narrativa, quer mostrar uma certa indeterminação no que tange à comunidade: trata-se da pascal ou pós-pascal? Ao analisar a comunidade pascal, percebe-se que ela transmite seguramente a fé em Jesus ressuscitado como fruto de uma experiência, incluindo os sinais que auxiliam na comprovação da crucificação e a identidade do ressuscitado⁸²⁶. No entanto, a comunidade pós-pascal parece também estar representada na bem-aventurança (v.29). Enfim, a história de Tomé parece indicar o término de uma época e início de outra, isso porque o tempo do querigma eclesial estabelece-se já na etapa conclusiva do tempo da visão e esta não é direcionada para uma extinção do querigma⁸²⁷ até porque a demonstração dos sinais da paixão pelo ressuscitado é apresentada como encerrada.

A expressão “oito dias depois”, similarmente, põe em relevo o dia do Senhor que também é referência no Apocalipse (1,10), podendo ser “uma alusão sutil para a origem do culto cristão neste dia particular”⁸²⁸. Há uma citação⁸²⁹ de que o “dia do Senhor” (Ap 1,10) encontra-se enraizado na cultura e no culto do Oriente Médio e na Ásia Menor em referência àquele que merece honra, ao ser, possivelmente, um governante. Recordar-se que, no Egito, a cada 25º dia de cada mês, celebra, à época,

⁸²² ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 548.

⁸²³ BEASLEY-MURRAY, G. R., *John*, p. 385.

⁸²⁴ BROWN, R. E., *Comentário ao Evangelho de João*, vol. 2, p. 1507.

⁸²⁵ PROENÇA, E. de (org), *Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia*, p. 772.

⁸²⁶ CASTRO SÁNCHEZ, S., *Evangelio de Juan*, p. 487.

⁸²⁷ VIGNOLO, R., *Personaggi del Quarto Vangelo*, p. 74.

⁸²⁸ CARSON, D. A., *The Gospel according to John*, p. 517.

⁸²⁹ BEASLEY-MURRAY, G. R., *John*, p. 385.

o dia do rei, por ter chegado ao trono, e na Ásia Menor o nome “Sebaste/Dia do Imperador”, no primeiro dia do mês. Isso, de certa forma, se torna um precedente que reforça nos cristãos a eleição do domingo como o dia real do “κύριός/*Senhor*” ressuscitado dos mortos e soberano do universo.

Mateos e Barreto⁸³⁰, igualmente, assinalam o simbolismo existente para o oitavo dia teológico, o dia além do sétimo da primeira criação, indicando a plenitude do mundo definitivo com a presença do Cristo ressuscitado. Champlin⁸³¹, a partir disso, apresenta quatro pontos interessantes nesse v.26, a saber: a) a observância do dia do Senhor, confirmado também em At 20,7; 1Cor 16,2; Ap 1,10; b) a presença de Jesus no intervalo temporal entre ressurreição e ascensão; c) a maneira de Jesus apresentar-se no meio deles, mesmo com portas fechadas; e d) a repetição da exclamação de Jesus: a paz convosco. Essa expressão, ainda, retoma o dom do ressuscitado do domingo anterior, além de tornar-se presente a força de Jesus, também do dom do Espírito, confirmando que Jesus deseja transmitir tais dons aos seus discípulos⁸³².

A conjunção “καί/ε” é novamente empregada, como em momentos anteriores (Jo 1,19; 2,1.13), no intuito de preparar o leitor-ouvinte para um novo momento que já é até esperado, juntamente com a nova aparição de Jesus⁸³³. Apesar das indicações, esse versículo está parafraseando o v.19, preparando os próximos eventos para a devida aplicação dos elementos joaninos na cena posterior⁸³⁴. A expressão “veio Jesus” (v.26b), igualmente, quer significar que o “crucificado vem” por ser também uma modalidade da ação da memória dos discípulos, ou seja, o passado que irrompe no presente deles, fazendo-os participar de um momento transcendente em face do crucificado/ressuscitado vir até eles, revelando o amor e um caminho feito por Deus irrecusável ao mundo, ao significar, também, o desenvolvimento, na exposição da vítima da cruz, na aparição do ressuscitado, manifestação de Deus⁸³⁵. É interessante destacar que o amor, ao se constituir como uma virtude, em Paulo, é destacado como uma via de perfeição, equivalendo-se no

⁸³⁰ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 868.

⁸³¹ CHAMPLIN, R. N., Lucas, João, p. 831.

⁸³² VANNI, U., Il Tesoro di Giovanni, p. 232.

⁸³³ SCHNACKENBURG, R., Il Vangelo di Giovanni, p. 546.

⁸³⁴ PERKINS, P., Evangelho segundo João, p. 813.

⁸³⁵ FAESSLER, M., Autrement voir, p. 42-43.

percurso superior a todos os carismas possíveis e também a todas as outras virtudes, como a fé e a esperança⁸³⁶.

No v.26, igualmente, chama a atenção os verbos “*ερχεται/vem*” e “*λεγει/diz*”. O emprego do verbo *ερχεται*, como anteriormente (v.19), aponta para o sentido da continuidade⁸³⁷, sendo definido como um presente com efeito continuativo, ou seja, não é apenas um Jesus que vem e encerra sua presença, no entanto, aquele que vem continuamente no seio da comunidade. Esse versículo compõe-se de uma ligação com as primeiras aparições (manhã e tarde do primeiro dia) e, juntamente com essa manifestação, totaliza o número três ao demonstrar o interesse do evangelista por esse número⁸³⁸. O verbo *ερχεται*, similarmente, gera um contraste significativo: em Jo 20,19, ele vem e institui a comunidade infundindo nela o seu Espírito, consagrando os discípulos à missão e a terem uma vida nova. Em Jo 20,26, ele não funda comunidade, todavia, estabelece a sua presença constante no encontro comunitário entre os seus e que pode, por alusão, remeter o leitor-ouvinte à celebração eucarística dominical⁸³⁹. É possível realizar uma leitura sobre esse fato de que “a presença de Cristo ressuscitado pode ser experimentada na reunião, na oração da comunidade”⁸⁴⁰.

Há uma originalidade do autor, convidando o ouvinte-leitor a participar da cena do relato, devido ao tempo verbal empregado, como se a cena ocorresse diante dos olhos daquele que lê⁸⁴¹. Especial atenção deve ser dada à expressão verbal “pôr-se no meio”⁸⁴², na qual Jesus aparece, aquele que é esperado, tornando-se presente na história da comunidade. Cabe destacar que Jesus vem e põe-se no meio, “dentro”, onde se encontram os discípulos. O termo “*πάλιν/novamente*”, como advérbio, ressalta o vocábulo “*ἔσω/dentro*”, gerando uma indicação clara ao local referente à primeira aparição naquela tarde de domingo, mostrando, da mesma maneira, uma conexão com a perícopes anterior (v.19a)⁸⁴³. O detalhe informado em “portas fechadas” (v.26b) não demonstra ser em relação ao medo que os discípulos têm diante dos judeus, porém apresenta uma intenção de destacar o corpo do

⁸³⁶ GONZAGA, W.; LIMA, A. P., A tríade fé, esperança e amor no *corpus* paulino à luz de 1Cor 13, na ótica da Análise Retórica Bíblica Semítica, p. 116.

⁸³⁷ VANNI, U., Il Tesoro di Giovanni, p. 232.

⁸³⁸ BOISMARD, M. -É.; LAMOUILLE, A., L'Évangile de Jean, p. 473.

⁸³⁹ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 869.

⁸⁴⁰ WENGST, K., Il Vangelo di Giovanni, vols. 1 e 2, p. 748.

⁸⁴¹ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 104.

⁸⁴² BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho de João, vol. 2, p. 1507.

⁸⁴³ CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 330.

ressuscitado que, ao mesmo tempo que pode ser visto e tocado, tem a capacidade de ultrapassar qualquer barreira física⁸⁴⁴. As portas fechadas, vistas de forma simbólica, geram uma fronteira entre a comunidade e o mundo que a cerca, sendo ela o local onde Jesus se manifesta aos que o amam, postura contrária à do mundo⁸⁴⁵.

A afirmação “Jesus veio”, igualmente, identifica, no plano narrativo, o violar das consciências dos discípulos que se encontravam com as portas fechadas e que são abertas a receber aquilo que a saudação do ressuscitado traz: a paz. E, em um contexto messiânico, Jesus transcende o sentido da morte que simboliza um fechamento à vida⁸⁴⁶, fazendo o ser humano abrir-se a Deus, fonte de vida e de paz. Segundo Orlando⁸⁴⁷ demonstra, o desenrolar da cena parece seguir uma linha esquemática teológica e espiritual-material: 1) Jesus ressuscitado entra com as portas fechadas (espiritual); e 2) Jesus deixa-se tocar pelos discípulos (corporal). Dentro desse escopo, é possível relacionar que os discípulos, ao estarem “dentro”, estão no lugar com Jesus em suas esferas corporal e espiritual e que é o oposto ao “fora”, um lugar sem Jesus e sem Deus. A palavra “dentro”, ainda, mostra um lugar especial com Jesus ressuscitado⁸⁴⁸ o qual Tomé é reintegrado, podendo fazer sua nova experiência.

Como em Jo 20,19, há uma certa contraposição entre a permanência dos discípulos em Jerusalém em comparação com os Sinóticos, quando eles se dirigem à Galileia, a fim de ver o Senhor (Mc 16,17) e testemunham as aparições do ressuscitado (Mt 28,16-20; Jo 21)⁸⁴⁹. No entanto, há quem indique a permanência dos discípulos em Jerusalém em vez de ser na Galileia, referindo-se à participação deles na semana celebrativa da Páscoa judaica⁸⁵⁰. De fato, parece haver uma intencionalidade do evangelista no domingo e na presença de Tomé em seu relato. Sem dúvida, ocorre uma mudança interessante e especial no relato. No v.24, é Jesus que vem e fica no meio dos discípulos, enquanto no v.26 é Tomé no meio deles. De uma refutação proveniente da ausência no primeiro ato a uma presença silenciosa que pode também indicar uma disponibilidade do apóstolo que transita entre as suas

⁸⁴⁴ GRASSO, S., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 774.

⁸⁴⁵ MATEOS, J.; BARRETO, J., *O Evangelho de São João*, p. 869.

⁸⁴⁶ FAESSLER, M., *Autrement voir*, p. 43.

⁸⁴⁷ ORLANDO, L., *Giovanni*, p. 295.

⁸⁴⁸ MATEOS, J.; BARRETO, J., *O Evangelho de São João*, p. 869.

⁸⁴⁹ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 546.

⁸⁵⁰ BROWN, R. E., *Comentário ao Evangelho segundo João*, p. 1507.

condições colocadas ou de uma solidariedade no discipulado, pondo-o em uma condição de espera para o encontro com Jesus⁸⁵¹. Tal discipulado é convidado a se desenvolver a partir da fé, orientando o apóstolo a Deus mesmo, pela esperança, remetendo-o ao futuro restaurado em Deus e ao amor, sendo uma antecipação da união definitiva com o próprio Senhor⁸⁵². Acrescenta-se que Tomé localiza-se diante do ressuscitado, como os discípulos se encontravam na primeira aparição⁸⁵³.

E isso é confirmado com as expressões “oito dias depois” e “dentro de casa”, as quais indicam a celebração da memória da ressurreição e o local da reunião celebrativa já mencionada no v.19. Ademais, verifica-se que o evangelista desloca Tomé para o centro da narrativa, tornando-o coprotagonista junto ao ressuscitado⁸⁵⁴, a fim de que nesse desenrolar da cena, Jesus se ponha novamente no meio deles, destinando-os a paz. Mesmo com suas requisições, o discípulo tem de esperar oito dias. Contudo, ao se apresentar de novo, Jesus, o ressuscitado, dirige-se imediatamente a Tomé, a fim de que ele não negue, porém, ouça e veja sua presença, segundo consta na homilia (LXXXVII) de João Crisóstomo⁸⁵⁵.

No v.27: “εἶτα λέγει τῷ Θωμᾶ· φέρε τὸν δάκτυλόν σου ὧδε καὶ ἴδε τὰς χεῖράς μου καὶ φέρε τὴν χεῖρά σου καὶ βάλε εἰς τὴν πλευράν μου, καὶ μὴ γίνου ἄπιστος ἀλλὰ πιστός/então, diz a Tomé: traze o teu dedo aqui e vê a minha mão e traze a tua mão e coloque no meu lado, e não sejas incrédulo, mas crédulo”. O vocábulo “εἶτα/então” indica uma ação seguinte que ocorre imediatamente, sendo encontrada, também, em Jo 13,5 e 19,27, não sendo suas ocorrências frequentes no Quarto Evangelho⁸⁵⁶. Jesus, conhecendo o interior humano, assume a iniciativa e se dirige a Tomé, exercendo sua soberania sobre os acontecimentos e convida-o a tocá-lo, respondendo às demandas dele feitas anteriormente aos outros discípulos⁸⁵⁷. Jesus enfrenta o desafio posto por Tomé e, ao mesmo tempo, ao permitir a visão e a possibilidade de tocá-lo, demonstra que, mesmo sem estar presente fisicamente, ele sabe sobre suas disposições e quer, por meio disso, retirar qualquer dúvida ou descrédito⁸⁵⁸.

⁸⁵¹ VIGNOLO, R., *Personaggi del Quarto Vangelo*, p. 65.

⁸⁵² GONZAGA, W.; LIMA, A. P., *A tríade fé, esperança e amor no corpus paulino à luz de 1Cor 13*, na ótica da Análise Retórica Bíblica Semítica, p. 117.

⁸⁵³ WILCKENS, U., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 394.

⁸⁵⁴ GRASSO, S., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 775.

⁸⁵⁵ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, *Homilias sobre el Evangelio según San Juan*, p. 1250.

⁸⁵⁶ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 547.

⁸⁵⁷ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 548.

⁸⁵⁸ CARSON, D. A., *The Gospel according to John*, p. 517.

Além disso, por meio do plano narrativo, a figura do “narrador onisciente”⁸⁵⁹ faz recordar as palavras já proferidas (v.25). Após a espera de uma semana, a tensão levantada por Tomé de ver e crer, mantém-se. A preparação do discípulo com a exortação de não ser incrédulo, optando pelo crer sem ver (1Pd 1,8)⁸⁶⁰. É possível ver uma similaridade na estrutura de composição com o relato de Natanael (1,47-50), entre uma “resposta desdenhosa e duvidosa do homem e a afirmação e proclamação de Natanael”⁸⁶¹. Knights⁸⁶² analisa que, no diálogo com o objeter, tanto em Natanael (Jo 1,48b) quanto em Tomé (Jo 20,27), Jesus demonstra sua presciência sobre as atitudes externas deles e suas disposições interiores, revelando ter um conhecimento sobrenatural⁸⁶³. É razoável, também, constatar a existência de um paralelo⁸⁶⁴ muito claro entre esses versículos da perícope. É plausível analisar, ainda, em ver o paralelo com expressões mais desenvolvidas⁸⁶⁵, ao contrário da definição espacial em João, com o advérbio de lugar – “ὧδε/*aqui*”. Sem dúvida, a opção dada a Tomé revela a identidade do ressuscitado de que não se trata de um fantasma ou um cadáver redivivo, mas a manifestação da plena participação da vida divina em um homem⁸⁶⁶. Ao aparecer novamente, Jesus não espera Tomé dizer ou negar, porém, já diretamente ordena-o a preencher seus anseios⁸⁶⁷. Esse ordenamento é direcionado ao apóstolo, a fim de que ele evolua e obtenha uma fé sem condicionamentos⁸⁶⁸.

O convite realizado a Tomé é bem mais amplo, pois ele envolve “todos os cristãos para superarem as perplexidades da vida da fé”⁸⁶⁹. Hendriksen⁸⁷⁰, por outro lado, analisa o v.27 em relação ao v.25, indicando, inclusive, a proximidade linguística entre ambos, além da temática, como se vê a seguir:

⁸⁵⁹ BEUTLER, J., Evangelho segundo João, p. 464.

⁸⁶⁰ CARD, M., John, p. 209.

⁸⁶¹ SCHNACKENBURG, R., Il Vangelo di Giovanni, p. 548.

⁸⁶² KNIGHTS, C., Nathanael and Thomas, p. 331.

⁸⁶³ KÖSTENBERG, A. J., John, p. 579.

⁸⁶⁴ BOISMARD, M. -É.; LAMOUILLE, A., L'Évangile de Jean, p. 473.

⁸⁶⁵ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho segundo João, vol. 2, p. 1508.

⁸⁶⁶ RAMOS, F. F., Evangelho segundo João, p. 326.

⁸⁶⁷ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, Homilias sobre el Evangelio según San Juan, p. 1250.

⁸⁶⁸ MOLONEY, F. J., Il Vangelo di Giovanni, p. 469.

⁸⁶⁹ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 104.

⁸⁷⁰ HENDRIKSEN, W., João, p. 796.

As exigências de Tomé (v.25)	As ordens de Jesus (v.27)
1 A menos que eu veja em suas mãos as marcas dos pregos	2 e veja minhas mãos
2 E ponha meu dedo no lugar dos pregos,	1 ponha aqui seu dedo
3 bem como minha mão em seu lado,	3 chegue também a mão e a ponha em meu lado
4 definitivamente não creerei	4 e não mais seja incrédulo, mas crédulo

Tabela 8 – Relações entre o v.25 e o v.27

O discurso de Jesus contém as palavras usadas por Tomé (v.25) com uma certa modificação, dando uma resposta à pretensão do discípulo de obter provas e que esse se renda a Jesus ao vê-lo⁸⁷¹. Cabe lembrar que Jesus responde pontualmente às condições de Tomé, fazendo-o um convite ao cumprimento daquilo que ele exige (v.25). É uma exortação explícita para Tomé colocar o dedo nas feridas de Jesus, enfim, de tocá-lo, ideia que é indicada e reafirmada pela aplicação do advérbio “ὧδε/aquí”⁸⁷². Ao realizar uma comparação com os Sinóticos, de forma especial no Evangelho de Lucas (24,39), é possível verificar duas intenções presentes nas aparições lucanas que são apologéticas: Jesus mostra suas marcas para que eles o reconheçam, além de os convidar a tocá-las com o intuito dos apóstolos perceberem de que Ele não é um fantasma. Essas intenções são também encontradas em Jo 20,20, primeiramente, e em Jo 20,27, posteriormente. Outrossim, nesse momento, por meio do relato, Tomé expressa que o tocar é superior ao ver, devido ao realismo das marcas⁸⁷³ da crucificação. Esse convite de colocar o dedo nas marcas constitui-se em um gesto que desvia o seu sentido evidente. Isso porque, de certa medida, o leitor-ouvinte projeta-se em Tomé em contemplar o Senhor em sua automanifestação, recuperando uma experiência tangível. O convite do texto é outro: é não se aprisionar na sensação tátil ou da visão para obter uma constatação daquele que é reidentificado. A provocação ou o desafio quer desinstalar de si mesmo o discípulo e o leitor-ouvinte, mas provocar um avanço em uma outra experiência mais profunda com outro tipo de visão mediante uma

⁸⁷¹ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 548.

⁸⁷² VANNI, U., *Il Tesoro di Giovanni*, p. 233.

⁸⁷³ BOISMARD, M. -É.; LAMOUILLE, A., *L'Évangile de Jean*, p. 473.

percepção mais intensa do ressuscitado e não naquela que subverte a visão da mente⁸⁷⁴. Essa aparição tem esse ponto específico de que Jesus dirige-se diretamente a Tomé e, diante da apresentação das suas cicatrizes da crucificação, o discípulo as vê, não sendo revelado na narrativa se ele as toca realmente⁸⁷⁵.

Diante do exposto, é perceptível a ocorrência de uma repetição literal com a finalidade⁸⁷⁶ segundo a qual o evangelista trabalha com um jogo de termos verbais, o “ver” e o “crer”, rejeitando a atitude expressa anteriormente pelo próprio Jesus: “se não virdes sinais e prodígios não creereis” (Jo 4,48). Da mesma forma, isso é relativamente posto a Maria Madalena, pois Jesus recusa que ela o toque (v.17). Porém, ele oferece a possibilidade de o discípulo tocá-lo, de ter um contato direto com ele. Isso acontece porque, para Madalena, em sua consciência, Jesus ainda é percebido de forma limitada, aquele de antes da morte, sem sua plenitude da vitalidade e da divindade. Como Tomé quer comprovar que o crucificado está vivo, Jesus permite atendê-lo em suas demandas impositivas e ter um contato com ele que projeta o discípulo na perspectiva sublime da ressurreição, apresentando-se Jesus como o auge da vida humana e da comunicação da vida plena⁸⁷⁷. De qualquer forma, as marcas têm a função de provar que se trata de Jesus ressuscitado, ou seja, da identidade do Filho de Deus⁸⁷⁸.

Apesar dessa correção que está se desenvolvendo nesse versículo, porém, nessa relação de fé de Tomé e o confronto com a presença do ressuscitado existe uma manifestação a mais de amor de Jesus⁸⁷⁹. O seu amor extremo revelado nos sinais dos cravos e do lado, representando também o dom do Espírito Santo, é uma realidade imensa comunicada em sua ressurreição. E isso é evidenciado na corporeidade do Senhor, aquele que passa pela morte, a continuidade ou perenidade de sua presença no meio da comunidade cristã, trazendo possivelmente a imagem da comunhão entre os discípulos e Ele. Neste versículo, similarmente, percebe-se que há um convite revelado de Jesus a Tomé que, igualmente, sugere um crescimento na fé do discípulo⁸⁸⁰. Tal convite não é apenas um retorno (v.25), mas uma convocação proveniente da fonte usada por João. Contudo, o que é literal no

⁸⁷⁴ FAESSLER, M., *Autrement voir*, p. 44 - 45.

⁸⁷⁵ KLINK III, E. W., *John*, p. 877.

⁸⁷⁶ VAN TILBORG, S., *Comentario al Evangelio de Juan*, p. 421.

⁸⁷⁷ VANNI, U., *Il Tesoro di Giovanni*, p. 233-234.

⁸⁷⁸ HAENCHEN, E., *John 2*, p. 211.

⁸⁷⁹ MATEOS, J.; BARRETO, J., *O Evangelho de São João*, p. 870.

⁸⁸⁰ ZEVINI, J., *O Evangelho segundo João*, p. 227.

relato em Lc 24,39, na narrativa joanina parece ser uma ironia, por se tratar de um desafio ao discípulo⁸⁸¹.

O atendimento aos pedidos do apóstolo é realizado não de forma isolada, todavia “na presença de todos”⁸⁸². Mas esse suporte de Jesus é seguido por uma admoestação dirigida não somente a Tomé. Na verdade, a exortação é uma “advertência para os discípulos e para todos os de todos os tempos”⁸⁸³. Ressalte-se a existência dos imperativos: “φέρε/*traze, estende*” (verbo imperat. pres. at. 2p. sg.) e “γίνου/*torne, seja*” (verbo imperat. pres. med. 2p. sg.), este último com um sentido de duração e continuidade, seguido da partícula de negação com um tom de proibição⁸⁸⁴. Apesar do uso do imperativo empregado a Tomé de não ser incrédulo, procede-se com uma admoestação que, ao resumir a problemática de fé no Evangelho⁸⁸⁵, serve, do mesmo modo, aos futuros discípulos de todos os tempos da Igreja de perseverarem na fé. Esta expressão usada por Jesus a Tomé tem um tom desafiador para ele mudar sua postura: tornar-se fiel⁸⁸⁶. É importante dizer, ainda, que ‘não seja incrédulo, mas crédulo’ (v.27f), com o emprego do imperativo “μὴ γίνου/*não seja*” na forma negativa indica uma interrupção de uma ação começada, fazendo com que, segundo a ordem de Jesus, Tomé deixe a dúvida e passe para a uma atitude fiel que significa abertura e acolhimento⁸⁸⁷.

Volta-se a examinar a presença dos cinco imperativos nesta parte (v.27bcdef): “φέρε/*coloca*”, “ἴδε/*vê*”, “φέρε/*coloca*”, “βάλε/*prõe*” e “μὴ γίνου/*não seja*”. Os primeiros são um resgate das exigências de Tomé, mas este último é uma exortação para aderir à fé⁸⁸⁸. O imperativo presente, igualmente, fornece uma ideia de um tempo da realidade que descreve uma ação que está a se desenvolver no momento daquele que fala. Ademais, a frase parece informar que Tomé ao receber o comando age no sentido de colocar ou por sua mão nas marcas. E isso é proposto quatro vezes, devido à presença desses quatro imperativos que sugerem começar uma ação⁸⁸⁹. João indica a interrupção de um estado anterior (incredulidade) e o convite a uma nova atitude (credulidade), sendo percebida essa mudança na fé, pela

⁸⁸¹ LINDARS, B., *The Gospel of John*, p. 614.

⁸⁸² PÉREZ MILLOS, S., *Juan*, p. 1788.

⁸⁸³ ZEVINI, J., *Evangelho segundo João*, p. 227.

⁸⁸⁴ BROWN, R. E., *Comentário ao Evangelho de João*, vol. 2, p. 1508.

⁸⁸⁵ ZEVINI, J., *Evangelho segundo João*, p. 227.

⁸⁸⁶ BROWN, R. E., *Comentário ao Evangelho de João*, vol. 2, p. 1508.

⁸⁸⁷ CASNEDA, A., *Giovanni 20*, p. 333.

⁸⁸⁸ GRASSO, S., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 775.

⁸⁸⁹ NOLLI, G., *Vangelo secondo Giovanni*, p. 736.

marcação do verbo γίνομαι (no v.27, flexionado como γίνου). Este, ao ser uma admoestação, tem o intuito de reconduzir a uma fé mais sólida. Porém, a exortação não é só para o discípulo presente no diálogo e sim para as futuras gerações de leitores-ouvintes⁸⁹⁰. Percebe-se, da mesma maneira, que tal admoestação vincula-se com uma parte da bem-aventurança que é proferida posteriormente (v.29)⁸⁹¹.

Na verdade, em que Tomé deve ter confiança e crer? A exortação entra no âmbito de uma concessão de fé e confiança com correspondência nas tradições rabínicas. O crucificado mostra-se e revela o desígnio de Deus sobre a morte, provocando uma postura de confiança diante da manifestação Dele de fé⁸⁹². A impressão que se tem é que Tomé é colocado diante de sua própria incredulidade⁸⁹³. Além do mais, essa postura de Jesus coloca os elementos bases para o fundamento da fé e que se tornam explícitos no v.29, com o macarismo⁸⁹⁴. Ademais, o texto traz as seguintes funções⁸⁹⁵: 1) apresentar a ostentação e o desejo sobre os sinais da paixão, iniciando por Tomé em um processo de identidade mais profunda de Jesus; 2) mostrar que Jesus conhece os desejos de Tomé, bem como sua postura incrédula, provocando-o a passar para um estágio de fidelidade; 3) apresentar o percurso da refutação que bloqueia um caminho de conhecimento para a abertura ao ressuscitado. Alguns estudiosos apontam para o cumprimento da ação após a ordem literal de Jesus, contudo, o que sugere do oferecimento do Senhor é uma exortação a Tomé que parece passar vergonha com suas próprias palavras⁸⁹⁶ que são, na verdade, suas imposições incrédulas.

Salienta-se, também, o jogo dos termos ἄπιστος/πιστός (incrédulo/crédulo), como sendo a única ocorrência em todo o Evangelho, possivelmente, porque o evangelista dá preferência na macronarrativa ao verbo “πιστεῖν/crer”⁸⁹⁷. Este *hárax legomenon*, ἄπιστος, pode ser fruto de um emprego proveniente da tradição a qual se encontra o termo ἀπίστουν (Mc 16,11.16; Lc 24,11.42)⁸⁹⁸. Esses termos indicam que o convite de Jesus é para Tomé fazer a prova de que não se refere a um espírito, mas a Ele próprio, carne e ossos, e que tocá-lo é constatar a substância da

⁸⁹⁰ PÉREZ MILLOS, S., Juan, p. 1789.

⁸⁹¹ KÖSTENBERGER, A. J., John, p. 579.

⁸⁹² WENGST, K., Il Vangelo di Giovanni, vols. 1 e 2, p. 748.

⁸⁹³ ZUMSTEIN, J., Il Vangelo secondo Giovanni, p. 945.

⁸⁹⁴ SCHNACKENBURG, R., Il Vangelo di Giovanni, p. 548.

⁸⁹⁵ CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 334.

⁸⁹⁶ RIDDERBOS, H. N., The Gospel according to John, p. 647.

⁸⁹⁷ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho de João, vol. 2, p. 1508.

⁸⁹⁸ LINDARS, B., The Gospel of John, p. 614.

verdadeira carne e tornar-se fiel sobre este fato de estar diante da manifestação divina que pode ressuscitar a carne⁸⁹⁹. A censura à incredulidade é transformada na exortação para que o discípulo confirme a sua fé. Essa passagem de um estado inferior da fé para um nível superior está plena de ensinamentos morais. O que se visa nessa passagem é o surgimento do próprio *Logos* encarnado no “homem justo, nobre e um Filho de Deus”⁹⁰⁰.

É interessante notar, ainda, que no Evangelho copta de Tomé, o verbo “acreditar” nunca ocorre nesse Evangelho tendo como procedência algum discurso de Jesus. A palavra grega πιστευειν acontece somente uma vez pronunciada pelos oponentes dele naquele texto. Além disso, o Evangelho de Tomé nunca recomenda fé a ninguém de uma maneira espiritual. Os discípulos na comunidade de Tomé são chamados a “saber de si mesmos” (3; 67; 111); a “encontrar em si mesmos” (111) e a “trazer para fora o que há dentro” (70), a “luz no homem de luz” (24). Desse modo, todo aquele que é discípulo de Jesus encontra sua própria interpretação “não provando a morte” (1; 19), enquanto no Evangelho de João, ocorre algo distinto, pois ele é o único a atribuir a Tomé o fato de ser um ἄπιστος⁹⁰¹. Esse adjetivo tem eco em “eles ainda não podiam acreditar” (Lc 24,41) e “denota um parentesco literário com Lucas/Atos dos Apóstolos”⁹⁰². O uso dos adjetivos, igualmente, em contraposição, quer indicar com vigor a oposição de dois estados distintos do discípulo: Jesus ao exortá-lo, dá liberdade para ele atuar convidando-o a reagir e mudar⁹⁰³. A censura ao discípulo incrédulo (v.27f) ressoa em uma censura realizada por Jesus à incredulidade dos Onze (Mc 16,14), sendo um indício de intertextualidade⁹⁰⁴.

4.2.3. Os vv.28-29

No v.28: “ἀπεκρίθη Θωμᾶς καὶ εἶπεν αὐτῷ· ὁ κύριός μου καὶ ὁ θεός μου/Respondeu Tomé: e disse-lhe: ‘meu Senhor e meu Deus’”. Neste versículo “encontra-se a confissão primordial no Evangelho de João e porque não dizer em

⁸⁹⁹ RUPERTINO TUITIENSIS, *Commentaria in Evangelium S. Joannis*, p. 2770.

⁹⁰⁰ MEISTER ECKHART, *Comento al Vangelo di Giovanni*, p. 889.

⁹⁰¹ RILEY, G. J., *Resurrection Reconsidered*, p. 122.

⁹⁰² BOISMARD, M. -É.; LAMOUILLE, A., *L'Évangile de Jean*, p. 473.

⁹⁰³ LEÓN-DUFOUR, X., *Leitura do Evangelho segundo João IV*, p. 178.

⁹⁰⁴ MALZONI, C. V., *Evangelho segundo João*, p. 310.

todo o NT⁹⁰⁵. Essa resposta de Tomé não é a realização de um ato que ele requer no v.25, porém, torna-se em uma oportunidade dele professar a ressurreição de Jesus, unindo-se ao reconhecimento da fé da Igreja que, por Jesus, o Pai manifesta-se visível aos que creem⁹⁰⁶. É perceptível o destaque dado à confissão de Tomé, porque daquele que personaliza os cristãos que colocam objeções para crer sem antes obter provas (ver e tocar), ele acaba se tornando um modelo de profissão de fé: comprovar que Jesus é Senhor e Deus⁹⁰⁷.

Convém dizer que tal expressão de convicção não goza de um consenso na avaliação dos estudiosos como um ato de fé, pois, para alguns, vai além disso, consistindo na mais alta declaração cristológica. Para outros comentadores, no entanto, ao destacar o v.29, a atitude de fé professada torna-se superior a todas as outras já manifestadas no Evangelho. Mas há uma convergência quanto a enxergar, nesse momento do Evangelho, o seu possível auge cristológico⁹⁰⁸. Para Calvino⁹⁰⁹, por exemplo, Tomé desperta, mesmo que tarde, ao sair de uma postura desconcertante ao ver os sinais de Cristo crucificado, reconhecendo Jesus como Senhor e Deus. O título “Senhor”, segundo o reformador, toca a função mediadora de Jesus, carne e cabeça da Igreja, levando a contemplar a divindade de Jesus. Além disso, tal reconhecimento revela uma unidade da pessoa de Cristo Deus e Senhor. A expressão proferida por Tomé trata-se de uma declaração de fé explícita na divindade de Jesus, cooperando com o que já é dito no prólogo, fechando um arco temático⁹¹⁰ narrativo.

São possíveis, a partir da cristologia no Quarto Evangelho e dos títulos aplicados a Jesus, de forma específica, de serem observados os seguintes elementos⁹¹¹: 1) percebe-se uma evolução clara e lenta da compreensão da ressurreição a partir dos títulos destinados a Jesus; 2) Tomé não mostra ter dúvidas sobre os elementos próprios do AT, quanto ao messianismo e sobre quem ele reconhece no encontro com o ressuscitado; 3) a palavra κύριός adotada na profissão de fé pode ter o atributo de cortesia/tratamento, em um primeiro momento, todavia, possui, também, uma atribuição direta a Deus, contribuindo com o desenvolvimento

⁹⁰⁵ BOISMARD, M. -É.; LAMOUILLE, A., L'Évangile de Jean, p. 474.

⁹⁰⁶ HAENCHEN, E., John 2, p. 211.

⁹⁰⁷ RAMOS, F. F., Evangelho segundo São João, p. 326.

⁹⁰⁸ MOLONEY, F. J., Il Vangelo di Giovanni, p. 469.

⁹⁰⁹ CALVINO, J., O Evangelho Segundo João, p. 302-302.

⁹¹⁰ ZEVINI, J., Evangelho segundo João, p. 228.

⁹¹¹ CARSON, D. A., The Gospel according to John, p. 518.

teológico sobre Messias; 4) o termo κύριός, ainda, é o único título destinado a Jesus ressuscitado (Rm 10,9; 1Cor 12,3; Fl 2,9-11), sendo usado, similarmente, para Deus na LXX; e 5) a existência de um título grego (κύριός) adotado na liturgia fora do ambiente romano, mesmo quando há um termo próprio em aramaico “מרנה/*marana/ nosso Senhor*” já empregado como invocação litúrgica nas comunidades cristãs de idioma grego (1Cor 16,22). Ademais, pode ser vista uma referência ao Verbo ser Deus (Jo 1,1), quando o mesmo Verbo encarnado faz morada entre as pessoas, desenrolando sua missão e seu ministério, ser o Jesus ressuscitado que se manifesta e reconhecido por Tomé como Senhor e Deus⁹¹². É uma situação distinta e intrigante na qual Tomé, dominado pela presença do ressuscitado que se impõe a ele, expressa um “grito da fé e não o resultado de uma verificação”⁹¹³.

Tal profissão de fé parece ser uma interpretação do uso veterotestamentário do Sl 35(34),23, consistindo na última confissão cristológica e o seu ponto mais alto no Evangelho joanino. Segundo Lee⁹¹⁴, há uma ligação nos relatos entre Madalena e Tomé. Essa mulher não se constitui em uma discípula indefesa e desorientada, porém, é, na verdade, uma testemunha importante da ressurreição. Assim, também, Tomé não é um personagem cético, simplesmente, todavia, é aquele que traz a fé ao seu clímax, sendo uma ponte para as gerações futuras. Nessa mesma direção, a confissão feita naquele momento da experiência com o ressuscitado indica uma referência aos futuros discípulos para a compreensão deles de que no tempo deles não é mais possível uma experiência direta (v.29)⁹¹⁵.

Cabe salientar a existência de uma cristologia em que, em um processo ascendente de compreensão e revelação, Jesus vai recebendo títulos que expressam um entendimento crescente sobre Ele até o seu ponto mais alto proferido por Tomé, como se examina nas ocorrências ao longo do Evangelho: André o declara como “Messias” (Jo 1,41); Natanael o designa como “Filho de Deus e rei de Israel” (Jo 1,49); Nicodemos afirma que Ele é um “mestre que vem da parte de Deus” (Jo 3,2); para a Samaritana, Ele é o “Cristo” (Jo 4,29); para os habitantes de Sicar, Jesus é o “salvador do mundo” (Jo 4,42); para as multidões da Galileia, Ele é o “profeta” (Jo 6,14); para Marta, “Cristo, Filho de Deus” (Jo 11,27); e na boca de Tomé,

⁹¹² BULTMANN, R., *The Gospel of John*, p. 695.

⁹¹³ JAUBERT, A., *Leitura do Evangelho segundo João*, p. 116.

⁹¹⁴ LEE, D. A., *Partnership in Easter Faith*, p. 49 *apud* KÖSTENBERGER, A. J., *John*, p. 580.

⁹¹⁵ CASTRO SÁNCHEZ, S., *Evangelio de Juan*, p. 488.

definitivamente, chega-se à expressão “meu Senhor e meu Deus” (Jo 20,28). É interessante perceber que, com exceção da confissão de Tomé, todas as afirmações sobre Jesus relacionam-se sobre a sua vida terrena, apesar de reproduzir a fé pós-pascal. A fé manifestada na afirmação de fé de Tomé transcende porque trata da ressurreição de Jesus⁹¹⁶, o reconhecendo Senhor e Deus, e conecta a cristologia com a soteriologia no plano da missão de Jesus.

Ademais, de maneira análoga, ao examinar que os posicionamentos de fé do discípulo amado e de Madalena (Jo 20,8.18) geram atitudes relevantes, com Tomé a sua confissão em Jesus, pode-se dizer, encerra o “percurso”⁹¹⁷ de fé do apóstolo. Trata-se da confissão mais densa e completa de fé que qualifica Jesus em referência ao AT e da sua ação redentora, conforme pode ser percebido nas seguintes frases⁹¹⁸: “unigênito de Deus” (Jo 1,1); “tu és o Filho de Deus e o rei de Israel” (Jo 1,49); “verdadeiramente o Salvador do mundo” (Jo 4,42); e o “santo de Israel” (Jo 6,69). A expressão, como fruto do encontro de Tomé com Jesus, vai além de um simples tocar, objeto primeiro do desejo do apóstolo e se transforma em palavras de oração e adoração, remetendo o leitor-ouvinte a compreender mais apropriadamente a presença encarnada do Emanuel, Deus conosco, em seu significado da morte e ressurreição de Jesus⁹¹⁹.

O personagem Tomé, em seu contexto, por exigir provas extremas diante de sua dúvida extremada, também se comporta, ao mesmo tempo, como um ponto de afirmação da ressurreição. Ele chama Jesus de “Senhor meu”, denominação a qual remete ao ressuscitado que vence a morte e que demonstra a sua realeza já afirmada, anteriormente, em “se fez rei” (Jo 19,12), expressando seu amor até o limite da morte. Quanto à afirmativa “Deus meu”, relaciona-se com o que fala Jesus para Madalena (Jo 20,17) e que apresenta Jesus como o Filho gerado, o unigênito⁹²⁰. Os vocábulos podem ser vistos juntos na LXX que traduzem o nome divino composto (אלהים יהוה). Desta feita, Tomé, em sua afirmação, está reconhecendo Jesus como Deus⁹²¹. A profissão de fé de Tomé pode ter sido tirada de uma fórmula de aplicação litúrgica, tornando-se no apogeu no Quarto Evangelho, pois há uma referência

⁹¹⁶ SCHNACKENBURG, R., Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos, p. 258-259.

⁹¹⁷ MOLONEY, F. J., Il Vangelo di Giovanni, p. 469.

⁹¹⁸ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 105.

⁹¹⁹ KLINK III, E. W., John, p. 878.

⁹²⁰ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 871.

⁹²¹ NICACCI, A.; BATTAGLIA, O., O Comentário ao Evangelho de São João, p. 265.

litúrgica ligada com o que é alegado na bem-aventurança (v.29), uma fé idêntica a todos os cristãos⁹²². Tomé vê o ressuscitado, como o Senhor quer ser visto e deve ser visto. Por isso, ele emprega a expressão “ὁ θεός μου/*Deus meu*”, fazendo referência ao “Λόγος/*Logos*” que retorna, com sua ressurreição, à sua origem antes da encarnação.

No v.28, podem ser observados, ainda, os seguintes elementos⁹²³: a) certeza da profissão de Tomé; b) a singularidade da exclamação de Tomé; c) a referência “meu Senhor” ao possuir uma ligação direta com “meu Deus”; e d) a possibilidade do idioma grego *koiné* expressar um vocativo por meio do nominativo. Sobre esta última observação, alguns estudiosos se posicionam de forma convergente e divergente à caracterização da profissão de fé do discípulo consistir em uma afirmação (nominativo) ou uma exclamação (vocativo). De acordo com Carson⁹²⁴, há muitos gramáticos que tomam a declaração do apóstolo direcionada a Jesus como um vocativo, no qual o substantivo está posto na forma do nominativo. A construção da confissão de Tomé pode ser abordada por meio de três possibilidades⁹²⁵, quando precedido de artigo: 1) os termos são empregados no sentido predicativo, ao ter subentendida a expressão “tu és”; 2) pode ser uma exclamação de surpresa devido à aparição repentina de Jesus; 3) a oportunidade mesma de ser um vocativo. Os títulos, no nominativo, ganham uma função de um reconhecimento tácito por meio de uma afirmação de Tomé, apesar do contexto poder sugerir que há o uso de um vocativo, no sentido de ênfase. O apóstolo declara não para Jesus, porém sobre Jesus em um formato de profissão. Trata-se de um reconhecimento da identidade de Jesus como Senhor e Deus, apontando sua relação direta com ele⁹²⁶. Tal declaração, segundo Sloyan⁹²⁷, tem de ser formulada com o emprego do nominativo e cada substantivo (Senhor e Deus) utilizado tem um pronome pessoal determinado que o precede e, por isso, Tomé confirma a sua fé em Jesus. Na verdade, ele expressa, também, a fé da comunidade, tratando-se de uma fórmula homológica⁹²⁸ primitiva no intuito de fornecer uma memória (Jo 1,1)

⁹²² PINTO, M. C. C., A composição do capítulo 20 do Quarto Evangelho, p. 73.

⁹²³ CHAMPLIN, R. N., Lucas, João, p. 892.

⁹²⁴ CARSON, D. A., The Gospel according to John, p. 518.

⁹²⁵ CASNEDA, A., Giovanni 20, p. 336-337.

⁹²⁶ KLINK III, E. W., p. 878.

⁹²⁷ SLOYAN, G., Giovanni, p. 270.

⁹²⁸ Fórmula que apresenta semelhanças entre estruturas de diferentes organismos que possui uma mesma origem.

no final do Evangelho. O vocábulo κύριός, ao ser colocado próximo ao nome pessoal, significa que aquela pessoa é soberana em sentido absoluto como é Deus. O vocativo com o formato no nominativo já é visto no grego clássico e sua ocorrência no NT deve vir de uma possível influência hebraica. Quanto ao termo θεός tem, também, uma influência hebraica, com o uso do artigo, podendo, ainda, ser um vocativo, provocando o termo a assumir o significado explícito que tem no contexto⁹²⁹.

Por exemplo, Zerwick⁹³⁰ nota que, quanto à forma escrita, o nominativo e o vocativo podem coincidir na maioria dos vocábulos. O nominativo (pendente, absoluto e relação) consiste no sujeito lógico da oração. Ele destaca que, no grego clássico, o nominativo com o artigo pode passar-se como vocativo. Contudo, ele chama a atenção para a influência semítica nos textos neotestamentários nos quais a forma hebraica de acrescentar um artigo para expressar um vocativo é o único modo de afirmar uma ação contundente. E isso é reafirmado por Zerwick e Grosvenor⁹³¹ que, em suas análises do v.28, indicam a possibilidade de aludir a um caso de vocativo. De acordo com Pierri⁹³², ainda, o vocativo é, algumas vezes, enunciado como uma sentença, caso o vocábulo declarado tenha em si uma ideia completa, ao citar, como exemplo, Jo 20,16. Similarmente, ele informa que tanto o nominativo quanto o vocativo possuem uma alta ocorrência de funcionalidade de intercâmbio. Apesar disso, o vocativo não se enquadra nos elementos constitutivos de uma sentença como o sujeito, o predicado ou os complementos. De forma específica, o vocativo, segundo ele, serve para identificar uma pessoa singular a quem se dirige ou chama a atenção de uma personagem. Ao estudar as funções do vocativo em termos de morfossintaxe e pragmatismo, o autor aponta o seu uso, tendo como objetivo o endereçamento, indicando a participação no diálogo daquela pessoa.

Conforme Wallace⁹³³, similarmente, mostra, o nominativo pode ser usado no lugar do vocativo quando tem um sentido ou uso de uma invocação direta, designando um destinatário particular. Por meio de uma análise da estrutura

⁹²⁹ NOLLI, G., Vangelo Secondo Giovanni, p. 737.

⁹³⁰ ZERWICK, M., El griego del Nuovo Testamento, p. 31-34.

⁹³¹ ZERWICK, M.; GROSVENOR, M., A Grammatical Analysis of the Greek New Testament, p. 346.

⁹³² PIERRI, R., Grammatica Intellectio Scripturae, p. 35-47.

⁹³³ WALLACE, D. B., Gramática Grega, p. 56-58.

semântica, o gramático divide o vocativo em duas categorias: sem artigo, denominada por ele de *anartho* e com artigo. O vocativo *anartho*, igualmente, dispõe de duas estruturas adicionais: ao utilizar a partícula (ὦ) ou sem este elemento. Com esta marca (ὦ), o uso torna-se mais enfático/emocional. O estudioso, inclusive, cita alguns exemplos de casos do uso do vocativo com artigo no NT: Mc 5,8; Lc 8,54; Jo 19,3; Ef 5,22; Mt 22,46 (2 vezes) e Jo 20,28. No entanto, para Blass e Debrunner⁹³⁴, no caso de um substantivo, o uso do artigo faz com que o nominativo com artigo seja empregado como vocativo quando se torna inferior (vem com apóstrofe na terceira pessoa). A omissão do ὦ no grego clássico já é uma exceção. Já no NT é comum o vocativo não trazer o ômega, sendo até raro de encontrar. Porém, para o artigo, em seu uso, é normal a utilização. A presença é voltada a substantivos concretos àquilo que é notado, determinado e até um indivíduo singular. A sua omissão, porém, mostra algo de qualidade relacionado à sua natureza⁹³⁵. Além disso, traduzir um vocativo semítico determinado com um nominativo precedido de artigo no NT, já é percebido também na LXX, não mais limitando o seu emprego devido ao uso comum da tradução para o grego do semítico.

Como se percebe, para os gramáticos, além dos casos e dos usos do nominativo com artigo poder tratar-se de um vocativo, a profissão de Tomé se enquadra nessa situação sintática-morfológica. Em uma discussão discordante, Schnackenburg⁹³⁶ abre o debate, afirmando que a confissão do discípulo pode ser uma profissão abreviada, isto é, uma afirmação (nominativo) sem os termos “ὁ εἶ/tu és” ou pode consistir em uma exclamação (vocativo), porém que tem uma influência semítica recorrente no NT. Para Brown⁹³⁷, por sua vez, a expressão de Tomé combina uma evocação com uma proclamação de fé (tu és meu Senhor e meu Deus), portanto um uso do caso nominativo. Ao analisar o uso do nominativo com artigo aplicado ao vocativo⁹³⁸, considera-se que, apesar de um vocativo ser usado para nomear alguém sem uma vinculação concreta, nesse caso específico, há um pronome possessivo (pessoal de vinculação) que gera uma conexão; todavia, é categórico dizer que “as palavras devem ser vistas como nominativo, não como

⁹³⁴ BLASS, F.; DEBRUNNER, A., Grammatica del Greco del Nuovo Testamento, p. 217-218.

⁹³⁵ NOLLI, G., Vangelo Secondo Giovanni, p. XI-XII.

⁹³⁶ SCHNACKENBURG, R., Il Vangelo di Giovanni, p. 550.

⁹³⁷ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho de João, vol. 2, p. 1508.

⁹³⁸ PÉREZ MILLOS, S., Juan, p. 1789-1790.

vocativo. Trata-se de um reconhecimento divino⁹³⁹. Fato é que a confissão de Tomé traduz uma afirmação: “Tu és meu Senhor e Meu Deus”⁹⁴⁰, a qual tem uma ligação estrita e direta com o Prólogo do Evangelho de Jo 1,1: “θεὸς ἦν ὁ λόγος/*o Verbo era Deus*”; mas é possível encontrar “o mesmo clímax do comentário do centurião no Evangelho de Marcos”⁹⁴¹ que escreve: “verdadeiramente este homem era Filho de Deus” (Mc 15,39). É interessante dizer, ainda, que não se trata de um vocativo nem de uma exclamação de louvor, mas de uma “confissão do mais profundo de Tomé”⁹⁴², sendo a maior confissão sobre Jesus ressuscitado, além de determinar uma proximidade entre o apóstolo e seu Senhor, por meio do pronome possessivo “μου/*meu*”. Mas, em uma percepção contrária de ser um nominativo, por outro lado, Champlin⁹⁴³ contempla ser um vocativo que se dirige a Jesus, e não ao Pai, devido à presença da expressão do evangelista: “ἀπεκρίθη Θωμᾶς καὶ εἶπεν αὐτῷ/*replicou Tomé e disse-lhe*”, consistindo em um caso de um discurso direto.

O ato de fé de Tomé apresenta ter ligações com outros momentos ao longo do Quarto Evangelho. É possível perceber uma conexão quando o narrador trata do *Logos* (Jo 1,1-2), quando se faz o emprego da expressão “eu sou” de forma absoluta (Jo 4,26; 8,24.28-58; 13,9) e quando realiza a declaração “eu e o Pai somos um” (Jo 10,30.38)⁹⁴⁴. Há, também, uma relação estrutural entre Jo 1,49 e 20,28⁹⁴⁵. Cada um, Natanael e Tomé, faz uma confissão de fé de Jesus. No entanto, a divindade de Jesus é em Tomé, pela primeira vez, confessada abertamente no Evangelho. Enquanto a profissão de Natanael é mais de caráter judaico, a de Tomé, mesmo com o uso do pronome pessoal, é universal. No que tange à fórmula da confissão do apóstolo, o título “Senhor” está relacionado a Jesus e sua entrada para a glória, tornando-se um título de Jesus ressuscitado⁹⁴⁶. Quanto a Deus, já há em Jo 1,1.18 uma relação com o verbo que se encarna ser Deus, tendo a funcionalidade de consistir em uma conclusão e envolver todo o texto do Evangelho. A profissão de Tomé gera um fortalecimento sobre o que já foi informado no prólogo, ao dizer que o “Verbo era Deus”⁹⁴⁷, pois percebe-se que há uma articulação das palavras-chave:

⁹³⁹ BRUCE, F. F., João, p. 336.

⁹⁴⁰ SAYERS, D., *The Man Born to be King*, p. 340 *apud* BRUCE, F. F., João, p. 336.

⁹⁴¹ BRUCE, F. F., João, p. 337.

⁹⁴² BEASLEY-MURRAY, J. R., John, p. 385-386.

⁹⁴³ CHAMPLIN, R. N., Lucas, João, p. 852.

⁹⁴⁴ MOLONEY, F. J., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 469.

⁹⁴⁵ KNIGHTS, C., Nathanael and Thomas, p. 331.

⁹⁴⁶ BEUTLER, J., *Evangelho segundo João*, p. 465.

⁹⁴⁷ BRUCE, F. F., João, p. 337.

princípio/*Logos* e *Logos/Deus*, devido encontrar-se em uma estrutura quiástica⁹⁴⁸. Há, também, um trabalho do evangelista de, por meio do narrador e do personagem, emoldurar a obra ao gerar uma *inclusio*⁹⁴⁹ entre o começo e o fim: o narrador, no início do Evangelho, informa que a “Palavra era Deus” (Jo 1,1) e o personagem Tomé, ao concluir o Evangelho, declara Jesus como Senhor e Deus (Jo 20,28). Há uma familiaridade entre Tomé e Jesus, como ocorrido com Maria Madalena e Jesus: “subo a meu Pai e vosso Pai; a meu Deus e vosso Deus” (Jo 20,17)⁹⁵⁰. Dessa forma, nas palavras de Tomé há um retomar do conceito da divindade de Jesus já expresso em “eu e o Pai somos um” (Jo 10,30).

Nos termos da confissão de Tomé, vê-se que, para o discípulo, Jesus é Deus em sua majestade e na sua potência de amor. Como observado nos prólogos de Jo 1,1-18, 1Jo 1,1-4 e nessa afirmação de Tomé, é plausível encontrar uma declaração “da deidade de Jesus e de sua humanidade”⁹⁵¹. Certamente, a expressão “Senhor meu” precisa ser entendida como um reconhecimento divino como da mesma forma que “Deus meu”, sendo, assim, uma constituição gramatical no nominativo, pois Tomé afirma com uma convicção absoluta⁹⁵². Ao ser um reconhecimento, fruto de uma fé autêntica, Jesus torna-se “meu Senhor” e “meu Deus”, o crucificado e ressuscitado, para cada fiel por meio do apóstolo. A profissão da divindade é elucidada no versículo: “quando tiveres levantado o Filho do Homem, entenderéis que eu sou” (Jo 8,28). O termo “Senhor”, da mesma maneira, remete a Jesus como o vencedor da morte e Deus, ao ser o resultado de um sentido integral e imenso da sua vida diante da revelação divina. Por esse aspecto, percebe-se um esforço na maturação da experiência da fé que se resvala na realidade: a divindade de Jesus que aparece no ressuscitado⁹⁵³.

O aditamento do pronome pessoal “*μου/meu*” é uma nota clara de uma confissão⁹⁵⁴. Além disso, verifica-se um grande sentido de pertença, com a sua repetição na profissão (duas vezes) no qual o apóstolo vê-se em uma estreita ligação com o seu Senhor, chegando a uma relação de fé com o transcendente que se

⁹⁴⁸ GONZAGA, W.; TELLES, A. do C., A Relação entre o prólogo de Jo 1,1-18 e o prólogo de 1Jo 1,1-4, p. 304.

⁹⁴⁹ KLINK III, E. W., John, p. 878; KÖSTENBERGER, A. J., João, p. 633.

⁹⁵⁰ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 871.

⁹⁵¹ GONZAGA, W.; TELLES, A. do C., A Relação entre o prólogo de Jo 1,1-18 e o prólogo de 1Jo 1,1-4, p. 309.

⁹⁵² BRUCE, F. F., João, p. 336.

⁹⁵³ VANNI, U., Il Tesoro di Giovanni, p. 235.

⁹⁵⁴ SCHNACKENBURG, R., Il Vangelo di Giovanni, p. 551.

manifesta nele⁹⁵⁵. Essa profissão consegue ser adequada à ocasião, porém a supera porque Tomé encontra o ressuscitado, aquele que lhe é familiar e esse é o seu Senhor e seu Deus. O vocábulo κύριός, também, remete a uma realidade pós-pascal, o Senhor ressuscitado, e Deus sendo aquele que se manifesta glorioso na cruz, na composição joanina⁹⁵⁶. Não se trata de uma diminuição da universalidade daquilo que significa o senhorio e a divindade de Jesus, todavia uma profissão pessoal de fé.

É possível, igualmente, ver uma correspondência com o Prólogo do Evangelho: θεὸς ἦν ὁ λόγος (Jo 1,1c), pois a falta do artigo “ὁ/ο” antes do termo θεὸς coincide com a ausência dos termos “σύ εἰ/tu és” como em ὁ θεός μου. A ausência do artigo em Jo 1,1c pode ser uma posição enfática do vocábulo θεὸς, uma relação do Verbo com Deus⁹⁵⁷. Para Schnackenburg⁹⁵⁸, os vocábulos atribuídos a Jesus, “Senhor” e “Deus”, ainda não são uma elaboração teológica mais profunda no tocante às naturezas humana e divina de Jesus. O processo de reconhecimento da divindade de Jesus se dá por sua função redentora de ser Filho que é Cristo, ou seja, o Messias enquanto Filho de Deus. O estudioso vê, apesar de poder imaginar uma linguagem com fundo veterotestamentário, nesse caso, a confissão sendo derivada da reflexão pessoal do evangelista.

Nessa profissão de Tomé, há uma clara ligação veterotestamentária com uma menção ao Sl 35(34),23 da LXX⁹⁵⁹. É de se notar que a expressão “Jesus é o Senhor” tem, igualmente, um sentido mais profundo. Na verdade, refere-se a uma exaltação de Jesus ao trono divino, em uma relação entre o Pai e o Filho, criador e redentor, que se liga ao prólogo⁹⁶⁰. Tomé afirma “Senhor” por descobrir Jesus ressuscitado que revela o Deus verdadeiro. Porém, na verdade, é um título que resgata a compreensão do nome hebraico (YHWH) no AT e, além do mais, é um reconhecimento de Jesus como Deus com o seu Pai⁹⁶¹. A combinação⁹⁶² dos dois termos acima, Senhor e Deus, pode ser um resultado de reflexão cultural da comunidade joanina sobre Jesus como o Senhor ressuscitado, mas também como

⁹⁵⁵ VANNI, U., *Il Tesoro di Giovanni*, p. 235.

⁹⁵⁶ LINDARS, B., *The Gospel of John*, p. 615.

⁹⁵⁷ CASALEGNO, A. Para que contemplem a minha glória (Jo 17,24), p. 197.

⁹⁵⁸ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 551.

⁹⁵⁹ SIMOENS, Y., *Secondo Giovanni*, p. 817.

⁹⁶⁰ LINDARS, B., *The Gospel of John*, p. 615.

⁹⁶¹ CARDONA RAMIREZ, H., *Evangelio según San Juan*, p. 231.

⁹⁶² SLOYAN, G., *Giovanni*, p. 270.

Deus revelado. Há uma conexão entre o salmista orante que se volta a Deus com a declaração de Tomé como visto no Sl 35,23⁹⁶³. No entanto, o evangelista expressa que a verdadeira fé, exigida e verbalizada por Jesus a Tomé, é fruto de uma compreensão messiânico-cristológica⁹⁶⁴, em que a atitude de crer deve ser manifestada em um confessar na prática, para não se distanciar da experiência verdadeira de discipulado, porque somente crer e não confessar com a vida, representa amar mais a glória dos homens do que de Deus (Jo 12,42-43). Talvez, isso é levado ao extremo, no que tange ao discipulado, quando se percebe, no Evangelho de Tomé⁹⁶⁵, ao associar diretamente a vida dos discípulos ao que Jesus é: luz (77) – os discípulos-homens de luz (24); filho do homem (86) – filhos do homem (106), ou a máxima relação: o discípulo torna-se como ele é e Jesus torna-se o que é o discípulo (108).

Além disso, a expressão e profissão de Tomé não serve de uma fórmula para combater a aclamação e o culto da época ao imperador Domiciano (81-96 d.C.)⁹⁶⁶: “*dominus et deus noster/senhor e nosso deus*”. A confissão explícita no Quarto Evangelho possui duas questões básicas⁹⁶⁷: 1) o uso do pronome pessoal empregado por Tomé revela a sua adesão a Jesus, mas, também, que o encontro gera um crer que se remete ao Pai (Jo 14,9), pois, por meio de Jesus, torna-se acessível ao fiel o Deus inacessível; e 2) no nível narrativo, Tomé reconhece Jesus como o Senhor da vida, aquele que tem poder de portá-la e dá-la. Sabe-se que a composição com a afirmação de Tomé é no tempo em que se espalha o tal culto ao imperador, no entanto, o plano narrativo⁹⁶⁸ indica uma relação direta com o Sl 35,23 da LXX. É razoável dizer que o verdadeiro paralelo não é com a afirmação de Domiciano, contudo, em grego, é encontrada, igualmente, uma denominação “o Senhor Deus” no epíteto *Ariani Epistulae ad Lucium Gellium* (2,16,13)⁹⁶⁹. Segundo Zumstein⁹⁷⁰, ainda, a profissão de Tomé consiste em uma confissão de fé pós-pascal, captando a verdadeira identidade de Jesus (crucificado-ressuscitado) e uma recapitulação de confissões anteriores de fé ao longo do Evangelho, pois, segundo ele, a expressão

⁹⁶³ RIDDERBOS, H. N., *The Gospel according to John*, p. 647.

⁹⁶⁴ ZEVINI, J., *Evangelho segundo João*, p. 228.

⁹⁶⁵ RILEY, G. J., *Resurrection Reconsidered*, p. 124.

⁹⁶⁶ BROWN, R. E., *Comentário ao Evangelho segundo de João*, vol. 2, p. 1534.

⁹⁶⁷ CASNEDA, A., *Giovanni 20*, p. 338.

⁹⁶⁸ VAN TILBORG, S., *Comentario al Evangelio de Juan*, p. 422.

⁹⁶⁹ KEENER, C. S., *The Gospel of John*, Vol. 2, p. 1211-1212 *apud* KÖSTENBERGER, A. J., *John*, p. 580.

⁹⁷⁰ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 950.

“meu Senhor e meu Deus” corresponde a uma tese teológica que é defendida e apresentada no corpo do Evangelho em relação à pessoa de Jesus, em que o porta-voz passa a ser o próprio Tomé.

A profissão de fé, também, pode ser vista pelos seguintes dados⁹⁷¹: 1) ela é uma climatização de uma honra ao Filho assim como ao Pai é honrado (Jo 5,23) e uma ligação com o prólogo, com já afirmado (Jo 1,1.14); 2) a profissão reconhece a divindade de Jesus e a de Deus, como já exposto, pois Jesus revela à Madalena “meu Pai, vosso Pai, meu Deus, vosso Deus” (Jo 20,17), esboçando a sua filiação (Jo 5,16-30); 3) espera-se que os leitores-ouvintes, fiéis das comunidades, professem o mesmo, segundo a expectativa (Jo 20,30-31). O termo *κύριός* no microrrelato⁹⁷² vem identificando Jesus como o Filho de Deus. Todavia, no macrorrelato, o sentido altera entre um título que expressa respeito (aplicado a personagens) e uma designação cristológica (emprego do narrador), fundamentando a ressurreição de Jesus dentre os mortos. Jesus é Deus porque se revela aos homens: “para credes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome” (Jo 20,31). A experiência do apóstolo está localizada no grupo daqueles fiéis que fazem seu percurso de fé quando a presença física de Jesus ressuscitado está disponível. Porém, apesar disso, tal experiência é também direcionada a todos os leitores-ouvintes que são convidados a crer que Jesus está vivo e que ele é a revelação salvífica do Pai⁹⁷³. É visível a relação com o Sl 35,23 que, no hebraico ou no grego da LXX, traz o nome de Deus, mas traz a invocação de um salmista orante a Deus. Na inversão da ordem dos vocábulos do Salmo (“meu Deus” e “meu Senhor”), ocorre, na profissão de Tomé, na verdade, uma modificação para anteceder o senhorio de Jesus crucificado e ressuscitado que passa a estar naqueles que o professam. Tal expressão, em Tomé, é uma interiorização da visão da fé, abrindo-o a um novo patamar pelo crer na relação com o divino⁹⁷⁴.

Para Agostinho, Tomé “via e tocava no homem, mas confessava Deus que não via, nem tocava”⁹⁷⁵ e, para Hilário de Poitiers, “Tomé confessou ser Jesus o seu

⁹⁷¹ CARSON, D. A., *The Gospel according to John*, p. 519.

⁹⁷² CASNEDA, A., *Giovanni 20*, p. 337.

⁹⁷³ MOLONEY, F. J., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 469.

⁹⁷⁴ FAESSLER, M., *Autrement voir*, p. 45.

⁹⁷⁵ CASALEGNO, A., *O Evangelho de João na Interpretação dos Padres da Igreja e dos Teólogos Medievais*, p. 306.

Deus e seu Senhor”⁹⁷⁶. A declaração de Tomé é uma maneira de testemunhar e confirmar a ressurreição. Nesta, Jesus é revelado como realmente é, não sendo uma abstração, no entanto, a fé cristã que se esclarece no Senhor e Deus que torna evidente o amor de Deus pelo homem por meio de seu Filho⁹⁷⁷. A confissão de Tomé, também, serve para combater aqueles que na comunidade ainda demonstram dúvidas sobre a realidade da encarnação e a realidade da cruz. A declaração do apóstolo vai confrontar todos que pensam em uma vida aparente, sofrimento aparente e cruz aparente (δοκεω), que passam a ser conhecidos, posteriormente, nos escritos de Inácio de Antioquia (Trat. 90; Smyr. 1-4)⁹⁷⁸. A declaração, portanto, desse que não participa do recebimento do Espírito Santo e não escuta as testemunhas oculares, parece ser fruto de um arrependimento⁹⁷⁹ em que a confissão se torna em uma confirmação de todo o Evangelho, mas também o entendimento de quem vê Jesus está vendo Deus mesmo que se revela⁹⁸⁰.

No v.29: “λέγει αὐτῷ ὁ Ἰησοῦς· ὅτι ἑώρακάς με πεπίστευκας; μακάριοι οἱ μὴ ἰδόντες καὶ πιστεύσαντες/*diz-lhe Jesus: porque me viste creste?*” *Bem-aventurados os que não viram e creram*”. Neste versículo, discute-se o valor real do sinal para alguém crer, sendo colocado um questionamento para aqueles que não têm a mesma oportunidade no futuro de obter um sinal e passar a crer. Enquanto na primeira parte do livro dos Sinais de João, o sinal é um dado relevante para que as pessoas possam crer; no livro II, o da Glória, a fé verdadeira não precisa mais de sinais, sendo necessário acreditar, nessa etapa, no testemunho daqueles que viram o sinal da ressurreição⁹⁸¹. No v.29, ainda, há um dito de Jesus que tem a finalidade de encerrar o relato. Isso pode ser colocado em dois momentos⁹⁸²: 1) como uma pergunta ou afirmação, não tendo relevância, no primeiro instante, a sua diferença; e 2) a proclamação da bem-aventurança propriamente dita.

A expressão da bem-aventurança “μακάριοι μὴ ἰδόντες/*bem-aventurados os que não viram*” não está erigida sobre o perfeito do verbo ὁράω, porém sobre o verbo ἰδεν, ou seja, indicando que não se relaciona a um ver básico e físico,

⁹⁷⁶ CASALEGNO, A., O Evangelho de João na Interpretação dos Padres da Igreja e dos Teólogos Medievais, p. 306.

⁹⁷⁷ KLINK III, E. W., John, p. 879.

⁹⁷⁸ WENGST, K., Il Vangelo di Giovanni, vols. 1 e 2, p. 752.

⁹⁷⁹ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, Homilias sobre el Evangelio según San Juan, p. 1251.

⁹⁸⁰ SPONG, J. S., The Fourth Gospel, p. 281.

⁹⁸¹ BOISMARD, M. -É.; LAMOUILLE, A., L'Évangile de Jean, p. 473.

⁹⁸² BEUTLER, J., Evangelho segundo João, p. 465.

simplesmente, que é fundamental para crer. As expressões que designam a experiência dos discípulos de ver o ressuscitado (vi/vimos o Senhor) constituem em si um sinal real das primeiras testemunhas⁹⁸³. Tal bem-aventurança é denominada como enigmática⁹⁸⁴, simultaneamente, por englobar os futuros fiéis e por ter a capacidade de ser avaliada como o anticlímax do capítulo diante da alta denominação cristológica ou pelo seu verdadeiro clímax porque se refere a um instante crítico para a formatação do leitor implícito de João. Ressalta-se, ainda, não se enquadrar em uma atitude de fé cega (muito pura) ou aquela postura de uma fé arraigada na visão dos sinais (mediocre), bem como não é uma redução da experiência de Tomé e de todas as testemunhas oculares.

A visão, enfim, que passa a ser negada é *ιδόντες* aos futuros crentes. O que se revela como objetivo do macarismo é gerar uma conexão denominada integrada e, igualmente, diferente em duas modalidades: a diferença não é devido ao seu conteúdo ou à sua estrutura, mas à circunstância de um evento que é irrepetível como a aparição do ressuscitado aos discípulos. Por sua vez, o *ver*⁹⁸⁵ em *εώρακάς* não pode ser compreendido em um sentido material corpóreo, contudo em um sentido espiritual (real), apontando para um conhecimento do objeto da visão (tempo perfeito verbal). Dessa maneira, Tomé passa pelo processo dos outros discípulos: ver, compreender e crer, sem a necessidade de tocar.

Ao retomar o tópico 1, sobre a frase ser ou uma afirmação ou uma indagação, há uma pontuação similar que é chamada a atenção por Pérez Millos⁹⁸⁶ por se parecer com uma sentença interrogativa, devido à presença do ponto e vírgula no final da oração no original grego⁹⁸⁷. Esse ponto e vírgula (interrogação) não aparece nos códices porque uma pontuação própria já é fruto de edições modernas, apesar de poder adicioná-la, a fim de trazer a real mensagem do texto que quis ser comunicado⁹⁸⁸. Ademais, não é possível ter certeza se tratar de uma pergunta ou afirmação: ao ser uma pergunta, pode ter um tom de reprovação e é semelhante à ocasião com Natanael (Jo 1,50); se for uma afirmação, pode designar um elogio diante de uma experiência de fé do discípulo. A estrutura interrogativa, segundo

⁹⁸³ RIGATO, M. -L., Giovanni, p. 300.

⁹⁸⁴ VIGNOLO, R., Personaggi del Quarto Vangelo, p. 89-90.

⁹⁸⁵ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 107-108.

⁹⁸⁶ PÉREZ MILLOS, S., Juan, p. 1791.

⁹⁸⁷ OMANSON, R. L., Variantes Textuais do Novo Testamento, Análise e Avaliação do Aparato Crítico de “O Novo Testamento Grego”, p. 212.

⁹⁸⁸ VANNI, U., Il Tesoro di Giovanni, p. 236.

Faessler⁹⁸⁹, instaura um questionamento sobre o ver e acreditar, confirmando-se a um olhar de fé que assume a bem-aventurança, pois capta-se a intenção de atingir os futuros leitores. E por isso, ainda, a viabilidade de obter um significado acima de toda a representação projeta um olhar diferente que transcende e alcança o ressuscitado.

O macarismo bíblico tem como característica uma forma discursiva mista sapiencial que a associa a um dito de uma constatação e uma admoestação, em estrutura tripartida⁹⁹⁰: 1) proclamação da felicidade; 2) individualização dos que recebem a bem-aventurança; e 3) presença de uma motivação da condição de feliz. A aplicação do particípio aoristo carrega a possibilidade *per si* de apontar um recurso que pode ser efetuado, conservando a possibilidade de um acesso futuro. É isto que a forma verbal πιστεύσαντες quer significar: os que alcançam a fé, crendo sem ver⁹⁹¹. Nota-se, similarmente, que os verbos “ιδόντες/viram” e “πιστεύσαντες/creram” não têm um objeto direto. Porém, têm um funcionamento da regra geral⁹⁹², uma vez que não é repetido devido ser o mesmo dos verbos antecedentes: “porque me viste, creste”. O significado é que a sua ausência é percebida, não tendo o sentido de modo, mas é da possibilidade de tê-lo no corpo da visão. Contudo, vê-lo como? O Jesus terreno ou o ressuscitado? Uma resposta plausível: não o vê de nenhum modo, no entanto, acredita. Ademais, vem à baila o modelo de fé do discípulo amado que, não tendo visto Jesus ressuscitado, acredita. A primeira parte (v.29b) mostra a causa do acreditar de Tomé identificado pela locução causal “ὅτι/porque”, gerando uma confrontação não mais entre o “ver” e “tocar” (v.27), porém entre o “ver” e o “acreditar” ou ainda, em uma abordagem mais ampla entre o crer de Tomé porque vê Jesus e o acreditar dos futuros fiéis⁹⁹³.

É razoável perceber que a frase deve ser lida e compreendida como uma afirmação de Jesus sobre a fé de Tomé que professa e crê porque o vê. Tendo presente a afirmação do ressuscitado, a experiência do discípulo é imperfeita e não pode ser tomada como modelo cristão⁹⁹⁴. Há a possibilidade de ser vista como um convite a Tomé com o intuito de ser estabelecida uma relação sacramental, sendo

⁹⁸⁹ FAESSLER, M., *Autrement voir*, p. 47.

⁹⁹⁰ VIGNOLO, R., *Il Quarto Vangelo in due parole*, p. 125 *apud* CASNEDA, A., *Giovanni 20*, p. 340.

⁹⁹¹ FABRIS, R., *Giovanni*, p. 788.

⁹⁹² MARCHESELLI, M., *Il Quarto Vangelo*, p. 452-454.

⁹⁹³ KLINK III, E. W., *John*, p. 879.

⁹⁹⁴ MATEOS, J.; BARRETO, J., *O Evangelho de São João*, p. 873.

então primordial o ambiente e o contexto da assembleia litúrgica⁹⁹⁵. Como a maioria dos estudiosos destaca a possibilidade de se referir a uma afirmação de Jesus a Tomé, relata-se um processo de maturação da fé que transmite melhor a teologia do Quarto Evangelho e que alcança uma realidade permanente no “ver” do testemunho (ἐώρακάς)⁹⁹⁶. Calvino⁹⁹⁷, por sua vez, explica que Tomé, ao ser atraído pelos sentidos, comporta-se moroso na fé e precisa ser despertado da discordância daquilo que realmente é a fé. Ao passar por esse processo, ele passa a crer que Jesus é Deus. A atitude do apóstolo de não escutar os outros discípulos e não levar em consideração os seus testemunhos faz com que ele não alcance a nova realidade da ressurreição. Por outro lado, Agostinho⁹⁹⁸ ressalta que Jesus responde a Tomé “porque me viste, creste” e não diz “porque tocaste-me”, pois, a visão é um sentido geral e que sim pode levar ao crer. No entanto, no texto, segundo ele é preconizada e enaltecida a fé daqueles que não têm a oportunidade de ver, mas mesmo assim creem. Ele destaca que o verbo aplicado por Jesus está no pretérito em um sentido de realização, predestinação e de algo já conhecido por ele. A intervenção de Jesus na atitude do discípulo parece funcionar como uma avaliação da fé, mediante a articulação entre crer e ver, sendo aquele não mais subordinado a esse, em que o ressuscitado confronta a atitude de Tomé e, ao mesmo tempo, a postura dos futuros discípulos⁹⁹⁹.

Além disso, é possível ser constatado um tom de censura de Jesus a Tomé¹⁰⁰⁰, seja porque ele não admite tal dúvida entre os seus discípulos, seja porque o evangelista desloca a narrativa, a partir da profissão de fé do discípulo, diferenciando do ocorrido em Jo 16,31, porque a utilização do perfeito do verbo πιστεueiv exprime uma fé firme como em outras ocorrências ao longo do próprio Evangelho (Jo 6,69 e 11,27). A partir disso, é capaz de apreender que o dito de Jesus, ao mesmo tempo, descreve o nível da fé de Tomé e indica o que significa uma fé madura, encerrando o tema da dúvida na comunidade, corroborada pelo tempo perfeito do verbo¹⁰⁰¹. Segundo o próprio formato do relato, o evangelista demonstra uma preocupação com os futuros discípulos que não têm a possibilidade

⁹⁹⁵ VANNI, U., *Il Tesoro di Giovanni*, p. 236.

⁹⁹⁶ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 109.

⁹⁹⁷ CALVINO, J., *O Evangelho Segundo João*, p. 303.

⁹⁹⁸ SANTO AGOSTINHO, *Comentário a São João – II*, p. 538.

⁹⁹⁹ GRASSO, S., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 776.

¹⁰⁰⁰ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 552.

¹⁰⁰¹ BEASLEY-MURRAY, G. R., *John*, p. 386.

da experiência do ressuscitado, mas convivem com a sua ausência. Ele tem o leitor-ouvinte como objetivo, além de expandir de uma forma mais abrangente, elaborando a bem-aventurança em um modelo estilístico didático¹⁰⁰². Há uma semelhança entre a resposta de Jesus¹⁰⁰³, no Evangelho, quanto ao tom de questionamento feito a Natanael (Jo 1,50) e a Tomé (Jo 20,29a), por meio do uso do verbo “acreditar” (apesar das distinções dos tempos verbais) e do ver. Ademais, Jesus amplia o entendimento dos discípulos e a compreensão do leitor nos dois casos (Jo 1,50b-51; 20,29b). No primeiro caso, distingue-se que para Natanael há a promessa de “coisas maiores” e do “céu aberto”, enquanto para Tomé tem-se a felicidade em crer sem ver, uma bem-aventurança direcionada a todos os que vêm posteriormente.

Como se observa, o enfoque não é mais a dúvida, porém, naqueles que não viram, apesar de não possuírem o privilégio da visão não devem, igualmente, ter uma fé enfraquecida por isso. A fé destes futuros discípulos precisa ir adiante por meio do Evangelho que se baseia na verdade do Senhor revelado na Palavra. Essa atitude é abençoada e reconhecida como um macarismo ao proclamar a alegria da visão divina da revelação¹⁰⁰⁴. A partir dessa perspectiva, é que no v.29 surge claramente uma bem-aventurança (μακάριος) como que necessária à vida dos futuros fiéis e discípulos de Jesus. Nitidamente, o evangelista contempla os futuros leitores-ouvintes que têm acesso ao escrito fora da experiência do tempo pascal¹⁰⁰⁵. É capaz, nesse momento, de valorizar os leitores e discípulos que realizam uma experiência de fé mais árdua, quando esses aceitam tudo e sem reservas o que é revelado pelo testemunho e por aquilo que está escrito. Talvez, também, o texto nessa etapa faça uma conexão com o princípio do capítulo 20, quando da expressão do discípulo amado a ele é atribuído: “viu e creu” (Jo 20,8), não vendo Jesus, todavia os panos mortuários e o sepulcro vazio e, assim mesmo, crê¹⁰⁰⁶. A relação é direta com a profissão de fé por fornecer um fundamento a ela, pois todos os futuros discípulos, obrigatoriamente, precisam crer no testemunho dos apóstolos,

¹⁰⁰² LINDARS, B., *The Gospel of John*, p. 616.

¹⁰⁰³ KNIGHTS, C., *Nathanael and Thomas*, p. 331.

¹⁰⁰⁴ BEASLEY-MURRAY, G. R., *John*, p. 386.

¹⁰⁰⁵ WENGST, K., *Il Vangelo di Giovanni*, vols. 1 e 2, p. 751.

¹⁰⁰⁶ VANNI, U., *Il Tesoro di Giovanni*, p. 237.

testemunhas diretas, ao provocar no fiel de outras gerações uma superação de qualquer dúvida vinculada ao ver¹⁰⁰⁷.

A fim de atender ao direcionamento aos futuros crentes, faz-se importante o resgate de “duas tradições”¹⁰⁰⁸ no Quarto Evangelho, assim apresentadas: 1) o macarismo vinculado aos tempos messiânicos e 2) o macarismo relacionado ao campo sapiencial. No primeiro caso, proclama-se feliz aquele que participa da época do cumprimento messiânico (AT e NT). Ver o tempo de cumprimento é graça e bênção nas obras do ungido de Israel (Eclo 48,11; Tb 13,16-17; Sl 17,42-46; 18, 5-9). Porém, não há uma relação entre gerações da promessa e realização do cumprimento. Inverte-se a tendência antes vista de dar ênfase ao destino do tempo messiânico, apresentando uma bem-aventurança que é capaz de responder não somente ao problema da ausência, mas ao da Tradição confiada a uma geração vindoura, ou seja, daqueles que creram nele sem ver, mesmo assim, amando-o. No segundo caso, ao se encontrar no epílogo do Evangelho, ocorre uma recuperação de uma outra tradição do elemento sapiencial que o Quarto Evangelho adquire como um patrimônio de experiência e um instrumento de comunicação com as gerações futuras fortalecendo a fé dos leitores-ouvintes.

Torna-se interessante, também, perceber que o emprego do verbo no perfeito *πεπίστευκας* e o seu contexto fazem com que o discípulo reconheça pela fé o ressuscitado. Contudo, ele, na verdade, traz à tona um outro verbo, o ouvir, que é usado implicitamente quando os outros discípulos dizem a Tomé terem visto o Senhor. O evangelista, notadamente, não está opondo o ouvir ao crer, mas como um outro componente importante que leva a ter fé. A felicidade dá-se, pelos futuros leitores-ouvintes que ouvem o testemunho presente no texto e que abraçam a fé, sem ver¹⁰⁰⁹. Tal bem-aventurança tem um fundamento que encontra uma base na esperança apostólica, que delinea novamente um percurso para uma experiência como ressuscitado que ocorre através do crer, sendo bem concreto na vida do fiel. O ato de crer concede de maneira definitiva uma identificação com o mesmo ressuscitado na Igreja, devido ao relacionamento vital do crente em sua vida¹⁰¹⁰.

¹⁰⁰⁷ ZEVINI, J., Evangelho segundo João, p. 228.

¹⁰⁰⁸ VIGNOLO, R., Personaggi del Quarto Vangelo, p. 91-93.

¹⁰⁰⁹ LEÓN-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho segundo João IV, p. 180.

¹⁰¹⁰ SIMOENS, Y., Secondo Giovanni, p. 817-818.

De uma forma até paradoxal, Zumstein diz que “não é a visão do ressuscitado a constituir uma vantagem para a fé, mas sua ausência”¹⁰¹¹. O fato de acreditar baseado no ato de ver não é em si mais um ato degradado, mas constitui-se em uma concessão à época, não sendo mais necessário¹⁰¹² para os discípulos de outras gerações. Enquanto Tomé alcança sua fé plena por meio da visão do ressuscitado, os leitores-ouvintes podem conquistar a mesma fé, com a ausência física de Jesus, pois torna-se possível diante do exemplo de Tomé, pelo testemunho dos Doze¹⁰¹³. É possível encontrar, ainda, quatro funções¹⁰¹⁴ decorrentes dessa bem-aventurança: 1) provocar o leitor a avaliar de forma pessoal o crer em Jesus como Senhor e Deus; 2) tratar-se de um elemento de interseção dentro do relato entre o ver e o crer; e 3) dar a possibilidade do leitor contrastar a experiência do discípulo e as futuras experiências de crer sem ver; e 4) ser um elemento de conclusão por entrelaçar a situação do relato e projetar no horizonte dos futuros leitores. A felicidade está em crer e não em tocar Jesus. Isso porque a prova física não é mais um sinal indecifrável da fé, porém é no contato espiritual com ele que se concentra a riqueza e o ponto central da bem-aventurança¹⁰¹⁵. A existência da benção final quer solicitar aos futuros crentes que creiam sem ver de terem uma fé que não é distinta ou desconecta da realidade, contudo que está baseada na presença distinta e espiritual do Senhor na comunidade¹⁰¹⁶.

É justamente o que ocorre na segunda geração de discípulos até os tempos atuais, ou seja, a Igreja anuncia “a mensagem do evangelho em todo mundo e muitos sem ver fisicamente aceitam a Jesus como Senhor e Deus que em sua natureza humana esteve morto-ressuscitado”¹⁰¹⁷. O direcionamento de Jesus não é pelo que Tomé vê e professa, mas a benção o desvaloriza por ter sua fé fundada na visão. Há uma intenção clara do evangelista enviar um recado no final do Evangelho a todos os fiéis do futuro e, com isso, não englobar só a comunidade joanina, ou a comunidade de Tomé, no entanto, de todos os que vão ler ou ouvir o Evangelho¹⁰¹⁸. Além das gerações posteriores estarem contempladas na intenção do autor,

¹⁰¹¹ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 950.

¹⁰¹² RIDDERBOS, H. N., *The Gospel according to John*, p. 649.

¹⁰¹³ WILCKENS, U., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 398.

¹⁰¹⁴ CASNEDA, A., *Giovanni 20*, p. 342.

¹⁰¹⁵ NICACCI, A.; BATTAGLIA, O., *O Comentário ao Evangelho de São João*, p. 265.

¹⁰¹⁶ PERKINS, P., *Evangelho segundo João*, p. 813.

¹⁰¹⁷ PÉREZ MILLOS, S., *Juan*, p. 1791.

¹⁰¹⁸ RILEY, G. F., *Resurrection Reconsidered*, p. 124-125.

certamente o destinatário da bem-aventurança da fé sem ver é, precisamente, o leitor-ouvinte. Ademais, o personagem do discípulo amado torna-se um modelo para o fiel das outras gerações por simplesmente crer sem ver Jesus. Nesse sentido, a felicidade é indicada àquele discípulo¹⁰¹⁹.

O que se percebe, da mesma forma, é um vínculo¹⁰²⁰ que recupera o verbo “ver” (vv.27c.29bd) e o tema da fé, expressos nos adjetivos ἄπιστος/πιστός (v.27f) por meio do verbo “crer”, na forma verbal creste e aqueles que creram (v.29ce). Eles estão articulados em torno dos mesmos protagonistas, Jesus (vv.26d.29a) e Tomé (vv.26a.27a.28a), referindo-se a uma bem-aventurança aos leitores do evangelho dos dias atuais¹⁰²¹. A fé para eles é agora estabelecida não mais pelo que é visto, como colabora Paulo: “ouvir a mensagem e a mensagem que vem por meio da pregação e respeito de Cristo” (Rm 10,17). O apóstolo Paulo, similarmente, é fruto dessa experiência de fé no ressuscitado que tem como percurso de vida o seguinte: “chamado/conversão – missão – vida na graça – experiência da nova criatura – vida como experiência do Espírito Santo – arauto – apóstolo – mestre”¹⁰²².

Por meio dessa forma literária que mostra o macarismo, abre-se uma proposta aos fiéis do futuro a percorrer um trajeto de fé que, ao longo de todo o evangelho, pelas declarações cristológicas, implica em um crer que se aprofunda sem a necessidade de elementos para ver, mas, tão somente, a de viver a felicidade de crer¹⁰²³. O que se percebe, ainda, pela ausência do uso de pronomes, é que, em Jo 20,29, a admoestação está destinada a todos (terceira pessoa do plural), a quantos leiam o Evangelho ou quantos façam parte da experiência de fé de seguir Jesus ressuscitado¹⁰²⁴.

O v.29 toca em duas questões bem concretas quando do surgimento e da elaboração do texto do Evangelho no final do século I d.C.: a morte das testemunhas oculares apostólicas da ressurreição e o encerramento das experiências com as aparições de Jesus ressuscitado. Brown¹⁰²⁵ refere-se a esse fato como um problema concreto e teológico para a comunidade primitiva. Dessa forma, a bem-aventurança

¹⁰¹⁹ GRASSO, S., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 776-777.

¹⁰²⁰ ONISZCZUK, J., *Incontri con il Risorto in Giovanni [Gv 20 - 21]*, p. 79.

¹⁰²¹ BRUCE, F. F., *João*, p. 337.

¹⁰²² GONZAGA, W.; LIMA, A. P., *A autocompreensão missionária de Paulo em Rm 11,13 e 1Tm 2,7*, p. 34.

¹⁰²³ FABRIS, R., *Giovanni*, p. 788.

¹⁰²⁴ SCHNACKENBURG, R., *Il Vangelo di Giovanni*, p. 553.

¹⁰²⁵ BROWN, R. E., *Comentário ao Evangelho segundo João*, vol. 2, p. 1516.

orienta, de forma bem compreensível e definida, a postura dos discípulos posteriores. A bem-aventurança dita por Jesus indica, similarmente, aquilo que é próprio da fé: dar um assentimento àquilo que não se vê¹⁰²⁶. E isso se coaduna com uma definição de fé que corresponde a um acreditar naquilo que não se pode observar: “a fé é a certeza daquilo que ainda se espera, a demonstração das realidades que não se veem” (Hb 11,1). Por outro lado, o macarismo não exclui ou “desvaloriza o sentido espiritual do ver, mas o valoriza por aquilo que é”¹⁰²⁷. O fiel é convidado a avançar ultrapassando a dúvida, a presunção de ver, acolhendo o testemunho histórico da Igreja. Como se observa¹⁰²⁸, há como uma manutenção entre o “ver” e o “crer” e que o “desempate” dá-se no acreditar sem precisar ver. Essa postura conta, no versículo, com uma “בְּרַכָּה/bênção” àqueles que não vão crer sem ter visto o Senhor. Em virtude disso, apesar da profissão ter sido aceita anteriormente, Jesus interpela Tomé sobre o crer atrelado ao ver, colocando-o em uma situação de confiança na qual o componente vergonhoso para o discípulo é não ter acolhido o testemunho dos seus companheiros¹⁰²⁹, pois “no tempo de Jesus, visão e fé estavam unidos, mas no tempo da Igreja basta o testemunho apostólico”¹⁰³⁰. Por sua vez, segundo Hendriksen¹⁰³¹, a fé resultante do ver é boa, porém a fé que resulta do escutar, torna-se mais excelente, como pode ser apreciado em outras situações no NT (Mt 8,5-10; Jo 4,48; Rm 10,15; 1Pd 1,8).

Apesar de ser um gesto do passado baseado na dúvida do apóstolo, tem um forte olhar para o futuro sobre a experiência da fé, sem provas tangíveis¹⁰³². Dessa forma, o crer sem ver tem uma base sólida no testemunho do livro enquanto composição sapiencial. E que dentro da tradição mantém-se ao longo do tempo, aos futuros fiéis e que o enigma é revelado em Jo 20,30-31¹⁰³³. O ouvinte do Evangelho tem nas mãos um documento (Evangelho) no qual estão relatados os sinais feitos por Jesus e, por meio de sua leitura, por ter sido feito com base de testemunhas oculares e qualificadas, faz surgir uma relação intrínseca e indispensável com o ressuscitado através do crer¹⁰³⁴. Assim, a experiência apostólica está alicerçada em

¹⁰²⁶ SÃO JOÃO CRISÓSTOMO, Homilias sobre el Evangelio según San Juan, p. 1251.

¹⁰²⁷ SIMOENS, Y., Secondo Giovanni, p. 818.

¹⁰²⁸ CARD, M., John, p. 209.

¹⁰²⁹ BULTMANN, R., The Gospel of John, p. 695.

¹⁰³⁰ ZEVINI, J., Evangelho segundo João, p. 228.

¹⁰³¹ HENDRIKSEN, W., João, p. 797.

¹⁰³² VANNI, U., Il Tesoro di Giovanni, p. 237.

¹⁰³³ VIGNOLO, R., Personaggi del Quarto Vangelo, p.94

¹⁰³⁴ FABRIS, R., Giovanni, p. 789.

dois elementos: 1) a visão histórica em si que é irrepitível; 2) a comunhão de fé com o Senhor a qual é sempre possível, acessível e atual¹⁰³⁵.

É possível descobrir, similarmente, algumas semelhanças¹⁰³⁶ de Jo 20,29 com outros Evangelhos: “felizes os olhos que veem o que vós estais vendo” (Lc 10,23); com seu paralelo “felizes são vossos olhos, porque veem” (Mt 13,16). Como se sabe, de modo explícito ligado à fé, há a bem-aventurança: “feliz aquela que acreditou” (Lc 1,45). Possivelmente, há uma relação entre macarismo e crer, em Jo 20,29,¹⁰³⁷ assim como em Lc 1,45: “feliz aquela que creu, pois o que lhe foi dito da parte do Senhor será cumprido” (Lc 1,45), no contexto do encontro entre Maria, mãe do Senhor, e Isabel, sua parenta. É razoável inferir, também, um eco de Jo 20,29 em 1Pd 1,8: “sem terdes visto o Senhor, vós o amais. Sem que agora o estejais vendo, credes nele. Isto será para vós fonte de alegria inefável e gloriosa”. A partir disso, configuram-se textos que abordam a situação dos fiéis da segunda geração que não têm os sinais para conhecer Jesus pessoalmente. Da comunhão de fé com o Senhor, pode também expandir-se à comunhão eucarística de forma experimentável: “se compreenderdes isto e o praticardes, felizes sereis” (Jo 13,17). Isto consiste em um princípio repetido em João: acolhimento e prática do amor como elementos condicionantes da experiência com Jesus (Jo 7,17; 8,31s)¹⁰³⁸. Além disso, todos aqueles que acolhem os seus ensinamentos tornam-se felizes¹⁰³⁹, pois todos aqueles que se relacionam com ele são convidados a crer sem ver, e que, nesta proposta, ocorre também uma retomada da profissão de fé do próprio Israel (Sl 35,24). Essa experiência com Jesus é perpetuada na celebração eucarística na qual os discípulos se assemelham a Jesus e “recebem a vida definitiva” (Jo 6,54). Entende-se, então, o porquê a importância do crer, devido permitir “uma identificação com a pessoa de Jesus”¹⁰⁴⁰ ressuscitado na comunidade eclesial.

Em Jo 20,29, igualmente, o evangelista instaura um novo grau para a experiência da fé dos seguidores de Jesus. A aparição pós-pascal ganha um novo sentido. Não se compõe como elemento primário de persuasão, no entanto, ela é

¹⁰³⁵ ZEVINI, J., Evangelho segundo João, p. 229.

¹⁰³⁶ ONISZCZUK, J., Incontri con il Risorto in Giovanni [Gv 20 - 21], p. 81.

¹⁰³⁷ BROWN, R. E., Comentário ao Evangelho de João, vol. 2, p. 1509: *creu/πιστεύσασα* (part. aoristo, ativo, nominativo) está no mesmo tempo verbal e caso que *creeram/πιστεύσαντες* (part. aoristo, ativo, nominativo) – significando o aoristo atemporal equivalente ao presente.

¹⁰³⁸ MATEOS, J.; BARRETO, J., O Evangelho de São João, p. 874.

¹⁰³⁹ GONZAGA, W.; MIRANDA, B. G. de, Jesus, a Nova Aliança e o Novo Templo, a partir de Jo 2,1-22, p. 150.

¹⁰⁴⁰ SIMOENS, Y., Secondo Giovanni, p. 818.

relativizada, passando agora a fé conter seu fundamento verdadeiro na Palavra e na ação do Espírito Santo. Para isso, serve à personificação dos futuros crentes na postura executada de Tomé: “a autêntica fé pascal não depende de um sinal milagroso como uma aparição, mas da proclamação da Palavra sobre a autoridade do Paráclito”¹⁰⁴¹. A possibilidade de crer torna-se superior e mais meritória quando comparada à experiência da fé dos discípulos¹⁰⁴². No Evangelho de João, por sua vez, é preciso ressaltar, ainda, duas características peculiares do macarismo¹⁰⁴³: ora são os que realizam aquilo que Jesus estabelece (Jo 13,17), ora são aqueles que acolhem o anúncio pascal sem ter visto (Jo 20,29). Vale dizer, similarmente, que a qualidade “felizes”, no contexto bíblico, significa um juízo de valor, um juízo real que legitima a condição particular.

No Quarto Evangelho existem apenas dois tipos¹⁰⁴⁴ de felizes/bem-aventurados: 1) Jo 13,17 – quando se põe em prática o que o discípulo sabe porque é revelado; 2) Jo 20,29 – aos que creem sem provas corpóreas e não buscam fundamentar-se nelas. Todavia, em ambos os Testamentos, o macarismo está ligado à fidelidade a Deus¹⁰⁴⁵: quem teme o Senhor (Sl 112,1); quem anda na Lei do Senhor (Sl 119,1); quem procura a sabedoria (Pr 8,34); quem tem fome e sede de justiça (Mt 5,6); e quem não se escandaliza por causa de Jesus (Lc 7,23). Entre as expressões hebraicas no AT que remetem ao termo grego “μακάριος/*feliz, bem-aventurado*” (LXX), há o vocábulo יָשָׁרָא com esse sentido, como expresso nos Sl 1,1; 32,1 e 112,1¹⁰⁴⁶, que expressa uma felicidade aos olhos de Deus. Ainda com essa ótica mais no passado, é preciso fazer uma distinção entre o sentido do termo μακάριος¹⁰⁴⁷: feliz não é aquele que obtém a felicidade em condições de um fruto do seu esforço, contudo felizes são aqueles que são aceitos por Deus. Neste sentido: “o prosélito é mais caro a Deus que todos os israelitas que estiveram no Monte Sinai; pois este homem não viu chamadas nem trovões, nem montanhas tremendo, mas ele vem e se dá assim mesmo a Deus”¹⁰⁴⁸. Gregório Magno afirma que a confissão e fé de Tomé “refere-se a nós, pois não vimos o Senhor em sua

¹⁰⁴¹ ZUMSTEIN, J., *Il Vangelo secondo Giovanni*, p. 952.

¹⁰⁴² CARDONA RAMIREZ, H., *Evangelio según San Juan*, p. 232.

¹⁰⁴³ BEUTLER, J., *Evangelho segundo João*, p. 463.

¹⁰⁴⁴ VANNI, U., *Il Tesoro di Giovanni*, p. 238.

¹⁰⁴⁵ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 109.

¹⁰⁴⁶ CHAMPLIN, R. N., *Lucas, João*, p. 853.

¹⁰⁴⁷ CARSON, D. A., *The Gospel according to John*, p. 519.

¹⁰⁴⁸ RABBI SIMEON BEN LAQUISH, Tanhuma §6 [32a] *apud* CARSON, D. A., *The Gospel according to John*, p. 519.

humanidade, mas o possuímos em nosso Espírito (...). Quem crê verdadeiramente manifesta por meio de suas ações a fé que professa”¹⁰⁴⁹. Não se é mais abençoado porque não se vê, sendo possível dizer que “na verdade também serão abençoados aqueles que crerem, porque verão o esplendor que está por vir (...). Estão escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, é o Filho de Deus”¹⁰⁵⁰. Além disso, faz-se importante acreditar no testemunho de duas ou mais pessoas (Dt 17,19; 2Cor 13), sem a visão, porém para continuar na experiência do discipulado por aquilo que recebe da tradição. Orígenes¹⁰⁵¹ chama a atenção de que o texto não está informando mais abençoados os que não veem, mas os que creem. Para ele, a felicidade não está nos discípulos de outras gerações em detrimento dos apóstolos, no entanto, os bem-aventurados são aqueles que, como os apóstolos, devem ver com sua fé as coisas reveladas, objeto do acreditar, sendo capaz de ouvir. No relato, Calvino¹⁰⁵² apresenta o elogio que Jesus faz da fé que está fundada na Palavra. Uma fé que possui visão própria e que remete a elementos invisíveis e, principalmente, da revelação de Jesus como redentor, o Cristo presente no Evangelho.

Relaciona-se, assim, à narrativa de Tomé uma crítica sobre a importância dos relatos pascais. Essas possuem apenas um valor relativo, pois o ouvinte-leitor é alertado sobre o valor das narrativas pascais, como sendo garantidoras de uma realidade da ressurreição¹⁰⁵³, mesmo que sejam encontrados textos contraditórios que tentaram influenciar as comunidades cristãs à época. Por exemplo, no apócrifo Epístola dos Apóstolos 11-12¹⁰⁵⁴, do século II d.C., porém, lê-se que o ver dos discípulos é extremamente importante para crer: destaca que Pedro toca nas marcas dos pregos nas mãos e Tomé, por sua vez, toca no lado ferido pela lança, distanciando da proposta joanina. Em qualquer caso, Jesus proclama um princípio fundamental para todos os cristãos de todas as épocas posteriores. Além do mais, como informa Bento XVI¹⁰⁵⁵: o caso de Tomé conforta todos pela insegurança; mostra que qualquer dúvida pode ser útil; e a palavra é dirigida a ele por Jesus, que

¹⁰⁴⁹ GREGÓRIO MAGNO. Homilia Gregório Magno XXV,7-9 In J. P. Migne. Patrologia, series Latina. Vol. LXXVI, Tomus II. Petit-Montrouge, Paris, 1857, p. 1201-1202.

¹⁰⁵⁰ RUPERTUS TUITIENSIS, Commentaria In Evangelium S. Joannis, p. 2773-2775.

¹⁰⁵¹ HALTON, T. P. (edt), Origen: Commentary in the Gospel according to John, p 323.

¹⁰⁵² CALVINO, J., O Evangelho Segundo João, p. 304.

¹⁰⁵³ BULTMANN, R., The Gospel of John, p. 696.

¹⁰⁵⁴ PROENÇA, E. de (org), Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia, vol. 1, p. 683.

¹⁰⁵⁵ BENTO XVI, Gli Apostoli, p. 146.

recorda a todos o verdadeiro significado de uma fé madura e encoraja a continuar mesmo nas dificuldades.

4.3.

Uso do Sl 35(34),23 em Jo 20,24-29

Na perícope de Jo 20,24-29, localiza-se a conhecida profissão de fé de Tomé (v.28) que, em um primeiro momento, parece remeter diretamente a uma expressão/fórmula veterotestamentária, de forma particular, identificada em alguns salmos, abaixo em negrito, a saber:

- Sl 30(29),3: **Senhor, meu Deus**, gritei a ti e me curaste;
- Sl 35(34),23: Desperta! Levanta-te pelo meu direito, por minha causa, **meu Senhor e meu Deus!**;
- Sl 86(85),2b: Tu és o **meu Deus**, tem piedade de mim, **Senhor**, pois é a ti que eu invoco todo dia!; e
- Sl 88(87),2: **Senhor, meu Deus** salvador, de noite eu grito a ti;

De forma geral, os Salmos constituem-se como uma grande composição de cantos de louvor (תהלים)¹⁰⁵⁶. Há uma grande discussão de quando e de como o conjunto dos Salmos foram constituídos. Millard¹⁰⁵⁷, por sua vez, aponta que tal composição é do período pós-exílico, sendo um livro de orações de uso público em Jerusalém, mas que pode ser fruto também do período da diáspora. A partir dos títulos comumente aplicados ao Sl 35(34), é razoável concluir que existem “cinco categorias literárias maiores”¹⁰⁵⁸ que englobam todo o corpo do Saltério, quais sejam: hinos, lamentos da comunidade, cantos de ação de graças do indivíduo, lamentos individuais espirituais e poemas de tipos mistos, como Salmos de entronização, de vitória, hinos processionais e cantos de Sião.

Vale dizer que as qualificações individuais dos Salmos não se encontram no original desses, porém são adições posteriores, segundo Futato¹⁰⁵⁹. Ele explica isso a partir de três motivos: 1) os títulos são redigidos em terceira pessoa, fornecendo

¹⁰⁵⁶ WHYBRAY, N., Reading the Psalms as a book, p. 19.

¹⁰⁵⁷ MILLARD, M., Die Komposition des Psalters. Forschungen zum Alten Testament, p. 9 *apud* WHYBRAY, N., Reading the Psalms as a book, p. 29.

¹⁰⁵⁸ VANGERMEREN, W. A., Psalms, p. 75.

¹⁰⁵⁹ FUTATO, M. D., Interpreting the Psalms, p. 119.

a impressão de terem sofrido edições; 2) apenas 116 salmos possuem títulos na Bíblia Hebraica, enquanto outros, só tendo na LXX, são capazes de indicar uma etapa de edição e compilação posterior; e 3) detecta-se que os Sl 14 e 53 são, ao que tudo indica, duas versões distintas do mesmo salmo. Whybray¹⁰⁶⁰, também, salienta a existência de alguns tópicos que podem levar a uma concordância a respeito do que o Saltério realmente se configura. De acordo com ele: 1) o Saltério parece ter sido designado a ser um livro de uso corrente; 2) os Salmos originalmente apresentam características de terem sido usados em ambientes do culto público pós-exílico; 3) o Templo de Jerusalém pode ter funcionado como um local tradicional; 4) certos Salmos são importantes para a pesquisa da estrutura teológica; 5) existem evidências que alguns salmos são produto da ação de redatores com o objetivo de obterem diferentes interpretações; 6) outros Salmos já elaborados são posteriormente, por redatores finais, incorporados ao conjunto do Saltério; e 7) os Salmos constituem-se em fonte de instrução para a reflexão teológica.

Ao continuar nesse processo de categorização e classificação dos Salmos¹⁰⁶¹, há uma contribuição de Harrington nessa etapa de propor alguns critérios, a saber: de terem uma idêntica situação concreta; de possuírem um corpo comum de conceitos e sentimentos; e, por fim, de conterem uma forma literária semelhante que passa por um mesmo estilo e uma mesma estrutura. Baseado nisso, indica-se que a coleção¹⁰⁶² de 150 Salmos reflete uma estrutura geral e que pode ser dividida em cinco livros/grupos, a saber: I. (Sl 1 – 41); II. (Sl 42 – 72); III. (Sl 73 – 89); IV. (Sl 90 – 106); V. (Sl 107 – 150).

É possível ser encontrada, nos cinco grupos/livros dentro da coleção do Saltério¹⁰⁶³, uma doxologia em cada grupo que começa pelo Sl 1, no grupo 1; o Sl 42 no grupo 2; o Sl 73 no grupo 3; o Sl 90 no grupo 4 e o Sl 107 no grupo 5. É perceptível que o Saltério¹⁰⁶⁴ comporta-se como um grande livro de oração e louvor que busca providenciar respostas às questões humanas concretas, oferecendo ao homem aquilo que necessita. VanGermeren¹⁰⁶⁵, em contrapartida, realiza uma divisão do Saltério ressaltando que, nos primeiros três livros, do livro I

¹⁰⁶⁰ WHYBRAY, N., *Reading the Psalms as a book*, p. 30-31.

¹⁰⁶¹ HARRINGTON, W. J., *Chave para a Bíblia*, p. 348.

¹⁰⁶² DAY, J., *Psalms*, p. 97.

¹⁰⁶³ KIDNER, D., *Salmo 1 – 72*, p. 15.

¹⁰⁶⁴ GOLDINGAY, J., *Psalms*, p. 33.

¹⁰⁶⁵ VANGERMEREN, W. A., *Psalms*, p. 81.

compreendendo os Sl 3 – 41, do II com os Sl 42 – 72 e o do III Sl 73 – 89, existem conexões com Davi e com os filhos de Korah e Asaf. Apesar dessas possíveis distribuições dos Salmos nesses grupos, no que tange ainda ao grupo I, não há possibilidade de afirmar que há um único e específico tema, se acredita na formação de uma coleção distinta e que possui um final caracterizado nesse grupo com uma doxologia como se vê em Sl 41,14¹⁰⁶⁶.

Em decorrência dessa estruturação e classificação, é plausível qualificar o Sl 35 no grupo que se distingue como forma dos “cânticos de oração”¹⁰⁶⁷. De modo geral, o grupo I dispõe de uma predominância de Salmos de lamentações¹⁰⁶⁸, todavia, ao menos 16 salmos desse grupo distinguem-se dessas características e os outros restantes aproximam-se de um apelo por auxílio divino, além disso, há 4 salmos nesse grupo voltados somente a contar os acontecimentos da vida de Davi. Por sua vez, há um relacionamento do Sl 35 como estando no grupo das “orações imprecatórias”¹⁰⁶⁹ devido ao seu gênero. Entretanto, é possível categorizá-lo como uma “oração de socorro, longa e complexa”¹⁰⁷⁰. Ademais, Day¹⁰⁷¹ vê o Sl 35 como um dos Salmos individuais de lamentos, como o Salmo 3 – 7; 9 e 10; 17; 22; 25 – 28; 31; 35; 38 – 39, apesar de não haver um padrão fixo determinante para eles. Por outro lado, um Salmo que se caracteriza como lamento traz alguns elementos que expressam a dificuldade na experiência da vida que não se encontra bem ordenada, tipificada como uma desorientação. Os momentos de desorientação¹⁰⁷² são aqueles que expõem o orante a um estado de perplexidade ou de abandono por medo ou pelo fardo da situação.

Convém, antes de partir para uma análise das relações entre o AT e o NT, ou seja, do Sl 35(34),23 e Jo 20,28, aprofundar um pouco mais o salmo referido. Conforme alguns estudiosos, ele recebe títulos diversificados: para Mays, “Tu liberas o débil”¹⁰⁷³; para Kraus, a “Súplica da assistência do Senhor contra as testemunhas falsas e hostis”¹⁰⁷⁴; para Ravasi, “A perseguição do justo: tu viste,

¹⁰⁶⁶ WHYBRAY, N., *Reading the Psalms as a book*, p. 34.

¹⁰⁶⁷ KRAUS, H. J., *Los Salmos 1 – 59*, p. 560.

¹⁰⁶⁸ WHYBRAY, N., *Reading the Psalms as a book*, p. 34.

¹⁰⁶⁹ GONZAGA, W.; TELLES, A. C., *A Oração imprecatória do Salmo 35 à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica e seu uso no Novo Testamento*, p. 137.

¹⁰⁷⁰ MAYS, J. L., *Salmi*, p. 175.

¹⁰⁷¹ DAY, J., *Psalms*, p. 19.

¹⁰⁷² FUTATO, M. D., *Interpreting the Psalms*, p. 150.

¹⁰⁷³ MAYS, J. L., *Salmi*, p. 175.

¹⁰⁷⁴ KRAUS, H. J., *Los Salmos 1 – 59*, p. 557.

Senhor, não falta muito”¹⁰⁷⁵; para Keil e Delitzsch, “Chamado pelo exército contra os perseguidos ingratos, endereçado a Deus”¹⁰⁷⁶; para Day, “A oração por vingança”¹⁰⁷⁷; e para Goldingay, “Como responder ao ataque”¹⁰⁷⁸.

Além disso, é cabível perceber que o Sl 35(34) consiste em “uma súplica de um inocente, colocado em um processo confiado a um magistrado corrupto”¹⁰⁷⁹. Isso porque é visto como um gênero muito frequente na composição do Saltério, ao ter três grupos: “por perseguição ou por perigo, por enfermidade do inocente injustamente acusado”¹⁰⁸⁰. Por outro viés, é possível ser classificado como um salmo de súplica,¹⁰⁸¹ e auxiliar nesse entendimento, ao apontar algumas características engendradas nesse tipo de Salmo, podendo ser: a demonstração de confiança em Deus e a existência de inimigos (parentes, injustos, antigos inimigos). Outrossim, a sua situação vivencial, ou *Sitz im Leben*, parte de situações concretas que geram a aflição no suplente. Além disso, o suplicante é um israelita que possui o entendimento de que YHWH irá atendê-lo, pois Ele é um Deus vivo e pessoal, ao ter, também, uma experiência concreta da ação divina, bem como de sua proximidade.

Para Santo Agostinho¹⁰⁸², ainda, o Sl 35 trata de uma penalidade a ser aplicada, por um lado, e uma causa para essa, por outro. Segundo ele, a punição recai de modo semelhante, tanto para as pessoas boas quanto as más. A causa, na verdade, é que vai interferir no juízo que se aplica ao orante. E a causa, ainda, pode ser vista como a própria justiça. Ele informa, similarmente, que o surgimento dos mártires não está na súplica que eles fazem, mas na causa do martírio. Por fim, não adianta alguém assumir que sofre perseguições e acusar os outros de algum castigo e não demonstrar a causa (justiça). Sem essa, todos estão contados no mesmo plano, porque Deus quer reconstruir a unidade fundamental nele e, para tal, isso é possível somente por meio da justiça (causa verdadeira).

De acordo, ainda, com Goldingay¹⁰⁸³, o Sl 35 pode ser subdividido em três seções: a) vv.1-10, que trata de um ataque físico; b) vv.11-18, que discute sobre um

¹⁰⁷⁵ RAVASI, G., Il libro dei Salmi, p. 627.

¹⁰⁷⁶ KEIL, C. F.; DELITZSCH, F., Commentary on Psalms, p. 403.

¹⁰⁷⁷ DAY, J., Psalms, p.518.

¹⁰⁷⁸ GOLDINGAY, J., Psalms, p. 802.

¹⁰⁷⁹ LORENZIN, T., I Salmi, p. 170.

¹⁰⁸⁰ ALONSO SCHÖCKEL, L.; CARNITI, C., Salmos I, p. 87.

¹⁰⁸¹ HARRINGTON, W. J., Chave para a Bíblia, p. 349-351.

¹⁰⁸² SANTO AGOSTINO, Esposizioni sui Salmi, p. 708-709.

¹⁰⁸³ GOLDINGAY, J., Psalms, p. 805.

ataque pessoal; e c) vv.19-28, que versa sobre uma acusação falsa deliberada. Por outro lado, Kidner¹⁰⁸⁴ segue também a mesma divisão tripartite, porém com enfoques temáticos distintos: a) vv.1-10: as tramas; b) vv.11-18: o cerco de desordeiros; e c) vv.19-28: a exultação maligna.

Nas análises¹⁰⁸⁵ temáticas, são constatadas uma estrutura concêntrica quiástica do Sl 35 que pode ser designada, como segue:

A Chamado pelo guerreiro divino (vv.1-3)

B Oração por vingança (vv.4-10)

C A alma atribulada (vv.11-18)

B' Oração por vingança (vv.19-25)

A' Alegria da libertação (vv.26-28)

O v.23, que é objeto, também, de análise, portanto, localiza-se na parte B', estando envolto pela temática da oração, ou seja, de uma referência do suplicante/orante àquele que pode retirá-lo da situação degradante e aflita a qual se encontra. Todavia, com um tom de vingança, de expectativa de justiça pela injustiça que está sofrendo no momento da oração.

Por sua vez, Ravasi¹⁰⁸⁶ pesquisa o Sl 35 por meio da identificação de temas que perpassam a subdivisão tripartite convencional do próprio Salmo. Ele subdivide, assim as seguintes partes: I) vv.1-10; II) vv.11-18; III) vv.19-28. Quanto aos temas, segundo ele, são: apelo a Deus (vv.1-3.17.22-24); ofensa (vv.4-6.25-26); situação (vv.7-8.11-16.19-21); e a “תודה/louvor de agradecimento, ação de graças”, que consiste em uma postura de segurança na eficácia da oração (vv.9-10.18.27-28). Como se verifica, o v.23 encontra-se na categoria do “apelo a Deus”, da inclinação piedosa e confiante do orante a Deus. Entretanto, Lorenzin¹⁰⁸⁷ mostra uma outra estrutura que é significativa e que amplia a compreensão da constituição do Salmo: invocação e petição (vv.1b-3); acusações contra o inimigo (vv.4-8); hino de ação de graças (vv.9-10); lamento (vv.11-16); lamento, petição, voto e acusações (vv.17-21); petição e ofensas (vv.22-26); e benção e voto (vv.27-28). Segundo a visão de Lorenzin, ainda, o v.23 está na composição da petição que, de certa forma,

¹⁰⁸⁴ KIDNER, D., Salmos 1 – 72, p. 162.

¹⁰⁸⁵ DAY, J., Psalms, p. 519.

¹⁰⁸⁶ RAVASI, G., Il libro dei Salmi, p. 633.

¹⁰⁸⁷ LORENZIN, T., I Salmi, p. 170.

assemelha-se aos outros, ao apelo e pedido, mas de ofensas que podem aliar-se ao tema da vingança. Soma-se a isso que a disposição estilística do Sl 35,23 traz uma estrutura de verbo, verbo e complemento, contando com dois vocativos¹⁰⁸⁸.

A partir de um breve levantamento dos comentadores, como Gonzaga e Telles¹⁰⁸⁹ informam, existe certo consenso na divisão em três partes na qual há um início por meio de súplica (vv.1.11.19) e a finalização com louvor (vv.10.18.28), apesar das discordâncias temáticas nas partes. Ao localizar o v.23 desse salmo, de forma geral, compreende-se que ele se encontra em um contexto de “acusação deliberada”¹⁰⁹⁰, ou de “exultação maligna”¹⁰⁹¹ ou de um “apelo ao Senhor juiz”¹⁰⁹². Nesta última indicação¹⁰⁹³, é proposto que tal versículo espelha algo que está sendo desenvolvido em toda a composição textual que consiste na invocação do nome do Senhor, sendo repetida e carregada de um sentido de clamor confiante realizado pelo orante. Essa invocação ou oração afirma que o Senhor age em favor dele. Como o Sl 35 está situado no primeiro livro, o seu “contexto é dos salmos forenses ou de súplica por justiça, como que em litígio em um tribunal”¹⁰⁹⁴. Segundo Ravasi¹⁰⁹⁵ destaca, também, o orante apela ao Senhor juiz, pois para aquele a quem suplica, diante de sua acusação injusta, ele demonstra uma confiança que Deus não se conserva em silêncio por muito tempo, depondo contra o testemunho humano injusto.

Ao investigar os Salmos¹⁰⁹⁶, há um exame na perspectiva de haver um orante que se remete a Deus em diversas circunstâncias. Percebe-se o seguinte, então: o vocábulo mais adotado para mencionar a divindade é “Senhor”, podendo ser o tetragrama “יהוה/YHWH”, contando com 700 ocorrências no Saltério, das quais “יה/Yah” aparece 43 vezes. Brown, Driver e Briggs¹⁰⁹⁷ colaboram com a análise dos dois termos, afirmando que, primeiro, “יהוה/YHWH”, ao consistir no próprio nome

¹⁰⁸⁸ ALONSO SCHÖCKEL, L.; CARNITI, C., Salmos I, p. 507.

¹⁰⁸⁹ GONZAGA, W.; TELLES, A. C., A Oração imprecatória do Salmo 35 à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica e seu uso no Novo Testamento, p. 146.

¹⁰⁹⁰ GOLDINGAY, J., Psalms, p. 805.

¹⁰⁹¹ KIDNER, D., Salmos 1 – 72, p. 162.

¹⁰⁹² RAVASI, G., Il libro dei Salmi, p. 633.

¹⁰⁹³ KRAUS, H. J., Los Salmos 1 – 59, p. 71.

¹⁰⁹⁴ GONZAGA, W.; TELLES, A. C., A Oração imprecatória do Salmo 35 à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica e seu uso no Novo Testamento, p. 137.

¹⁰⁹⁵ RAVASI, G., Il libro dei Salmi, p. 646.

¹⁰⁹⁶ VANGERMEREN, W. A., Psalms, p. 87.

¹⁰⁹⁷ BROWN, F.; DRIVER, S. R.; BRIGGS, C. A., The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon, p. 218-219.

de Deus de Israel, é, inclusive, um nome inefável, que se revela a Moisés, segundo a passagem Ex 3,12-15, podendo ser encontrado: a) em *hifil*¹⁰⁹⁸ do verbo הוה, tendo o significado daquele que traz/causa a vida e o ser, ou dá a existência, ou o criador; b) em *qal* do verbo הוה ganhando o sentido de aquele que é, ou de absoluto imutável, ou aquele que existe, ou o sempre vivo, ou o consistente em si mesmo e imutável. Geralmente, a investigação parte da premissa do verbo “ser” em seu formato constante no hebraico antigo. Outrossim, a vocalização do Tetragrama, para alguns, é Yahweh, baseado na 3p. sg. *qal yiqtol* (imperfeito) do verbo ser ou em seu correspondente em raiz causativa de acordo com Thompson¹⁰⁹⁹. E, segundo, quanto ao termo “יה/Yah”, vale dizer que ele consiste em uma contração do tetragrama “יהוה/YHWH”. É identificado em poemas ditos primitivos, como em Ex 15,2, sendo usado também no bloco de Salmos mais tardios que giram em torno do louvor a Deus “הלל/Hallel”, conforme as ocorrências (Sl 104,35; 105,45; 106,1.48; 111,1; 112,1; 113,1.9; 115,18; 116,19; 117,2; 135,1; 3;21; 146,1.10; 147,1.20; 148,1.14; 149,1.9; 150,1.6).

Depois, passa-se à análise do vocábulo “Deus”¹¹⁰⁰, ao ser atribuído na palavra “אלהים/Elohim”, ocorrendo 365 vezes no Saltério, possivelmente encontrado, igualmente, como “אל/El”, ao ter 79 ocorrências no conjunto dos Salmos de um total na Bíblia Hebraica de 230 vezes, ao haver a primeira atestação, não no corpo do Saltério, porém em Ex 20,5, na ocasião do recebimento dos 10 mandamentos por Moisés, nominando Deus com um título¹¹⁰¹. As formas anteriores, Elohim e El¹¹⁰², são configurações primitivas provenientes de uma mesma raiz provável, denominada “אלה”, havendo um significado de perplexidade ou medo. Outrossim, podem vir sem artigo as formas anteriores ao fazerem referência ao verdadeiro Deus de Israel. Seguindo no exame dos termos aplicados a Deus, “Senhor” pode ser encontrado como “אדוני/Adonai” com 54 episódios nos Salmos,¹¹⁰³ que aponta também dois vocábulos com o mesmo sentido: “אלין/Elyon, Altíssimo”, possuindo 22 atestações no Saltério. Vale ressaltar que אלין é

¹⁰⁹⁸ Uma conjugação derivativa ativa causativa do *qal*. GESENIUS, W. Gesenius’ Hebrew Grammar, p.144; LAMBDIN, T. O., Gramática do Hebraico Bíblico, p. 256.

¹⁰⁹⁹ THOMPSON, H. O., Yahweh, p. 1012.

¹¹⁰⁰ VANGERMEREN, W. A., Psalms, p. 87.

¹¹⁰¹ FRANCISCO, E. F., Tetragrama, Teônimos e Nomina Sacra, p. 7.

¹¹⁰² BROWN, F.; DRIVER, S. R.; BRIGGS, C. A., The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon, p. 41-42.

¹¹⁰³ VANGERMEREN, W. A., Psalms, p. 87.

considerado como um dos mais antigos títulos divinos na Bíblia Hebraica em um total de 34 atestações, sendo a sua primeira, em Gn 14,18, na situação do encontro de Abraão com Melquisedec¹¹⁰⁴. Como é observável, há uma discordância nessa contagem em relação a VanGermeren, que afirma haver 20 ocorrências nos Salmos, tendo uma ligação ao serviço religioso no Templo em Jerusalém (Sl 7,18; 9,3; 18,14; 21,8; 46,5; 47,3; 50,14; 53,3; 107,1). Quanto ao termo “שדי/Shaddai/Altíssimo”, somente é localizado nos Sl 68,14 e 91,1. Ele tem um total de 48 vezes no AT, sendo sua primeira atestação em Gn 17,1¹¹⁰⁵. Além do mais, há a expressão “יהוה צבאות/YHWH Sabaoth, Senhor dos exércitos” que é aplicada à locução “Senhor todo-poderoso”, tendo 15 ocorrências nos Salmos. Tal explicação pode assemelhar-se a Shaddai que, com suas incertas origens (cananea ou pré-israelita), é traduzida pela LXX por “παντοκρατωρ/onipotente”¹¹⁰⁶.

É razoável identificar o emprego do tetragrama (YHWH) no Sl 35,22.23¹¹⁰⁷, bem como na combinação que é uma recolocação pronominal, como encontrado em “אלהי ואדני/Meu Deus e meu Senhor”. Brown, Driver e Briggs¹¹⁰⁸ atestam, também, essa combinação no Sl 35,23. É interessante registrar que, segundo eles, devido aos erros dos escribas, igualmente, podem ser encontradas certas substituições da locução Deus (YHWH). Há uma prática comum no conjunto dos Salmos de submeter o nome de Deus (YHWH) por meio de um título (Senhor) que não denota qualquer qualidade emotiva entre o relacionamento do povo e de Deus¹¹⁰⁹. Diante disso, a sujeição do povo/orante a Deus, daquele que ora e confia o seu caso a Deus, que vê a situação injusta acontecer na qual aquele que pede se encontra. Ao corroborar o entendimento desse relacionamento, é salientado que o Antigo Testamento insiste que o Senhor é “aquele fiel a si mesmo, sempre vivo e sempre presente (Ex 3,14)”¹¹¹⁰. Há um desenvolvimento dos Cantos de Lamentos¹¹¹¹ fundado nas experiências que carregam problemas pessoais, para as Canções de Confiança, que se tornam Salmos de agradecimento, pois a

¹¹⁰⁴ FRANCISCO, E. F., Tetragrama, Teônimos e Nomina Sacra, p. 16.

¹¹⁰⁵ FRANCISCO, E. F., Tetragrama, Teônimos e Nomina Sacra, p. 21.

¹¹⁰⁶ FRANCISCO, E. F., Tetragrama, Teônimos e Nomina Sacra, p. 23.

¹¹⁰⁷ KEIL, C. F.; DELITZSCH, F., Commentary on Psalms, p. 414.

¹¹⁰⁸ BROWN, F.; DRIVER, S. R.; BRIGGS, C. A., The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon, p. 10-11.

¹¹⁰⁹ DAY, J., Psalms, p. 27.

¹¹¹⁰ RAVASI, G., Il libro dei Salmi, p. 647.

¹¹¹¹ FUTATO, M. D., Interpreting the Psalms, p. 160-161.

manifestação da confiança é profundamente fundamentada na salvação que ainda não aconteceu, mas que, com certeza, segundo o orante, acontecerá.

Após a constatação da presença da expressão “meu Senhor e meu Deus”, segundo o sentido veterotestamentário apresentado acima, no Sl 35(34),23, sendo o objeto material da base veterotestamentária de Jo 20,28, prossegue-se à sua segmentação e tradução¹¹¹², utilizando-se do texto hebraico massorético/Bíblia Hebraica Stuttgartensia e a versão grega da Septuaginta:

Tradução	BHS	LXX	Tradução
	Sl 35,23	Sl 34,23	
Desperta	הַעֲרִיזָה ²³	²³ ἐξεγέρθητι,	Levanta,
		κύριε,	Senhor,
e acorda	הַקִּיץ־לִּי	καὶ πρόσχες	e dá atenção ao
para o meu julgamento	לְמִשְׁפָּטִי	τῆ κρίσει μου,	meu julgamento
meu Deus e meu	אֱלֹהֵי וְיְהוָה	ὁ θεός μου καὶ ὁ	meu Deus e meu
Senhor	לְרִיבִי:	κύριός μου,	Senhor ¹¹¹³ ,
para a minha disputa		εἰς τὴν δίκην μου.	para minha pena

Tabela 9 – Texto da BHS, da LXX e tradução do autor.

O Sl 35(34),23, não tendo nenhum registro de nota de crítica textual, é estudado do ponto de vista sintático/morfológico, destacando-se no *hebraico*: הַעֲרִיזָה (verbo no *hifil* imperat. masc. sg., adicionado de *he* paragógico), significando “despertar/agitar”; הַקִּיץ־לִּי (conj. *waw* adicionado do verbo no *hifil*, imperat. masc. sg., acrescido de *he* paragógico), expressando “acordar/despertar”; רִיבִי, que se traduz por “disputa”. Na versão da LXX, o *grego*: ἐξεγέρθητι (verb. imperat. aor. pass. 2p. sg.), de “ἐξεγείρω/levantar”; πρόσχες (verb. imperat. aor. at. 2p. sg.), do

¹¹¹² GONZAGA, W.; LIMA, A. P., A profissão de fé de Tomé (Jo 20,28) e sua base veterotestamentária (Sl 35,23), p. 141.

¹¹¹³ Optou-se por traduzir “meu Deus e meu Senhor”, a fim de harmonizar com a forma do texto hebraico, apesar desse ter uma estrutura sufixada para os pronomes.

verbo “προσέχω/*atender, dar atenção a*”; e o termo τὴν δίκην, que corresponde à “pena/castigo/justiça”.

Observa-se, claramente, a existência de invocações com veemência, mediante a utilização de “dois imperativos escandalosos”¹¹¹⁴ no hebraico, e que, no grego, a LXX reduz a um somente. Igualmente, constata-se que a forma verbal “הַעֲרִיבָה/*desperta*” consiste na única ocorrência em *hifil* do verbo עור em tal imperativo que tem um objetivo de gerar uma rima/ritmo com o outro verbo “הַקִּיץָה/*acorda*” adotado no versículo. Destaca-se que a realização de um “apelo positivo a Deus como juiz é intensificado de fortes invocações e de verbos no jussivo e imperativo”¹¹¹⁵, comumente. Com isso, confirma-se que esse uso sintático-morfológico aprofunda “o apelo sublinhado para uma relação especial entre o suplicante e o ‘meu Deus’ e ‘meu Senhor’”¹¹¹⁶. Afirma-se, ainda, que a versão grega é a mais importante das versões antigas, porque a “maioria das citações dos Salmos no NT (85%) são da LXX”¹¹¹⁷. Cabe informar que os códices א, A e B são importantes para a restauração do texto grego antigo, pois eles conservam a testemunha da Escritura hebraica no formato grego¹¹¹⁸.

A expressão verbalizada por Tomé, como indicada¹¹¹⁹, “ὁ κύριός μου καὶ ὁ θεός μου/*Senhor meu e Deus meu*” (Jo 20,28), de alguma maneira, registra uma ligação com Deus, como constantemente pode ser encontrada no AT. Podem ser encontradas várias combinações dos vocábulos κύριός e θεός¹¹²⁰. Esses, referindo-se à expressão “יהוה אלהי/*Senhor Deus*”, são reproduzidas como: “κύριε ὁ θεός μου/*ó Senhor, Deus meu*”, como observado no Sl 29,3; ou “Κύριος ὁ θεός μου/*Senhor Deus meu*”, como em Zc 13,9; ou “κύριε ὁ θεός/*ó Senhor, Deus*”, como no Sl 85,15, apesar de no hebraico ter apenas o vocábulo “אֲדֹנָי/*Adonai*”. Similarmente, é afirmado que há a possibilidade de encontrar o arranjo daqueles vocábulos em confissões: “κύριός ἐστιν ὁ θεός/*Senhor é Deus*”, em 1Rs 18,39; “σὸν κύριος ὁ θεός μου/*Tu Senhor (és) Deus meu*”, em Jr 38,19; e em “κύριέ μου κύριε, σὸν εἶ ὁ θεός/*ó Senhor meu, Senhor, Tu és Deus*”, em 2Sm 7,28. Diante disso, chama a atenção a tradução da LXX, na clareza do uso do termo “Senhor”, que consiste

¹¹¹⁴ GOLDINGAY, J., Psalms, p. 825.

¹¹¹⁵ LORENZIN, T., I Salmi, p. 171.

¹¹¹⁶ GOLDINGAY, J., Psalms, p. 825.

¹¹¹⁷ LORENZIN, T., I Salmi, p. 171.

¹¹¹⁸ TIMOTHY MCLAY, R., The Use of the Septuagint in New Testament Research, p. 25.

¹¹¹⁹ SIMOENS, Y., Secondo Giovanni, p. 817.

¹¹²⁰ BULTMANN, R., The Gospel of John, p. 695.

em uma tradução do nome de Deus, referente ao tetragrama sagrado: YHWH (יהוה), e especialmente de “אדוני/Adonai”, por “κύριος/Senhor”. Nessa mesma linha, é adequado, também, dizer que “Senhor é o nome divino”¹¹²¹.

Por sua vez, é realçada a possibilidade do AT ser usado no NT por meio de três perspectivas¹¹²², a saber: *citação*, que consiste em uma reprodução direta de uma passagem veterotestamentária facilmente identificável; uma *alusão*, composta de uma reprodução indireta; e o *eco*, uma referência sutil ao AT. Moyise¹¹²³ afirma, ainda, que o vocábulo “intertextualidade” é, também, muito utilizado entre os estudiosos da Sagrada Escritura, e invoca uma certa complexidade nas relações entre AT e NT, bem como o uso daquele neste. Ele, igualmente, apresenta três categorias dentro do âmbito da intertextualidade, assim denominadas: 1) eco intertextual, ao ser uma citação notória e influente no texto; 2) a intertextualidade dialógica, ao consistir em uma interação entre o texto e o subtexto no contexto presente, fruto de uma reflexão; e 3) a intertextualidade pós-moderna, ao equivaler ao reconhecimento do desafio de descrever interações possíveis propostas pelas anteriores. Devido a essa dificuldade, segundo ele, abre-se a possibilidade de gerar diversas interpretações com significados distintos em uma mesma passagem. A partir dessas possibilidades, como é possível avaliar o uso do Sl 35(34),23 em Jo 20,24-29? É razoável tratar-se de uma “possível alusão”¹¹²⁴ de Tomé ao Sl 35?

Sucedo no AT que os dois vocábulos aparecem diversas vezes “justapostas com referência a Yahweh (e.g., Sl 35,23.24)”¹¹²⁵. É plausível afirmar que “literalmente, a confissão de Tomé reproduz os termos da LXX, traduzindo a invocação do Salmo 34,23”¹¹²⁶. A fórmula de Tomé¹¹²⁷, em Jo 20,28, é mais uma capaz de ser lida à luz do AT, como em outras passagens citadas por ele, qualificando Jesus no Quarto Evangelho, tais como: Tu és o Filho de Deus e o rei de Israel (Jo 1,49); Tu és o Santo de Deus (Jo 6,69); e este é verdadeiramente o Salvador do mundo (Jo 4,42).

¹¹²¹ MARCHESELLI, M., Il Quarto Vangelo, p. 472.

¹¹²² BEALE, G. K., Manual do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento, p. 53-56.

¹¹²³ MOYISE, S., Intertextuality and the Study of the Old Testament in the New Testament, p. 15-19.

¹¹²⁴ GONZAGA, W.; TELLES, A. C., A Oração imprecatória do Salmo 35 à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica e seu uso no Novo Testamento, p. 155.

¹¹²⁵ KOSTENBERGER, A. J., João, p. 633.

¹¹²⁶ LÉON-DUFOUR, X., Leitura do Evangelho segundo João IV, p. 179; León-Dufour usa a numeração do Salmo segundo a versão da Vulgata, que segue a Septuaginta.

¹¹²⁷ CASALEGNO, A., “É o Senhor!” (Jo 21,7), p. 105.

Essas qualificações a Jesus, acima, diante da referência ao AT, levam Porter¹¹²⁸ a perceber que no Evangelho joanino há um certo padrão para citações veterotestamentárias que são estereotipadas, como se segue: verbo no perf. passiv. partic. de “γράφειν/*escrever*”, vindo comumente na expressão “γεγραμμένον/*está escrito*”; e na 3p. sg. aor. passiv. subj. do verbo “πληρώ/*cumpro*”, aparecendo frequentemente como “πληρωθη/*ser cumprido*”. Igualmente, é detectado esse procedimento nas citações joaninas¹¹²⁹. Na primeira parte do livro, ou seja, no livro dos Sinais, o evangelista, ao realizar referências ao AT, no intuito de mostrar que a Escritura refere-se a Jesus, o verbo “escrever” é bastante usado na forma acima citada. Da mesma forma, na segunda parte, no livro da Glória, o verbo “cumprir” também faz o vínculo com a Escritura (AT). De acordo com o estudioso, esse modo de elaborar é fruto do convencimento do escritor joanino perante as tradições históricas sobre quem realmente é Jesus.

Ressaltam-se, ainda, algumas formas principais de uso do AT no NT¹¹³⁰ que, de certa maneira, podem ilustrar a relação do uso do Sl 35(34),23 em Jo 20,24-29, como: a) a indicação do cumprimento direto de uma profecia veterotestamentária; b) a apresentação do cumprimento indireto de uma profecia tipológica do AT; c) a designação do uso analógico ou ilustrativo do AT; d) a revelação do uso simbólico; e e) a sugestão do uso por assimilação do AT. Pode, da mesma maneira, acontecer de alguns textos veterotestamentários terem uma função específica de indicar o “Senhor”. A esse respeito, Casalegno¹¹³¹ cita os seguintes textos: 1Rs 18,39 (O Senhor é Deus!), 2Sm 7,28 e Zc 13,9, que afirmam, de forma caracterizada, no caso do Sl 35(34),23, que o fiel está se dirigindo ao próprio Deus como seu, na expressão “meu Senhor e meu Deus”, constado na ordem invertida à da frase de Tomé.

A referência veterotestamentária do Sl 35 no final do Evangelho é uma evolução feita em etapas ao longo da macronarrativa. Alonso Schöckel e Carniti¹¹³² afirmam que o evangelista já coloca nos lábios de Jesus no sentido de cumprimento uma frase do Salmo como consta em Jo 15,25: “assim se cumpre o escrito na sua lei”. Nesse aspecto, alguns elementos do Salmo estão sendo observados nos inimigos de Cristo (perseguição, injúrias e morte). São propostas cinco

¹¹²⁸ PORTER, S. E., *The Linguistic Function of Biblical Citations in John’s Gospel*, p. 131.

¹¹²⁹ MOYISE, S., *The Old Testament in the New*, p. 73.

¹¹³⁰ BEALE, G. K., *Manual do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*, p. 84-126.

¹¹³¹ CASALEGNO, A., “É o Senhor!”, p. 106.

¹¹³² ALONSO SCHÖCKEL, L.; CARNITI, C., *Salmos I*, p. 516.

denominadas chaves interpretativas escriturísticas que abrem o “processo de construção da identidade de Jesus”¹¹³³ no Evangelho, a saber: 1) Filipe e Natanael e o fato de os profetas falarem de Jesus (Jo 1,45); 2) o que as Escrituras dizem dele (Jo 5,39); 3) o que Moisés escreve sobre ele (Jo 5,46); 4) sobre o propósito da sua missão (Jo 10,10; 19,35); e 5) propósito do Evangelho e vida eterna (Jo 20,30-31). Diante disso, parece ser possível ver nas formas adotadas do uso¹¹³⁴ do Sl 35(34),23 em Jo 20,24-29 um cumprimento tipológico, fazendo corresponder o uso do termo “Senhor” a “Deus” no AT a Jesus ressuscitado, iluminando a história da salvação realizada por Cristo; uma clara associação analógica de um Salmo que baliza o desenvolvimento teológico no Evangelho como um todo e de forma específica na perícopos de Jo 20,24-29. Casey¹¹³⁵, a partir disso, destaca que há uma exegese cristológica veterotestamentária, sendo isso feito desde a época dos primeiros discípulos. Ele, igualmente, compreende essa interpretação na comunidade joanina. Para além da aplicação de textos do AT no nascente escrito, a vinculação, na verdade, baseia-se claramente na confissão da divindade de Jesus. Da leitura no prólogo “μονογενής θεός/*unigênito Deus*” à profissão de Tomé “ὁ κύριός μου καὶ ὁ θεός μου/*Senhor meu e Deus meu*”, mantendo-se como reafirma o estudioso, a tradicional confissão no Deus único, apesar da declaração de fé em Jesus da comunidade joanina não ser judaica ante o monoteísmo mosaico.

Nesse sentido, o termo “κύριός/*Senhor*” ainda pode consistir em uma solicitude comum com um endereçamento a Deus. Além disso, como destaca Gonzaga¹¹³⁶, a Septuaginta realiza uma leitura do termo “ἰσθ/*Deus*” como “τοῦ Θεοῦ/*Deus*” e ἰσθ/*Yah*”, “τοῦ Κυρίου/*o Senhor*”, sendo adotado na Vulgata como “Dominum/*Senhor*”. Isso se percebe no uso do termo “Deus” na LXX, o qual “em muitas ocorrências, o termo adotado “Senhor” não pode ser considerado menos elevado que Deus”¹¹³⁷ Casalegno¹¹³⁸, Brown¹¹³⁹, Beutler¹¹⁴⁰ e Boismard e Lamouille¹¹⁴¹ concordam em afirmar que a verdadeira relação de correspondência

¹¹³³ HATINA, T. R., *Memory and Method*, p. 220.

¹¹³⁴ BEALE, G. K., *Manual do Uso do Antigo Testamento no Novo Testamento*, p.85-96.

¹¹³⁵ CASEY, M., *Christology and the Legitimizing Use of the Old Testament in the New Testament*, p. 42-61.

¹¹³⁶ GONZAGA, W., *O Salmo 150 à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica*, 163.

¹¹³⁷ CARSON, D. A., *The Gospel according to John*, p. 518.

¹¹³⁸ CASALEGNO, A., *Para que contemplem a minha glória* (Jo 17,24), p. 199.

¹¹³⁹ BROWN, R. E., *Comentário ao Evangelho segundo João*, p. 1534.

¹¹⁴⁰ BEUTLER, J., *Evangelho segundo João*, p. 465.

¹¹⁴¹ BOISMARD, M. -É.; LAMOUILLE, A., *L'Évangile de Jean*, p. 474.

da expressão de Tomé é o Sl 35(34),23, em que a citação deste, ao servir de sustentação à cristologia joanina, quer reafirmar aquilo que já tinha sido proclamado de forma solene no prólogo do Evangelho, especialmente em Jo 1,1c.18. Outrossim, a “esperança judaica e do Antigo Testamento afirmava que a ressurreição ocorreria no fim da história”¹¹⁴².

Esse desenvolvimento cristológico do próprio texto¹¹⁴³ tem a tendência, também já vista um pouco antes na comunidade joanina, por Paulo, em sua pregação e ensinamento que à época já estimulava os cristãos das suas comunidades a permitirem que a palavra de Jesus Cristo preenchesse as vidas deles por meio do canto e do louvor por meio de Salmos, hinos e canções espirituais. Por fim, a referência do Salmo por João recorda, na sua teologia, que Jesus, Filho de Deus, “é a última e definitiva intervenção de Deus na história”¹¹⁴⁴.

¹¹⁴² BEALE, G. K., Teologia Bíblica do Novo Testamento, p. 205.

¹¹⁴³ FUTATO, M. D., Interpreting the Psalms, p. 174.

¹¹⁴⁴ RAMOS, F. F., Evangelho segundo São João, p. 326.

5.

CONCLUSÃO

A partir das narrativas pascais existentes, que se referem à descoberta dos discípulos do sepulcro vazio e das aparições do ressuscitado, similarmente, dentre outras confissões de fé presentes no Quarto Evangelho, o presente estudo selecionou e trabalhou um relato pontual das aparições do ressuscitado. Nesse contexto, teve-se presente a confissão de fé de Tomé (Jo 20,28), dentro do bloco temático da ressurreição do Senhor (Jo 20), com sua base veterotestamentária do Sl 35(34),23, pautando-se por vários passos e ferramentas metodológicos e auxiliado por autores diversos. No intuito, ainda, de aprofundar a compreensão sobre a perícopes de Jo 20,24-29, objeto formal desta pesquisa, foi realizada uma averiguação histórica com diversos comentadores e exegetas sobre o Evangelho de João, no Capítulo 2, intitulado *Status Quaestionis*. Percebeu-se que, desde os Padres da Igreja, citados por Santo Tomás, destacou-se a realidade da divindade de Jesus ressuscitado, relacionando a confissão de Tomé com o prólogo do próprio Evangelho. Além do mais, ressaltou-se a descrença de Tomé, o seu valor, sendo que alguns apontaram na perícopes o tema da incredulidade, para as gerações posteriores que, por meio da profissão de fé, pudessem também experimentar a bem-aventurança, vivendo a fé sem ver. Ademais, os estudiosos, principalmente, após a década de noventa, começaram a conectar a confissão do apóstolo com o Sl 35,23, como sua base veterotestamentária.

Após a segmentação e a tradução da perícopes escolhida, no Capítulo 3, da Análise da Crítica Textual, dos verbos e dos seus movimentos, tanto nos âmbitos semânticos e morfológicos, como também nos elementos retóricos, da estrutura da perícopes em estudo e de sua análise bíblico-teológica, constatou-se que realmente o texto contém a maior e mais importante profissão de fé de Tomé acerca de Jesus ressuscitado. Foi realizada a Análise de Crítica Textual dos vv.24b.25d.25e.25f.27f.28a.29a. acompanhada de suas Notas Filológicas e Morfológicas/Sintáticas e Análise Linguístico-Sintática. Destacou-se, na pesquisa, o verbo “πιστευειν/creer” que tem uma imensa frequência no Evangelho com 102 ocorrências em relação aos outros Sinóticos por apresentar o sentido da adesão

confiante ao Senhor com um desempenho dinâmico maior, mesmo que na perícopel contenha um *hápax legomena* “πιστός/*crédulo*” e “ἄπιστος/*incrédulo*”. Com isso, a reação do homem à ação originária de Deus (fé), tornou-se plausível por meio da forma verbal “ἰσθ/πιστευειν/*crer*”. Examinou-se que houve, ainda, uma escolha deliberada em traduzir aquela forma verbal hebraica na LXX no NT por πιστευειν, tendo uma correspondência efetiva entre πιστευειν e confiar. Ademais, foram citadas duas expressões que se localizam no campo semântico de crer e confiar, como: “ἰσθ/πιστευειν/*aquele que tem confiança*”. Demonstrou que, no Evangelho joanino, o verbo hebraico עָרָא é usado, igualmente, na tradução como “γινωσκειν/*conhecer*”, devido ao sentido do termo ser a ligação total pessoal de confiança com um outro.

Foi possível constatar que já no prólogo há uma relação entre os vocábulos “θεός/*Deus*”, “Λόγος/*Palavra, Verbo*” e “Κύριός/*Senhor*”, todas elas constituindo-se como atribuições de Deus. Mas, no final (Jo 20,28), foi Tomé quem declarou tal realidade da divindade de Jesus na manifestação de fé. Apurou-se que o título “Κύριός/*Senhor*” na versão Septuaginta corresponde ao Tetragrama (YHWH) e passou a ser atribuído a Jesus ressuscitado e glorificado. Nesse sentido, o Tetragrama, designando, também, o nome de Deus, fez referência a um Deus próximo e que foi fruto de uma experiência do povo a partir de Moisés. Notou-se que, na LXX, o vocábulo Κύριός consiste em uma tradução verdadeira e apropriada do Tetragrama, somente quando se adota o vocábulo “יְהוָה/*Senhor*” (ketib). Dessa forma, a tradição do nome divino por ó Κύριός na LXX detém uma grande importância para a comunidade cristã. Mostrou-se que o termo Κύριός, no contexto do NT, teve na estrutura gramatical grega do texto da LXX, por influência semítica, o caso nominativo com artigo, sendo usado no local do vocativo, como verificado em Jo 20,28 e em Ap 4,11. Posteriormente, identificou-se na locução “Κύριός Ἰησοῦς/*Senhor Jesus*” uma implicação na adesão na religiosa a Jesus ressuscitado e um relacionamento claro com a glória de Deus, sendo Jesus, após sua paixão, morte e ressurreição, exaltado ao nível divino.

Na Análise Literária-Narrativa, delimitou-se a perícopel, baseando-se em alguns critérios, a fim de localizar o seu início e o seu fim, percebendo ser ela uma unidade autônoma por ter um conteúdo e uma mensagem própria e característica, com uma indicação cronológica (oito dias), topográfica (dentro/portas fechadas) e de personagens (Tomé e Jesus) bem definidos e uma linguagem discursiva e

narrativa. Com isso, dividiu-se a perícopes em três blocos, a saber: o Bloco I com os vv.24-25, Bloco II vv.26-27 e o Bloco III com os vv.28-29. Por sua vez, na Análise Semântica foram realizadas as seguintes relações: ausência e presença de Tomé; ver e acreditar; testemunho e acreditar; negação do testemunho e querer provas (marcas e lado); presença e encontro com Jesus; relação com o ressuscitado e profissão de fé; bem-aventurança de não ver e crer. Ademais, foi possível alcançar as seguintes conexões: no Bloco I, notou-se uma relação de implicação entre Tomé ausente e o fato de não acreditar, sendo suas condições, assim como os discípulos e o testemunho do ressuscitado. Na segunda relação, no Bloco II, as seguintes associações: Tomé e os discípulos possuem uma relação de pressuposição entre ver as marcas e colocar a mão, haja vista que os discípulos também viram Jesus e suas marcas, desejo, agora, impositivo de Tomé; assim como de deixar a incredulidade e passar a uma fé mais profunda como pressuposto, a realizar, também, um encontro com Jesus, apresentando um merismo, com a estrutura dos termos mão-dedo-mão, referindo-se tratar de Jesus em seu corpo inteiro e não de um fantasma, associando Tomé, enquanto discípulo, aos futuros discípulos, por meio da profissão de fé dirigida ao próprio Jesus. Na terceira relação, no Bloco III, a proclamação da profissão de fé e da bem-aventurança.

Na Análise Pragmática, alguns elementos auxiliaram no entendimento do tema e sua articulação no avanço das cenas que vislumbram alcançar a finalidade do texto proposto pelo escritor. A dúvida apostólica na ressurreição, personificada na pessoa de Tomé nesse Evangelho, articulou-se com as aparições do ressuscitado, com o testemunho dos apóstolos e com o macarismo no qual a finalidade do relato, como de toda a macronarrativa, vem expressa em Jo 20,30-31. E, na Análise Retórica Bíblica Semítica, constatou-se uma clara associação entre os membros, com forte paralelismo, ora sinonímico, ora antitético em todo o capítulo 20 do Evangelho de João. Quanto ao paralelo, com uma estrutura semelhante, entre Maria Madalena e os discípulos, sem e com Tomé, dispôs de segmentos expressos com o mesmo significado, produzindo uma compreensão maior, dentro do roteiro temático do evangelista. Foram analisados vários estudiosos e a maioria convergiu quanto à divisão interna da perícopes (Jo 20,24-29), com uma coesão própria: a) vv.24-25; b) vv.26-27; e c) vv.28-29, sendo essa a opção desta pesquisa. Nela, deu-se destaque à profissão de fé de Tomé (v.28), propriamente dita, que, remete diretamente a uma passagem veterotestamentária.

No Capítulo 4, o bloco temático da ressurreição do Senhor (Jo 20), compreendeu-se que, de forma similar, em todo esse capítulo de João, mas sobretudo na perícopa de Jo 20,24-29, houve um esquema tripartite das aparições de Jesus: 1) iniciativa radical de Jesus; 2) reconhecimento daquele que se torna presente; e 3) missão confiada aos discípulos. Observou-se que a profissão de fé, contida no v.28, é uma interpretação do uso daquele presente no Sl 35(34),23, consistindo na última confissão cristológica e seu ponto mais alto no Evangelho. Cabe salientar, também, a existência de uma cristologia que se comporta em um processo ascendente de compreensão e revelação em todo Jo 20, em que Jesus, recebe títulos que expressam um entendimento crescente sobre Ele, chegando a seu ponto mais alto na expressão de Tomé: “meu Senhor e meu Deus” (v.28). Deparou-se, similarmente, com a caracterização da profissão de fé do discípulo equivaler a uma afirmação (nominativo) e/ou uma exclamação (vocativo). Seguindo as contribuições de alguns gramáticos, destacou-se que no grego clássico, o nominativo com o artigo pode equivaler-se ao vocativo. Dentre os exemplos de casos do uso do vocativo com artigo no NT, são citados: Mc 5,8; Lc 8,54; Jo 19,3; Ef 5,22; Mt 22,46 e Jo 20,28, inclusive. Por outro lado, viu-se, de modo semelhante, que os comentadores abrem o debate contrapondo tal constatação gramatical rígida dando ênfase ao aspecto teológico, como: a confissão do discípulo teria sido uma profissão abreviada – uma afirmação (nominativo) sem os termos “*ὄυ εἰ/tu és*” ou consistindo em uma exclamação – (vocativo) por influência semítica recorrente no NT; a expressão de Tomé teria combinado uma evocação e uma proclamação de fé (caso nominativo); apesar de um vocativo ser usado, há um pronome possessivo (pessoal de vinculação); e, similarmente, trata-se da confissão maior e mais profunda de Tomé sobre Jesus ressuscitado.

Enfim, identificou-se que há uma relação clara com o prólogo do Evangelho, tendo um processo compreensível de reconhecimento da divindade de Jesus que se deu por sua função redentora de ser Filho que é Cristo, ou seja, o Messias enquanto Filho de Deus. A profissão de Tomé consistiu em uma confissão de fé pós-pascal, que captou a verdadeira identidade de Jesus (crucificado-ressuscitado), e em uma recapitulação de confissões anteriores de fé ao longo do Evangelho de João. A expressão, “*ὁ κύριός μου καὶ ὁ θεός μου/meu Senhor e meu Deus*” (Jo 20,28), corresponde a uma tese teológica, defendida e apresentada ao longo do Evangelho à pessoa de Jesus, em que o porta-voz é o próprio Tomé. Assim, Jesus,

verdadeiramente Deus, revelou-se aos homens, conforme está disposto no final de Jo 20: “para credes que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome” (v.31).

A investigação alcançou a sua conclusão com o comentário exegético-teológico, no último tópico desta pesquisa. Nesse aspecto, ao considerar a perícope de Jo 20,24-29, ao final, pode-se compreender o seguinte: 1) vv.24-25, o tema do contraste entre a alegria dos discípulos de terem visto o Senhor e a credulidade de Tomé, impondo suas solicitações; 2) vv.26-27, ao conter a segunda aparição e confronto de Jesus com Tomé, apresentando-se diante das imposições do discípulo e convidando-o a ser fiel; e 3) vv.28-29, ao resultar no auge do capítulo e do próprio Evangelho com a profissão de fé do apóstolo e o dom da bem-aventurança. A partir da análise de alguns salmos: 30(29),3; 86(85),2b; 88(87),2 e 35(34),23, destacou-se o último como sendo a provável fonte do AT para a profissão de Tomé. Com isso, foi explorado o possível emprego do Sl 35(34),23 em Jo 20,24-29, mediante a sua localização no escopo do Saltério, suas distinções e grupos, suas características e possíveis estruturas. Constatou-se que na profissão de Tomé encontra-se uma reprodução dos termos a partir da versão da LXX, traduzindo uma invocação do Sl 35(34),23. No entendimento subsequente, apontaram-se algumas características engendradas nesse tipo de Salmo: uma demonstração de confiança em Deus e a existência de inimigos (parentes, injustos, antigos inimigos). Viu-se também outros indícios das formas adotadas do uso do Sl 35(34),23 em Jo 20,24-29, que possuem um cumprimento tipológico, fazendo corresponder o uso do termo “Senhor” a “Deus”, no AT, a Jesus ressuscitado, iluminando a história da salvação realizada por Cristo e funcionando como uma clara associação analógica de um Salmo que baliza o desenvolvimento teológico no Quarto Evangelho como um todo e, de forma específica, na perícope em questão, tais como: a) a indicação do cumprimento direto de uma profecia veterotestamentária; b) a apresentação do cumprimento indireto de uma profecia tipológica do AT; c) a designação do uso analógico ou ilustrativo do AT; d) a revelação do uso simbólico; e e) a sugestão do uso por assimilação do AT.

A bibliografia não serviu apenas para esta pesquisa, pelo contrário, ela oferece um rico material para ulteriores pesquisas, tanto no Evangelho de João, como no Uso do AT no NT. Aliás, este realmente é um método que tem ajudado e pode continuar ajudando a melhor compreender vários aspectos da Palavra de Deus, tendo presente que a tradição cristã muito recebeu da tradição judaica. Oxalá futuras

pesquisas possam ajudar a avançar ainda mais, sobretudo nos entendimentos do uso das técnicas rabínicas de leitura e de interpretação da Escritura pela Escritura, do uso do AT no próprio AT e do NT no próprio NT, em leitura de interface interna e externa, como essa, que se dá a partir de uma Profissão de fé no NT, mas que traz consigo uma fórmula já usada no AT e que, possivelmente, fazia parte da tradição judaica veterotestamentária, tanto de textos bíblicos como da tradição popular do tempo deste período e que entrou nos textos do NT, a exemplo de Jo 20.

6.

Referências Bibliográficas

ALAND, B. et al. **NTG Apparatus Criticus**, Stuttgart: 28. revidierte Auflage, 2012.

ALAND, K.; ALAND, B. **O Texto do Novo Testamento** – introdução às edições científicas do Novo Testamento Grego bem como à teoria e prática da moderna crítica textual, Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 2013.

ALONSO SCHÖCKEL, L.; CARNITI, C. **Salmos I** (Salmos 1 – 72). Coleção Grande Comentário Bíblico. 2a. ed. São Paulo: Paulus, 2021.

BEASLEY-MURRAY, G. R. **John**. World Biblical Commentary. Vol. 36. Revised Edition. Michigan (USA): Zondervan, 1999.

BEALE, G. K. **Manual do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. Exegese e Interpretação. São Paulo: Vida Nova, 2013.

BEALE, G. K. **Teologia Bíblica do Novo Testamento**. A continuidade teológica do Antigo Testamento no Novo. São Paulo: Vida Nova, 2018.

BENTO XVI, PAPA. **Gli Apostoli**. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2008.

BENTO XVI, PAPA. **Jesus de Nazaré: da entrada em Jerusalém até a ressurreição**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2011.

BERGER, K. **Hermenêutica do Novo Testamento**. 3ª. ed. São Leopoldo (RS): Sinodal, 2008.

BEUTLER, J. **L'Ebraismo e gli Ebrei nel Vangelo di Giovanni**. Subsidia Biblica 29. Roma: Editrice Pontificio Istituto Biblico, 2006.

BEUTLER, J. **Evangelho segundo João**. Série bíblica n. 70. São Paulo: Loyola, 2016.

BOISMARD, M.-É.; LAMOUILLE, A. **L'Évangile de Jean**. Synopse des Quatre Évangiles en Français, Tome III, Paris: Les Éditions du CERF, 1977.

BONNEY, W. L. "Why the risen Jesus appeared to Thomas: An analysis of John 20:24-29 in the context of a synchronic reading of the Gospel" (1998). **ETD Collection for Fordham University**. Dissertation. New York: Fordham University, Aug. 1997; Michigan (EUA): UMI, 1998, Number: 9816342. <https://research.library.fordham.edu/dissertations/AAI9816342>.

BORING, M. E. **Introdução ao Novo Testamento: História, Literatura e Teologia.** Cartas Católicas, Sinóticos e Escritos Joaninos. Vol. II. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2016.

BÖSEN, W. **Ressuscitado segundo as Escrituras: Fundamento Bíblico da Fé Pascal.** São Paulo: Paulinas, 2015.

BLASS, F.; DEBRUNNER, A. **Grammatica del Greco del Nuovo Testamento.** Introduzione allo Studio della Bibbia. Supplementi 2. Brescia (Italia): Paideia Editrice, 1997.

BLOMBERG, C. L. **Introdução aos Evangelhos: uma pesquisa abrangente sobre Jesus e os 4 evangelhos.** São Paulo: Vida Nova, 2009.

BROWN, F.; DRIVER, S. R.; BRIGGS, C. A. **The Brown-Driver-Briggs Hebrew and English Lexicon.** Texas (USA): Snowball Publishing, 2010.

BROWN, R. E. **A Comunidade do Discípulo Amado.** São Paulo: Paulus, 1999.

BROWN, R. E. **El Evangelio y Las Cartas de Juan.** Bilbao: Desclée de Brouwer, 2010.

BROWN, R. **Comentário ao Evangelho segundo João.** Vols. 1 e 2. Introdução, tradução e notas. Santo André: Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2020.

BRUCE, F. F. **João.** Introdução e Comentário. Série Cultura Bíblica. São Paulo: Vida Nova, 2011.

BULTMANN, R., πιστευω In: KITTEL, G.; FRIEDERICH, G., **Grande Lessico del Nuovo Testamento.** Vol. 10. Brescia: Paidea, 1969, p. 337-498.

BULTMANN, R. **The Gospel of John – A commentary.** The Johannine monograph series. Eugene (Oregon-USA): WIPF and Stock Publishers, 2014.

BULTMANN, R. **Teologia do Novo Testamento.** São Paulo: Editora Academia Cristã; Editora Efeté, 2021.

CALVINO, J. **O Evangelho segundo João.** Vol. 2. São José dos Campos (SP): Fiel, 2015.

CARD, M. **John: The Gospel of Wisdom.** Downers Grove (IL): IVP Books, 2014.

CARDONA RAMÍREZ, H. **Evangelio según San Juan.** Rasgos bíblicos y teológicos. Medellín: UPB, 2015.

CARSON, D. A. **The Gospel according to John.** Pillar New Testament Commentary. Grand Rapids Michigan (USA): WM. B. Eerdmans Publishing Company e Leicester (ENGLAND): Apollos, 1991.

CARSON, D. A. **O Comentário de João.** São Paulo: Shedd Publicações, 2007.

CASALEGNO, A. **Para que contemplem a minha glória (João 17,24)**. Introdução à Teologia do Evangelho de João. São Paulo: Loyola, 2009.

CASALEGNO, A. **“É o Senhor!” (Jo 21,7)**: Estudos dos Relatos da Ressurreição no Evangelho de João. 1ª. ed. São Paulo: Loyola, 2013.

CASALEGNO, A. **Evangelho na Interpretação dos Padres da Igreja e dos Teólogos Medievais**. Florilégio de Clemente Romano a Tomás de Aquino. Coleção Bíblica Loyola. Vol. 76. São Paulo: Edições Loyola, 2019.

CASNEDA, A. **Giovanni 20**. Uno studio narrativo. Roma: Pontificia Università Gregoriana & Pontificio Istituto Biblico Press, 2023.

CASEY, M. Christology and the Legitimizing Use of the Old Testament in the New Testament In: MOYISE, S. (edt) **The Old Testament in the New Testament. Library of New Testament Studies**. Journal for the Study of the New Testament Supplement Series. N. 189. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000, p. 42-64.

CASTRO SÁNCHEZ, S. **Evangelio de Juan**. Comentarios a la Nueva Biblia de Jerusalén. Henao (España): Editorial Desclée De Brouwer, 2008.

CHAMPLIN, R. N. **Lucas e João**. O Novo Testamento Interpretado: versículo por versículo: Vol. 2. São Paulo: Hagnos, 2014.

CUNHA, R. G. de A. **A Escatologia do Amor**: A esperança na compreensão trinitária de Deus em Jürgen Moltmann. Série Teológica PUC-Rio. Petrópolis (RJ): Editora Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2020.

DANKER, F. W. (edt) **Greek-English Lexicon of the New Testament and other Early Christian Literature**. 4th edition. Chicago; London: The University of Chicago Press, 2021.

DAY, J. **Psalms**. Old Testament Guides. Sheffield (England): JSOT Press, 1990.

DE LA CALLE, F. **Teologia do Quarto Evangelho**. Coleção Teologia dos Evangelhos de Jesus. São Paulo: Paulinas, 1978.

DODD, C. H. **A Interpretação do Quarto Evangelho**. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

DOGLIO, C. **Literatura Joanina**. Introdução aos Estudos Bíblicos. Petrópolis (RJ): Vozes, 2020.

EGGER, W. **Metodologia do Novo Testamento**. Introdução aos métodos linguísticos e histórico-críticos. Coleção Bíblica Loyola n. 12. 3ª. ed. São Paulo: Loyola, 2015.

EICHRODT, W. **Teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Hagnos, 2004.

ELLIGER, K.; RUDOLPH, W. (Edts) **Biblia Hebraica Stuttgartensia**. 5. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1997.

ESTRADA, B., SARASA, L. G. (dirs) **El Evangelio de Juan: origen, contenido, perspectivas**. 1ª. edición. Colección Teología Hoy No. 80. Bogotá: Editorial Pontificia Universidad Javeriana, 2018.

EUSÉBIO DE CESAREA. **Historia Eclesiástica** (texto bilingüe). Texto, versión española, introducción y notas. (Argimiro Velasco-Delgado). Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2008.

FABRIS, R. **Giovanni**. Traduzione e commento. Seconda Edizione reviduta e ampliata. Roma: Edizioni Borla, 2003.

FAESSLER, Marc. *Autrement voir. Thomas l'absent, figure du lecteur en Jean 20, 24-29* In: **La littérature: Réserve de sens, ouverture de possibles** [en ligne]. Bruxelles: Presses de l'Université Saint-Louis, 1999 (généré le 01 septembre 2023). Disponible sur Internet: <<http://books.openedition.org/pusl/19741>>. Doi: <https://doi.org/10.4000/books.pusl.19741>, p. 37-49.

FRANCISCO, E. F. **Tetragrama, Teônimos e Nomina Sacra: os nomes de Deus na Bíblia**. Santo André (SP): Kapenke, 2018.

FOERSTER, W. Κύριός In: KITTEL, G.; FRIEDERICH, G., **Grande Lessico del Nuovo Testamento**. Vol. 5. Brescia: Paidea, 1969, p. 1343-1390.

FRYE, N. **O Código dos Códigos: a Bíblia e a Literatura**. São Paulo: Boitempo, 2004.

FUTATO, M. D. **Interpreting the Psalms: An Exegetical Handbook**. Handbooks for Old Testament Exegesis. Grand Rapids (MI): Kregel Publications, 2007.

GERARD, A. -M. **Dictionnaire de la Bible**. Collection Bouquins. Paris (France): Éditions Robert Laffont, 1989.

GESENIUS, W. **Gesenius' Hebrew Grammar**. New York (NY): Dover Publications, 2006.

GOLDINGAY, J. **Psalms**. Volume 1: Psalms 1 – 41. Baker Commentary on the Old Testament, Wisdom and Psalms. Grand Rapids (MI): Baker Academic, 2006.

GONZAGA, W. A Sagrada Escritura, a alma da Sagrada Teologia. In: MAZZAROLLO, I; FERNANDES, L. A.; CORRÊA LIMA, M. L., **Exegese, Teologia e Pastoral, relações, tensões e desafios**. Rio de Janeiro: PUC-Rio; Santo André: Academia Cristã, 2015, p. 201-235.

GONZAGA, W. O Salmo 150 à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica. **ReBíblica**, Porto Alegre, v. 1, n. 2, jul.-dez. 2018, p. 155-170.

GONZAGA, W. **Compêndio do Cânon Bíblico: Listas bilíngues dos Catálogos Bíblicos: Antigo Testamento, Novo Testamento e Apócrifos**. Petrópolis-RJ: Vozes; Rio de Janeiro: Editora PUC, 2019.

GONZAGA, W. A acolhida e o lugar do *Corpus Joanino* no Cânon do Novo Testamento. **Perspectiva Teológica**, Belo Horizonte. v. 52. n. 3, 2020, p. 681-704.

GONZAGA, W.; TELLES, A. C. A Oração imprecatória do Salmo 35 à luz da Análise Retórica Bíblica Semítica e seu uso no Novo Testamento In: GONZAGA, W. (et alii) **Salmos na Perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio/Letra Capital, 2022.

GONZAGA, W.; LIMA, A. P. A profissão de fé de Tomé (Jo 20,28) e sua base veterotestamentária (Sl 35,23), *Cadernos de Sion*, 3(2), 2022, p. 130-163. <http://ccdej.org.br/cadernosdesion/index.php/CSION/article/view/64>.

GONZAGA, W.; MIRANDA, B. G. de. Jesus, a Nova Aliança e o Novo Templo, a partir de Jo 2,1-22. *ReBiblica*, Rio de Janeiro, v. 4, n. 7, p. 131-168, jan./jun. 2023, p. 131-168. Doi: 10.46859/PUCRio.Acad.ReBiblica.2596-2922.2023v4n7p131.

GONZAGA, W.; TELLES, A. do C. A Relação entre o prólogo de Jo 1,1-18 e o prólogo de 1Jo 1,1-4. *PqTeo*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 12, p. 292-317 jul./dez. 2023. Doi: 10.46859/PUCRio.Acad.PqTeo.2595-9409.2023v6n12p292.

GONZAGA, W.; LIMA, A. P. A autocompreensão missionária de Paulo em Rm 11,13 e 1Tm 2,7. In: GONZAGA, W. [et al.]. **Evangelização, santidade e amor a Deus e ao próximo nas Epístolas do Novo Testamento**. Porto Alegre: Editora Fundação Fênix, 2023, p. 29-76. Doi: <https://doi.org/10.36592/9786554600835>.

GONZAGA, W.; LIMA, A. P. A tríade fé, esperança e amor no corpus paulino à luz de 1Cor 13, na ótica da Análise Retórica Bíblica Semítica. In: GONZAGA, W. (org.). **Palavra de Deus na perspectiva da Análise Retórica Bíblica Semítica**. Rio de Janeiro: EdPUC-Rio, 2023, p. 89-123. e-book: <http://www.editora.puc-rio.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=1156&sid=3>

GRADL, F.; STENDEBACH, F. J. **Israel e Seu Deus**. Guia de leitura para o Antigo Testamento. Coleção Bíblica Loyola 31. São Paulo: Loyola, 2001.

GRASSO, S. **Il Vangelo di Giovanni**. Commento Esegético e Teológico. Roma: Città Nuova Editrice, 2008.

GREGÓRIO MAGNO. Homilia Gregório Magno XXV,7-9. In: J. P. Migne. **Patrologia, series Latina**. Vol. LXXVI, Tomus II. Paris: Petit-Montrouge, 1857, p. 1201-1202.

HAENCHEN, E. **John 2**. A Commentary on the Gospel of John Chapters 7-21. Hermeneia – A Critical and Historical Commentary on the Bible. Philadelphia (PA): Fortress Press, 1984.

HALTON, T. P. (edt) **Origen**: Commentary on the Gospel according to John, Books 1 – 10. The Fathers of the Church. A New Translation. Vol. 80. Washington D.C.: The Catholic University of America Press, 1989.

HARRINGTON, W. J. **Chave para a Bíblia**: a Revelação, a Promessa, a Realização. São Paulo: Paulus, 1985.

HATINA, T. R. Memory and Method: Theorizing John's Mnemonic Use of Scripture In: HATINA, T. R. (edt) **Biblical Interpretations in Early Christian Gospels**. Vol. 4: The Gospel of John. Library of New Testament Studies. N. 613. London; New York; Dublin: T & T CLARK, 2022, p. 219-236.

HENDRIKSEN, W. **João**. Comentário do Novo Testamento. 2ª. ed. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

JAUBERT, A. **Leitura do Evangelho segundo João**. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2014.

JEREMIAS, J. **Teologia do Novo Testamento**. Nova Edição Revisada e Atualizada. São Paulo: Hagnos, 2008.

KEIL, C. F.; DELITZSCH, F. **Commentary on Psalms**. Ebooks, 2014.

KIDNER, D. **Salmos 1 – 72**. Introdução e comentário. Série Cultura Bíblica. 1ª. ed. São Paulo: Vida Nova; Editora Mundo Cristão, 1980.

KOESTER, H. **Introdução ao Novo Testamento**. Vol. 2: história e literatura do cristianismo primitivo. São Paulo: Paulus, 2005.

KONINGS, J. **O Evangelho de João: amor e fidelidade**. São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

KÖSTERNBERGER, A. J. **John**. Baker Exegetical Commentary on the New Testament. Grand Rapids (MI): Baker Academic, 2004.

KÖSTERNBERGER, A. J. João In: BEALE, G. K.; CARSON, D. A. (orgs) **Comentário do uso do Antigo Testamento no Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 521-642.

KLINK III, E. W. **John: Exegetical Commentary on the New Testament**. Grand Rapids (MI): Zondervan, 2016.

KNIGHTS, C. Nathanael and Thomas: Two Objectors, Two Confessors – Reading John 20:24-29 and John 1:44-51 in Parallel. **The Expository Times**, 125(7), 328–332. 2014. <https://doi.org/10.1177/0014524613494051>.

KRATZ, R. F. **Israele storico e biblico**. Storia, tradizione, archivi. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2020.

KRAUS, H. J. **Los Salmos 1 – 59**. Vol. 1. Salamanca (España): Ediciones Sigueme, 1993.

KÜMMEL, W. G. **Síntese Teológica do Novo Testamento**. 4ª. Edição Revista e Atualizada. São Paulo: Editora Teológica, 2003.

KYSAR, R. **Giovanni: Il Vangelo indomabile**. Piccola Collana Moderna. Serie Biblica, n. 84. Torino: Claudiana, 2000.

LAMBDIN, T. O. **Gramática do Hebraico Bíblico**. São Paulo: Paulus, 2003.

LÉMONON, J. -P. **Pour lire L'Évangile selon Saint Jean**. Paris: Les Éditions du Cerf, 2020.

LÉON - DUFOUR, X. **Leitura do Evangelho segundo João IV**. Coleção Bíblica Loyola 16. São Paulo: Loyola, 1998.

LIMA, M. L. C. **Exegese bíblica: teoria e prática**. Coleção Exegese. São Paulo: Paulinas, 2014.

LIMA, M. L. C. **A Torá de Moisés: estudo sobre o Pentateuco, sua formação e principais temáticas**. 1ª. Ed., Rio de Janeiro: Letra Capital, 2022.

LINDARS, B. **The Gospel of John**. The New Century Bible Commentary. Grand Rapids (MI): WM. B. Eerdmans Publishing Company; London: Marshall, Morgan & Scott Publishing Ltd, 1986.

LOPASSO, V. Fede e grazia in Giovanni. Ragione e domande. **Vivarium Rivista di Scienze Teologiche**. Anno XXVIII. Nuova Serie Anno XX. Istituto Teologico Calabro. 20 ns. gen-apr, p. 23-32, 2012.

LORENZIN, T. **I Salmi**. Nuove versione, introduzione e commento. Quarta edizione. Milano: Paoline, 2009.

MACDONALD, N. B. Time is no Barrier in John's Resurrection Narrative (Jo 20:24-29): Theology of the absolute identity of the 'wounds at the cross'? **Humanities Commons**. <https://hcommons.org/deposits/item/hc:25649/>. University of Roehampton London. Published 29 jul. 2019. <http://dx.doi.org/10.17613/y1pe-v177>, p. 1-20.

MAIA, T. M. C. **Um discurso e um Método: Jo 5,19-47 à Luz da Pragmalinguística**. 1ª. ed. Rio de Janeiro: Letra Capital Editora, 2019.

MALZONI, C. V. **Evangelho segundo João**. Comentário Bíblico Paulinas. 1ª. ed., São Paulo: Paulinas, 2018.

MARCHESELLI, M. **Il Quarto Vangelo**. La Testimonianza del "Discepolo che Gesù Amava". Commenti Sparsi Liberamente Scelti da Aldo Peri. Reggio Emilia (Italia): Edizione San Lorenzo, 2021.

MATEOS, J.; BARRETO, J. [et al.] **Vocabulário Teológico do Evangelho de São João**. Coleção Biblioteca de Estudos Bíblicos. 2ª. ed. São Paulo: Paulus, 2019.

MATEOS, J.; BARRETO, J. **O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético**. Coleção Grande Comentário Bíblico. 2ª. ed. São Paulo: Paulus, 2021.

MAYS, J. L. **Salmi**. Torino: Claudiana, 2010.

MEISTER ECKHART. **Commento al Vangelo di Giovanni**. Testo Latino a fronte. Il Pensiero Occidentale. Firenze; Milano: Giunti Editore S. p. A.; Bompiani, 2017.

METZGER, B. M. **A Textual Commentary on the Greek New Testament**. 2^a ed. USA: United Bible Societies, 1994.

MEYNET, R. **L'Analisi Retorica**. Brescia (Itália): Editrice Queriniana, 1992.

MEYNET, R. **Rhetorical Analysis**. An Introduction to Biblical Rhetoric. Revised Edition. Sheffield (England): Sheffield Academic Press, 1998.

MEYNET, R. **Treatise on Biblical Rhetoric**. International Studies in the History of Rhetoric. Vol. 3. Leiden; Boston: Brill, 2012.

MOLONEY, F. J. **Il Vangelo di Giovanni**. Sacra Pagina. Vol. 4. Torino: Editrice ELLEDICI, 2007.

MORAIS, P. da S. **Verdade e Salvação no Evangelho segundo João**. São Paulo: Paulinas, 2022.

MORENO GARCÍA, A. **Manos y dedos: hacia la comprensión de los merismos en la perícopa tomasiana de Jn 20,19-31**. Estudios bíblicos, vol. 60, Cuaderno 4, 2002, p. 523-542.

MOYISE, S. Intertextuality and the Study of the Old Testament in the New Testament In: MOYISE, S. (edt) **The Old Testament in the New Testament. Library of New Testament Studies**. Journal for the Study of the New Testament Supplement Series. N. 189. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000, p. 14-41.

MOYISE, S. **The Old Testament in the New: An Introduction**. Continuum Biblical Studies Series. London and New York: Continuum, 2001.

NESTLE-ALAND. **Novum Testamentum Graece**. Ed. XXVIII. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2012.

NICACCI, A.; BATTAGLIA, O. **Comentário ao evangelho de São João**. Petrópolis (RJ): Vozes, 1985.

NOLLI, G. **Vangelo Secondo Giovanni**. Testo Greco, Neovulgata Latina, Analisi Filologica, Traduzione italiana. Seconda Edizione. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1986.

OMANSON, R. L. **Variantes Textuais do Novo Testamento**. Análise e Avaliação do Aparato Crítico de “O Novo Testamento Grego”. Barueri: SBB, 2010.

ONISZCZUK, J. **Incontri con Il Risorto in Giovanni [Gv 20 - 21]**. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2013.

ORIOI TUÑI, J., Evangelho de João In: ORIOI TUÑI, J.; ALEGRE, X. **Escritos Joaninos e Cartas Católicas**. Introdução ao Estudo da Bíblia. Vol. 8. São Paulo: Editora Ave-Maria, 1999, p. 15-152.

ORLANDO, L. **Giovanni – Il Vangelo della Vita**. Bari (ITALIA): Ecumenica Editrice scrl., 2022.

PÉREZ MILLOS, S. **Juan**. Comentario Exegético al Texto Griego del Nuevo Testamento. Barcelona: Editora CLIE, 2019.

PERKINS, P. Evangelho segundo João In: BROWN, R. E.; FITZMEYER, J. A.; MURPHY, R. E. (orgs.) **Novo Comentário Bíblico São Jerônimo**: Novo Testamento e Artigos Sistemáticos. São Paulo: Paulus, 2018, p. 731-834.

PIERRI, R. **Grammatica Intellectio Scripturae**. Saggi Filologici di Greco Biblico in Onore di Lino Cignelli, ofm. Serie Studium Biblicum Franciscanum – Anacleto. Jerusalem: Francisca Printing Press, 2006.

PINTO, M. C. C. **A composição do capítulo 20 do Quarto Evangelho**: Estado da Questão. Dissertação de Mestrado, PUC-RJ. Orientador: Gabriel Selong, 110 páginas, 28.02.1977.

PONTIFÍCIA COMISSÃO BÍBLICA. **A Interpretação da Bíblia na Igreja**. 5ª. Reimpressão. São Paulo: Paulinas, 2016.

PORTER, S. E. The Linguistic Function of Biblical Citations in John's Gospel In: HATINA, T. R. (edt) **Biblical Interpretations in Early Christian Gospels**. Vol. 4: The Gospel of John. Library of New Testament Studies. N. 613. London; New York; Dublin: T & T CLARK, 2022, p. 121-136.

PROENÇA, E. de (org) **Apócrifos e Pseudo-epígrafos da Bíblia**. Vols. I e II. São Paulo: Fonte Editorial, 2005.

QUELL, G., Il nome di Dio nell'A.T. In: KITTEL, G.; FRIEDERICH, G., **Grande Lessico del Nuovo Testamento**, Vol. 5. Brescia: Paidea, 1969, p. 1391-1450.

RAHLFS, A.; HANHART, R. (edts) **Septuaginta**. Editio Altera. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2006.

RAMOS, F. F. Evangelho Segundo São João In: GUIJARRO OPORTO, S.; SALVADOR GARCÍA, M. (orgs) **Comentário ao Novo Testamento**. Vol. 3. São Paulo: Ave-Maria, 2006, p.259-335.

RAVASI, G., **Il libro dei Salmi**. Vol. 1 (1 – 50). Commento e attualizzazione. Terza Edizione. Bologna (Itália): Edizione Dehoniane, 1986.

RENDTORFF, R. **A “Fórmula da Aliança”**. Coleção Bíblica Loyola 38. São Paulo: Loyola, 2004.

RÖMER, T. **A Origem de Javé**. O Deus de Israel e seu nome. Nova Coleção Bíblica. 3ª. reimpressão. São Paulo: Paulus, 2021.

RIDDERBOS, H. N. **The Gospel according to John**: A Theological Commentary. Grand Rapids (MI); Cambridge (UK): William B. Eerdmans Publishing Company, 1997.

RIGATO, M. -L. **Giovanni**: L'enigma, il Presbitero, il Culto, il Tempio, la Cristologia. Bologna: EDB, 2007.

RILEY, G. J. **Resurrection Reconsidered: Thomas and John in Controversy.** Minneapolis (MN): Fortres Press, 1995.

RUPERTUS TUITIENSIS. **Commentaria in Evangelium S. Joannis.** Opera Ruperti. Colônia (Alemanha): cura de Cochlaeo apud Francis Birchmann, 1526.

SALVADOR GARCÍA, M. (orgs) **Comentário ao Novo Testamento.** Vol. 3. São Paulo: Ave-Maria, 2006.

SANTO AGOSTINO. **Esposizioni sui Salmi.** Nuova Biblioteca Agostiniana. Texto Latino dall'edizione Maurina, represa sostanzialmente dal Corpus Christianorum. Opere di Sant'Agostino. Parte III: Discorsi. Vol. XXV. Roma: Città Nuova Editrice, 1967.

SÃO JOÃO CRISÓSTOMO. **Homilias sobre el Evangelio según San Juan.** Madrid: Ivory Falls Books, 2017.

SCHLIESSER, B. To Touch or Not to Touch? Doubting and Touching in John 20:24–29. **Early Christianity**, n.8. 2017, p. 69–93. Doi 10.1628/186870317X14876711440123.

SCHNACKENBURG, R. **Il Vangelo di Giovanni.** Commentario teologico del Nuovo Testamento. Parte Terza. Paideia Editrice Brescia, 1981.

SCHNACKENBURG, R. **Jesus Cristo nos Quatro Evangelhos.** Coleção Theologia Publica 2. São Leopoldo (RS): Ed. Unisinos, 2001.

SIMOENS, Y. **Secondo Giovanni.** Una Traduzione e Un'interpretazione. Bologna (ITALIA): Centro Editoriale Dehoniano, 2002.

SKA, J. -L. **O Livro do Êxodo.** ABC da Bíblia. São Paulo: Loyola, 2022.

SLOYAN, G. S. **John.** Interpretation: A Bible Commentary for teaching and preaching. Atlanta (GA): John Knox Press, 1988.

SLOYAN, G. **Giovanni.** Strumenti 38. Commentari. Trad. Franco Ronchi. Torino (Italia): Claudiana, 2008.

SMITHS, M. S. **História Primitiva de Deus: Yahweh e outras divindades no antigo Israel.** Petrópolis (RJ): Vozes, 2023.

SPONG, J. S. **The Fourth Gospel: Tales of a Jewish Mystic.** San Francisco (CA): Harper One, 2013.

SWETNAM, J. **Gramática do Grego do Novo Testamento,** Vol. 1. São Paulo: Paulus, 2002.

THOMPSON, H. O. Yahweh In: FREEDMAN, D. F. (edt) **The Anchor Bible Dictionary.** New York: Doubleday, 1992, p. 1011-1012.

TOMÁS DE AQUINO. **Catena Aurea,** Exposição contínua sobre os Evangelhos. Vol.4. Evangelho de São João. Campinas (SP): Ecclesiae, 2021.

TUÑI VANCELLS, J. O. **O Testemunho do Evangelho de João**. Introdução ao Estudo do Quarto Evangelho. Petrópolis (RJ): Vozes, 1989.

VAN DER MERWE, D. G. 'The divinity of Jesus in the Gospel of John: The 'lived experiences' it fostered when the text was read', *HTS Theologese Studies/Theological Studies* 75(1), a5411. 2019, <https://doi.org/10.4102/hts.v75i1.5411>.

VAN DER WATT, Jan. He was with God and was God?. *STJ* [online]. 2018, vol.4, n.2 [cited 2023-08-16], pp. 283-302. <http://www.scielo.org.za/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2413-94672018000200015&lng=en&nrm=iso>. <http://dx.doi.org/10.17570/stj.2018.v4n2.a14>.

VANGERMEREN, W. A. **Psalms**. Commentary Revised Edition. The Expositor's Bible Commentary. Grand Rapids (MI): Zondervan, 2008.

VANNI, U. **Il Tesoro di Giovanni**: un percorso biblico-spirituale nel Quarto Vangelo. 1ª. ed. Assisi (Italia): Cittadella Editrice, 2010.

VAN TILBORG, S. **Comentario al Evangelio de Juan**. Colección Evangelio y Cultura. 3a. Reimpresión. Navarra (España): Editorial Verbo Divino, 2014.

VIGNOLO, R., **Personaggi del Quarto Vangelo**. Figura della fede in San Giovanni. Facoltà Teologica dell'Italia Settentrionale. Milano: Glossa, 1994.

VON RAD, G. **Teologia do Antigo Testamento**. Vols. 1 e 2. 2ª. ed. São Paulo: ASTE/TARGUMIM, 2006.

ZUMSTEIN, J. **Il Vangelo secondo Giovanni**. Vol. 2. Torino: Claudiana, 2017.

ZUMSTEIN, J. O Evangelho segundo João In: MARGUERAT, D. (org.) **Novo Testamento**. História, escritura e teologia. 3ª. edição. São Paulo: Loyola, 2015, p. 437-492.

ZERWICK, M.; GROSVENOR, M. **A Grammatical Analysis of the Greek New Testament**, Subsidia Biblica 39. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2019.

WALLACE, D. B. **Gramática Grega: uma sintaxe exegética do Novo Testamento**. São Paulo: Editora Batista Regular do Brasil, 2009.

WALTON, J. H. **O Pensamento do Antigo Oriente Próximo e o Antigo Testamento**. Introdução ao mundo conceitual da Bíblia hebraica. São Paulo: Vida Nova, 2021.

WEBER, R.; GRYSON, R. **Biblia Sacra Vulgata**. Editio Quinta. Stuttgart: Bibelgesellschaft, 2007.

WEGNER, U. **Exegese do Novo Testamento**. Manual de Metodologia. 8ª. edição revista e ampliada. São Leopoldo (RS): Sinodal, 2016.

WENGST, K. **Il Vangelo di Giovanni**. Vols. 1 e 2. Brescia: Queriniana, 2005.

WHYBRAY, N. **Reading the Psalms as a Book**. Journal for the Study of the Old Testament (JSTOT). Supplement series, n. 222. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1996.

WILCKENS, U. **Il Vangelo secondo Giovanni**. Nuovo Testamento. Seconda Serie. Brescia: Paideia Editrice, 2002.

ZERWICK, M. **El Griego del Nuevo Testamento**. Série Instrumentos de Trabajo II para el Estudio de La Biblia. Navarra (España): Editorial Verbo Divino, 1997.

ZERWICK, M.; GROSVENOR, M. **A Grammatical Analysis of the Greek New Testament**. Subsidia Biblica. Vol. 39. Roma: Gregorian & Biblical Press, 2019.

ZEVINI, G. **Evangelho segundo João**. Vol. II. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 1996.

ZUMSTEIN, J. **Il Vangelo secondo Giovanni**. Vol. 2. Torino (Itália): Claudiana, 2017.